

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Editor

MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redacção e administração — RUA DE FERREIRA BORGES, 89, 2.º andar

Officina tipográfica

12 — RUA DA MOEDA — 14

N.º 838

COIMBRA — Quinta-feira, 1 de Outubro de 1903

9.º ANO

Aniversarios de SS. MM.

Todos os anos se repetem na imprensa monarchica, com a uniformidade banal das respostas ao discurso da corôa, as mesmas palavras, mais de baixa adulação que de respeito.

Se alguma differença se nota, é para mais baixêsa na adulação, tantas vêses em contraste flagrante com a linguagem da vespera.

E é de vêr como todos porfiam em accentuar o servilismo, em linguagem que extranha vêr-se ôje, que em toda a parte a imprensa, senão tem sempre a compreensão do seu dever, pelo menos se mostra, em toda a occasião, com a consciencia da sua força.

Esta desmoralização da imprensa não é de longa data, todos lhe conhecemos a istória, todos a vimos nascer e accentuar, até chegar á corrupção de agora.

Foi o *Seculo*, que pelo seu successo no nosso pequeno meio, tã avesso a grandes emprêsas jornalisticas, levou a imprensa monarchica ao mais baixo grau de aviltamento pela imitação dos seus processos, pela macaqueação das suas formulas de informação.

A fórma de simpatia manifesta, com que a imprensa monarchica viu a guerra movida ao *Seculo* pelos jornaes republicanos, não foi devida a um movimento raro de brio, a explosão de justa indignação contra quem tinha feito de um órgão de progresso, liberdade e ordem, o defensor assalariado de todos os governos, protêtôr de todos os escandalos, o encobridor de todos os roubos; não, êsse movimento de simpatia traía apenas o contentamento por vêr ameaçado de ruína próxima o concorrente mais forte e mais poderoso.

E, quando a redacção do *Seculo* abandonou êste jornal, depressa, sem dificuldade, de um dia para o outro se improvisou redacção completa e, diga-se a verdade, superior em illustração, á que o tinha deixado na vespera.

Não é êste facto dos que menos desagradavel impressão deve ter feito aos que se interessam pelo futuro do nosso país.

Quando a guerra começou, num jornal de provincia, no *Conimbricense*, soube-se que os ministros de estado não punham duvida em declarar publicamente, que era a êles, e á protecção aberta da monarchia, que a folha, que se dizia republicana, devia a informação pormenorizada e facil que lhe garantia o seu successo no publico.

Ministros de estado declararam que no dia em que o *Seculo* deixasse de prestar o auxilio que lhe exigia a monarchia, nêsse mesmo dia lhe seria retirado todo o favor com que o tratavam os poderes publicos.

A imprensa foi depois, pouco a pouco, pela guerra continuada dos

jornaes republicanos, sabendo como o *Seculo* se escrevia, e a imprensa monarchica aproveitou com a lição copiando o *Seculo*, imitando-lhe o reclame insistente e fastidioso, as frases feitas para serem lidas pelo rei e pelos ministros.

Oje a linguagem é em geral a mesma em toda a imprensa monarchica, e os jornaes distinguem-se apenas pelo formato e pelo tipo.

Não á invenção do *Seculo*, que não seja copiada no dia immediato pelos outros, com consciencia, conhecendo a baixêsa do facto, com a mira apenas na exploração da ingenuidade e ignorancia do publico.

A linguagem do dia 28 era em todos os jornaes monarchicos a linguagem do *Seculo*; e não se envergonharam de tã baixo servilismo aquêles que tem arrastado mais baixo a dignidade do rei.

Os que, ainda á pouco, se mostravam indignados com a baixa adulação dos municipios de Viana e Porto, os que tinham extranhado que o Porto, costumado a pedir de cabeça erguida, deixasse ajoelhar o seu governador civil na mais grotesca farça de cordel, curvaram-se, arrastaram-se de rojos pelas columnas dos jornaes na mais indigna e vergonhosa adulação, tanto mais repugnante quanto mais falsa.

Esses ômens que pela exaggeração do poder real, collocaram a monarchia na posição de evidencia, a que áde de sucumbir, tem por outro lado promovido o descredito do rei, censurando-o na sua vida particular, rindo-se dos atos da sua vida publica.

Sãem êles que clamam bem alto que com tal rei se não pode governar.

Sãem êles que fazem pagar bem cara a ameaça sempre pronta.

E foi o que é apontado por todos como o simbolo da corrupção, o que por todos os governos é indicado como ladrão confesso, mas necessário, que veiu em artigos seguidos pôr em duvida a probidade d'el-rei.

No dia 28 era porém vêl-os a dizer de cór a velha lição do *Seculo*.

Dr. Julio Henriques

Chegou da sua viagem de S. Tomé o nosso amigo sr. dr. Julio Henriques, illustre professor de Botânica da Universidade.

Boas vindas.

Devem começar ôje os trabalhos para o assentamento da linha de carros americanos entre a estação velha e a nova.

Tem se demorado mais tempo do que o concessionário desejava o começo dos trabalhos; porque os çarris de ferro, que foram encomendados no estrangeiro só poderã estar amanhã no Porto para onde partiu ôje o concessionário da linha.

Ela...

Oje acordaram mais alegres os habitantes desta terra, a que os poetas e doutores com justa razão chamam a Athenas Lusitana.

Aos três quartos para as oito da manhã era vêr as boas, as boas e as más sêrvites da alta de naris para o ar, a cara em extase.

E chovia.

Chovia, mas êlas nem davam por tal, o olhar vidrado, os labios a sorrir, a ouvir a *cabra* que tocava, ao fim das fêrias, a cantar que era ôje o juramento dos lentes, e que ôje na sala dos Capêlos se ia a dizer, no cantochão das grandes festas academicas o que era o saber.

A *cabra* está na mesma, com a voz do convento que lhe arranjaram em Braga, quando lá foi a fundir de novo. A quem tenha pena da antiga, da que rachou de dôr no ano em que daqui se foi o poeta Lopes-Vieira que a trazia enfeitada.

Os lindos versos que êle lhe fez. Na alta não avia tricana que os podesse mostrar tã bonitos.

Nem na Alta nem na Baixa...

A Rosa espanhola, e mais a essa nunca lhe faltaram poetas que a cantassem, nem essa mesmo podia mostrar versos assim.

Um dia, lá levaram tambem a *cabra* para Braga, e não veiu de lá melhor que a Rosa...

Faz pena ouvi-la, triste como uma sineta de convento.

Em todo o caso as serventes passavam ôje, quando começou, a tocar, depois das fêrias.

Só êlas...

O sr. conselheiro Acacio Emidio Navarro

Do Novidades:

Mas, por quem são! Se todos estão de acordo na questão primacial, ponham se quietos, que pelo *statu duo* estamos nós promptos a responder.

Ainda dêle:

Salta aos olhos a incorrecção d'um tal proceder, a inconveniencia de metter a politica numa questão da mais alta moralidade, interesse vital duma provincia.

Mais:

E, se tarde vier, não será por falta dos nossos esforços para todos iluminar com as deduções da boa hermeneutica, que são, e sempre sôram, filhas dilectas da razão meditada e fria.

Ai!...

Foi muito concorrida a festividade da Senhora da Vitória, no Bussaco.

Este ano deu-se a coincidência do ultimo domingo de setembro em que a festividade costuma realizar se, coincidir com o aniversario da batalha.

Para o logar de professor de inglês e alemão no liceu central de Coimbra, propoz o sr. dr. Luiz Viegas, illustre reitor deste estabelecimento, a nomeação de um estudante da Universidade que possue as abilitações necessarias.

Linguas vivas e monarchias mortas

Do Jornal do Comércio:

El-Rei D. Alfonso XIII, de Espanha, por motivo da sua proxima visita ao Imperador da Alemanha, marcada para os principios do futuro ano, está estudando a lingua alemã pelo método Berlitz, sendo seu professor mr. Alex

Bruns, director de *The Berlitz Schools of languages* em Portugal e Espanha.

Dizem nos que Sua Magestade está maravilhado pelo rapido progresso que tem obtido com aquêle moderno método de ensino.

Com os Berlitz!
Como qualquer caixeiro de cobranças...

“Livres,”

Recebemos o primeiro numero deste quinquenario de literatura e critica, que se publica no Porto.

Agradecemos a visita e desejamos longa vida.

No proximo domingo, 4 de outubro teremos na Figueira da Foz uma nova tourada em que toureará a cavallo a Maestrick, discipula do cavaleiro José Bento.

E' de esperar uma grande concorrência, se o tempo continuar, como vae, verdadeiramente primaveril.

Acha-se aberto, a contar do 1.º de outubro o cofre para a cobrança do imposto do braçal, taxas sobre veiculos e fóros pertencentes ao municipio.

O cofre estará aberto para êste fim por espaço de quarenta dias.

Diplomacia...

Do Mundo:

«Continúa a dizer-se que o sr. D. Carlos pensa em ir ao Brazil».

Nada mais justo.

E' um ato diplomático...
Vae pagar a visita do *Alagoas*.

Por testamento cerrado do antigo notario Adelino Augusto Pereira de Carvalho, ficou erdeira do usufruto da terça sua esposa a sr.ª D. Virginia Augusta Rocha Freitas de Carvalho.

Já terminou no concelho de Taboã a inspeção aos recrutados, dando o resultado seguinte: inspeccionados 167 e apurados 112.

A percentagem foi de 67 %.
Em Penacova devem principiar ôje as inspeções.

Calumnias

Do Novidades:

O sr. Cerqueira Lima, presidente da camara municipal de Vianna do Castello, envia-nos copia do seguinte telegrama que dirigiu á redacção do *Mundo*.

Tendo agora conhecimento da sua *Carta ao Rei*, inserta no n.º de 23 de corrente, venho declarar exclusivamente por amor á verdade, que é absolutamente falso que a camara da minha presidencia substituisse ou pensasse em substituir o nome de Avenida Luiz de Camões pelo nome de D. Carlos I. Se alguns jornaes deram essa noticia não tem esta camara responsabilidade nos boatos infundados que a imprensa propala.

Pois claro.

Toda a gente sabe que a viagem de el-rei a Vianna é uma ficção.

Ninguém ignora que el rei não pôs pé no Porto depois do 31 de Janeiro.

O perdão aos soldados do 18, a clemencia régia, a grande scena do Palacio de Cristal no Porto, tudo isso são istórias da Carochinha que a imprensa monarchica conta para divertir os principes pequenos...

A eleição municipal de Lisboa

A tão famosa *lista eclética* é um engodo aos ingenuos eleitores da capital. De tudo lançam mão as monarchicas para conseguirem um aparente triunfo para a sua lista, mas o illustre corpo eleitoral de Lisboa sabe perfeitamente que pôe em jôgo as suas regalias municipalistas, os seus interesses e a sua propria liberdade individual e colectiva.

A centralização administrativa atingiu neste desventurado país foros de regimen acentuadamente despótico. Os actos de servilismo e de subservencia succedem-se frequentemente acusando uma perigosa depressão moral.

Num dia é o governador civil do Porto ajoelhando aos pés do monarca para lhe solicitar a graça do indulto a favor dos deportados do 18, vitimas do autoritarismo do sr. ministro da guerra; noutro é a disputa sobre miseraveis questões de dinheiro entre garotos e palopins de Viana do Castelo, a propósito da remuneração duma grada manifestação á realêsa, que nem ao menos consentiu que se riscasse o glorioso nome de Luís de Camões, duma das ruas daquela cidade para ser substituido pelo nome do sr. D. Carlos, o que ainda assim nos demonstra que nas mais elevadas esferas do poder começa de fermentar uma salutar reacção moral e intelectual contra os servis que de tudo lançam mão para satisfacção de seus baixos e mesquinhos interesses.

Independentemente dos nossas convicções republicanas, folgamos com o ato generoso e altamente patriótico do sr. D. Carlos, reprimindo com energia o servilismo duma corporação exclusivamente constituida por vassallos seus. A onda pervertidora de desmoralização que invade todas as camadas da população portugueza exige do partido republicano uma reacção tanto mais forte quanto mais fundo lavra a lepra moral que tudo contamina e corrrompe neste imperio bisantino em miniatura.

Os monarchicos rotativos e extrarotativos pretendem reduzir Lisboa a um burgo podre ao nivel da Arruda, ou da aldeia de Paio Pires dissipando os derradeiros réditos dos municipios em festas realengas, foguetes e musicatas de arraial minhoto em dias de romaria ao Bom Jesus de Braga, ou ao Menino Jesus dos Affitos de Fafe que, segundo resam antigas crônicas, salvou o avô S. José, ou qualquer outro, de perecer sfogado nas águas do Tamega em dia de S. Bartolomeu.

E' isto: a mania da folgança faz esquecer tudo o mais das misérias da existencia e para isso lá tem os pobres alfacinhas o rio Lethes do sr. Jaime Artur da Costa Pinto em cujo delirante entusiasmo tudo se fundirá no dia em que a sr.ª D. Administração Extranjeira fizer a sua entrada solene em Portugal pelo braço do sr. Burnay e acaudatada pelos srs. Hintze Ribeiro e Teixeira de Sousa.

O municipio de Lisboa continuando sujeito á tutela administrativa concorrerá poderosamente para a perda total do país.

O municipio de Lisboa será apenas uma simples repartição do ministro do reino perdendo assim os derradeiros restos da sua autonomia, e depois a torrente absolutista irromperá dum a outro extremo do país extinguindo os municipios e com elles a dignidade dos cidadãos reduzidos a subditos do despotismo.

Não reaja o povo de Lisboa e depois verá levantar-se novamente a força no antigo convento de Sant'Anna para qualquer general que de futuro tenha a veleidade de reconquistar a perdida liberdade.

Não reaja o povo de Lisboa e verá reacenderem-se as fogueiras da inquisição e o predomínio jesuitico a reduzir

o nível moral e intelectual dos portugueses a par, ou talvez abaixo, do dos bundas, ou dos otentotes!

Pode o regimen tripudiar á vontade, mas em volta dos que folgam com tanta desvergonha e com tanta orgia, opera-se rapidamente o vacuo das instituições condemnadas a um subito e definitivo desaparecimento.

Foi esta a situação da França nos ultimos tempos do segundo imperio; era esta igualmente a situação do Brazil quando os ignobes capoeiras do conde d'Eu assassinavam nas ruas do Rio de Janeiro cidadãos inofensivos, velhos inermes, mulheres e até creanças inocentes imolados ao despotismo desenfreado daquele furioso representante duma familia cujos serviços os francêses tiveram o bom senso de dispensar.

Inspire-se o povo de Lisboa nestes recentes exemplos históricos e expila com desassombrada energia a repugnante tutela que lhe querem impor em nome dum regimen perdido.

Fazenda Junior.

Talento por medida

Do *Novidades*, abrindo concurso para um conto original:

Convidamol-os a manifestarem-se, vamos chamal-os a suas casas e dizer-lhes: «As *Novidades* estão ás vossas ordens. Ha uma unica condição — ter talento.»

O concorrente escolherá livremente o assunto. Os contos não devem ir alem de columna e meia do nosso jornal no formato de hoje.

Não pede muito. Talento para columna e meia dum *Novidades* é pouco.

Ai que se fosse do *Campeão das Provincias*...

Guimarães & Lobo

E' mais uma firma comercial, estabelecida num dos sitios mais centraes da cidade.

O sr. Lobo foi durante muitos anos diretor da alfaiateria da *Loja dos três globos*, e é justamente considerado como um dos melhores artistas de Coimbra.

O sr. Guimarães tem pratica e conhecimento do seu ramo de comércio.

E' por isso de esperar que vá sempre crescendo o movimento de simpatia com que foram recebidos.

A questão da "Ribeira-Peixe,, na ilha de S. Thomé

I.—*Denúncia*.—N.º 1041 a 1802—Agosto de 1894 a Abril de 1897—do *Universal*, de Lisboa.

II.—*Destorço*.—N.º 481 a 605—Outubro de 1899 a Dezembro de 1900—da *Resistencia*, de Coimbra.

III.—*Execuções*.—N.º 627 a 649—Março a Maio de 1901—da *Resistencia*, de Coimbra—e 444 a 519—Dezembro de 1901 a Fevereiro de 1902—do *Mundo*, de Lisboa. (interrompido).

IV.—*Em Conta Corrente*.—S. Thomé—1 de Março de 1903.

Da roça *Vale Flôr* onde avia gente da mesma proveniencia e iguaes aptidões; poucos, mas bons, bem tratados e bem procedidos,—ao serviço do *ilustre titular* não ficou um só. A própria roça, com a sua bella casa d'abitacão, acomodações apropriadas para o pessoal maior e menor, brancos e pretos, creação de animais domesticos, flores e frutas escolhidas e em abundancia, era uma vivenda tã aprazível, que, durante o tempo em que o óje *ilustre titular* foi feitor d'ella, servia de palacio do governador da provincia... sem renda para o senhorio, mas com largo e custoso dispêndio para a fazenda publica. E óje? *é campus ubi Troja fuit!*...

O pessoal da roça *Fernando Dias* estava tã afeiçoado e agarrado aos seus donos e solo que, apesar de abandonado, desprezado, quasi sem rei nem Roque, resistiu a todas as aliciações e seduções; e, depois da morte do proprietário, durante cinco annos em que êsses trezentos Angolans, aproximadamente, entre ómens, mulheres e creanças, ficaram sem patrão,

nemhum se contratou com outrem, nem saiu da roça. Pôlos fóra o *ilustre titular*, depois que a comprou.

Não lhe serviam êsses portuguezes-sabidos, capoeiras, sales afranchis, dirá em franciu...

Avia, entre êles, artifices e operários com variados officios e aptidões: chegou-se a organizar ali uma charanga com 15 ou 20 figuras. Não lhe serviam. S. ex.º *ilustrissima e lustruossissima* quer-los sempre mansos, sempre burros. Tal é a noção que tem e propaga das obrigações a que o regimen do *trabalho libertado e regulamentado* tem, principalmente, em vista sujeitar os patrões de serviços—aquêles e êstes, mutua e reciprocamente, pondere-se bem!

Em todas êssas três fazendas avia prêtos aproveitaveis e merecedores de que ali os deixassem morrer; inofensivos e uteis... Andam ai espalhados por terrenos de outros roceiros; em pequenas *cubatas* com quintaes; plantando milho, legumes etc., creando *aves* e outros animaes domesticos. Sãms êles que abastecem o *mercado* ou *feira* da cidade, de ortaliças, legumes, frutas, ovos, peixe e até de cosinhados ou *quintules*. Não á outros. E' tudo *gente* que podia, devia e avia de estar a servir até óje o *ilustre titular*; mas não lhe serve...

A roça *Rio do Ouro* era a propriedade que estrangeiros e nacionaes, funcionários de elevada categoria, proprietários, negociantes, *touristes* em transito para Angola e outros pontos d'Africa Occidental; todos se empenhavam em vêr e conhecer. Um bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra, descendente de abastados fazendeiros do Brazil, comprára-a á fazenda publica por *dinheiro de contado*—o que é simplesmente unico, nesta ilha!... e estabelecerá-se nela como *colono*, na rigorosa acção da palavra. Estudára e compreendera nitidamente a *questão fundamental para execução da lei do trabalho regulamentado e para que pudesse sustentar-se o estado que ella creou*. Cumprira e reclamava perante as autoridades—com as quaes todas privava... na linha—quando para isso se persuadia ter motivo; mas começava por cumprir.

Lavoura, assistencia aos escravos, libertos ou serviços; tratamento dos empregados brancos; recepção de visitas ou ospedes; *ménage* e comodidades domesticas; jardim, pomar; roça e roceiros... êsses sim! Êsses é que pôdem ser citados como exemplo; não só sem offensa para ninguem, mas com pleno consentimento dos outros roceiros que lá estiveram e examinaram tudo, das autoridades, dos abitantes e dos forasteiros dêsse tempo que não vae longe.

E não é curto o periodo de tempo que esta ordem de cousas durou: vae de 1869 a 1886. E dêste ano até o de 1891, em que aquêla roça foi vendida á *lustrosa* firma *Visconde de Valle Flôr & C.ª*, ali tudo tinha refinado: tratamento do pessoal, branco e preto; abitações e *sanjals*; assíduos cuidados igienicos, numas e noutras e a uns e a outros; obsequiosidade na recepção das visitas officiaes, officiosas, de amizade e de caridade...

— Devo confessar que *Manteigueira Matar-pans & brothers* foram coerentes: A *Zé* dos Ramos ou *Zé Constantino*... *sem mais nada* sempre lhe pareceu antieconomico, superfluo e de mau exemplo para a Agricultura da ilha o asseio, o conforto, o bem estar relativo que os donos do *Rio do ouro* e de *Valle Flôr*, se proporcionavam a si e ao seu pessoal, branco e preto. Assim o manifestava em toda a parte, quando principiou a ser roceiro... por conta de consortes de juventude. Ouvi o eu e ouviram-no muitos, muita vez, chamar *orta ajardinada* a esta roça e *besta amante dos negros* ao dono daquêla roça... que nunca estendia a mão a *brancaes* como o referido *Zé*. E quando algures eu lhe gabasse e apontasse aquêles proprietarios e propriedades, como norma a seguir, ria-se de amarello e de escarneo por aquilo tudo. E' natural que se não lembre. Pois êle, os seus proprios nomes, tantos e tã eraldicos, já não á de poder dizer decór...

Fazia gosto vêr, no *Rio do ouro*, aos domingos uma *fôrma da gente*, para a distribuição do tabaco e do *mata bicho*, de *obrigação*! Nêdios, sadios, asseados, alegres e contentes todos. Quem os quizer encontrar agora, é no cemiterio de Guadalupe, empilhados e empanturrados do *matrasso da Praia lagarto*, que dá leura... e salvacão a todos.

E aquêles dez mil ectares dos mais férteis terrenos de S. Thomé, denominados *Terras de Angra de S. João* e *Só grande*, compreendidas entre *Pedra furada* e *Terras da ribeira paixe*, com doze kilometros de frente para o mar... que, depois de ocupadas... — só essa occupação fês a reputação, não direi de *ómem mais superiormente inteligente*, mas de extraordinariamente arrojado da vista e alma, a quem os comprou; — desbravados, arroteados e divididos em varias roças, representam essa *toda uma fortuna deixada pela janela fóra* e caída num topissimo *guet-a-pêns* de réles manteigueiros e matapans; nessas roças, o regimen agrario e o cumprimento das obrigações legais e moraes do patrão para com o pessoal subordinado, branco ou preto, só mereciam a censura de serem bons de mais...

Da roça *Diogo Vaz* com o seu etc., e tal, tudo erdado... não digo mais nada.

Ahi estão, pois, todas as roças ou fazendas agricolas, passadas á ou pela posse do *ilustre titular*. Não teve nem tem cá outras; já excepção da *pequenina Santa Mafalda*, trocada—? — com o confrade visconde pela, *tambem pequena Angra obó*... e mais os pingues direitos a uma parte das *grandes Terras do Estado* denominadas *Ribeira-peixe*.

Vejam bem como seguiu e segue nélas os exemplos, as tradições, os precedentes que tinha e tem obrigação moral e legal de guardar e continuar:—

Na *Bela Vista*, á meza do *Zé*... *sem mais nada* comia-se feijão—*macumã*, temperado com ozeite de palma e servido por *gente* seminu e imunda... — em dias de rito *duplex* tirava elle o ventre de miséria na *Praia lagarto*. O que não iria pela meza dos empregados e pela *Sanjala*!

Vale Flor é *campus ubi*... Rio do Ouro, *idem*.

De *Fernando Dias* até as bêstas acabaram!

Na *Nova estrela* e *Boa esperança*, o convívio entre o patrão—malgrado agricultor!—e a sua *gente* chegava a ser uma *união ipostatica*. Quatro ou cinco dessas mulheres ouveram dêle oito filhos, todos perfilhados em testamento e erdeiros, em partes iguaes, daquela fazenda que, embora dividida por oito, representava para cada um, uma fortuna remediada,—com grande magua e indignação do entã *Zé Constantino*... *sem mais nada* que bastante ajudou a comê-la. Esta pagina da sua biografia que já está principiada em outro capitulo, breve será concluida. Os 80 a 90 serviços que ali existiam em 1884 deveriam *morrer* todos até fevereiro de 1900... resuscitando, depois, os que óje estão contratados com o nobre *conde-duque-parente*; inclusive as *amas* dêsses oito filhos sem mãe... aos quaes, para cumulo de satisfação, chamará, talvez, *bougres de cochons* e *sales mulets*, no seu *franciu* de mandarim!...

Finalmente, nas *Terras de Angra*, de *S. João* e *Jó grande* que constituíam as alegres e florescentes roças *S. João*, *S. Pedro* e *Cruzeiro dos Angolares*, *Fraternidade*, etc., quando, á dois annos, depois de baralhadas e barulhadas, mascaradas, transformadas e transbordadas, mudadas de nome e até de sitio!... quando, á dois annos, foram vendidas; dos duzentos serviços que foram sublocados aos compradores, não avia um que não fosse anemico, aleijado ou lazarento! Esta seria, sem duvida, uma das taes *algumas outras roças* nas quaes *juntava se e somava se tudo* isso que, de atroz, desumano e *mais tenebroso ainda*, se praticava em S. Thomé, contra esse esplendido *trabalhador preto de Angola*!...

Corjal

(Continúa).

Ligorio Nicolau Cabral.

O sr. Leonardo da Costa Freire foi nomeado membro da commissão verificadora da resistencia das pontes e construcções metalicas.

O liceu de Coimbra abre no dia 15 de outubro.

Este anno acham-se matriculados 553 alunos, sendo 77 na primeira classe, 80 na segunda, 52 na terceira, 79 na quarta, 45 na quinta, 88 na sexta e 114 na setima.

A matricula este anno é por isso superior á do anno passado.

LITTERATURA E ARTE

MÃOS ERGUIDAS

Morrer! pois Ela á de morrer nos, quando Longe é da morte por de mim o ser?!... Olhae que todos nós somos chorando Senhor! Senhor! não a deixes morrer!...

Que tem que vêr com éla a terra fria? Se o ceu a deu, para que a quer o ceu? As rosas nascem p'ra durar um dia: Deus fez a morte p'ra quem já viveu.

Dezeseite annos só, como roubal-a? Cortar-lhe a Alma, se éla é a florescer? A balbuciar amor ainda o não fala: Se o falar como vos entender?

Meu Deus, oh! Deus a quem minha Alma implora, Para Ela os sonhos onde me concentro... Faz que o seu pranto arraste cá p'ra fóra Toda a desgraça que Ela tem lá dentro.

E em nome das creanças, Pae celeste, Que Ela acalenta ao seio, enternecida, Dá lhe em venturas o que a mim me dêste D'amargura em cada óra desta Vida!

O seu caminho enche lh'o de brilhos; Seu coração a tua mão socorra, Por sua Mãe, p'las mães que amam seus filhos... Não permitas, Senhor, que éla nos morra!

Tu levaste a ventura do meu trilhio: Não me roubes agora a dôr tambem, Virgem Maria que tiveste um filho! Jesus, Jesus, tu que tiveste mãe!

Seu amor me não dêste e eu fui calado; O que eu sofri ninguem na vida o sente; Mas faz me mais que o dobro desgraçado E deixa que éla viva longamente.

E em nome dos velhinhos que Ela cobre De seu celeste olhar, compadecida, Entre êsses pobres, eu que sou o mais pobre, Venho rogar-te pela sua Vida.

Vida que á nossa pobre Vida é preza, Deus, essencia, infinito, eterno, Bem! Escuta as orações que a sua mãe reza, Ouve os meus versos, orações tambem!

E não á de morrer! não morre o dia! Da minha noite éssa isolada estrela; Como á de Ela morrer, se Ela é a agonia? Como morrer, meu Deus, se Deus é Ela?

Cura-a, Senhor! meu pobre coração Em olocausto eu t'o oferto inteiro, P'ra ser ouvido far-me ei cristão, Se é o que o Deus dos cristãos é o verdadeiro!

Mas é, que é o Deus a quem rezou menina: Embora fosse o Deus que lhe ensinou A não me ter amor, se o amor se ensina, Mas que de mim seus olhos afastou.

O ceu é todo cheio d'alvoradas... Não é preciso á noite um novo luar; E as suas azas, muito aconchegadas Sobre o seu peito, já não sabem voar!

A' de fazer-lhe mal a luz dos cirios... Ail que taboas seu corpo aceitarã? E o que á de ser das rosas e dos lirios Na nostalgia da sua branca mão?

Beijarem vermes seu labio vermelho!... Premir seu corpo numa fria lousa!... Matae-me antes a mim, inutil, velho, Que sendo a terra, serei qualquer coisa!

Mas aonde é que vae toda essa gente Calma e alegre no seu doado ardor? Eles não sabem que Ela está doente... Ail que está p'ra morrer o meu amor?

Alma celeste de divina alvura, Divino coração que já foi meu, P'ra que as ancias do ceu, ancias da altura, Se, ao pé de ti, fica tã baixo o ceu!

O' lindos olhos de morena, abri-vos! Boca celeste, podes te fechar! Mortos teus olhos serã sempre vivos; Sempre em minha alma eu te ei-de ouvir fallar.

E, quando eu falo, é a sua linda fala Que, deformada, passa os labios meus; Para encontrar-me, tenho de contral-A, E como achar-me, se Ela morre, em Deus?!

Guedes Teixeira.

PASTELARIA E CONFITARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

COIMBRA

N'esta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos d'esta natureza.

Dóces de ovos dos mais finos paladares e delicados gostos, denominados *dóces sortidos*, para chá e *soirées*, em grande e bonita variedade que difficil se torna enumerar-la.

Dóces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em secco, como crystalizados, rivalisar com os estrangeiros.

Pastelaria em todos os generos e qualidades, o que ha de mais fino e saboroso, especializando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de prouro phantasia, denominadas *Centrosde mesa*, *Castellos*, *Jarrões*, *Lyras*, *Floreiras*, *Lampreias*, etc., etc., próprias para banquetes.

Pudings Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá café e de ructas diversas, vistosamente enfeitados.

Pão de lé pelo systema de Margaride, já bem conhecido nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Mæira, Moscatel, Collares, Champagne, Cognacs Licores finos, etc. das melhores marcas nacionaes e estrangeiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

Amendoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo-se pureza dos assucares com que sam fabricadas.

Conservas nacionaes e estrangeiras, chás verdes e pretos, passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyère, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.

Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32.

José Marques Ladeira & Filho

Empreiteiros das Companhias de Illuminação a Gaz e Aguas

4 — Praça 8 de Maio — 4

COIMBRA

Canalisações para agua e gaz

Lustres, lyras, lanternas e candieiros para gaz, machinas de aquecer agua a gaz para banhos, tubos de lona, borracha, latão e chumbo, lavatorios, urinões retretes e bidets, torneiras de metal de todas as qualidades, cartão e corda de amianto, e borracha em folha.

PREÇOS ESPECIAES EM TUBOS DE FERRO

Fazem-se trabalhos fóra da cidade

L. M. LILLY, Engenheiro

Machinas agricolas de toda a qualidade.
Machinas para fição e tecelagem para todos os tecidos.
Machinas para fazer soda-water, gazosas, gelo, etc.
Machinas para fazer papel continuo, cartão, etc.
Machinas para lavar, engommar e desinfectar roupa.
Machinas de vapor e de gaz, caldeiras e bombas.
Machinas de escrever, de systema **YOST**.
Correias de pêllo, de couro, de borracha, empanques, etc.
Materias primas de todas as qualidades.
Installações, desenhos, montagens.
Facilitam-se pagamentos.

REPRESENTANTE

JOÃO GOMES MOREIRA
COIMBRA

Agua da Curia (Mogofores — Anadia)

Sulfatada - Calcica

A unica analysada no paiz, similhante á afamada agua de CONTREXÉVILLE, nos Vosges (França)

INDICAÇÕES

Para uso interno: — *Arthritismo*, *Gotta*, *Lithiase urica*, *Lithiase biliar*, *Engorgitamentos hepaticos*, *Catarrhos vesicaes*, *Catarrho uterino*.

Para uso externo: — *Em diferentes especies de dermatoses*.

As analyses chimica e microbiologica foram feitas pelo professor da Escola Brotero, o ex.^{mo} sr. Charles Lepierre.

A' venda em garrafas de litro — Preço 200 réis
Deposito em Coimbra — PHARMACIA DONATO

4, Rua Ferreira Borges, 6

SERRA DA ESTRELLA

PENSÃO MONTANHA

(A 1:500 METROS DE ALTURA)

Abriu em 1 de maio esta nova casa bem situada, proxima do Observatório e Estação Telegrapho-Postal.

Recebe pessoas que queiram tratar-se de doencas do peito.

Recommenda-se pelo seu bom tratamento.

Tem optima estrada desde a estação de Gouvêa até á porta.

Medico a qualquer hora

Para mais informações, o seu gerente: *Antonio Mendes da Luz*.

HOTEL COMMERCIO

Praça do Commercio e Rua das Flores

Figueira da Foz

Este magnifico estabelecimento possui todos os melhoramentos que modernamente se podem encontrar em hoteis de primeira ordem. Surprehentes vistas do mar, rio e barra.

O americano — Tramway — que passa em frente do Hotel, offerece toda a commodidade: para a Praia ao preço de 20 réis, Buarcos 50 réis, Cabo Mondego 100 réis; e Caminho de Ferro, chegadas e partidas dos comboios, 20 réis.

Preços do Hotel — 800, 1000 e 1200 réis, incluindo todo o serviço. Vinho a todas as refeições.

O Proprietário,

José Maria Junior

PHONOGRAPHS

Manoel José Telles, Rua Ferreira Borges, n.º 150 a 156, tem um deposito os magnificos *Phonographs Edison* de diferentes preços e tamanhos.

Variada e grande collecção de cylindros, com lindas operas, cançonetas, monologos, etc., nacionaes e estrangeiros que vende pelos preços das principaes casas de Lisboa e Porto.

Sempre cylindros com musicas novas e muito escolhidas.

Consultorio dentario

COIMBRA

Rua Ferreira Borges

Herculano Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

Nova Havaneza

Rua de Ferreira Borges n.º 176

Papelaria, Tabacaria, Perfumaria. Carteiros, malas, caixas de charão, e todos os objectos de escriptorio.

RELOJOEIRO

Manoel José Pereira Machado, empregado, da Relojoaria Paixão, faz publico, que se encarrega de todos os trabalhos concernentes á sua arte, para o que se encontra trabalhando por sua conta ao Arco d'Almedina n.º 7, responsabilizando-se pela perfeição e solidez dos seus trabalhos. Preços modicos.

AUTOMOVEL

VENDE-SE

Um em bom estado de conservação, força 9 cavalos, 1 cilindro e 4 logares.

QUADRICICLE

Em bom estado de conservação, 3½ cavalos de força e 3 logares.

Almeida, Rocha & C.ª

Rua Ferreira Borges, 108

COIMBRA

FABRICA DE TELHÕES E MANILHAS

Premiada na Exposição de Ceramica Portuguesa, no Porto, em 1882, com diploma de merito; e medalha de cobre na Exposição Districtal de Coimbra, de 1884

Esta fabrica a mais acreditada em Coimbra, em construcção e solidez de telhões, manilhas para encanar agua, siphões para retretes, vasos para jardins e platibandas, balaustres, tijolo para ladrilhos de fornos, tijolos grossos para construcções e para chaminés, tachos para cosinha á imitação dos de Lisboa, etc. — Todos estes artigos são de boa construcção e por

PREÇOS ECONOMICOS

✦ ✦ ✦ Pedro da Silva Pinho Coimbra ✦ ✦ ✦

29, Rua de João Cabreira, 81 — COIMBRA

VIOLEIRO

Augusto Nunes dos Santos

(Successor de Antonio dos Santos)

Premiado na exposição districtal de Coimbra, em 1884, com a medalha de prata; e na de Lisboa de 1890.

Participa aos seus amigos e freguezes que na sua officina se executam todos os instrumentos de corda concernentes á sua arte, assim como os concerta com a maxima perfeição, como o tem provado ha muitos annos.

Especialidade em guitarras de 12 e 15 cordas e violões de 6, 7 ou mais cordas.

Tambem vende cordas de todas as qualidades para os mesmos instrumentos.

16 — Rua Direita — 18

COIMBRA

LUCA

Delicioso licor extra-fino

VINHOS

DA

Associação Vinicola da Balrada

Grandes descontos aos revendedores

Unico deposito em Coimbra

CONFITARIA TELLES

150, R. Ferreira Borges, 156

COLEGIO

LICEU FIGUEIRENSE

Instituto paritlenar de educação e ensino

Figueira da Foz

DIRETOR

Dr. José Luiz Mendes Pinheiro

Professor na Universidade e ex-professor no Lyceu Central de Coimbra

Neste estabelecimento ensina-se instrução primaria e instrução secundaria (curso dos liceus e curso commercial). Aulas de ginstica e musica. Admitem-se alunos internos, semi-internos e externos.

Enviem-se regulamentos, programas e quaesquer informações a quem as pedir ao director, otnio dos Oliveas.

PROBIDADE

Companhia Geral de Seguros

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua Ferreira Borges, 165, r.ª

Tornam-se seguros de prédios, mobilias e estabelecimentos contra o risco de incendio.

SILVA & FILHO

ACQUAVIVA

Fábrica manual de calçado e tamancos

e deposito de alpargatas

EXPORTAÇÃO

COMPANHIA EQUIDADE

Seguros contra fogo aos preços de:

Predios 100
 Mobilias 120 (Por 100000 rs
 Estabelecimentos 150)

Agente em Coimbra,

Joaquim António Pedro.

Em casa do sr. António Rodrigues Pinto.

"RESISTENCIA"

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno 23700
 Semestre 12350
 Trimestre 680

Sem estampilha:

Anno 23400
 Semestre 12200
 Trimestre 600

Brazil e Africa, anno... 33600 réis
 Ilhas adjacentes, » ... 33000 »

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assignantes, desconto de 50 %.

Communicados, 40 réis a linha.
 Réclames, 60 »

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal fór honrado.

Avulso 40 réis

AGYTIENE

Carbureto de calcio francés, rendimento garantido de 300 litros por kilo, os 100 kilos franco — Lisboa, 100000 réis

Apparehos, candieiros, lustres, bicos e mais accessorios

HORA ILLUMINAÇÃO A GAZOLINA

Poder illuminante — 100 vellas por bico

GASTO: — 5 réis por hora

Mandam-se gratis catalogos e preços correntes

A. RIVIÈRE

RUA DE S. PAULO, N.º 9, 1.º andar

ACQUAVIVA

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Editor

MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redação e administração — RUA DE FERREIRA BORGES, 89, 2.º andar

Officina tipográfica

12 — RUA DA MOEDA — 14

N.º 839

COIMBRA — Domingo, 4 de Outubro de 1903

9.º ANO

Perdas artísticas

A catalogação dos monumentos artísticos do nosso país tem sido várias vezes tentada, mas sem um plano determinado, uma orientação dominante e segura.

Os poucos que em Portugal se interessam pelos estudos artísticos têm feito trabalhos separados, sem grande alcance para a tarefa enorme que á a fazer, e o nosso património artístico tem sido roubado descaradamente, um pouco por culpa dos artistas, muito pela ignorância do nosso público que encara os interesses artísticos com o desprezo mais profundo.

E é para notar que este roubo continuado das nossas riquêsas artísticas tem até sido patrocinado, digamos assim, por alguns dos omens mais conceituados do nosso pequeno mundo de colecionadores e críticos d'arte.

Para citar apenas aquêles que são conhecidos de todos, lembramos o sr. Ramalho Ortigão, que a propósito da custódia dos Jerónimos, ôje nas mãos d'el rei, não se sabe porque motivos, tem tido uma linguagem bem pouco de esperar de quem creou a sua alta posição como crítico-foliculário.

O colecionador Aragão, colecionador por conta própria, e por conta de el-rei D. Luís, foi um dos elementos mais destruidores do nosso meio artístico.

Lembraremos ainda Felipe Simões, que a propósito dos objectos descaminhados, e em poder d'el-rei nunca teve uma palavra de levantado protesto.

De el-rei não falamos. E' amador de coisas d'arte, é artista; mas do que tem, está talvez na mesma situação que com a mudança do nome da rua de Viana. Não lhe chegou ainda nada ao conhecimento.

Os ministros de estado têm feito tanto ou mais que os outros. E diz-se que el-rei o tem estranhado por mais de uma vez, quanto têm taes faltas vindo ao seu conhecimento.

Para fecharmos esta lista com um facto conhecido de todos lembramos o que ultimamente aconteceu com as joias de D. Miguel, cujo paradeiro, talvez um dia nos seja revelado por o catálogo ou venda célebre d'alguma coleção estrangeira.

Nos museus nacionaes, têm-se perdido, não se sabe como, muito objecto de valôr artístico reconhecido, que para lá entrou e que de lá desapareceu, não se sabe como.

Por vêzes aparece um documento official a autorizar o desvio, e o roubo, cujo responsavel é conhecido e fica por punir.

Assim têm ido uma a uma as nossas preciosidades artísticas, desbaratadas por todos desde o agricultor umilde até ao rei.

A função devastadora da monarquia em Portugal tem sido terrível,

No meu tempo colecionou el-rei D. Fernando, colecionou el-rei D. Luís e colecionou el-rei D. Carlos.

Esta perigosa mania pegou se á rainha viúva sr.ª D. Maria Pia e á rainha sr.ª D. Amélia.

O que resultará de tantas coleções não sabemos; o que resultou das coleções de el-rei D. Fernando e de el-rei D. Luís é bem conhecido.

Insistamos mais uma vez por dever de consciência e por sabermos que estas palavras serão lidas com a indiferença do costume.

El-rei D. Fernando passa na história com o titulo de rei artista que lhe foi dado por um jornalista pouco escrupuloso.

E' assim anda nas histórias d'arte não se sabe bem porquê.

Como artista construiu o palácio de Cintra, burguêsmente ridiculo, substituindo as antigas e históricas construcções por um edificio ridiculo, sem carácter, pedante.

Não é a construcção de um artista, é um capricho de brasileiro de importação no regresso a Braga, sua terra natal.

Como artista, devem-se-lhe alguns disparates da Batalha.

Outros andam em livros atribuídos a el-rei D. Carlos, que naturalmente, ainda não teve disso conhecimento.

Como artista, patrocinou el-rei D. Fernando a obra vergonhosa da restauração dos Jerónimos.

Como colecionador, recebeu de particulares, e de corporações objectos artísticos que todos julgavam destinados a uma coleção nacional.

Morreu o sr. D. Fernando, vieram os erdeiros de fóra e levaram as maiores preciosidades.

El-rei D. Carlos deixou-as ir, por não ser bastante rico para ficar com elas.

Assim se disse. Assim se tem escrito mais de uma vez, muito naturalmente, sem chegar ao conhecimento de S. Magestade.

Dr. Coimbra

De visita ao nosso amigo Rodrigues da Silva está em Coimbra o sr. dr. Antonio Cerqueira Coimbra, tão odiosamente perseguido pelo sr. João Franco que ôje se diz liberal e espirito avançado, e tam vergonhosamente abandonado pelo partido republicano, que não soube dar reparação condigna ao seu procedimento onrado, á nobre altivez com que sacrificou o seu futuro ao ideal que defendia.

A *Resistencia* dá-lhe as boas vindas com a íntima comoção que sentimos todas as vezes que encontramos o amigo, cujo caracter tanto admiramos, e tanto respeitamos.

Desigualdade de classificações

A direção geral de instrução publica, atendendo ás reclamações dos alunos da Universidade, que ultimamente apresentaram uma representação contra a desigualdade de circumstancias em que os coloca com os das Escola e Academia Politecnica o artigo 130.º do decreto de 24 de dezembro de 1901 com respeito á entrada para as Escolas

Naval e do Exercito, enviou ao sr. reitor da Universidade o seguinte officio:

Alguns alunos dessa Universidade, com destino ás Escolas Naval e do Exercito, tem representado por esta direção geral contra a applicação rigorosa do disposto no artigo 130.º do decreto de 24 de dezembro de 1901, que os coloca em desigualdade de circumstancias para com os que se abilitam nas cadeiras analogas da Escola e Academia Politecnica.

A desigualdade, de que se reclama, consiste, no dizer dos reclamantes, em que os alunos da Universidade não podem ser admitidos nos cursos daquêlas escolas sem terem a classificação de 14 valores, enquanto que os das outras escolas preparatorias podem seguir as suas carreiras só com 10 valores.

E' certo que diversas são as duas escalas de valores comparados em absoluto, mas não é menos certo que ambos os números citados, 10 e 14, correspondem de facto a um minimo, por que os 14 valores da Universidade são a classificação mais baixa que podem obter os alunos (antigos voluntarios) nos termos do artigo 130.º

Ojeta-se, porém, com o argumento de que, na Universidade á ainda aprovações de 14 valores, isto é, de 10 a 13 valores, que abilitam para a faculdade de medicina, e nas Escola e Academia Politecnica com menos de 10 valores não á aprovação.

Sabe bem v. ex.ª o que motivou a inserção do preceito do questionado artigo 130.º do decreto de 1901, que pretendeu resalvar os inconvenientes da extincção da classe de alunos obrigados, ficando a antiga classe de alunos voluntarios substituída pelos aprovados com 14 ou mais valores e a dos obrigados pelos de 10 a 13 valores.

Estas prescrições, aliás bem defensaveis, encontram na pratica e de facto o inconveniente de, pelo menos de momento e enquanto não desaparecerem os alunos do periodo transitorio, ferirem os direitos dos alunos do primeiro estabelecimento de instrução do paiz, que vêm as suas carreiras aniquiladas, destruidas as suas legitimas aspirações, enquanto que outros alunos dos estabelecimentos similares lhes ganham vantagens e seguem as carreiras a que se destinavam.

Deseja o ex.ª ministro adotar uma providencia que concilie a disparidade de condições dos alunos das escolas de que se trata, e, no ponto em questão me encarrega de solicitar de v. ex.ª se digne interpor o seu douto parecer sobre o caminho a seguir.

Lampada da Universidade

Está quasi terminada a restauração da lampada do altar mór da Capêla da Universidade, que, como noticiámos, já fóra entregue ao habil artista desta cidade, sr. Manuel Martins Ribeiro.

A lampada, que era uma maravilhosa obra da Renascença está infelizmente mutilada, e foi, provavelmente no seculo XVII, restaurada por artista sem habilidade e sem saber.

Parece que a lampada caiu de grande altura, rebentando a parte inferior, que depois foi desastradamente restaurada.

Na cúpula superior, que termina á móda da renascença, por uma pequena torre, avia, no meio de cartouches muito decoradas, ornatos, talvez medalhões, que eram apenas applicados, e que, por os vestigios que ficaram, parece terem sido seguros com parafusos.

Este sistema de decoração era vulgar nas obras do seculo XVI e contribuiu para que se mutilassem facilmente. Oje é vulgar encontrar nas obras do renascimento apenas a impressão que deixaram no metal, e no tesouro da Sé e no Museu de Antiguidades do Instituto encontram-se varios objectos

de que esta especie de ornatos desapareceu.

Na lampada de prata, da Universidade, os ornatos desapareceram, o buraco por onde enfiava o espigão que os prendia, foi obturado com prata, que o artista repuxou depois, levantando cabeças duma ingenuidade, que não onraria um ourives primitivo do Perú.

A parte inferior é da mesma mão d'obra detestavel.

O mau humor, que nos despertou a vista daquela monstruosidade artistica sugeriu nos a ideia de que ela tivesse pertencido ao espolio dos jesuitas.

Seria um dos maiores orrôres, que se poderiam attribuir á Companhia, e á na base uma série de escolares, de capa e batina, penteados e bem compostos, a que o nosso amor á Universidade nos obriga a recusar a qualidade de academicos.

Não! Aquilo são colegas do collegio de Jesus, orriveis, e capazes de todos os crimes, como o desalmado ourives, que fez tam desastrada restauração, unicamente para me atormentar.

Flores...

D'O Diario:

Regressou a Lisboa o sr. conselheiro Antonio Candido, á indiscutivel primeira figura oratoria da nossa terra, esmaltada por um finissimo caratêr, do que resulta o tão insinuante e irresistivel prestigio desta eminente personalidade politica.

Muito bem se escreve em Lisboa! Dá gosto transcrever...

Eduardo Coelho

A ordem do dia do arsenal n.º 201 de 29 de setembro ultimo manda á fabrica de canhões que sejam ali fundidas duas estatuas destinadas ao monumento de Eduardo Coelho, o illustre jornalista, filho de Coimbra.

Do Jornal do Comércio:

A maçonaria de 1903 inaugurou os seus trabalhos com uma carta ao presidente do conselho de ministros da França, felicitando-o e agradecendo-lhe calorosamente os altos serviços por elle prestados á causa republicana e nacional, animando-o a proseguir na realização das medidas politicas e sociaes, que, segundo ella diz, são a consequencia logica e necessaria dos principios democraticos, prometendo-lhe que essa empresa será sustentada por todos os republicanos sinceros que admiram a sua lealdade e a sua energia perseverantes.

Combes não ficou atraz nas amabilidades e respondeu á maçonaria com este officio, que fez furor entre os maçons.

Recebo com alegria a noticia do voto emitido pela maçonaria; o que me comove especialmente nas felicitações que me transmitem é a expressão de confiança absoluta que ellas me testemunham; preciso d'essa confiança para triunfar dos ataques de toda a especie, como também dos ultrajes que estão sendo dirigidos contra mim. Dizei aos republicanos experimentados e convencidos que compõem a maçonaria, que farei até o fim o meu dever de presidente do conselho republicano. Agradecei-lhes, rogo, em meu nome, o fiarem-se na minha lealdade. Assumi o poder sem medo, deixai-o-ei sem reproche.

Pum, pum, catapum.

E' sempre assim.

Depois, se a gente vê uma irmã da caridade, ou o sr. marquês de Pombal, e se põe a cantar *pum, catapum*, venha o *Jornal do Comércio* dizer que os republicanos são agorrotados.

Diga! Diga e ouça: *pum, catapum!*

O couraçado "Benjamin Constant,"

Vem brevemente sulcar as aguas do nosso formoso Tejo o couraçado *Benjamin Constant* no cumprimento dum elevado e sacratissimo dever de cortezia, num almejado anhel de civica solidariedade.

Por occasião dos festejos pelo advento do novo presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil, o tão dedicado e simpatico democrata sr. dr. Rodrigues Alves, o governo portuguez foi representado pelo cruzador *D. Carlos*, afirmando-se então duma forma algo suggestiva a simpatica solidariedade luso-brazileira, os laços de afetuosa amizade que unem dois povos irmãos; um que nas longinquas plagas de alêm-Atlantico soube redimir a sua Patria nas auras puras da inolvidavel revolução de 15 de novembro de 1889, e o outro, igual no denodo e na bravura aguerrida do animo, que porfia por tambem redimir a Patria amada com o advento da Republica Portuguesa.

E' de jubilo o tão ansiosamente esperado dia!... Estreitam-se em fraternal amplexo por de sobre a vastidão do Atlantico, dois povos, orgulho da raça latina, esperança radiosa do ignoto amanhã, astro radiante do porvir a despontar num orizonte esmaltado de avermelhadas luzes, perfumado de rosas, coroado de myrtos a simbolisar a perpetua entente das duas raças destemidas e gloriosas na senda luminosa do Progresso.

O Brazil representa para nós, dedicados combatentes do Ideal republicano a brilhantissima tradição do nome portuguez nas terras encantadas de alêm-mar.

Falam pela boca eloquente de cada um dos seus filhos os feitos eroicos da aguerrida alma portuguesa. Conta em cada uma das suas estrofes os amores eroicos desta bela terra luzitana, que os seus literatos e os seus poetas tão magistralmente sabem compreender e sentir nos seus liricos e inspirados H-vros, no seu espirito entusiastico de sonhadores a tecerem na sua lira de ouro as mais encantadoras novellas, as visões muitas vezes desfeitas, mas nunca esvaecidas de suas sublimes paixões.

O Brazil, farol de luz, que nos sombrios horizontes da patria portuguesa oprimida angustiosamente nesta ora de crise, illumina a consciencia colectiva duma nacionalidade outrora respeitada por todos os povos cultos do mundo. O Brazil, esta florescente e simpatica confederação sul-americana, é oje a estrela polar do velho e decadente Portugal, o astro refulgentissimo que nos ade conduzir ás plagas ainda para nós desconhecidas, da Liberdade e da Civilização!

E' por isso que nós acolhemos com intraduzivel jubilo a grata nova do advento da Republica n'aquele pais irmão, como com geral jubilo soubemos tambem que á laureada espada do saudoso Floriano Peixoto conseguira alfirm debelar a odiosa rebelião com que desnaturalizados brazileiros pretenderam cometer um matricidio, prostrando as novas instituições democraticas aos pés dum ambicioso vulgar com a restauração dum imperio efemero.

Patriotas dedicados pugnamos sempre porque a parte culta e pensante do povo portuguez acolhesse sempre as innovações do grandioso e simpatico Brazil com a delicada deferencia devida a um povo irmão e amigo, e, nesta ora avançada da contemporanea civilização, em que os povos da mesma origem étnica se aham para os grandes certamens do Progresso e da Sciencia, como por exemplo a Inglaterra e os Estados-Unidos da America do Norte, os nossos mais fervorosos votos são por uma feliz realização duma entente entre Portugal e o Brazil.

Combater por esta aspiração, é combater pela redenção da Patria!... A

união entre povos da mesma raça fortalece a consciência das nações, a moral das populações.

E' por isso que, em nome da redacção — com que nos honraremos de ser solidários — da *Resistência*, saudemos a ilustrada officialidade do *Benjamin Constant*, formulando votos pela prosperidade do Brazil.

19 — SETEMBRO.

Fazenda Junior.

Sociedade filantropica

Os proprietários da ilha de S. Thomé, para obsequiar o sr. dr. Julio Henriques por ocasião da sua ultima exploração botânica aquélla região, iniciaram uma subscrição a favor da Sociedade Philantropico-Academica de que s. ex.ª é, á muito, presidente.

Quem conhece o cuidado, que o sr. dr. Julio Henriques tem sempre posto na administração desta sociedade, cujo valor não tem sido nunca compreendido pela maioria da academia, que por mais duma vez a tem ostilizado abertamente, sabe que nada poderia penhorar mais o illustre professor.

A subscrição, que continúa ainda aberta, já rendeu seiscentos mil réis.

No dia 19 do proximo mês de outubro, por 11 horas da manhã, proceder-se-á á arrematação em asta publica para o fornecimento de calçado para as praças do regimento de infantaria 23, durante o ano de 1904.

Para ser admitidos a esta arrematação deverão os concorrentes apresentar proposta em carta fechada assinada por si e seus fiadores idóneos, na qual declarem que se sujeitam ás condições geraes e especiaes nomeadamente as do regulamento de contabilidade publica.

O deposito provisorio é de 300.000 réis, que será restituído aos concorrentes a quem não for adjudicado o fornecimento e o definitivo será regulado pela importancia dos artigos na razão de 5 % do fornecimento anual. As demais condições acham-se patentes na secretaria do conselho todos os dias uteis das 11 horas da manhã ás 3 da tarde.

Apoz um sofrimento breve morreu o sr. José Maria Marques, tipografo e editor do *Tribuna Popular*.

A direcção das obras publicas de Coimbra foi autorisada a mandar proceder ao melhoramento e limpeza do largo fronteiro á Universidade.

Vae ser submetida a despacho do sr. ministro das obras publicas a aprovação do projeto de serventia da freguesia de Esgaris para a estrada districtal n.º 106 do districto de Coimbra.

«O Debate»

O *Debate* interrompeu a sua publicação com o artigo que transcrevemos:

«O *Debate* suspende a sua publicação durante alguns dias.

Continuam abertos os escritorios de redacção e de administração para onde deve ser enviada toda a correspondencia.

Esperamos que, quando *O Debate* reapareça, todos quantos nos onraram com a sua assinatura continuem recebendo o nosso jornal.

Estám em cobrança os recibos do trimestre que vae de 1 de julho a 30 de setembro do corrente ano. São recibos, portanto, da importancia de jornaes já recebidos pelos nossos assinantes. Nestes termos esperamos que não deixem de satisfazer, como de resto o fizeram no anterior trimestre, as quantias em dividir.

Os assinantes que pagaram um ano, se *O Debate* viesse a suspender definitivamente, poderiam cobrar nesta administração, a quantia a que tivessem direito. Portanto a onestidade com que procedemos, autoriza-nos a esperar dos assinantes, egual procedimento para comosco.

O que dizemos, dirigindo-nos aos assinantes, dizemolo egualmente aos srs. anunciantes.

Para todos os efeitos continuam abertos os escritorios d'*O Debate*, funcionando o serviço de administração

desde as 10 horas da manhã ás 3 da tarde, todos os dias, excetuando os domingos.»

Tudo indica que esta interrupção não será definitiva.

E assim é necessario.

O *Debate* tem sido um valente propugnador da causa republicana. E bem escrito, feito com intelligencia e com espirito.

Não pode desaparecer, sobretudo na situação critica em que se acha o partido republicano em Portugal, sobretudo quando tantos exforços se empenham em o organizar, em lhe insuflar vida, em lhe dar força.

O *Debate* tem tido neste movimento o papel preponderante, devido á alma de lutador que distingue João de Menezes desde os bancos da Universidade.

Por um acaso raro na imprensa portugêsa O *Debate* teve pleno successo desde o seu aparecimento e era tam considerado dentro do partido republicano, como fóra delle, na imprensa monarchica.

Folgaremos por isso em noticiar breve o apparecimento do nosso estimado colega.

Na Escola Nacional de Agricultura anda-se procedendo a importantes melhoramentos, tendo para isso solicitado a aquisição de alguns terrenos annexos á escola.

Vae proceder-se á installação de casa de banhos, retretes, gymnasio, etc.

Requererem exame de admissão ao primeiro ano da escola quats alunos.

Previsão do tempo

A' cerca do tempo provavel que averá na primeira quinzena de outubro faz o meteorologista Escolastico as seguintes previzões:

De 1 a 4 — Frio, nevoeiros nos mares e vales dos rios, temporal no Cantabrico, descida de temperatura no Aragão e Castéla, chuviscos na Catalunha, humidade na Andaluzia e bom tempo no resto da Peninsula.

De 5 a 8 — Céu nublado, temporal no Cantabrico, mar picado no litoral, descida de temperatura, vento forte do nordeste, frio nas Asturias, Galiza, Castéla e Aragão, para terminar com máres duros, frio e chuvas na Andaluzia, Extremadura e Galiza.

De 9 a 11 — Temporal nas costas, chuvas ao norte da Galiza, centro da Extremadura e Aragão, borrasca no Atlantico e Cantabrico, céu nublado, no levante e Catalunha, orvalhos ao norte e centro, chuva em Valencia, Murcia e Andaluzia, bom tempo em Badajoz e céu nublado e ambiente humido na Galiza, Navarra e Catalunha.

De 12 a 15 — Regimen forte do sudoeste, chuva ao norte, Asturias e Galiza, temporal nas costas, chuva equinocial no Levante e Andaluzia, céu coberto na Extremadura, regimen do nordeste na Castéla, Aragão e Navarra, depois vento frouxo do norte para limpar a atmosfera, especialmente ao centro, tornando se o tempo proprio do outono.

Da Correspondencia de Coimbra:

Dizem os jornaes da capital que pelo ministério das obras publicas se estám tratando negociações com a companhia das Lezirias do Tejo e Sado para o aluguer de parte de terrenos onde o governo pretende estabelecer a Coudelaria Nacional.

Por esta ocasião, que é oportuna, lembramos a vantagem economica de restabelecer a referida Coudelaria na Escola Nacional de Agricultura. E' manifesto o resultado economico deste facto, não só, e principalmente, por estarem completas e em excelentes condições as installações da Coudelaria nesta Escola, mas pela vantagem de se utilizarem alguns empregados da mesma Escola...

Como o diabo as arma. Crédo!

Faleceu o sr. Manuel dos Santos Heleno, mestre d'obras muito conhecido em Coimbra.

O sr. Manuel Heleno tinha uma pequena coleção de azulejos, recolhidos nas obras que fizera, e um desenho de Nicola Bigaglia, representando o faustosissimo plano do theatro academico,

que mais tarde foi muito simplificado pelo mesmo arquiteto.

Os azulejos colecionados eram exemplares de azulejos mudgares, alguns especimens do fabrico coimbrão do século XVII e XVIII e fragmentos dos azulejos de ensino nos colégios de Coimbra, representando problemas geometricos ou cartas terrestres e celestes.

Um dos fragmentos da carta celeste tinha uma data do seculo XVII.

O sr. dr. Augusto Mendes, um dos mais apaixonados amadores do Bussaco, e, sem duvida o possuidor da maior coleção portugueza sobre o retiro carmelita, tinha publicado ultimamente uma carta do falecido dr. Pereira Caldas sobre uma musica descriptiva da Batalha que se julgava perdida.

Para obter esclarecimentos seguros tirou uma separata do artigo publicado na *Correspondencia de Coimbra* distribuindo a pelas pessoas a que julgou poder interessar o assunto.

Não foi iludida a expétativa do sr. dr. Augusto Mendes, como se vê da carta que lhe enviou o sr. Jayme de Castro, que tanto se tem distinguido pelo cuidado dos monumentos militares a seu cargo.

Transcrevemos a curiosa carta:

«Bussaco, 28/IX/903.

... e meu caro amigo

Pelo impresso que V... teve a amabilidade de ontem me ofertar, e no qual vem transcrita a carta do Ex.^{mo} Sr. Pereira Caldas, mais uma vez reconheço o interesse que merece a V... tudo quanto se relaciona com a pitoresca estancia do Bussaco, não só o que respeita ás suas belézas naturaes, mas tambem ás suas recordações históricas e patrioticas.

No caso presente entendo dever manifestar a V... os meus sinceros agradecimentos pela importancia que liga á bibliotecasinha, que gostosamente fundei, no anno de 1897, quando pela primeira vez fui director do monumento militar do Bussaco; e julgo-me feliz por ser talvez o primeiro, se não o unico, que corresponde ao seu apelo em busca da musica intitulada *Batalha do Bussaco*.

Com effeito tenho archivada, na pequena biblioteca, a musica com este titulo, dizendo mais o frontispicio o seguinte:

Peça Militar, e Historica Para Forte Piano

Dedicada ao Vallor e Gloria do

Exercito Anglo-Luso e do seu Chefe

O Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Lord Visconde Wellington

Conde do Vimieiro, Cavalleiro da Ordem do Banho, Gran Cruz da Ordem da Torre e Espada

Por

Antonio Joze do Rego, Criado de S. A. R.

Lisboa

Na officina da Rua das Parreiras, junto ao convento de Jesus n.º 19

Carv.º a fez em Lx.ª em 1811

E em nota referente ao titulo

* Em 27 de Setembro de 1810.

Sendo comandante das Guardas Municipaes o ex.^{mo} General Queiroz, meu superior e amigo, cuja morte ainda pranteio, pedi-lhe para que o conhecido maestro Gaspar, mestre da Banda da Guarda Municipal de Lisboa, instrumentasse a musica em questão.

Um conjunto de circunstancias, como a morte dos dois, e a minha exoneración do serviço, para que ultimamente tornei a ser nomeado, impossibilitaram-me de levar por deante a ideia, que coincide com a de V..., de fazer ouvir a referida musica por ocasião do aniversario da batalha, em 27 de setembro.

Agora, ainda mais animado pela valiosa opinio de V..., procurarei realizar o desejo commum a nós dois.

Renovando os meus agradecimentos a V..., peço licença para me assignar com consideração e estima

De V...,

amigo m.^o obrigado,

Jayme de Castro,

LITTERATURA E ARTE

JESUS E PAN

Um omem deve ser um santo solitario, Ou deverá lotar, ébrio de mocidade? Que devemos fazer? Lutar e trabalhar A' luz dum grande sonho onde germina a Vida? Ou viver para Deus, absortos, a sonhar, D'olhos fixos no céo, á entrada d'uma ermida? Esta vida é o Prazer ou é o Renunciamento? Nos labios uma prece ou o florescer dum beijo? No mundo existe o Mal e o Bem no firmamento? Será uma blasphemia o grito do Desejo? Nossa vida termina, acaso, sobre a terra? E o mais é uma facil e inutil esperança? O corpo é mais a alma hão de estar sempre em guerra? E a vitoria da alma é a Bemaventurança? ... Dentre as ondas do mar, outra vez, nascerás, Oh Venus, mãe do Amôr e irmã da Primavera! Jesus ha de voltar todo perdão e paz, Uma só voz dirá ao homem: — vive e espera! Hão de subir ao mesmo altar Jesus e Pan... As Nymphas beijarão os anjos do Senhor. Maria ha de chamar a Venus sua irmã E o tronco duma cruz ainda hei de vê lo em flôr! E' preciso ligar, fundir na mesma luz A vida d'este mundo e uma existencia ideal; A alegria de Flora e a paixão de Jesus, O beijo creador e a prece virginal! E' preciso reunir na mesma comunhão A aspreza do mundo á doçura do céo, A leveza do lirio ao peso do alvião, E ao canto do trabalho a tua lira, Orfeu! A alma umana á de saber compreender Todas as almas, tudo quanto sofre e chora... No mesmo grande amôr á de tudo abranger, Desde o pranto da noite aos sorrisos da aurora! Ha de ligar no mesmo abraço extraordinario A luz dum doce olhar e o clarão duma estrela; Uma sombria cruz erguida num calvario E o corpo virginal de mistica donzela... A' de fundir no mesmo beijo cristalino Os lábios da mulher e a chaga delorida; Tudo o que é d'este mundo e tudo o que é divino, Tudo o que encerra em si o ábito da Vida! E' preciso que saiba o omem conhecer, No seu intimo ideal, as cousas que murmuram... E' preciso subir aos astros e descer Ao fundo duma flôr, onde outros soes fulguram! Preciso é ouvir a voz de todo o labio mudo E ver o que á de luz em cada sombra triste. É preciso amar tudo e compreender tudo, Só neste sábio amôr a Perfeição existe! Devemos estudar, cheios de comoção, A rosa que murchou ao fôgo duma magoa... Que vá precipitar se o nosso coração Nesse abismo sem fim que á numa gôta dagua! E' preciso sentir, soffrer todo o martirio, De cada cbsa obscura o espirito alcançar... Conversar com a luz, conviver com um lirio, Nossos labios unir aos labios do Luar! E' preciso viver, Senhor, todas as vidas, Das arvor's entender a sua lingua estranha... Ser o sangue aureoral de todas as feridas, Ser estrela, ser luz, ser nuvem, ser montanha! Cada alma á de sentir em si todas as almas, Cada sêr viverá a vida universal... A vida duma estrela em doces noites calmas E, num magoado outomno, a vida dermo val!... A alma viverá na oculta consciencia Que brilha numa flôr e nas nuvens da serra... Nossa alma á de viver na creadora essencia Que na arvore do Azul pôz este fruto, — a Terra! E a nossa alma será um infinito lar, Onde todo o Universo, em chamas de fulgor, O proprio coração de Deus á de alcançar, Irradiando a Justiça, a Verdade e o Amôr!... Só então, meus irmãos, tereis a felicidade Na clara comprehensão de toda a Natureza... Felizes vivereis a vida da Verdade, Porque só na Mentira é que existe a tristêza!... E assim como uma bruta pedra regelada, De tanto desejar, de tanto estremecer Fica num coração, ás vèzes, transformada, Num perfume subtil ou numa estrela a arder, Assim o vosso humano e fragil coração, De tanto viajar por esse azul dos céos, Há de alcançar, um dia, a eterna Perfeição E sentar-se no trono etéreo de Deus!

Teixeira de Paschoaes.

Tourada

E' hoje a última tourada da presente época tauromaquica no Coliseu Figueirense.

O tempo, que este ano tãam desfavoravel foi a empresa do Coliseu, tendo feito transferir touradas e reduzindo assim o número delas, portou-se desta vez com uma galantaria fidalga para a Maestrick, a unica mulher que toureia a cavallo, e que sabe tourear.

O curro é composto de oito touros cuidadosamente apartados nas manadas de José Affonso.

Vem abrilhantar a corrida Rafael Toledo, el Paleño, com a sua quadilha.

De Coimbra espera-se grande concorrência, tanto mais que já por cá andam muitos estudantes que não faltarão a esta bella digressão.

Acha-se em plena convalescência o sr. dr. Souza Rêios, que ultimamente em Espinho tivera um recrudescimento dos seus padecimentos.

As nossas felicitações.

A concorrência ás aguas termas de Luso tem sido este ano maior que o costume, e accentuou-se assim a opinião que aqui temos mais do que uma vez exposto de que estas excellentes aguas medicinaes não sam mais concorridas porque os clinicos em geral as desconhecem.

A empresa não tambem empregado todos os esforços que devia para vulgarizar o seu uso e tornar conhecidos os ultimos resultados que tem dado.

A empresa de Luso parece desconhecer o reclamo, e vae ainda com os processos antigos, timidamente, talvez com medo que o modernismo acabe com o encanto primitivo daquela estação termal.

Dizia um antigo tipografo da imprensa da Universidade, com este espirito de observação que só dá a convivência dos sabios, que quem tirou os burros ao Bussaco acabou com a poesia ás coisas.

A empresa de Luso parece estar no mesmo caso. Tudo ali é primitivo, aldeão e simples.

Apezar disso, porem, a concorrência vae aumentando de ano para ano. A ultima estatística publicada acusa:

Estabelecimento antigo

Matriculas de 1.ª classe a 200 rs.	110
Ditas de 3.ª a 100 rs.	23
Banhos de 1.ª classe a 220.	473
Ditos de 2.ª a 100.	1177
Ditos de 3.ª a 60.	204
Irrigações a 100.	58
Pulverisações a 100.	34
Banhos a pobres.	69

Estabelecimento anexo

Banhos de imersão a 300.	320
Ditos de natação na piscina a 200	320
Ditos de douche a 300.	365

(38) Folhetim da "RESISTENCIA,"

T. GAUTHIER

FORTUNIO

XXII

Pedimos ao leitor que se lembre dum certo leito de limoeiro, de pés de marfim, cortinas de cazemira brancas, que se encontra no começo deste bem fadado volume.

Junte-lhe mentalmente uma segunda travessera, ornamentada com ponto de Inglaterra, faça correr sobre os linhos preciosos de Holanda a torrente de cabelos de Mussidora, como dois rios que correm sem se misturar, e terá completo o quadro.

Não tentaremos contar dia a dia, ora a ora a vida que levam os dois amantes.

Onde averia linguagem de suavidade bastante para dar conta dos adoráveis nadas, das encantadoras creanças de que se compõe o amor?

Como dizer em prosa umilde aquélas bellas noites, mais brancas que o dia, os longos extases, os encantos profundos, a voluptuosidade levada até ao frenesim?

Como contar o desejo infatigavel, renascendo das cinzas, como a fenix,

Venda de água
Para particulare e depósitos. . . 7:207

Receitas diversas
Garrafas vazias, de 20 litros a 10000 rs. 11
Ditos de 15 litros a 800 9
Ditos de 10 litros a 600 14
Aluguer de roupa, 432280; rendimento da balança, 82120 réis.

No dia 12 deste mês terá lugar a reunião anual dos directores dos observatórios de Coimbra, Lisboa, Porto e Açores para combinarem e estabelecer definitivamente o plano dos trabalhos que deve ser uniforme em todos os observatórios.

Tem estado em Coimbra o sr. dr. Daniel de Mattos, de visita a uma doente, a quem ultimamente foi feita a operação cesariana pelo sr. dr. Refoios.

O filho da operadagosa excelente saúde e a mãe acha-se tambem já livre de perigo.

No dia 30 do mês passado descarriou o comboio de Lisboa, ao passar em Pontela, em frente da casa do sr. Antonio Soares Coronel.

A causa do descarrilamento foi quebrar-se o eixo do tandem, afocinhando a maquina.

Não houve desastres pessoas a lamentar.

Por este motivo teve trasbordo no tramway de Coimbra que chegou á Figueira com uma hora de atraso.

No dia 18 de outubro proceder-se-á na sala das sessões do conselho administrativo da Escola Nacional de Agricultura, pelas 11 horas da manhã á licitação para o arrendamento por lotes e por o prazo de três anos dos camalhões denominados Roxanes, Remolhos S. Thiago e Vagem Grande.

As bases de licitação podem ser examinadas, todos os dias úteis, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde na secretaria da mesma escola.

A adjudicação fica dependente da aprovação superior.

Acha-se em reclamação na repartição de fazenda, desde o dia 1 ao dia 10 do corrente mês de Outubro, a matriz da renda de casas correspondente a este anno.

A colheita do sal, na Figueira da Foz, apezar de ter sido prejudicada pelas ultimas chuvas que inutilizaram muito sal, ainda não recolhido, é este anno muito abundante.

Foi dada permissão para destilar alcool nos seus alambiques aos srs. Manuel Joaquim Borges e José Vizeu, de Coimbra.

sempre mais ávido, sempre mais ardente, sem cair na linguagem mais ridicula?

Fortunio tinha-se deixado penetrar pela paixão de Mussidora.

O amor verdadeiro é contagioso, mais contagioso que a peste.

Apezar de scético, apezar de parecer levar a vida zombando, Fortunio não tinha a secura de coração que costuma produzir a saciedade dos prazeres muito precoces e muito faceis.

Odiava mais que a morte a visagem da sensibilidade, e não se deixava por forma alguma seduzir pelas afecções.

A hipocrisia do amor era a que mais o irritava, e ficava, apezar de tudo, impressionado pelo mais pequeno sinal de afeição verdadeira: não poderia tratar mal uma farrapeira, ou um cão tihoso, que se aproximassem d'ele a acaricia-lo, que o amassem verdadeiramente.

Apezar das suas imensas riqueças lhe facilitarem o acesso e a posse de todas as realidades brilhantes e esplendidas, a pequena flor azul do amor ingenuo abria-se docemente num canto do seu coração; um serralho de duzentas mulheres e o favor de todas as cortezãs do mundo não o tinham fatigado.

Era mais artista que um diplomata octogenario, e mais candido que Cherubim aos pés de sua madrinha.

Tinha levado a vida de D. Juan, e teria passeado com uma colegial de

Gabões de Aveiro



Ex.º Sr. — Como a época invernal exige um bom agasalho, venho lembrar a V. Ex.º o **Gabão Elegante d'Aveiro**, o unico agasalho até oje conhecido para combater o frio, vento e chuva.

O titulo **Gabão Elegante d'Aveiro**

é propriedade minha á muitos annos. Porém, em Aveiro e noutras terras do país, annunciam o **Gabão Elegante**, mercadores de quem não podem ser acreditados os seus clamores por que sam uns simples vendedores retalhistas de fazendas e não conhecem a arte.

Lembro a V. Ex.ª que não se illumam com esses reclamistas, sem consciencia do que annunciam, porque esses gabões sam feitos por qualquer quidam para expor á venda no seu estabelecimento.

O meu Gabão é conhecido nas principaes cidades do país, taes como Lisboa, Santarem, Leiria, Figueira da Foz, Coimbra, Porto, etc., etc.

Agradecendo desde já as suas apreciaveis ordens, ás quaes diligenciarei dar completo execução, subscrevo-me com muita estima.

Anadia — Outubro de 1903.
Joaquim José de Pinho

Rudimentos de agricultura

POR ANTONIO X. PEREIRA COUTINHO
Livro aprovado no ultimo concurso pela Direcção geral d'instrução publica
Preço pelo correio, 280 réis

A' venda em todas as livrarias do continente, ilhas e ultramar, e na casa editora LIVRARIA AILLAUD, rua do Ouro, 242-1.º — Lisboa.

vestido de setim verde nas margens do Lignon.

Deixava-se arrastar tranquilamente pelas contradicções as mais extravagantes, e tratava o menos possivel de ser logico.

As paixões levavam o, para onde queriam, sem nunca tentar resistir-lhes; era bom pela manhã, e mau á noite, mais vezes bom que mau; porque tinha excelente saúde.

Era bello e rico e, por inclinação natural, achava o mundo bem regulado; mas, decididamente, fosse qual fosse o seu umôr era o que parecia ser.

Concebiam muito bem as coisas mais diversas; amava igualmente o escaurte e o azul celeste; mas detestava as frases dos romances e o calão da moda, e o que o tinha encantado em Mussidora era principalmente o ter-se entregado sem o conhecer e sem lhe dizer nada.

Não se falava noutra cousa senão na victoria de Mussidora sobre Fortunio selvagem e fugidio, agora singularmente domesticado: a pequena gata parisiense de olhos verdes tinha domesticado o tigre indio; tinha-o preso pelo seu amor, jaúla cujos ferros imperceptiveis eram mais fortes que as grades do mais forte aço.

Parecia tel-o fascinado completamente, e a pobre da Sudja-Sari devia estar bem abandonada; a sua belésa fóra vencida pela gentilésa de Mussidora.
(Continúa).

NOVIDADE LITERARIA
ANNIBAL SOARES
AMBROSIO DAS MERCÊS
(Memórias)
Preço 600 réis

ANUNCIOS
ESCOLA NORMAL
Vende-se uma coleção de livros para o primeiro ano em segunda mão. Para tratar rua da Sofia, 66 e 68, Coimbra.

COMIDA
Em casa de familia respeitavel fornecem-se jantares de 200 réis para cima, bom serviço e accio, e comida mensal de 120000 até 150000 réis. Rua do Correio, 13.

Alfaiateria Guimarães & Lobo
54 — RUA FERREIRA BORGES — 56
(Em frente ao Arco d'Almedina)

Abriu este novo estabelecimento onde se executa com a maxima perfeição e modicidade de preços, toda a qualidade de fatos para homem e creança, para os quaes tem um variado sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Ha tambem uma grande variedade em flannels e panos pretos para capas e batinas, para todos os preços. Artigos para homem como camisaria, gravatas, luvas, etc. Pede-se ao publico a finésa de visitar este estabelecimento.

OFICINA DE OURIVES
Vende-se junta, toda a ferramenta que compunha uma oficina de ourivesaria em que trabalhava um artista. Largo de S. João n.º 6 — Coimbra. Casa de penhores.

CARROÇA DE PRAÇA
Quasi nova e construida em mangue, vende-se barata. Quem pretender, dirija-se a Fernão Pinto da Conceição. Escadas de S. Tiago. — Coimbra.

MARGINADOR
Precisa-se um com prática na typografia França Amado.

O amigo do povo de Coimbra

Agostinho Rodrigues da Bella, proprietario da **Padaria Popular**, Largo da Freiria, n.º 12 e 13, á rua dos Sapateiros, participa ao publico que acaba de receber farinhas escolhidas nas mais acreditadas fabricas de Lisboa com o fim de satisfazer bem as exigencias de todo o consumidor muito particularmente pelo que respeita ao saboroso paladar que em geral resulta da boa qualidade e esmerado accio na manipulação.

Além disso o seu proprietario com atividade e zelo envida os melhores esforços para montar o seu estabelecimento em rigoroso confronto com os mais aperfeiçoados do país, seguindo o moderno sistema de fabricação empregando sempre a agua filtrada.

Assim espera obter a preferencia do publico que lucra duplamente em igiênc e qualidade de pão fino, relativamente barato, porquanto o anunciante compra de pronto as farinhas.

Convida, pois, o publico a visitar este esmerado estabelecimento.

Manda o pão a toda a ora aos domicilios dos freguezes.

Escola Academica de Coimbra
ENSINO PRIMARIO E SECUNDARIO
Director — Dr. Sousa Gomes
Reabrem as aulas no dia 8 de outubro.

ANUNCIO
Vende-se a quinta da Cumeada que pertenceu ao falecido conselheiro dr. Pedro Augusto Monteiro Castello Branco.
Quem a pretender pôde dirigir-se a João Henriques Barbas té ao dia 10 do corrente, residente na mesma quinta e daí em deante no Ervedal da Beira. Não vendendo arrenda-se a um ou varios arrendatários.

POLYPHON
Aparelho artistico muito aperfeiçoado tocando 35 musicas diferentes. Movei rico para sala.
Vende-se no Café Montanha.
Largo do Principe D. Carlos.

COMPANHIA EQUIDADE
Seguros de vida de animaes (boi, vacca, cavallo e muar) ao premio de 3 % do valor do animal
Agente em Coimbra,
Joaquim António Pedro.
Em casa do sr. António Rodrigues Pinto.

REFORMADORA
Companhia de Seguros contra fogo
LISBOA
João Simões da Fonseca Barata, rua da Louça, encarrega-se de tomar seguros de prédios, mobilia, estabelecimentos e portaes para esta companhia.

TEATRO PRINCIPE REAL
COIMBRA
Recebem-se propostas para arrendamento.
Tratar com Mendes d'Abreu — Coimbra.

Venda de propriedades
Com bom rendimento, vendem-se á quinta de Santa Cruz alguns prédios de recente construcção.
Para tractar: Benjamim Ventura, rua de Sá da Bandeira, n.º 5, junto á estação de incendios ou António Pedro, rua Oriental de Mont'arroyo, n.º 14.

Senhora, sabendo tudo que é dado a uma verdadeira dona de casa, especialidade em vestidos, e trabalhando pelos figurinos, ensina a cortar e a bordar a branco e a côr.
Offerece os seus serviços na rua do Correio, n.º 11, indo tambem a casa das freguezas.

ESTAÇÃO
Jornal Illustrado para familia
PREÇO DA ASSIGNATURA
Um anno 50000
6 meses 25000
3 meses 15400
1 número 240

Este jornal impresso em Portugal é o melhor, mais bem redigido e com mais actualidade pelas suas magnificas gravuras em preto e colorido.
LIVRARIA ERNESTO CHARDRON
José Pinto de Sousa Lallo & Irmão, Succesores
PORTO

CONTOS DAS CRIANÇAS
POR
Maria Pinto Figueirinhas
Preço 300 réis — Livraria Editora de José Figueirinhas Junior — Rua das Oliveiras — Porto.

PASTELARIA E CONFEITARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

COIMBRA

N'esta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos d'esta naturêza.

Dôces de ovos dos mais finos paladares e delicados gostos, denominados *dôces sortidos*, para chá e *soirées*, em grande e bonita variedade que difficil se torna enumerar-la.

Dôces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em sêcco, como crystallizados, rivalisar com os estrangeiros.

Pastelaria em todos os generos e qualidades, o que ha de mais fino e saboroso, especializando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primorosa phantasia, denominadas *Centrosde mesa*, *Castellos*, *Jarrôes*, *Lyras*, *Floureiras*, *Lampreias*, etc., etc., próprias para banquetes.

Pudings Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá café e de ructas diversas, vistosamente enfeitados.

Pão de ló pelo systêma de Margaride, já bem conhecido nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Maiera, Moscatel, Collares, Champagne, Cognacs Licores finos, etc. das melhores marcas nacionaes e estrangeiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

Amendoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo-se pureza dos assucares com que sam fabricadas.

Conservas nacionaes e estrangeiras, chás verdes e pretos, passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyère, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.

Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32.

José Marques Ladeira & Filho

Empreiteiros das Companhias de Illuminação a Gaz e Aguas

4 — Praça S de Maló — 4

COIMBRA

Canalisações para agua e gaz

Lustres, lyras, lanternas e candieiros para gaz, machinas de aquecer agua a gaz para banhos, tubos de lona, borracha, latão e chumbo, lavatorios, urinoes retretes e bidets, torneiras de metal de todas as qualidades, cartão e corda de amianto, e borracha em folha.

PREÇOS ESPECIAES EM TUBOS DE FERRO

Fazem-se trabalhos fóra da cidade

L. M. LILLY, Engenheiro

Machinas agricolas de toda a qualidade.

Machinas para fiação e tecelagem para todos os tecidos.

Machinas para fazer soda-water, gazosas, gêlo, etc.

Machinas para fazer papel continuo, cartão, etc.

Machinas para lavar, engommar e desinfectar roupa.

Machinas de vapor e de gaz, caldeiras e bombas.

Machinas de escrever, de systema YOST.

Correias de pêllo, de couro, de borracha, empanques, etc.

Materias primas de todas as qualidades.

Installações, desenhos, montagens.

Facilitam-se pagamentos.

REPRESENTANTE

JOÃO GOMES MOREIRA

COIMBRA

Agua da Curia (Mogofores — Anadia)

Sulfatada - Calcica

A unica analysada no paiz, similhante á afamada agua de CONTREXÉVILLE, nos Vosges (França)

INDICAÇÕES

Para uso interno: — *Arthritismo*, *Gotta*, *Lithiase urica*, *Lithiase biliar*, *Engorgitamentos hepaticos*, *Catarrhos vesicaes*, *Catarrho uterino*.

Para uso externo: — *Em diferentes especies de dermatoses*.

As analyses chimica e microbiologica foram feitas pelo professor da Escola Brotero, o ex.^{mo} sr. Charles Lepierre.

A' venda em garrafas de litro — Preço 200 réis

Deposito em Coimbra — PHARMACIA DONATO

4, Rua Ferreira Borges, 6

SERRA DA ESTRELLA

PENSÃO MONTANHA

(A 1:500 METROS DE ALTURA)

Abriu em 1 de maio esta nova casa bem situada, proxima do Observatório e Estação Telegrapho-Postal.

Recebe pessoas que queiram tratar-se de doencas do peito.

Recommenda-se pelo seu bom tratamento.

Tem optima estrada desde a estação de Gouvêa até á porta.

Medico a qualquer hora

Para mais informações, o seu gerente: Antonio Mendes da Luz.

HOTEL COMMERCIO

Praça do Commercio e Rua das Flores

Figueira da Foz

Este magnifico estabelecimento possui todos os melhoramentos que modernamente se podem encontrar em hotéis de primeira ordem. Surprehentes vistas do mar, rio e barra.

O americano — Tramway — que passa em frente do Hotel, offerece toda a commodidade: para a Praia ao preço de 20 réis, Buarcos 50 réis, Cabo Mondego 100 réis; e Caminho de Ferro, chegadas e partidas dos comboios, 20 réis.

Preços do Hotel — 800, 1200 e 1500 réis, incluindo todo o serviço. Vinho a todas as refeições.

O Proprietário,

José Maria Junior

PHONOGRAPHS

Manoel José Telles, Rua Ferreira Borges, n.º 150 a 156, tem um deposito dos magnificos Phonographs Edison de diferentes preços e tamanhos.

Variada e grande collecção de cylindros, com lindas operas, cançonetas, monologos, etc., nacionaes e estrangeiros que vende pelos preços das principaes casas de Lisboa e Porto.

Sempre cylindros com musicas novas e muito escolhidas.

Consultorio dentario

COIMBRA

Rua Ferreira Borges

Herculano Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

Nova Havaneza

Rua de Ferreira Borges n.º 476

Papelaria, Tabacaria, Perfumaria.

Carteiras, malas, caixas de charão, e todos os objectos de escriptorio.

RELOJOEIRO

Manoel José Pereira Machado, empregado, da Relojoaria Paixão, faz publico, que se encarrega de todos os trabalhos concernentes á sua arte, para o que se encontra trabalhando por sua conta ao Arco d'Almedina n.º 7, responsabilizando-se pela perfeição e solidez dos seus trabalhos.

Preços modicos.

AUTOMOVEL

VENDE-SE

Um em bom estado de conservação, força 9 cavalos, 1 cilindro e 4 logares.

QUADRICICLE

Em bom estado de conservação, 3 1/2 cavalos de força e 3 logares.

Almeida, Focha & C.ª

Rua Ferreira Borges, 108

COIMBRA

FABRICA DE TELHÕES E MANILHAS

Premiada na Exposição de Ceramica Portuguesa, no Porto, em 1882, com diploma de merito 1.ª e medalha de cobre na Exposição Districtal de Coimbra, de 1884

Esta fabrica a mais acreditada em Coimbra, em construção e solidez de telhões, manilhas para encanar agua, siphões para retretes, vasos para jardins e platibandas, balaústres, tijolo para ladrilhos de fornos, tijolos grossos para construções e para chaminés, tachos para cosinha á imitação dos de Lisboa, etc. — Todos estes artigos são de boa construção e por

PREÇOS ECONOMICOS

♦ ♦ ♦ Pedro da Silva Pinho Coimbra ♦ ♦ ♦

29, Rua de João Cabreira, 31 — COIMBRA

VIOLEIRO

Augusto Nunes dos Santos

(Successor de Antonio dos Santos)

Premiado na exposição districtal de Coimbra, em 1884, com a medalha de prata; e na de Lisboa de 1890.

Participa aos seus amigos e freguezes que na sua officina se executam todos os instrumentos de corda concernentes á sua arte, assim como os concerta com a maxima perfeição, como o tem provado ha muitos annos.

Especialidade em guitarras de 12 e 15 cordas e violões de 6, 7 ou mais cordas.

Tambem vende cordas de todas as qualidades para os mesmos instrumentos.

16 — Rua Direita — 18

COIMBRA

LUCA

Delicioso licor extra-fino

VINHOS

DA

Associação Vinicola da Bairrada

Grandes descontos aos revendedores

Unico deposito em Coimbra

CONFEITARIA TELLES

150, R. Ferreira Borges, 156

COLEGIO

LICEU FIGUEIRENSE

Instituto particular de educação e ensino

Figueira da Foz

DIRETOR

Dr. José Luiz Mendes Pinheiro

Professor na Universidade e ex-professor no Lyceu Central de Coimbra

Neste estabelecimento ensina-se instrução primaria e instrução secundaria (curso dos liceus e curso comercial). Aulas de ginastica e musica.

Admitem-se alunos internos, semi-internos e externos.

Enviem-se regulamentos, programas e quaesquer informações a quem as pedir ao diretor. otnio dos Oliveas.

PROBIDADE

Companhia Geral de Seguros

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua Ferreira Borges, 165, 1.ª

Tomam-se seguros de prédios, mobilias e estabelecimentos contra o risco de incendio.

SILVA & FILHO

MAQUINARIAS

Fábrica manual de calçado e tamanco

e deposito de alpargatas

EXPORTAÇÃO

COMPANHIA EQUIDADE

Seguros contra fogo aos preços de:

Predios 100
Mobilias 120 Por 100.000 rs
Estabelecimentos 150

Agente em Coimbra,

Joaquim António Pedro.

Em casa do sr. António Rodrigues Pinto.

"RESISTENCIA"

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno 23700
Semestre 13350
Trimestre 680

Sem estampilha:

Anno 23400
Semestre 13200
Trimestre 600

Brazil e Africa, anno. 33600 réis
Ilhas adjacentes, 33000

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assignantes, desconto de 50 %.

Comunicados, 40 réis a linha,
Réclames, 60

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal sôr honrado.

AVULSO 40 réis

♦ ♦ ♦ ACETYLENE ♦ ♦ ♦

Carbureto de calcio francês, rendimento garantido de 300 litros por kilo, os 100 kilos franco — Lisboa, 100.000 réis

Apparelhos, candieiros, lustres, bicos e mais accessorios

NOVA LUZ A GAZOLINA

Poder illuminante — 100 vellas por bico

GASTO: — 5 réis por hora

Mandam-se gratis catalogos e preços correntes

A. RIVIÉRE

RUA DE S. PAULO, N.º 9, 1.º andar

MAQUINARIAS

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Editor

MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redação e administração — RUA DE FERREIRA BORGES, 89, 2.º andar

Officina tipográfica

12 — RUA DA MOEDA — 14

N.º 840

COIMBRA — Quinta-feira, 8 de Outubro de 1903

9.º ANO

Jornaes e jornalécios

A *Folha*, diário de Lisboa, censurando um periodico de provincia escreve:

«A' por este país uma abundancia grande de jornalécios semanaes, quinzenaes e até mensaes que vivem para a intriga local ou para o aproveitamento dos anuncios judiciaes. Alguns á, porém, bem orientados, superiormente dirigidos e respeitadores; outros, então, são uma especie de fraldiqueiros para servir interesses varios ou para atirar ás canelãs dos que protestam contra as poucas vergonhasinhas cá da terra.

A *Folha* põs o dedo numa das grandes chagas da sociedade portuguesa. A imprensa jornalística, como muitas vezes aqui o temos escrito, é um fator de dissolução, é o mais poderoso agente de immoralidade, de perturbação, de desvairamento que se encontra em Portugal. E não só o jornalécio semanal, bi-semanal, quinzenal ou mensal. Tambem a gazeta diaria, que lhe não fica a dever muito. E não só o periodico monárquico. Tambem o periodico republicano.

Nenhum dêles soube colocar o espirito de patria acima do espirito de facção. Nenhum soube sobrepôr a verdade e a justiça ás paixões e interesses de pessoas, de classes, de regiões, de grupos ou partidos. Esta é a verdade, dóa a quem doer.

Oje, um ou outro tenta lutar contra essa corrente pernicioso e aviltante. Mas não pôde. Sucumbe á concorrência interesseira, que explora a depravação do publico.

O mais curioso, porém, é que todos êles, esses mesmo que desmoralizaram e depravaram a massa geral da nação, accusam o povo de ser a causa exclusiva da doença que nos mina. Ora não é preciso reflectir muito para se chegar a concluir, sem a menor hesitação, que um povo barbaro, boçal, ignorante, como o povo português, á de ser, necessariamente, aquilo que forem as classes dirigentes. Destas se recebe o impulso, o exemplo, o governo, a ação, a educação. Se é mau, foram êlas que o fizeram mau. Se está desmoralizado ou depravado, foram êlas que o desmoralizaram ou depravaram.

Sem influencia nenhuma na direção dos negocios publicos, impossibilitado, pela sua ignorancia profunda, de se pronunciar sobre o mais simples dêesses negocios, o povo vogou sempre ao sabor dos interesses e dos vícios dos que disputavam o mando, dos que disputavam do poder. E entre estes não ouve, no meio das suas disputas e na maneira de exercerem esse mando, o menor sentimento de dignidade. Todas as armas e todos os meios lhes serviram, ainda os mais indecoro: os, ainda os mais abjetos.

Neste sentido, se exerceu toda a ação da imprensa portuguesa. Os jornaes foram simples instrumentos das quadrilhas organizadas entre as classes dirigentes e pelas classes di-

rigentes. Instrumentos de rivalidade, de especulação e de vicio. Fundaram-se para mentir, para adular, para caluniar. Foi bom tudo quanto fizeram os amigos e mau quanto fizeram os inimigos. Deante dos partidarios e amigos arrastaram-se ignobilmente, numa ipocrisia revoltante, num servilismo asqueroso. Aos inimigos arremessaram as maiores injurias, dizendo dêles, sem pejo, sem consciencia, sem córar, num mutuo cinismo, arvorado por tódos em norma e regra de boa politica, as ultimas calunias, as ultimas infamias.

Não bastando a politica para os sustentar, espalhados em numero excessivo pelo país, á tremenda desmoralização das rivalidades partidarias, exercidas do modo repugnante que acabamos de dizer, juntaram a tremenda desmoralização da maneira porque tentaram captar o assinante, porque procuraram atrair o leitor, que foi adulando-lhe todas as fraquezas, alimentando-lhe todos os preconceitos, acariciando-lhe todos os vícios.

E assim acabou para o jornalismo português todo o ideal, toda a independência, todo o espirito de solidariedade, toda a nobreza de principios e toda a nobreza de conduta.

Um jornal nosso, com onrosas mas poucas exceções, é uma vergonha. Escreve-o um caixeiro da finança, um caixeiro da politica, um pescador d'aguas turvas, um agente de negocios, um ambicioso da peor especie, um corteção, um engraxador, um setario de orizonte acanhado e restrito, um serventuario mesquinho, raramente um omem. Raramente, raramente! Raramente um omem com justiça, com verdade, com independência, com altivês, com desassombro, com largueza, e juntamente com intelligencia, um omem forte com a sua convicção, pujante com a sua sinceridade.

Raramente! Raramente!

E, na melhor hipótese, um papel com letras, letras frias, letras mortas, que nem instruem, nem como vem. Letras dispostas sem arte, espalhadas a êsmo, que nem, ao menos, deleitam a vista, que nem, ao menos, encantam pela forma.

Pêga a gente num jornal estrangeiro, incluindo os jornaes do Brazil que são escritos por omens da nossa raça e que falam a nossa lingua, e encontra nêles artigos substanciaes, eruditos, profundos, tratando assuntos elevados de politica, de sociologia, de sciencia, d'arte, de literatura. Pêga a gente num jornal português e só vê artigos largos quando se trata do crime ou do escandalo. Então lêem-se. Devoram-se! Fóra disso não se lêem são maqudos. Foi assim que o jornalista educou o publico. E como não se lêem porque são maqudos, quando não á escandalo ou crime é tudo uma série d'artiguêlhos de mexericos e intrigas, sobre o José Luciano, sobre o Hintze, sobre o João Franco, sobre o Beirão, sobre o Alpoim e com o fim unico de in-

formar o publico sobre o que disse o Franco, sobre o que fará o Hintze, sobre se o part do progressista ou do partido reganedor está unido ou desunido e sobre se o rei é pelo Franco ou pelo Hintze, pelo Beirão, ou pelo Telles.

Uma vergonha!

Isto quanto ao jornal. Isto quanto ao diário. Quanto ao jornalécio, como diz *A Folha*, é mais do que vergonha, é torpêsa. A diferença que vae da rameira avinhada e de postigo á mundana de coturno.

A imprensa portuguesa é isso. É o maior elemento de desvairamento, de perturbação, de dissolução que ôje existe nesta terra.

Com onrosas exceções.

Dr. Emigdio Garcia

Na sua visita anual a Coimbra, está entre nós o sr. dr. Emigdio Garcia, figura proeminente do partido republicano, bem conhecido pela sua propaganda sempre ativa e sempre intelligente.

O sr. dr. Emigdio Garcia, que foi um dos vultos mais notaveis do professorado da Universidade pela forma como dirigiu o ensino, insuflando na cauetica faculdade o espirito moderno, foi tambem um dos que mais influencia teve na propagação das idéas republicanas, proclamando-as do alto da cathedra, subordinando lhes os atos da sua vida familiar.

Acompanha-o sua ex.^{ma} esposa e seu filho dr. Manuel Garcia, advogado distinto nos auditorios de Lisboa.

Antonio Garcia, o filho mais novo, deve ter chegado a Italia para onde foi, com saúde dos paes extremosissimos, aperfeiçoar-se na arte do canto.

A sua bela voz de tenor, forte e extensa, muito admirada mesmo pelos cantores, garante-lhe um lugar primacial no mundo lirico.

Isso deve ser o bastante para socagar a tristesa inquietada dos paes, alitua dos á vel o rir, na alegria descuidada da sua alma simples e boa.

Boas vindas.

Adega Regional

A colheita de vinho, este ano muito irregular, foi tambem diminuta no distrito.

Dos nossos vinticultores poucos tiveram mais vinho que o ano passado, em que a colheita já foi escassa.

Em geral, ouve menos vinho.

E porêr muito superior em qualidade á dos anos anteriores.

Esta diminuição na colheita faz com que se estejam vendendo nas tabernas misturas com nome de vinho, verdadeiramente execraves.

Para isso deviam olhar cuidadosamente as autoridades a quem está confiada a salvaguarda da saúde publico.

Era conveniente que a esses trabalhos, e eo resultado das analizes se desse á maior publicidade, e para isso deviam ser comunicados á imprensa.

E assim se deve fazer para não estarem a ser lesados os negociantes que escrupulizam em vender vinho verdadeiro e que tem de combater a concorrência dos falsificadores.

O preço do vinho tem aumentado consideravelmente, apesar da sua pessima qualidade.

A Adega Regional de Entre Duro e Liz tem porém mantido os preços, e fez até redução nas vendas por junto.

Começa pois a fazer-se sentir já a influencia regularizadora no preço das vendas, que nós aqui já tínhamos previsto.

Os vinhos da Adega Regional são

excelentes e á algumas marcas superiores.

A venda na Adega tem aumentado consideravelmente em Coimbra, e já começa a ser recebido o vinho da sua proveniencia muito favoravelmente em Lisboa e Porto.

E assim continuará afirmando-se o successo desta recente instituição, se as direções futuras tiverem a mesma esrupulosa onradez que distingue a actual direção.

E a falsificação tem se feito mesmo nos arredores de Coimbra, suprimindo com agua, assucar e matérias corantes o vinho que, á duas colheitas, lhes falta.

Foram solicitadas reparações na casa da guarda militar da Penitenciaria de Coimbra.

Policia

O estado de policiamento das ruas de Coimbra continua sendo vergonhoso.

Não é exagero dizer que nunca se viu tanto, como agora o abandono das ruas, tomadas toda a noite por bandos de arruaceiros que dizem alta voz as maiores obscenidades.

Pessoas que visitaram ultimamente Coimbra queixaram-se da forma descortez como eram tratadas, e das grosserias que se viram obrigadas a ouvir á garotada que tem a sua escola no largo da estação.

Numa das ultimas noites chegou a aver tiros, motivados, dizem, por chufas dirigidas por um grupo que passou em serenata para contentamento e alívio d'ocios da policia.

E tudo isto se faz apezar dos protestos repetidos, das reclamações seguidas á policia que se limita a admoestações, deixando ir embora desordeiros contumazes.

Para protestar contra factos desta natureza entregaram ontem os abitantes da rua Direita a petição seguinte ao sr. commissario de policia:

Os abaixo assinados moradores na rua Direita nesta cidade de Coimbra, frequentes vêzes se tem dirigido ao commissario de policia queixando-se de Emilia Rasteira e de sua irmã Maria Isabel Rasteira e marido Manuel Francisco, pela pessima visinhança, os quaes tendo sido chamados algumas vêzes á presença de v. ex.^a e de seus ex.^{mos} antecessores têm sido admoestados; porêr sã incorrigiveis, pois é raro o dia em que não provocam barulhos e altercações com seus visinhos ou com quem passa, proferindo nessas occasiões as maiores obscenidades; e tanto assim que já têm sido condemnados repetidas vêzes por crimes de offensa á moral publica, e d'outra natureza, como se pôde provar com certificado de registo criminal; nestas circunstancias, convencidos que tees individuos não tomam emenda, e desejando o seu socego e evitar maus exemplos para seus filhos, recorrem respeitosa-mente a v. ex.^a a fim de que, informando-se da verdade do exposto, se digne providenciar para que tal gente seja expulsa daquella rua.

Sã frequentes tambem os escandalos provocados pela garotada que persegue inofensivos tipos das ruas, exasperando os até os vêr vomitar as maiores obscenidades que sã ouvidas com delicia e comentadas no meio de risos e palmas ruidosas.

Ao sr. commissario de policia recomendamos este estado vergonhoso, pedindo-lhe organize o serviço policial por forma a evitar estes tumultos e arruações em que a linguagem se arrasta pelas baixas obscenidades.

O mesmo pediriamos á companhia dos caminhos de ferro pois se queixam os viajantes de que só em Coimbra succede ouvir se á chegada a linguagem mais desbragada que chega por vêzes ao insulto.

CIRCUITO DAS BEIRAS

Por iniciativa do *Portugal Chauffeur* realizar-se-á nos dias 29, 30 e 31 do corrente e 1 de novembro um concurso de carruagens automoveis e motocicletas ou motocicletas.

Os veiculos inscritos farão o circuito das Beiras.

Regulamento do concurso

Artigo 1.º — O concurso é especialmente destinado a desenvolver em Portugal o interesse pelo turismo, levando ao conhecimento do publico as qualidades praticas do automovel nas nossas estradas, e a servir de ensinamento aos condutores portugueses para a boa conduta dos veiculos acionados por motores.

Art. 2.º — O concurso terá lugar nos dias 29, 30 e 31 de outubro de 1903, sendo no primeiro dia percorrida a estrada de Coimbra, Condeixa, Peneda, Cabaços, Sernache do Bom Jardim, Certã, Castelo Branco, 150 kilometros.

No segundo dia: a estrada — Castelo Branco, Alpedrinha, Fundão, Covilhã, pela Gaya á Guarda, 96 kilometros.

Terceiro dia: — Guarda, Celorico, 27 kilometros; Vendas de Galizes, 50 kilometros; Ponte da Murcela, Coimbra, fazendo uma etape total de 160 kilometros.

Art. 4.º — A partida será dada ás 7 horas da manhã, do principio da Estrada da Beira (Coimbra), estando o veiculo parado.

A chegada, no terceiro dia, será em igual sitio, igualmente o veiculo parado.

§ 1.º Deve ser entendido, que no caso de, o automovel ou a motocicleta, passar a linha de chegada, ou devido á má condução, ou a maus travões, terá de recuar, só lhe sendo o tempo marcado, após o estar parado sobre a linha de chegada.

§ 2.º A posição do veiculo deverá ser, para a partida e para a chegada, a meio sobre a meta.

Idênticas prescrições serão observadas á partida e chegada, tanto em Castelo Branco como na Guarda.

Art. 5.º — A chegada da 1.ª e 2.ª etape, serão entregues, ao presidente do juri respetivo, que será competente para a boa guarda, todos os veiculos concorrentes, até á hora da partida no dia seguinte.

§ unico. É absolutamente proibido aos condutores o fazerem qualquer reparação ou aprovisionamento após a chegada dum etape e partida da seguinte.

a) Tendo o nosso concurso por principal fim o premiar o veiculo pratico, obriga a fazer todas as reparações após a partida. Assim os primeiros classificados não serão os mais rapidos, mas sim aquêles que menos tempo estiverem parados na estrada, como seguimento a uma necessidade de reparação ou aprovisionamento, agua, etc.

Art. 6.º — No concurso, os veiculos inscritos sã distribuidos nas seguintes categorias:

1.ª categoria, aberta a todos os automoveis acionados por motores a um cilindro.

2.ª categoria, aberta a todos os automoveis acionados por motores a dois cilindros.

3.ª categoria, aberta a todos os automoveis acionados por motores de 3 ou mais cilindros.

4.ª categoria, aberta a todas as motocicletas ou motocicletas.

§ unico. Intende-se nessa categoria todos os veiculos de duas, tres ou quatro rodas, de peso não superior a 150 kilos.

Premios

Art. 7.º — Um diploma de turista será conferido pelo *Portugal Chauffeur*.

Manuel Oliveira Amaral

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Editor

MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Officina tipográfica

Redação e administração — RUA DE FERREIRA BORGES, 89, 2.º andar

12 — RUA DA MOEDA — 14

N.º 841

COIMBRA — Domingo, 11 de Outubro de 1903

9.º ANO

Republica e Socialismo

O que se está passando em Lisboa com a eleição proxima do municipio é uma prova da decadencia miseravel a que chegaram no nosso país as fâçoes monarchicas.

Apezar dos governos terem abusivamente acabado com todas as prerogativas municipaes, reduzindo os municipios a simples commissões do poder central, sem vida propria, completamente dependentes dos governos monarchicos que se não escondem para lhes fazer sentir a sua autoridade, vâm tã turvos os tempos, que o mais pequeno movimento que indique a vida do partido republicano, levanta o panico nos arraiaes monarchicos e faz acabar rapidamente resentimentos antigos para se unirem todos na luta contra o inimigo comum.

E é de vêr como os mais abandonados por terem caído, á muito no desprêso do publico, farto de lhe conhecer as manhas, sãm amimados pelos governantes que esperam obter vitória facil, empregando os seus expedientes e artificios.

Não á galopineiro baixo, ministro eleicoiro abandonado que não tenha agora o favor governamental, e não veja a sua palavra escutada com atenção e seguida com o escrupulo e a meticulosidade de uma formula de ritual.

Em Lisboa vive-se agora em pleno furor de anedota eleitoral, e não se pensa e não se fala senão dos sucessos e vitórias passadas dos eleicoiros de renome.

Tem a capital o aspêto repugnante dum campo de corridas de cavalos na secção dos jogadôres. Por toda a parte se segreda, por toda a parte se intriga.

Estudam-se os eleitores como os jokeis, e como os jokeis se compram os galopins mais sabidos em falcatrás eleitoraes.

Aposta-se como nos jogos de azar, quando é conhecida a falta de probidade do banqueiro.

E nesta intriga baixa anda todo o mundo monarchico, desde o taberneiro que á de vender o vinho até ao ministro de estado que áde pagá-lo.

O dinheiro corre em abundancia e toda a burocracia se agita no meio da luta das ambições, e apezar de tanta atividade, a lista monarchica tem custado a organizar, ao passo que a republicana appareceu rapidamente como manifestação valiosa da união dos elementos republicanos da capital.

Dêste último facto resulta o medo e anciedade angustiosa que se revela na imprensa monarchica, cuja linguagem é cheia de dúvidas e receio.

As conferencias dos ministros com os vereadores actuaes multiplicam-se, á medida que se vai aproximando a data das eleições.

Não deixa de ser instrutivo o confronto entre o que se passa em Lisboa e o nobre exemplo da camara municipal de Paris, exprimindo o sentir e o pensar da população parisiense, pronta a combater sempre pelos idéaes mais avançados, embaraçando por vezes até a acção do governo da republica.

Apezar da istória contemporanea registrar a cada momento as crises em que o proceder altruista da vereação de Paris tem posto tantas vezes os governos da republica francesa, sempre estes respeitáram a sua acção, o seu pugnar na defêsa das liberdades municipaes, o socôrro pronto e eficaz a todas as mizerias, a que a luta social sujeita as classes democráticas.

A republica tem sido sempre, pelo respeito ao municipio de Paris, a amiga e a colabrador da obra de evolução socialista.

E é a acção moralizadora da republica que vai deixando evoluir socegradamente, na força dominadora do trabalho feito em plena paz, a grande causa do socialismo.

Os governos da republica tem colaborado com o municipio de Paris na debelação de todas as crises, apezar de conhecerem muito bem quanto era favoravel á causa do socialismo, tam ardentemente advogada pelos edis parisienses, o apoio que deram sempre ás suas pretensões, ás suas reclamações, mais avançadas.

E por um trabalho demorado e lento se foram assim infiltrando os elementos democraticos avançados, os vultos socialistas que fazem ôje a onra e a gloria do governo da França.

O triunfo das idéas democraticas socialistas é a maior gloria dos governos republicanos da França.

E' para notar tambem, que apezar das sugestões de todo o partido catolico que falsamente se chama — Democracia cristã, Socialismo cristão —, nunca os socialistas caíram no erro grave de se juntar a partidos retrógrados para combaterem a republica.

Na republica estava toda a força que garantia o triunfo do socialismo, só a republica podia manter em respeito tantos e tã fortes elementos coligados contra a causa da democracia.

A epoca é pela liberdade e pela justiça, o sentimento umano vae para a piedade do povo que sofre.

E' esse ideal de filantropia e de amor que a humanidade segue em todo o mundo.

E' esse que á de vencer.

Concessão

Baixou do conselho superior de obras publicas e vae ser submetido a despacho do sr. ministro das obras publicas o requerimento do sr. Augusto Eugenio Pereira Forjaz de Sampaio Pimentel para a concessão por 30 anos do exclusivo da tração eléctrica ou ferroviaria na ilha da Madeira.

Escola Normal

Os alunos repetentes do segundo ano da escola normal de Coimbra dirigiram a el-rei o requerimento seguinte pedindo em seu nome e no dos colegas das outras escolas para concluir o curso, sem ser obrigado á frequencia de mais um ano, exigida pela reforma das escolas normaes:

Senhor!

Os abaixo assinados, alunos repetentes do segundo ano das escolas normaes e distritaes, tendo sido compellidos a matricular-se no segundo ano da nova reforma das mesmas escolas, em virtude de uma circular da direcção geral de instrucção publica, e conseguentemente tendo de frequentar depois o terceiro ano do novo curso, julgam que a exigencia, que se lhe faz é injusta e ilegal, pois, quando se matricularam, fizeram-no na espêctativa de completarem um curso de dois anos e não de tres, e, além d'isso, em portaria inserta no *Diario do Governo*, n.º 244 de 28 de outubro de 1902, foi estabelecido um periodo transitorio para o antigo regimen, o que fez prevalecer e adquirir certesa á sua espêctativa de poderem concluir o seu curso segundo o anterior regimen. Da se mais o facto de o novo curso ser desarmonico com o anterior, por forma que os alunos repetentes encontram nos programas dos dois últimos anos do novo curso as materias já dadas no primeiro ano do antigo curso, e deixam de dar outras, que só veem no segundo ano do curso que encetarãram.

Por tã atendiveis razões os requerentes impetram de Vossa Magestade a graça de lhes permitir a conclusão do seu curso segundo o antigo regimen.

Vae ser nomeado professor de alemão do liceu de Coimbra o sr. Hinker, já conhecido nesta cidade como professor de linguas.

O sr. Hinker conhece bem o portuguez, e a êle se deve a publicação dum dos mais interessantes codices portuguezes.

Penã é que a Vida de S. Eloi ficasse apenas publicada no *Instituto* e se não tivessem tirado separatas, porque é in eressantissima pela ingenuidade simples, pela frescura excênica da linguagem.

O sr. Hinker é um professor instruido que áde saber onrar o pessoal docente do nosso liceu.

«O Debate»

Recomeça amanhã a sua publicação este nosso colega de Lisboa que deve achar-se satisfeito pelas palavras que ouviu da imprensa tanto monarchica, como republicana por occasião da sua suspensão.

Nós, felicitando o *Debate*, desejamos-lhe longa vida, como é necessário para bem da causa republicana de que é um dos mais conceituados e valentes defensores.

Foi apresentado á aprovação do sr. ministro de justiça o contrato de arrematação para fornecimento de massas alimentares aos prêsos da cadeia de Coimbra.

Tem-se andado colocando postes na ponte sobre o Mondego para a montagem da linha telefonica entre Lisboa e Porto, que se espera esteja pronta em principios do ano proximo.

O sr. Leonardo de Castro Freire foi interinamente nomeado chefe de divisão nos serviços de exploração da companhia dos caminhos de ferro.

PIO X

A primeira enciclica de Pio X tem sido diversamente interpretada, não todavia das devia selo, como ato politico de valor, como verdadeiramente inspirada pela evolução dos estudos cristãos.

Surpreende aquela linguagem, depois das violencias reacionarias de Pio IX, das argucias politicas de Leão XIII, mas não deixa éla de traduzir, quando examinada com cuidado, a aspiração geral do clero pensante, tã intensamente revelada no amor com que sãm lidas e estudadas as obras de S. Francisco, e dos seus discipulos.

A linguagem de Pio X é a linguagem que tã vibrantemente fala Tolstoi, a renuncia, a riqueza, o amor da umildade; a alegria do sofrimento e trabalho sãm um éco da obra de Dostoiewski, uma vibração apagada de Francisco de Assis, esse pobre de Deus que chamou ao amor dos umildes os imperadores e os papas que dêle andavam alheados.

E' essa voz a que se ouve agora por todo o universo, é essa voz que unifica ôje a aspiração dos cristãos de todas as religioes.

Depois da côrte requintada de Leão XIII, papa erudito com todas as preocupações e cuidados dum papa do renascimento surpreende ver ôje na cadeira do antigo pescador, a umildade que á tanto tempo andava afastada dêla.

Mas a voz que se ouve, não é, como pensou um ômem despirito, a voz dum pregador boçal, é a linguagem que se falou no movimento mais glorioso do cristianismo medieval.

E' a linguagem dos espiritos da sensibilidade mais apurada, dos misticos mais amoveis e mais proximos do espirito de Christo.

Pensar em impérios na ora presente é um crime, e a igreja romana lembrou-se da antiga voz que o ensinára numa epoca affluiva da istória.

As opiniões do cardeal Sarto, a sua simplicidade, a bondade com que tratava igualmente o papa e o rei de Italia eram bem conhecidas dos cardeaes que o escolheram, sabia-as bem a diplomacia europea.

Pio X era estimado pela diplomacia romana, respeitado pelo povo, que lhe conhecia a simplicidade e o amor grande pela familia que tinha numerosa e pobre.

Os primeiros actos do pontificado mostraram bem que o Papa não eludira as esperanças e que continuaria bom e simples.

Nêste movimento o papado tenta aproximar-se de novo da França de que o tinha desviado a politica de Leão XIII, toda de cumprimentos cerimoniaes para Guilherme da Prússia, na politica antiga do papa e do imperador.

Mas Leão XIII e Guilherme II sãm um papa e um imperador fora do seu tempo.

Guilherme II não traduz o espirito alemão, como Leão XIII não representava o espirito catolico.

Na França dava-se uma evolução no cristianismo que aproximava mais uma vez o espirito de dois grandes povos.

Longe da intriga diplomatica, o clero francês cujo ensino nos seminários era cuidadosamente vigiado pela curia, apaixonava-se pela obra do místico S. Francisco e, proclamando o reinado futuro do amor e da umildade, falava uma linguagem muito parecida com a dos grandes espiritos russos Dostoiewski e Tolstoy.

Expulsos, ou antes afastados, prudentemente do ensino dos seminários,

a Sorbone abriu-lhes as portas e ouviu-se então, com assombro a palavra nova de Cristo.

Pio X aproximou-se em ideal á nova escola francesa.

E mais uma vez a igreja catolica, apostolica, romana encontrou uma formula de viver no seculo, mais uma vez, dentro dos seus principios, tem uma marcha favoravel aos seus interesses; porque a França é quem paga os maiores rendimentos da igreja.

Por isso Leão XIII lhe chamava na sua voz tremula de velhinho ironico, a filha mais velha da igreja.

Ella é quem tem o patrimonio...

Obras do Caes

Jã regressãram a Lisboa os engenheiros, que como noticiãmos, tinham sido nomeados para avaliar da justiça das reclamações dos habitantes de Coimbra contra a concessão de terrenos á companhia real dos caminhos de ferro.

Serã brevemente apresentado o relatório, cujas conclusões sãm por ora desconhecidas.

Dizem, porém, informações que poderã considerar-se officiaes, que atendendo a que as obras autorizadas pela companhia já estão feitas, que nada se exigirá á companhia para evitar reclamações e indemnizações.

O parecer dos engenheiros, apezar de ser completamente desconhecido, foi dito em segredo para ir preparando a opinião, a boa opinião de Coimbra que está sempre contente com tudo.

Os srs. engenheiros tiveram a opinião de Mr. de La Palisse: o terrapleno do caes não fica mais estreito do que estava, se o alargarem, encurtando o rio, e construindo mais longe o talude.

Ora essa, ex.ªs senhores, não só não fica mais estreito, como até pode ficar mais largo.

Resta apenas que a obra se faça. Seria bom tambem que se não fizesse com a morosidade istórica das obras do caes, que fizeram esquecer a fama tradicional das obras de Santa Engracia.

Era um bem para o publico, e mesmo para a companhia real dos caminhos de ferro que ficava assim com mais espaço para poder tomar de novo.

O que poderia fazer sem inconveniente, afastando-se outra vez o muro de suporte do caes.

E assim successivamente com o imprevisto e a logica da istória do Vainoden da Transilvania...

Despedidas de verão

Vae o tempo de chuva, dando razão aos meteorologistas e previzores de tempestades.

E sãm ôje as ultimas festividades dos arredores, a despedida das romarias.

Em Ceira faz-se ôje a festividade de Santo Antonio & S. Sebastião, que formaram sociedade para alegria dos rapazes e raparigas do logar.

Em Lordemão realiza-se tambem ôje a festa á Senhora do Desterro, naquella ermida perdida num caminho de loireiros.

Com esta chuva, estas festas que costumam tornar tão alegres a musica tradicional do gaiteiro...

«Povo de Aveiro»

Por erro involuntario, foi retirado por excesso de original, no nosso último numero, a nota em que afirmavãmos a uniformidade de idéias com o nosso colega o Povo de Aveiro donde transcrevemos o artigo *Jornaes e jornalêcos* dando-lhe o logar donra que merecia. Disso pedimos desculpa ao colega

PASTELARIA E CONFETARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

COIMBRA

N'esta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos d'esta naturêza.

Dôces de ovos dos mais finos paladares e delicados gôstos, denominados *dôces sortidos*, para chá e *soirées*, em grande e bonita variedade que difficil se torna enumera-la.

Dôces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em sêcco, como crystalisados, rivalisar com os extranjeiros.

Pastelaria em todos os generos e qualidades, o que ha de mais fino e saboroso, especializando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primeira phantasia, denominadas *Centros de mesa, Castellos, Jarrões, Lyras, Flores, Lampreias*, etc., etc., próprias para banquetes.

Pudings Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá café e de ructas diversas, vistosamente enfeitados.

Pão de ló pelo systema de Margaride, já bem conhecido nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Maiera, Moscatel, Collares, Champagne, Cognacs Licores finos, etc. das melhores marcas nacionaes e extranjeiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

Amendoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo-se pureza dos assucares com que sam fabricadas.

Conservas nacionaes e extranjeiras, chás verdes e pretos, passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyère, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.

Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32.

José Marques Ladeira & Filho

Empreiteiros das Companhias de Iluminação a Gas e Águas

4 — Praça 8 de Maio — 4

COIMBRA

Canalizações para agua e gaz

Lustres, lyras, lanternas e candieiros para gaz, machinas de aquecer agua a gaz para banhos, tubos de lona, borracha, latão e chumbo, lavatorios, urinos, retretes e bidets, torneiras de metal de todas as qualidades, cartão e corda de amianto, e borracha em folha.

PREÇOS ESPECIAES EM TUBOS DE FERRO
Fazem-se trabalhos fóra da cidade

L. M. LILLY, Engenheiro

- Machinas** agricolas de toda a qualidade.
- Machinas** para fiação e tecelagem para todos os tecidos.
- Machinas** para fazer soda-water, gazosas, gèlo, etc.
- Machinas** para fazer papel continuo, cartão, etc.
- Machinas** para lavar, engommar e desinfectar roupa.
- Machinas** de vapor e de gaz, caldeiras e bombas.
- Machinas** de escrever, de sistema **YOST**.
- Correias** de pêllo, de couro, de borracha, empanques, etc.
- Materias primas** de todas as qualidades.
- Instalações, desenhos, montagens.**
- Facilitam-se pagamentos.**

REPRESENTANTE

JOÃO GOMES MOREIRA

COIMBRA

Água da Curia (Mogofores — Anadia)

Sulfatada - Calcica

A unica analysada no paiz, similhante á afamada agua de **CONTREXÉVILLE**, nos Vosges (França)

INDICAÇÕES

Para uso interno: — *Arthritismo, Gotta, Lithiase urica, Lithiase biliar, Engorgitamentos hepaticos, Catarrhos vesicaes, Catarrho uterino.*

Para uso externo: — *Em diferentes especies de dermatoses.*

As analyses chimica e microbiologica foram feitas pelo professor da Escola Brotero, o ex.^{mo} sr. Charles Lepierre.

A' venda em garrafas de litro — Preço 200 réis

Deposito em Coimbra — **PHARMACIA DONATO**

4, Rua Ferreira Borges, 6

SERRA DA ESTRELLA

PENSÃO MONTANHA

(A 1:500 METROS DE ALTURA)

Abriu em 1 de maio esta nova casa bem situada, proxima do Observatório e Estação Telegrapho-Postal.

Recebe pessoas que queiram tratar-se de doencas do peito.

Recommenda-se pelo seu bom tratamento.

Tem optima estrada desde a estação de Gouvêa até á porta.

Médico a qualquer hora

Para mais informações, o seu gerente: *Antonio Mendes da Luz*.

HOTEL COMMERCIO

Praça do Commercio e Rua das Flores
Figueira da Foz

Este magnifico estabelecimento possui todos os melhoramentos que modernamente se podem encontrar em hotéis de primeira ordem. Surprehentes vistas do mar, rio e barra.

O americano — Tramway — que passa em frente do Hotel, offerece toda a commodidade: para a Praia ao preço de 20 réis, Buarcos 50 réis, Cabo Mondego 100 réis; e Caminho de Ferro, chegadas e partidas dos comboios, 20 réis.

Preços do Hotel — 800, 1200 e 18200 réis, incluindo todo o serviço. Vinho a todas as refeições.

O Proprietário,

José Maria Junior

PHONOGRAPHS

Manoel José Telles, Rua Ferreira Borges, n.º 150 a 156, tem um deposito os magnificos **Phonographs Edison** de diferentes preços e tamanhos.

Variada e grande collecção de cylindros, com lindas operas, cançonetas, monologos, etc., nacionaes e extranjeiros que vende pelos preços das principaes casas de Lisboa e Porto.

Sempre cylindros com musicas novas e muito escolhidas.

Consultorio dentario

COIMBRA

Rua Ferreira Borges

Herculano Carvalho

Médico pela Universidade de Coimbra

Nova Havaneza

Rua de Ferreira Borges n.º 176

Papelaria, Tabacaria, Perfumaria. Carteiras, malas, caixas de charão, e todos os objectos de escriptorio.

RELOJOEIRO

Manoel José Pereira Machado, empregado, da Relojoaria Paixão, faz publico, que se encarrega de todos os trabalhos concernentes á sua arte, para o que se encontra trabalhando por sua conta ao Arco d'Almedina n.º 7, responsabilizando-se pela perfeição e solidez dos seus trabalhos. Preços modicos.

AUTOMOVEL

VENDE-SE

Um em bom estado de conservação, força 9 cavalos, 1 cilindro e 4 logares.

QUADRICICLE

Em bom estado de conservação, 3 1/2 cavalos de força e 3 logares.

Almeida, Rocha & C.ª

Rua Ferreira Borges, 108

COIMBRA

FABRICA DE TELHÕES E MANILHAS

Premiada na Exposição de Ceramica Portuguesa, no Porto, em 1882, com diploma de merito; e medalha de cobre na Exposição Districtal de Coimbra, de 1884

Esta fabrica a mais acreditada em Coimbra, em construcção e solidez de telhões, manilhas para encanar agua, siphões para retretes, vasos para jardins e platibandas, balaustres, tijolo para ladrilhos de fornos, tijolos grossos para construcções e para chaminés, tachos para cosinha á imitação dos de Lisboa, etc. — Todos estes artigos são de boa construcção e por

PREÇOS ECONOMICOS

✦ ✦ ✦ Pedro da Silva Pinho Coimbra ✦ ✦ ✦
29, Rua de João Cabreira, 31 — COIMBRA

VIOLEIRO

Augusto Nunes dos Santos
(Successor de Antonio dos Santos)

Premiado na exposição districtal de Coimbra, em 1884, com a medalha de prata; e na de Lisboa de 1890.

Participa aos seus amigos e freguezes que na sua officina se executam todos os instrumentos de corda concernentes á sua arte, assim como os concerta com a maxima perfeição, como o tem provado ha muitos annos.

Especialidade em guitarras de 12 e 15 cordas e violões de 6, 7 ou mais cordas.

Tambem vende cordas de todas as qualidades para os mesmos instrumentos.

16 — Rua Direita — 18
COIMBRA

LUCA

Delicioso licor extra-fino

VINHOS

DA

Associação Vinicola da Bairrada

Grandes descontos aos revendedores

Unico deposito em Coimbra

CONFETARIA TELLES

150, R. Ferreira Borges, 156

COLEGIO

LICEU FIGUEIRENSE

Instituto partienlar de educação e ensino

Figueira da Foz

DIRETOR

Dr. José Luiz Mendes Pinheiro

Professor na Universidade e ex-professor no Lyceu Central de Coimbra

Neste estabelecimento ensina-se instrução primaria e instrução secundaria (curso dos liceus e curso comercial). Aulas de ginastica e musica.

Admitem-se alunos internos, semi-internos e externos.

Enviam-se regulamentos, programas e quaesquer informações a quem as pedir ao director. Otnio dos Oliveaes.

PROBIDADE

Companhia Geral de Seguros
Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua Ferreira Borges, 165, 1.º

Tomam-se seguros de prédios, mobilias e estabelecimentos contra o risco de incendio.

SILVA & FILHO

Fábrica manual de calçado e tamancos e depósito de alpargatas

EXPORTAÇÃO

COMPANHIA EQUIDADE

Seguros de vida de animaes (boi, vacca, cavallo e muar)

ao premio de 3 % do valor do animal

Agente em Coimbra,

Joaquim António Pedro.

Em casa do sr. António Rodrigues Pinto.

"RESISTENCIA,"

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno	23700
Semestre	12350
Trimestre	680

Sem estampilha:

Anno	23400
Semestre	12200
Trimestre	600

Brazil e Africa, anno... 33600 réis
Ilhas adjacentes, " ... 33000 "

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assignantes, desconto de 50 %.

Communicados, 40 réis a linha.
Réclames, 60 " "

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal fór honrado.

Avulso 40 réis

ACETYLENE

Carbureto de calcio francês, rendimento garantido de 300 litros por kilo, os 100 kilos franco — Lisboa, 102000 réis

Apparellhos, candieiros, lustres, bicos e mais accessorios

NOVA LUZ A GAZOLINA

Poder illuminante — 100 vellas por bico

GASTO: — 5 réis por hora

Mandam-se gratis catalogos e preços correntes

A. RIVIÈRE

RUA DE S. PAULO, N.º 9, 1.º andar

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Editor

MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redação e administração — RUA DE FERREIRA BORGES, 89, 2.º andar

Officina tipográfica

12 — RUA DA MOEDA — 14

N.º 842

COIMBRA — Quinta-feira, 15 de Outubro de 1903

9.º ANO

Manifesto da democracia italiana contra o czar

A democracia italiana, que representa nas suas diversas nuances, o mais alto ideal de civilização, não pôde ficar indiferente á vista dos crimes de lesa-umanità que mancham a civilização europeia. Por uma tradição ainda muito fresca e viva, ella é a erdeira e a guarda do ideal de liberdade politica e de justiça social, cuja realisação será a onra do seculo XX: é por isso que, de acôrdo com toda a democracia italiana, em face das atrocidades armenias e macedonicas, e da escravidão da Finlândia, levanta o seu protesto, á entrada de Nicolau II no solo italiano, contra as vergonhas e crueldades do despotismo russo.

Todos os dias, os ómens mais distintos, os que tem a mais alta fé na civilização são sacrificados no imperio do czar e com o seu consentimento, todos os dias elles são maltratados e mortos, em desprezo de todas as leis da humanidade.

Burguezes e operarios, escritores e artistas, estudantes e negociantes, católicos e judeus, crentes e livres-pensaderes, ómens, mulheres, velhos, creanças, succubem quotidianamente á violéncia das armas, ou morrem miseravelmente nas prisões e nas minas.

Se a pena de morte está abolida na Rússia para os crimes de direito comum, ella está na ordem do dia — sob a fórma mais brutal e sem nenhuma garantia legal — contra os que não fazem mais que reclamar o seu direito de ómens e de cidadãos.

A democracia italiana, que se lembra com reconhecimento da viva simpatia com que todos os países civilizados da Europa sustentaram os seus erões e seus martyres, quando lutavam pela liberdade contra a tirania, não pôde ficar indiferente a essas vergonhas, e protesta em nome dos oprimidos.

As leis de ospitalidade sãam apenas sagradas quando se pôdem invocar sem esquecer as leis mais sagradas ainda da humanidade.

O nosso protesto não se manifestará por atos de violéncia contra o soberano com cujo consentimento se persegue essa obra fratricida, mas elle tem por fim traduzir, em face dos processos óblicos da diplomacia e das cerimoniaes da corte, essa consciencia da liberdade que dá carta de alforria á humanidade moderna.

Nem a mira do interesse, nem o

cuidado egoista dum comodo repouso — que velam para muitos a luz do ideal — pôdem determinar-nos a assumir a cumplicidade do silencio. Os combatentes da liberdade italiana não morreram no cadafalso e no campo da batalha para nos ensinar a prostituição politica e o servilismo do espirito.

E se o nosso livre e umano protesto — em nome da humanidade ultrajada e para consolação dos oprimidos — não poder realizar o milagre de assegurar aos nossos irmãos russos as condições elementares da liberdade civil, elle ficará no emtanto como um dos numerosos factores moraes, pelos quaes progride a sociedade umana, segundo as leis históricas de cada meio. E o poderoso eco do nosso brado cheio de dôr e de cólera irã, atravez do coraçáo do czar, até ás minas siberianas, até aos campos desolados, até ás duras fabricas de toda a Rússia.

Em nome da liberdade e da justiça umana, levantamos, pois, o nosso protesto contra as crueldades do despotismo russo; recusamos ao soberano em que se encarna esse sistema, qualquer manifestação de respeito, e enviamos a todos os oprimidos, a todos os explorados, a todos os perseguidos da Rússia a nossa saudação fraternal como voto e prenúncio da sua libertação politica e social.

Dr. Velado da Fonseca

Faleceu em Lamego o sr. dr. Velado da Fonseca, victimado por uma doença nervosa.

A morte do illustre catedrático de Filosofia foi muito sentida em Coimbra, pois que o sr. dr. Velado da Fonseca era geralmente estimado pelo seu caráter bondoso e afavel e pela sua brilhante intelligéncia.

Todos, que o conheceram aqui tão novo, se aviam habituado a trata-lo com o carinho que se dispensa a um estudante simpático, todos viram o seu successo rapido logo em seguida á formatura, a sua nomeação de professor da Universidade, a sua eleição de deputado, a nomeação para diretor das Escolas normaes com a alegria com que se festejaram sempre os seus successos académicos.

O sr. Velado da Fonseca era um bom rapaz, alegre, obsequiador, intelligente.

Tinha um excelente coraçáo, e a sua bondade, a sensibilidade decente da sua alma amargurou-lhe os últimos dias da vida, que começára tão alegre, nos triumphos constantes da sua carreira académica.

Apezar de viver em plena atmosfera de politica monárquica, o dr. Velado da Fonseca conservára sempre a independéncia do seu espirito e nunca sujeitou a politica á justiça das suas determinações.

Viveu sempre naquêle meio a vida pura de estudante, cultivando as suas relações académicas até aos últimos momentos.

E teve a companhia noaquêle atroz sofrimento, até morrer, o amigo mais dedicado, o que mais aplaudira os seus

triumfos académicos, o que mais se interessára pela sua entrada no corpo universitário, o sr. dr. Teixeira Bastos que mostrou mais uma vez a generosidade da sua alma.

Como professor, o sr. Velado da Fonseca, que foi sempre como estudante da maxima independéncia, soube fazer-se estimar pelos alunos e muitas vezes interveiu com os colegas que o estimavam em favor de discipulos que aviam sido seus e a que nunca faltou com o conselho de bom e seguro amigo.

Duma grande generosidade, a sua bolsa abria-se facilmente para valer a amigos, ou para socorrer a desgraçados.

Velado da Fonseca teve muitos amigos; nunca os esqueceu. Não deixa um inimigo.

Claustro da Sé Velha

Principiaram as obras no claustro da Sé Velha, começando por tirar o pavimento da nave de S. Miguel, que não estava já ao nível do primitivo, pois fôra alteado por occasião das obras realizadas em tempo do marquês de Pombal, para adaptação do edificio para imprensa da Universidade.

Não é de supôr que se encontrem antigas lápides tumulares, por que o terreno foi todo removido e as sepulturas violadas, ao que parece, pelos estudantes de Medicina levados pelo ardor da insuguração dos primeiros trabalhos anatómicos.

O reitor D. Francisco de Lemos em carta ao marquês de Pombal com a data de 22 de fevereiro de 1773, pedindo uma coleção de instrumentos para trabalhos anatómicos, escrevia:

«Devo representar a V. Ex.ª que se faz agora muito precisa, porque os Estudantes médicos depois de limparem o claustro da antiga Sé (hoje Imprensa) de quantos ossos nelle acharam, me vieram requerer que queiram vir fazer demonstrações á vista dos cadáveres.»

Era este o respeito que avia naquêles tempos pelos ossos das mais nobres pessoas, e mais autorizados cônegos desta terra...

O ato eleitoral

Em Lisboa lavra grande entusiasmo pela luta eleitoral proxima.

O governo não tem deixado de exercer pressão sobre os seus subordinados, e fervilham os galopins fartamente pagos semeando a intriga e tentando diminuir a forte solidariedade com que se apresentam para combater os republicanos da capital.

Do Mundo transcrevemos o artigo que sobre este assunto escreve Arthur Leitão, nosso antigo redator e que, como previamos, continuará em Lisboa a vida de combate que caracterizou os seus anos de estudante.

Desde o sr. ministro do Reino ao menos sobrecarregado dos contribuintes umildes, inscritos nos cadernos do recenseamento, a ninguém absolutamente deve ser indiferente o ato eleitoral do próximo dia 1 de novembro.

Porque os recenseamentos estejam falseados; porque os mortos resuscitados, e os ausentes, evocados, a policia, os varredores da Camara e toda a escumalha, saída das alforjas do Terreiro do Paço, pareçam assegurar a vitória governamental; que o Governo muito embora triunfe pela corrupção e pela veniaga, pela fraude e pela mentira, — admitimo lo.

No entanto, o que não será legitimo é que a massa popular, defraudada e vexada, cruze os braços, impotente, nessa entristecedora e criminosa indiferença, de que o regimen tem exauri-

do alento para arrancar num ultimo atropello a ultima regalia popular.

Ser indiferente, é pactuar. E pactuar com o mais nefasto de todos os ministerios; pactuar com o sr. Hintze Ribeiro, o simbolo funebre de toda a corrupção monárquica, que, numa onda enorme, avassalou e destruiu todos os orgãos e aparelhos da vida do Estado!

Não! Não pôde ser! O povo de Lisboa, chamado a intervir pelo voto na administração municipal, á de saber cumprir o seu dever, acompanhando numa elevada e serena manifestação civica o partido politico que onradamente pretende conquistar para o Município da capital as franquias e os direitos que vergonhosamente, para governantes e governados, ministros desonestos e concussionarios lhe extorquiram. E o Partido Republicano cumprir conscientemente o seu dever; partido de Governo, pelas ideias, pelos ómens e ainda pelas aspirações populares; partido do poder como solução unica á crise nacional, economica e politica, organizou, com ómens seus, uma lista, que é uma sólida garantia de que, contra tudo e contra todos, sem estacão e sem medo, são de ser defendidos os interesses e as regalias do primeiro municipio do país, miseravelmente sujeito a um odioso regimen de execução.

A essa lista de cidadãos, contrapõe o Governo a sua lista de mercenários ou servos.

A defendê-la, tem os recenseamentos falseados, a Municipal, mil e trezentos policias, a confusão dos dois erarios, a concuopia dos empregos, e sobretudo, ofuscante de brilho e de magnanimidade, o poder moderador para a concessão sollicita de generosas amnistias, em dias festivos de anniversarios, a deceteros assoldados pelo ministro do Reino ou pelos seus agentes famosos.

Os campos estão definidos.

O Governo propõe-se representar mais uma vez a baixa comedia que emporcalha e envergonha o povo de Lisboa. Cumpre á cidade mostrar ao Governo que quer ser livre, afirmando alto e claro a sua vontade decidida.

Votar na lista republicana e defendê-la na urna, eis o dever dos ómens onestos.

Cumpra, pois, a cidade o seu dever, que os candidatos do povo e o partido que os apresenta, saberão cumprir o seu.

Experiencia

Ante-ontem pelas três oras e meia da tarde houve no largo da Portagem a experiencia dum apagador instantaneo de incendios de que sãam concessionarios os srs. Reynaud & C.ª

Tinha-se para isso construido uma barraca de madeira que foi alcetroada, deitando-se-lhe depois o fogo.

A chama correu rapidamente pelas paredes e pelo teto, levantando grandes labaredas, que fizeram fugir os espetadores que se unham reunido á volta em grande numero.

Com uma manobra muito simples e rapida, o apagador de incendios começou a trabalhar deixando sair um jacto dum liquido leitoso que, dirigido para a barraca, apagou rapidamente o incendio que lavrava com violéncia.

O sr. Afonso Henriques, alumno do quarto ano medico realizou no domingo ultimo uma conferencia sobre a evolução social, no grémio dos caixeiros.

No dia 17 realizam-se os exames de admissáo ao primeiro anno da Faculdade de teologia.

Sãam admittidos a exame os alunos dos seminários, que tenham completado o curso, e que pretendam cursar as cadeiras da Faculdade de teologia.

Socialismo e diplomacia

A Italia acaba de mostrar num nobre exemplo ás raças latinas, qual é oje a força dos sentimentos democraticos.

É glorioso para a nossa raça, que todos dizem prestes a extinguir-se por falta de vitalidade que lhe permita arcar com as responsabilidades das exigencias crescentes do progresso, é glorioso que a diplomacia europeia se veja em cheque e recue deante dum documento sereno redigido e assinado por socialistas e republicanos.

O manifesto contra o czarismo, que publicamos noutro lugar, elaborado pelos deputados socialistas italianos Rossi, Cicotti, Ferri, Morgari, Todeschini, Moregani, teve a collaboração dos republicanos Commandini e Ripoli.

É escrito serenamente, com energia, numa linguagem cheia de fé e convicção ardente, afirma e luta no campo das ideias, é um compromisso solene de que os grandes revolucionarios italianos não desceram a manifestações de ostilidade contra o czar, e apezar desta linguagem que garantia a tranquillidade das festas regias, as informações diplomaticas annunciaram a seguir que o czar não visitaria a Italia.

É que, quem impera oje sobre as sociedades é o ideal democratico, cuja força como suprema aspiração da sociedade umana é afirmada mesmo por os que combatem em campo oposto.

Estava sendo necessario este exemplo da velha Italia ás nações latinas, que se tem deixado arrastar na vilésa infame dos processos diplomaticos do imperialismo.

E para nós é-nos particularmente agradavel pela lição de elevada moralidade que vem dar á França, ainda a pouco levada á confraternização com o czarismo pela exploração dum patriotismo falso e ridiculo.

Era necessario que do velho Lacio nos viesse exemplo tão levantado, para glorificação da nossa raça, para afirmação da nossa vitalidade, para demonstração que as raças latinas continuam á frente da marcha do progresso dos povos.

A solidariedade dos republicanos com os socialistas affirmou-se mais uma vez na elaboração deste documento.

Com prazer o registamos. É que a republica não é apenas am formula de administração, e na divisa gloriosa da revolução francesa a fraternidade aparece com a liberdade e a igualdade.

A republica não é só a moralidade na administração dos dinheiros publicos, a negação do preconceito hereditário; a republica é também acima de tudo a causa dos oprimidos, a causa da democracia.

O manifesto italiano, mostrando a aspiração da raça latina, demonstrou também que o sacrificio ás regras diplomaticas, a subordinação ao interesse do momento não pôde ser arvorado por quem tenha a consciencia da causa democratica que defende, affirmação mais de uma vez feita, e que levou os jornalistas e escritores socialistas a não collaborarem nos jornaes monárquicos, embora lhe dêem a liberdade de opinião.

A causa da democracia não se defende a occultas, mendigando favores, explorando odios.

É a claro que se tem de defender, com dignidade, com altivez, no desprezo mais absoluto de ómens e de processos monárquicos.

Quem fizer o contrario segue caminho errado.

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Editor

MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redação e administração — RUA DE FERREIRA BRIGES, 89, 2.º andar

Officina tipográfica

12 — RUA DA MOEDA — 14

N.º 854

COIMBRA — Quinta-feira, 26 de Novembro de 1903

9.º ANO

PARTIDO REPUBLICANO

Tenho visto, pelos jornaes republicanos, que no partido layra uma grande efervescencia. Ainda bem.

Mas essa efervescencia de espirito não é tudo. E' preciso dar-lhe corpo e fórma, porque senão éla apagar-se-á, resultando em nada.

Uma vez concentrados os elementos principais do partido, o que garante a solidariedade do povo republicano, urge pôr as coisas em tal pé que a nossa obra não resulte esteril nem o nosso esforço perdido.

Como necessidade primeira, impõe-se que da massa partidária surjam e se destaquem os ómens destinados a dirigir a obra de propaganda, que é preciso continuar, e a obra da organização, que é preciso fazer desde o principio.

Parece-me que, para isso, é dispensavel a urna aparatosa dos congressos, porque o partido bem sabe quem sãem os seus caudilhos mais competentes e os seus representantes mais autorizados. O que é inadiavel, é que eles, obedecendo á indicação partidária, tomem o posto que lhes corre obrigação ocupar.

Depois, mãos á obra, aproveitando todos os elementos de luta e sabendo aproveitá-los.

Esses elementos sãem muitos.

A' que contar com os nossos jornalistas, os nossos oradores, os nossos organizadores e com aquelles que, fóra das lutas da imprensa e da tribuna, entregues aos seus livros, vivem para a ciencia e pela ciencia, isolados de conflagração positiva das ideias e das paixões.

A imprensa deve, numa grande unidade de acção, embora cada jornal resalvando, como é próprio dos partidos democraticos, a independencia do seu critério, fazer uma campanha harmónica e disciplinada, que seja uma incitação permanente.

Os oradores, conferentes ou tribunos, espalhados, ao mesmo tempo, por todo o país, farãem vibrar a alma nacional pelo amor da mesma ideia. Meia duzia de ómens com vontade e energia, tendo a eloquencia da alma á secundar a eloquencia da palavra, darãem ao nosso crêdo um prestigio incomparavel.

Uma campanha assim deve ser metódica, ordenada e dirigida com critério.

Tal ponto, perdido numa provincia distante, onde a acção republicana tem sido mais frouxa, requeira um ómem de palavra persuasiva e sedutora, que fascine os espiritos com suavidade, como certos perfumes ipnotisam o cerebro sem êle o sentir.

A' uma terra, onde a redacção politica, de mãos dadas com a reacção clerical, é tèmosa, arbitraria e insolente? Convém mandar-lhe um tribuno cuja palavra, cheia de imprevisão e de rasgo, estabeleça o combate com denodo empolgante, aceitando da tribuna o repto dos adversários, fulminando com vigor as resistencias que provocar, tomando emfim as consciências pela audácia e pelo espanto.

A' uma localidade onde a alma nacional está convertida, mas desalentada? E' preciso enviar-lhe um agitador de palavra nervosa e quente, que sacuda as convicções paralizadas e erga os espiritos adormecidos, criando um foco duradouro de estímulo e energia.

A par dos jornalistas, que propaguem, e dos oradores, que evangelizem e defendam a ideia, é indispensavel mobilizar, e ao mesmo tempo, pelo país, os organizadores, — ómens que, pela ponderação e critério equilibrados, sejam aptos a recolher e conjugar os resultados do proselitismo, submetendo aos laços da mesma disciplina a legião dos espiritos convertidos ou simplesmente despertados.

Para que esta maquina, simples mas eficazmente montada, produza axito e tenha valor, surge dar-lhe condições materiaes de vida, alimentá-la. Isto é, torna-se necessário organizar um cofre de subsidio e socorro de maneira que o partido possa auxiliar os seus apóstolos, proteger os que forem perseguidos e atenuar o sacrificio dos que fórem vitimados.

Estas coisas sãem simples e banais, mas é conveniente lembra-las, porque a sua singelêza não atenua a urgente necessidade do seu cumprimento.

A' ómens para tudo. Resta escolhê-los e distribuir-lhes o campo de acção, segundo as aptidões de cada qual.

Seria na verdade perigoso e nocivo que algum ardente polemista, habituado aos arrebatamentos da palavra, fôsse escolhido para os trabalhos de organização, que, tendo uma tecnica especial, demandam um espirito cauto e reflexivo. Assim como só por excepção, o organizador, habituado á mecanica árida, sêca e astuciosa de disciplinar vontades, poderá apresentar-se com brilho num comicio, onde tem mais cabimento a impetuosidade avassaladora da eloquencia.

Uma campanha assim orientada, deve ser feita de golpe, sob uma fórma intensiva e não em fases separadas, de fórma que, em cada periodo, ouvesse de se reconquistar o perdido no intervalo antecedente.

Mais: a energia não exclue a prudencia. E só uma obra prudente, a despeito de firme, pôde diminuir o numero das perseguicções, que enfraquecem as nossas fileiras, amedrontam o espirito publico, tímido por natureza e educação, engrandecendo o inimigo, porque lhe dão o prestigio da força. Os velhos tempos passaram. A espada romantica

que nos pendia da cinta, á muito que a transformãmos na rude e pesada picareta, com que, na luz ou na treva, temos engrandecido o filão generoso do nosso crêdo. E o barrete frigio só dá valor a quem o leva, quando a cabeça que o cobre tem ideias e ponderação.

Mas se a energia não exclue a prudencia, ésta tambem não deve eliminar a primeira. E' preciso, portanto, que as cousas se disponham de fórma, que, cada jornalista inutilizado, outro surja a tomar-lhe a pen, e, a cada orador que cáia prostrado outro lhe tome dos lábios ainda quentes a continuação da palavra generosa.

Assim, ao fim de poucos mêzes, após um trabalho de persistencia, de fé e de corágem o país estará esclarecido e o Partido Republicano organizado. Não organizado por uma mecanica artificial, que em breve se rompa, mas pela aspiração comum e harmonica das almas.

Serãem entãem a occasião para que os ómens mais superiormente inteligentes do Partido, inteirados pelo que os oradores surpreenjerãem nas manifestações dos comicios e das conferencias, pelo que os jornalistas apuraram das opiniões do seu publico, pelo que os ómens encarregados da organização observãem nos seus centros de influencia, pôssam fazer, nos detalhes, a revisão definitiva do programa partidário, tendo em conta o modo de vêr geral. Dessa fórma o programa do partido não pôde ser alcunhado de decreto ditatorial saído do cerebro de um ómem ou de um comitê. Nêle entrarão, puras onde o possãem ser, e corrigidos onde o devem ser, as opiniões do povo republicano, — o que, se é uma cousa nobre para um partido nacional, não deixará de ser uma cousa util para mais intimamente relacionar o povo democratico com os seus chefes, fundindo-se, no mesmo propósito, a aspiração altruista de todos.

E, nêsse dia tudo o que é ao alcance dos ómens estirà feito. O resto é do determinismo da Istória, pertencente á deducção implacavel dos acontecimentos.

Nos queremos uma Republica larga e equitativa, sem reprecizias nem vinditas, não para um partido mas para a Nação. Queremos resuscitar a Liberdade já morta, estabelecer a Igualdade, salvar o patrimonio colonial, restaurar a Fazenda Publica, fazer um amplo regime de moralidade, resgatar, pela educação, a alma do povo e redimir uns poucos de anos de Istória.

Não queremos ligações nem transigencias com os adversários, sob forma nenhuma. Somos sós, mas somos sinceros, desinteressados e trabalhamos para o bem comum.

Com esta força, que é invencivel, a alma popular ha de estremecer á vibração da nossa palavra e ao exemplo da nossa conduta. Essa alma que é ingenua e simples, procura apenas um amparo para não cair. Se ella vir que o nosso peito, — feito da união de todos os peitos republicanos — é forte para resistir a todas as affrontas e impávido para se dar a todos os sacrificios, nêsse peito a alma nacional se instalará, transformando-o num reduto inexpugnavel.

E a pátria resurgirá!

Num dos boulevards de Paris, no local onde foi a casa de Danton, ergue-se uma estatua ao famoso tribuno.

Concepcionalmente formosa, ella deslumbra pela execução. Danton de pé, em bronze — o torax leonino projetado num arranque de audácia, o pescocão erculco पहendo resfolegar na abertura da camisa, a juba lançada para traz, o olhar impavido, desafiando por igual a colera dos reis e a colera do povo, — apoiã a mão esquerda, nervosa e mascula, sobre um suporte, e a direita, estendida num gesto heroico, parece apontar o despartar da Verdade. Do lado direito, uma figura de soldado, a espingarda esquecida na mão flaccida, ouve maravilhada as palavras do incomparavel tribuno. Do lado esquerdo, um voluntario adolecente segue, com os grandes olhos românticos, o gesto imenso do revolucionário.

O monumento é belo e tão eloquente e sugestivo, que a gente parece ouvir sair daquêles labios a palavra medonha que faz tremer a Convenção!

Do pedestal foram eliminados os dizeres graves e pausados, que sãem de uso nas omenagens officiaes, quasi sempre tardias e nem sempre sentidas.

De definir o ercê entendeu-se que só êle era capaz, e, por isso, lhe puzeram, nas fãces do blóco que sustenta a estatua, estas duas sentenças, que tanto se salientãem na sua convulsa eloquencia: — *Para vencer os inimigos da Pátria é preciso audácia, mais audácia e sempre audácia. — A primeira necessidade do povo, depois do pão, é a educação.*

Entre êstes dois conceitos, quanto a mim, se deve encerrar toda a tatica do Partido Republicano Português. Sómente êle se deve lembrar que, para educar o povo, não é licito esperar pelo seu advento ao poder porque, se a educação do povo é um fim, ella não deixa tambem de ser um meio, e que a audácia, sem deixar de ser audácia, é muitas vezes a fórmula suprema da prudencia.

Paris, novembro de 1903,

Antonio José d'Almeida.

Republicanos de Coimbra

Reorganização partidária

Com a eleição da comissão paroquial de S. Bartolomeu iniciãem-se em Coimbra os trabalhos de reorganização partidária, que em toda a parte estãem despertando um entusiástico alvoroço.

A reunião abriu sob a presidencia do nosso velho correligionario sr. Manuel Antonio da Costa, secretariado pelos srs. Cassiano Ribeiro e João Barata, sendo larga a assistencia de electores republicanos.

Exposto o fim da reunião, e trocados entre alguns correligionarios varios esclarecimentos e alvites, foram eleitos por aclamação para constituirem a respectiva comissão paroquial, os seguintes cidadãos: Manuel Antonio da Costa, João Gomes Moreira, Ricardo Pereira da Silva, Jaime Lopes Lobo e Manuel Augusto da Silva.

Como o sr. presidente dêsse depois a palavra a quem pretendesse versar quaesquer assuntos partidarios, o nosso illustre correligionario sr. dr. Fernandes Costa salientou a importancia do papel que as comissões paroquias tinham a desempenhar, encarecendo a obra da união republicana e terminando por propor que ao sr. dr. João de Menezes fosse enviado um telegrama, saudando o e afirmando-lhe toda a confiança no seu onrado carater.

Os republicanos da freguezia de S. Bartolomeu, reunidos em assembleia para a eleição da comissão paroquial, exprimiram por aclamação um voto de confiança no ato carater e relevantes serviços de v. (a) — Presidente, Manuel Antonio Costa.

Esta proposta foi votada por aclamação dissolvendo-se depois a reunião que decorreu sempre muito animada, afirmando se decidida vontade de cooperar em todos os trabalhos de reorganização partidária.

Recenseamento eleitoral

Aviso

A Comissão Paroquial Republicana da freguezia de S. Bartolomeu convida os republicanos da dita freguezia a inscrever-se no Cadastro da mesma Comissão patente na Praça do Comercio n.º 43, afim de se recensearem os que o não estejãem e tenham direito a essa reglia.

A mesma Comissão lembra a todos os cidadãos republicanos que não estejãem recenseados que com urgencia se munam da certidão de idade base essencial para a emissão do recenseamento proximo. Para que lhe seja passada essa certidão deve fazer o seguinte requerimento:

II.º Rev.º Sr. paroco da freguezia de...

Fulano, estado, profissão, de... anos de idade, filho de... e de..., natural de... freguezia de... morador na rua de... n.º... requer a V. Rev.ª lhe passe a sua certidão de idade, para fins electoraes, isenta de imposto de selo e quaesquer emolumentos ou salarios, como determinãem os artigos 36.º e 37.º do decreto de 8 de agosto de 1901.

Coimbra, etc.

E. R. M.

Este requerimento deve ser entregue aos parocos das respectivas freguezias, que tem obrigação de passar as certidões no prazo de 3 dias, gratis, e em papel não selado e em seguida ser reconhecida gratuitamente por tabelião.

A comissão lembra tambem que o prazo para a inscrição no recenseamento, principia em 26 de dezembro e finda em 5 de janeiro proximo.

ACYTILENE

Carbureto de calcio francês, rendimento garantido de 300 litros por kilo, os 100 kilos franco — Lisboa, 100.000 réis

Apparelhos, candieiros, lustres, bicos e mais accessorios

NOVA LUZ A GAZOLINA

Poder illuminante — 100 vellas por bico

GASTO: — 5 réis por hora

Mandam-se gratis catalogos e preços correntes

A. RIVIÈRE

RUA DE S. PAULO, N.º 9, 1.º andar

XXXXXXXXXX

Modista de chapéus

Com um esplendido sortimento de chapéus para senhoras e crianças, no que á de maior novidade, chegou a esta cidade e instalou se na sua casa rua Ferreira Borges, n.º 185, 1.º, a acreditada modista de Lisboa que na estação de verão esteve em casa do sr. Augusto Palhinha.

Convida por isso as suas ex.^{mas} freguezas a visitarem o seu atelier onde encontraram bonitos modelos a preços modicos.

POLIFON

Aparelho artistico muito aperfeiçoado tocando 35 musicas diferentes. Movel rico para sala.

Vende-se no Café Montanha.

Largo do Principe D. Carlos

LUCA

Delicioso licor extra-Ano
VINHOS

DA

Associação Vinicola da Bairrada

Grandes descontos aos revendedores

Unico deposito em Coimbra

CONFEITARIA TELLES

150, R. Ferreira Borges, 156

COLEGIO

LICEU FIGUEIRENSE

Instituto particular de educação e ensino

Figueira da Foz

DIRETOR

Dr. José Luiz Mendes Pinheiro

Professor na Universidade e ex-professor no Lyceu Central de Coimbra

Neste estabelecimento ensina se instrução primaria e instrução secundaria (curso dos liceus e curso comercial). Aulas de ginastica e musica.

Admitem-se alumnos internos, semi-externos e externos.

Enviam-se regulamentos, programas e quaesquer informacões a quem as pedir ao director.

FABRICA DE TELHÕES E MANILHAS

Premiada na Exposição de Ceramica Portuguesa, no Porto, em 1882, com diploma de merito, e medalha de cobre na Exposição Districtal de Coimbra, de 1884

Esta fabrica a mais acreditada em Coimbra, em construção e solidez de telhões, manilhas para encanar agua, sifões para retretes, vasos para jardins e platibandas, balaustres, tijolo para ladrilhos de fornos, tijolos grossos para construções e para chaminés, tachos para cosinha á imitação dos de Lisboa etc. — Todos estes artigos são de boa construção e por

PREÇOS ECONOMICOS

Pedro da Silva Pinho Coimbra

29, Rua de João Cabreira, 31 - COIMBRA

L. M. LILLY, Engenheiro

- Machinas agricolas de toda a qualidade.
- Machinas para fição e tecelagem para todos os tecidos.
- Machinas para fazer soda-water, gazosas, gèlo, etc.
- Machinas para fazer papel continuo, cartão, etc.
- Machinas para lavar, engommar e desinfectar roupa.
- Machinas de vapor e de gaz, caldeiras e bombas.
- Machinas de escrever, de systema YOST.
- Correias de pèllo, de couro, de borracha, empanques, etc.
- Materias primas de todas as qualidades.
- Installações, desenhos, montagens.
- Facilitam-se pagamentos.

REPRESENTANTE

JOÃO GOMES MOREIRA
COIMBRA

PASTELARIA E CONFEITARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

COIMBRA

Nesta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, em contra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza.

Doces de ovos dos mais finos paladares e delicados gostos, denominados *doces sortidos*, para chá e *soirées*, em grande e bonita variedade que difficil se torna enumerar-la.

Doces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em secco, como cristalizados, rivalisar com os estrangeiros.

Pastelaria em todos os generos e qualidades, o que á de mais fino e sabroso, especializando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primorosa fantasia, denominadas *Centros de méza*, *Castelos*, *Jarrões*, *Lyras*, *Floreiras*, *Lampreias*, etc., etc., próprias para banquetes.

Pudings Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá café e de fructas diversas, vistosamente enfeitados.

Pão de ló pelo sistema de Margaride, já bem conhecido nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Madeira, Moscatel, Colares, Champagne, Cognacs, Licores finos, etc. das melhores marcas nacionais e estrangeiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

Amendoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo-se a pureza dos assucars com que são fabricadas.

Conservas nacionais e estrangeiras, chás verdes e pretos, passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyère, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.

Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32.

Alfaiateria Luso Brasileira

DE Victor Lopes d'Oliveira Baptista

Rua de Ferreira Borges, 135, 1.º

COIMBRA

Neste novo estabelecimento, á testa do qual se acha o seu proprietario que tem longa prática de corte, pois que foi contramestre por muito tempo em diversas das principais casas de Lisboa, Porto e Rio de Janeiro, executa-se to' a a qualidade de roupa com a maior perfeição e barattesa.

Ha no mesmo estabelecimento um bom e variado sortido de fazendas, tanto nacionais como estrangeiras, á escolha dos ex.^{mas} freguezas, a preços resumidos.

Nova Havaneza

Rua de Ferreira Borges n.º 176

Papelaria, Tabacaria, Perfumaria. Carteiros, malas, caixas de cartão, e todos os objetos de escritorio.

IGIENE

Os melhores aparelhos, retretes, lavatórios, tinas e urinos nacionais e inglezes.

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio — COIMBRA

Agua da Curia (Mogofores — Anadia)

Sulfatada - Calcica

A unica analysada no paiz, similhante á famosa agua de CONTREXÉVILLE, nos Vosges (França)

INDICAÇÕES

Para uso interno: — *Arthritismo, Gotta, Lithiase urica, Lithiase biliar, Engorgitamentos hepaticos, Catarrhos vesicaves, Catarrho uterino.*

Para uso externo: — *Em diferentes especies de dermatoses.*

As analyses chimica e microbiologica foram feitas pelo professor da Escola Brotero, o ex.^{mo} sr. Charles Lepierre.

A' venda em garrafas de litro — Preço 200 réis

Deposito em Coimbra — PHARMACIA DONATO

4, Rua Ferreira Borges, 6

FONOGRAFOS

Manoel José Telles, Rua Ferreira Borges, n.º 150 a 156, tem em deposito os magnificos *Phonographs Edison* de diferentes preços e tamanhos.

Variada e grande coleção de cilindros, com lindas operas, cançõnetas, monologos, etc., nacionais e estrangeiros que vende pelos preços das principaes casas de Lisboa e Porto.

Sempre cilindros com musicas novas e muito escolhidas.

RELOJÓEIRO

Manoel José Pereira Machado, empregado, da Relojoaria Paixão, faz publico, que se encarrega de todos os trabalhos concernentes á sua arte, para o que se encontra trabalhando por sua conta ao Arco d'Almedina n.º 7, responsabilizando-se pela perfeição e solidez dos seus trabalhos.

Preços modicos.

Tubos de ferro, bombas

e seus pertences

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio — COIMBRA

Opa de seda nova

Vende-se uma propria para irmão da Misericórdia. Para tratar com Augusto Nunes dos Santos, rua Direita, 16 e 18 — Coimbra.

CASA

Arrenda-se uma, na rua dos S. pateros, n.º 40 e 42. Constando de lojas e 4 andares, própria para estabelecimento de qualquer género.

Trata-se com David de Souza Gonçalves, rua da Moeda, Coimbra.

Vendem-se cinco latas de cincoenta decalitros para azeite e duas virrines, na rua Ferreira Borges, n.º 7, Coimbra.

PROBIDADE

Companhia Geral de Seguros

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua Ferreira Borges, 165, 1.º

Tomam-se seguros de prédios, mobillias e estabelecimentos contra o risco de incendio.

Consultorio dentário

COIMBRA

Rua Ferreira Borges

Herculano Carvalho

Medico pela Universidade da Coimbra

Alfaiateria Guimarães & Lobo

54 — RUA FERREIRA BORGES — 56

(Em frente ao Arco d'Almedina)

Abriu este novo estabelecimento onde se executa com a maxima perfeição e modicidade de preços, toda a qualidade de fatos para homem e creança, para os quaes tem um variado sortimento de fazendas nacionais e estrangeiras.

Ha tambem uma grande variedade em flannels e panos pretos para capas e batinas, para todos os preços.

Artigos para homem como camisa, gravatas, luvas, etc.

Pede-se ao publico a fínisa de visitar este estabelecimento.

ACETILENE

Installações completas. Grande deposito de carbureto de calcio.

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio — COIMBRA

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Editor

MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redacção e administração — RUA DE FERREIRA BRAGAS, 89, 2.º andar

Officina tipográfica

12 — RUA DA MOEDA — 14

N.º 856

COIMBRA — Quinta-feira, 3 de Dezembro de 1903

9.º ANO

A DISSOLUÇÃO

Vai a caminho de esborçar-se o grande bloco progressista. Mau grado todos os protestos de união e incondicional obediência ao chefe, que da sua cadeira de convalescente proclama soberanamente a lei ao seu povo, a intriga alastra e aprofunda-se as incompatibilidades que desde muito apartam em grupos diversos os celebrados herdeiros dos Passos.

A tal ponto as velhas divergências avultam, por forma tão clara se denunciou a conspirata de que ha-de sair o schisma, que um antigo jornalista de renome, político de alternativas, ameaçou já resuscitar o estadulho famoso para conter na ordem os *batibarbas* irrequeitos.

O partido progressista seguirá assim, dentro em breve, aos acasos das ambições em luta, esfrangalhando e nos empuxões dos pretensores á chefia, parcelando-se em grupelhos sem consistência e sem programa.

Como succedeu com o partido regenerador da regência do sr. Hintze Ribeiro, no momento do sr. João Franco soltar a nota desoante da sua rebeldia ingrata, o partido progressista terá de pisar o mesmo caminho de transigências baixas e de covardias sem nome para assegurar a adesão da turba de ambiciosos, que fazem da ameaça de se escaparem para o inimigo o expediente vilão para exigências de toda a ordem.

Os *batibarbas* destacar-se-ão da massa partidária, para fazer casa aparte, esperando a hora propicia para vingar os seus propósitos morderadores, ou para, enfim vencidos em suas loucas esperanças, regressarem á fidelidade do fundamental preceito rotativo, que manda que cada um se arranje o melhor possível.

Assim tem sucedido sempre, assim continuará sucedendo com as diversas rondas monárquicas, que fatalmente terão de abdicar dos seus escrúpulos e intuitos direitos em frente do supremo poder que em Portugal tudo ordena e dispõe.

A dissolução dos partidos monárquicos é, de resto, o produto inelutável da ausência duma forte consciência commun, prevalecendo e impondo a agregação acima de todas as disputas e contra todos os ataques.

A subordinação aos chefes, como afirmação de harmonia e força, é uma fórmula insciente e falsa, desde que essa subordinação não provem dum sentimento espontâneo, que se afervora no respeito duma convicção que está superior aos homens, isto é, desde que esses chefes não incarnam qualquer ideal superior de progresso humano, mas são apenas os adulados dispensadores de graças, por qualquer bizarro acaso nessa tarefa investida.

Em Portugal, os partidos monár-

quicos não têm extremas doutrinas a demarcar-lhes os campos, são uniformes em seus processos, equivalem-se, confundem-se.

Acabada a última luta entre cartistas e setembristas, desapareceu o motivo das ingénuas e quentes disputações de princípios, em que as convicções antagonicas ainda se chocavam com veemência e probidade.

Então ainda avia ómens e convicções, os partidos tinham a sua bandeira, os seus programas, e os ómens a fé dos seus princípios e a única ambição nobre de os verem triunfar.

Hoje, progressistas e regeneradores, da clientela do sr. Alpoim ou do grupo do sr. Beirão, da tropa fandangosa do sr. Hintze ou da guerrilha presumida do sr. Franco, são fundamentalmente idénticos, com os mesmos vícios, as mesmas fraquezas, o mesmo scepticismo, disputando o poder pelo poder, sem o culto dum ideal progressivo e atraente.

A dissolução vem, pois, muito naturalmente, da falta de convicções que liguem os ómens entre si, estreitamente, e este fato surge quando os regimens tocam as extremas da tolerância, afirmando-se incompatíveis com as necessidades coletivas e em rebeldia com todas as aspirações progressivas.

A monarquia em Portugal não tem crentes: tem servidores. Vivendo em meio duma turba densa de cortezãos vis, que a todo o momento tecem o epitome das suas virtudes e feitos, ella vive tristemente só, porque ninguém a ama com o desinteresse dos crentes, antes todos a servem como comilões miseráveis que rodeiam uma mesa farta.

Os partidos esboroam-se, pulverizam-se em guerrilhas, lançados todos á disputa dessa bela presa — o Poder — e com eles esboroa-se o regimen, já condemnado pela consciência pública, que elle afrontou com o espectáculo de suas misérias inqualificáveis.

Toca agora a vés ao partido progressista, amanhã sentirão os rebates da mesma desagregação intima todos os grupos que se dispõem ainda a governar com a monarquia.

O regimen toca o seu fim, e ninguém será bastante forte para detê-lo na queda irremedável de que nunca — nunca mais! — se levantará.

A «Vanguarda»

Ao illustre diário republicano de Lisboa envia a *Resistencia*, em nome dos republicanos de Coimbra, agradecimentos sinceros pelas palavras de calorosa simpatia e estímulo que lhes dirige.

São palavras de merecido louvor, que elles procurarão justificar no ambiente modesto das suas forças.

A *Vanguarda* igualmente agradece as boas palavras com que distingue o nosso director politico.

Correu na semporinha do costume o anniversario da revolução de 1640.

Iluminaram os edificios publicos e ouve feriado nas repartições.

Pouco entusiasmo e muito frio,

Republicanos de Coimbra

Reorganisação partidária

Para a eleição das comissões paróquias de Santa Clara e Sé Velha reuniram no ultimo domingo os republicanos destas duas freguezias.

A reunião abriu sob a presidencia do nosso collega Pereira Junior, que escolheu para secretários os srs. Cassiano Ribeiro e Oliveira Amaral.

Exposto o fim da reunião foram propostos e aclamados para constituirem as duas comissões paróquias, os seguintes cidadãos:

Sé Velha

José Ferreira Gonçalves, António Vianna, José Marques Batista, Adolfo Pinto de Sousa e José Martins de Vasconcellos.

Santa Clara

Adriano Ferreira da Costa Brandão, Manuel d'Oliveira Amaral, Francisco Maria da Fonseca, António Martins e José Maria Vieira.

Oje reúnem novamente todas as comissões paróquias para tratarem de assuntos de grande importancia partidária.

A Comissão Provisória do Partido Republicano de Coimbra convida as comissões paróquias das freguezias de S. Bartolomeu, Sé Nova, Santa Cruz, Sé Velha e Santa Clara a reunir-se hoje, 3, pelas 7 horas da noite, na rua das Estrelinhas, n.º 10, a fim de se deliberar sobre varios assuntos de interesse partidário.

Esteve em Coimbra o sr. Ricardo Jorge, de visita ao gabinete de hygiene da Universidade, e ao posto de desinfecção que se deve á iniciativa da câmara municipal.

A questão Dreifus

Vae de novo surgir para a discussão ampla e quente esse sensacional *affaire Dreifus* que tão fundamentalmente convulsionou a França e interessa o mundo inteiro.

A Verdade vae enfim triunfar, deslumbrante e indestrutível, erguendo-se sobre todas as torpes maquinações que a reacção urdiria com incançavel odio, e restituindo á vitima dessa longa e torturante tragedia a onra que lhes fora roubada por altos bandidos agalados.

Annuncia-se a segunda revisão do monstruoso processo. Revelações e diligencias vieram lançar grande luz na escuridão que á volta dessa extraordinária contenda se fizera. Provou-se a falsidade de documentos importantes, arranjados no proposito de inculpar o capitão Alfredo Dreifus, e obteve-se a declaração official de que na celebre carta attribuida ao imperador Guilherme fóra substituída pela inicial D. a verdadeira inicial, que era G.

Enfim! A luta dura e gloriosa a que em França se lançaram os mais altos espiritos, erguidos numa revolta alta ante o estupendo sacrificio da Verdade e da Justiça, não foi uma luta vã e esteril.

Dreifus rehabilitado é a Verdade que triunfa. Dreifus inocente é toda essa orrivel mentira que o envolveu, desfeita e vencida.

Gloria á França!

DR. COSTA SIMÕES

Finou-se na sua casa da Mealhada o dr. Costa Simões, figura de velho, fraco, alquebrado, sustentada por uma vontade forte e de energia tal que nem parecia portuguez.

O seu nome era muito respeitado no mundo official e era sempre lembrado com entetecimento pelos discipulos que lhe chamavam o *velhinho*. Foi um professor que se nobilitou no ensino, devendo-se-lhe a forte corrente, que hoje se vê bem claramente na orientação da Faculdade no sentido dos trabalhos experimentaes.

O dr. Inácio Rodrigues da Costa Duarte, iniciador da grande cirurgia nos ospites da Universidade era seu amigo particular, e foi por elle erguido á posição em que morreu estimado, onrado e respeitado por todos.

Ao dr. Costa Simões se devem tambem os estudos sobre a patologia do sistema nervoso, porque a elle se deve o dr. Sena, professor da Faculdade de Medicina, que elle encorajou sempre nos seus trabalhos experimentaes, seguindo-lhe a missão ao estrangeiro, e empenhando-se depois pela sua coloccão na direção do ospital do Conde de Ferreira no Porto.

Ao dr. Costa Simões se deve a reforma da ospitalização dos doentes em todo o país.

Foi consultado e esteve em missão de reforma no ospital de Santo António no Porto, e a elle se devem os projetos de mais de um ospital na provincia.

Como professor, o dr. Costa Simões era muito estimado pela sua bondade, pela franchezza do seu trato, pela afabilidade com que tratava a todos os discipulos e os sabia levar suavemente a trabalhar.

Discipulo, seu nunca era esquecido: se tinha deixado na sua cadeira trabalhos interrompidos, elle lhos lembrava nos anos subsequentes e era o primeiro a ajudá-lo, sempre pronto a apresentá-lo com louvor aos collegas.

Nunca autorizou mais do que a justa emulação entre alunos, tratando a todos equamente e sabendo achar razão a todos, mesmo quando tinham opiniões contrarias.

A todos ouviu, mas escutava só a voz da sua consciencia; por isso era tido por teimoso por os collegas, a quem agradecia sempre, e elogiava os slvitres que lhe davam, e que d'pois, na solução dos problemas de ensino, punha de parte.

Nos seus livros era de falar claro e franco, dizendo alto o que pensava, embora isso por vezes melindrassse os collegas, como aconteceu com o seu livro sobre o ensino experimental na Faculdade de Medicina.

Assim foi toda a sua vida.

Fotmou-se em 1843, sendo provido logo no partido medico das Cinco Vilas que exerceu até 1852, acumulando algum tempo com o partido de Figueiro dos Vinhos.

Foi nesse tempo que o dr. Costa Simões deu uma prova da sua superior energia e do seu civismo, convidando para uma reunião publica os chefes de dois bandos politicos que conservam dividida a população, chegando por vezes a travar-se entre elles luta á mão armada.

Os dois chefes comprometeram-se por escrito a acabar com ódios e guerrilhas, e assim terminou a agitação que lavrava, com violencia, em todo o concelho.

Costa Simões interrompeu a sua vida clinica para se doutorar em 16 de julho de 1848.

Depois do trabalho do doutoramento, começou a sua campanha a favor dos banhos de Luso, conseguindo interessar por uma propaganda persistente o mundo scientifico e lançando o germe da estação termal que hoje vemos tão concorrida.

Em novembro de 1854 foi nomeado lente substituto da faculdade de medicina.

Com a invasão do cólera, Costa Simões mostrou toda a sua energia e atividade na direção do ospital da Conceição, destinado para socorros aos cólericos, e conservou-se inintermitemente no seu posto, quando outros fugiam ou retiravam o logar perigoso para que eram nomeados.

O relatório, que escreveu então, e que hoje é rarissimo, dá-nos a medida das suas exceçionaes qualidades de organizador de trabalhos scientificos, do seu aturado estado, do seu labor infatigavel.

Fizeram-se autopsias a todos os cadaveres dos individuos victimados pelo cólera, analisando-se microscopicamente o sangue, os contentos do tubo digestivos, a urinas, etc.

Essa mesma data que foi nomeado presidente da camara municipal de Coimbra, dando particular cuidado á construção do cemitério, cuja necessidade mostrara já em uma memoria apresentada em 1852 á vereação presidida pelo dr. Cesario.

Como presidente da camara, teve Costa Simões occasião de evidenciar os seus recursos de polemista, vindo á imprensa combater a descoberto os que se ocultavam sob o anonimo para desacreditar a sua rêta administração.

Nunca os cidadãos alheios ao professorado fizeram esquecer ao dr. Costa Simões os seus deveres de professor, e assim era que no meio de serviços publicos tão diversos, o vemos lembrar a necessidade de atender á organização dos trabalhos experimentaes na Faculdade de Medicina, e empenhar todos os esforços para que se dotassem as cadeiras com os instrumentos e aparelhos que permitissem organizar o ensino pratico.

Quando em 1850 foi nomeado professor caedrativo, escolheu a cadeira de anatomia normal, em que pouco se demorou por passar para a cadeira de Iatologia e fisiologia geral creada por carta de lei de 26 de maio de 1863, e devida ás suas instancias perante a Faculdade e o governo desde 1859.

Esta cadeira não existia ainda, so tempo, na Universidade de Paris, onde foi creada apenas a 20 de dezembro de 1860.

Em 1864 publicou Costa Simões os seus *Elementos de Physiologia humana com a histologia correspondente*, assunto inteiramente novo em Portugal, formando 3 volumes, acompanhados de 316 gravuras, obra que foi immediatamente adótada pela Universidade.

De agosto de 1864 até dezembro de 1865 visjou o dr. Costa Simões pelo estrangeiro, estudando o ensino medico nos principaes centros scientificos da Europa e voltou armado de vez para a luta que começara a emprender a favor do ensino pratico na Faculdade de Medicina.

Nada o desgosta, os risos, a impaciencia dos collegas e dos governos que começa a tê-lo como irritante pela sua mania insaciavel de levantar o ensino pratico, de estabelecer e dotar laboratorios.

Durante um ano, em que foi dispensado da regencia da cadeira, me-

Naquelle trágico momento, em que o governo da cidade estava entregue á autoridade militar, a intervenção de V. Ex.ª, conciliadora, cheia de bondade e de paz, toma as proporções dum grande ato de virtude.

Nessa hora dolorosa V. Ex.ª não foi o commissário de policia a quem se confiou a missão de vergar com o péso da autoridade a energia da alma do povo; não foi tambem o militar, que, por esse próprio facto, tomou o compromisso de procurar com a desigualdade social, e por esta tomar armas; foi tam somente o homem de coração, generoso e bom, a quem o sangue que borbulhava pelas pedras das calçadas enchia de dor e piedade.

Senhor! A Academia de Coimbra, que por vezes tem erguido o seu protesto contra as prepotências, sabe tambem fazer justiça ás altas qualidades e virtudes dos homens de bem.

A saída de V. Ex.ª desta cidade não podia, pois, ficar indifferente aos nossos olhos e ao nosso coração. E assim, encontrando nesse facto o ensejo para mais uma vez affirmarmos a sua gloriosa linha de conduta, permitta V. Ex.ª aos impulsos da nossa mocidade este nosso remessar de braços abertos ao seu encontro, assegurando lhe unimente e calorosamente a nossa mais profunda estima e alta veneração.

Ab Ex.ª Sr. Senhor Pinto da Rocha, major de infantaria. — Em assembleia geral, A Academia de Coimbra.

Em seguida foi apresentada uma moção saudando o sr. dr. Bernardino Machado pela sua patriótica attitud e exprimindo a adhesão da academia aos largos ideaes de progresso e liberdade em cuja defeza s. ex.ª vem de lançar-se resolutamente.

Esta moção foi calorosamente applaudida, erguendo se vivas ao dr. Bernardino Machado, á patria, á Republica, etc., etc.

Em seguida foi resolvido que a academia fosse, em massa, dar conta ao sr. dr. Bernardino Machado das resoluções tomadas, sendo s. ex.ª procurado no Instituto e acompanhado á sua casa entre entusiasticas aclamações, que o illustre professor comovidamente agradeceu, com nobres palavras de agradecimento e estimulo.

Consta-nos que uma comissão de academicos vá pedir a s. ex.ª para realizar uma conferencia nesta cidade.

Recenseamento eleitoral

Aviso

A Comissão Paroquial Republicana da freguezia de S. Bartolomeu convida os republicanos desta freguezia a inscrever se no cadastro da mesma Comissão, p. tente na Praça do Comércio, n.º 43, a fim de se recensearem os que o não estejam e tenham direito a essa regia.

A mesma Comissão lembra a todos os cidadãos republicanos, que não estejam recenseados, a urgencia de se munirem da certidão de idade, base essencial para a revisão do recenseamento próximo. Para que lhes seja passada essa certidão, devem fazer o seguinte requerimento:

II.º Rev.º Sr. paroco da freguezia de...

Fulano, estado, profissão, de... anos de idade, filho de... e de..., natural de... freguezia de... morador na rua de... n.º... requer a V. Rev.ª que lhe passe a sua certidão de idade, para fins eleitoraes, isenta de imposto de selo e quaesquer emolumentos ou salários, como determinam os artigos 36.º e 37.º do decreto de 8 de agosto de 1897.

Coimbra, etc.

E. R. M.

F...

Este requerimento deve ser entregue aos párocos das respectivas freguezias, que teem obrigação de passar as certidões no prazo de 3 dias, grátis, e em papel não selado e em seguida ser reconhecida gratuitamente por tabelião.

A comissão lembra tambem que o prazo para a inscrição no recenseamento, principia em 26 de dezembro e anda em 5 de janeiro próximo.

PENDENCIA

Do nosso correligionário sr. Fausto de Quadros recebemos o pedido da publicação dos seguintes documentos:

Coimbra, 22 de novembro de 1903.

III.ºs e ex.ºs srs. dr. Antonio Aurelio da Costa Ferreira e Belizario Pimenta.

Acabo de ler no jornal d'esta cidade *O Tribuna Popular* n.º 4947, de sábado, 21 do corrente uma local sob a epigrafe *Ecos* em que encontrei umas frases que reputo offensivas da minha dignidade pessoal, d'entre as quais especializo as seguintes:

Que eu continuo a esvumar odios (no semanario *Justica*, de que sou director e editor) num *delirium tremens* de morbida irritabilidade;

Que eu «anunciei ameaças de *chantage*,» insinuando se tambem que «os quarenta e cinco contos do emprestimo municipal nunca servira para abarrotar, por meio de processos de usura ultra-judaica, os cofres particulares de certos criticos».

Nestes termos, peço a v. Ex.ª a fineza de procurarem o director politico ou o redactor principal do referido jornal e, de um ou doutro, reclamarem, como satisfação á minha honra ofendida, uma reparação pelas armas;

Confiando no cavalheirismo de v. ex.ª espero que tratarão deste assumto nos termos usados em tais casos.

Sou com toda a consideração

De v. ex.ª muito att.º ven

Fausto de Quadros.

P. S.—Cumpre-me mais informar v. ex.ª de que na frase «nunca servira para abarrotar, etc.» julgo existir uma insinuação caluniosa para a memoria duma pessoa de minha familia, o que especialmente me offende.

Fausto de Quadros.

Coimbra, 23 de novembro de 1903.

II.º e Ex.º Sr. Fausto Quadros.

Em cumprimento das ordens de v. ex.ª após a recepção da sua carta de 22 de novembro corrente, dirigi-me nos, ás quatro horas da tarde de 23, á casa da redacção do *Tribuna Popular*, onde procurámos saber quem era actualmente o director, daquelle jornal. Tendo-nos sido dito ali que o actual director é o sr. dr. José Joaquim de Oliveira Guimarães, e havendo sabido mais que este senhor dirige já o *Tribuna Popular* ao tempo em que foi publicado o seu ultimo numero (n.º 4947), procurámos o mesmo sr. dr. Oliveira Guimarães em sua casa, á rua dos Grilos, n.º 16. Depois de pô-lo ao corrente da carta que v. ex.ª nos dirigiu s. ex.ª declarou:

1.º) que era, de facto, o director politico e redactor principal do *Tribuna Popular* e que, como tal, assumia a responsabilidade do *suelto* em que v. ex.ª julga ver frases offensivas da sua dignidade pessoal;

2.º) que, na sua qualidade de ecclesiastico não podia aceitar a des affronta em outro qualquer campo, que não o do du-lo;

3.º) que considerava a frase «esvumar odios num *delirium tremens* de morbida irritabilidade» como uma simples frase sem visos de offender.

4.º) que não sabia classificar de outro modo que não o de *chantage*, o facto de no jornal *Justica* de 17 do corrente se escrever o seguinte: «Continue, pois (*O Tribuna Popular*), e publique documentos, que nós publicaremos os que nos parecer, e se tanto nos aprovar, um em *fac simile* a que não é extranha gente de saias. O Marquez de Pombal tinha destes devaneios...»

5.º) finalmente, declarou mais que a frase de *O Tribuna Popular* «os quarenta e cinco contos do emprestimo municipal nunca servira para abarrotar, por meio de processos de usura ultra-judaica, os cofres de certos criticos», frase que v. ex.ª particularmente julga muito offensiva por ver nela uma insinuação caluniosa á memoria dume pessoa de sua familia, visava unicamente v. ex.ª e não passava duma discreta repetição do que fora dito no n.º 4941 de *O Tribuna Popular* ao tempo dirigido por outro cavalheiro, que não elle sr. dr. Oliveira Guimarães.

Em face destas declarações, que agora trazemos ao conhecimento de v. ex.ª julgamos terminada a missão de que v. ex.ª nos encaregára.

De v. ex.ª muito att.º veneradores

Antonio Aurelio da Costa Ferreira Belizario Pimenta.

Coimbra, 23 de novembro de 1903.

III.ºs e Ex.ºs Srs. Dr. Antonio Aurelio da Costa Ferreira e Belizario Pimenta.

Acuso a recção da carta em que v. ex.ª me comunicam que o director politico do jornal *O Tribuna Popular* é o sr. dr. José Joaquim de Oliveira Guimarães, o qual lhes declarou assumir a responsabilidade das frases que considero offensivas da minha dignidade pessoal, dando sobre ellas as explicações que entendeu e que não podem satisfizerem.

Nestas condições, e considerando que aquelle senhor mantem a insinuação de que «eu anunciei ameaças de *chantage*» e a frase «por meio de processos de usura ultra-judaica» (esta ultima referindo se unicamente á minha pessoa), recusando contudo a bater-se, para o que alega a sua qualidade de ecclesiastico, peço e v. ex.ª a fineza de o procurarem novamente e de lhe pedirem queira indicar outro redactor do *Tribuna Popular* ou um qualquer seu amigo que me dê a devida satisfação pelas armas.

E para encurtar a solução desta pendencia, que contra minha vontade se vai prolongando, tenho a informar v. ex.ª de que no uso da prerogativa conferida pelas leis do duelo ao offendido, escolho para arma de combate o sabre.

Sou, com toda a consideração.

De v. ex.ª att.º ven.

Fausto de Quadros.

Coimbra, 24 de novembro de 1903.

III.º e Ex.º Sr. Fausto de Quadros

Em resposta a segunda carta em que v. ex.ª nos encarregou de nova missão ainda concernente á sua pendencia de honra com o sr. director do *Tribuna Popular* cumpre-nos levar ao seu conhecimento que logramos receber do sr. dr. José Joaquim de Oliveira Guimarães, director politico e redactor principal daquelle jornal, que assumiu a responsabilidade do *suelto* a que v. ex.ª se refere na sua primeira carta, de 22 do corrente a seguinte resposta:

—que declara formal e definitivamente que assume, como já declarara, toda a responsabilidade da redacção daquelle *suelto*, mantendo as explicações que constam da nossa primeira carta e não indicando nenhuma outra pessoa para em seu logar dar a satisfação pelas armas que v. ex.ª reclama e a que elle se recusa.

Atendendo agora ás explicações dadas pelo sr. dr. Oliveira Guimarães, atendendo mais ás razões com que s. ex.ª fundamenta a sua recusa, e attendendo, finalmente, ao facto de v. ex.ª, sr. Fausto de Quadros, ter esgotado todos os meios de que podia dispor para obter a devida satisfação pelas armas, julgamos esta pendencia terminada honrosamente para ambas as partes.

De v. ex.ª muito att.º veneradores

Antonio Aurelio da Costa Ferreira Belizario Pimenta.

Museu de Antiguidades do Instituto de Coimbra

O numero de visitantes, durante o mês de novembro foi de 144.

Publicações recebidas

A impotencia sexual pelo dr. W. A. Hammond, traducção de J. A. Bentes. Editada pela livraria Central de Gomes de Carvalho, rua da Prata, 160. Lisboa

Tratado de contabilidade pelo guarda livros Ricardo de Sá. Estão publicadas as cadernetas n.º 11 e 12. Assigna-se na Editora Largo do Conde Barão 50.

Tuberculose social.—A *Sacristia*, por Alfredo Gallis. Editada pela livraria Central de Gomes de Carvalho, rua da Prata, 160. Lisboa.

Historia socialista sob a direção de Jean Jaurés, traducção de Eliza de Menezes, adornada de magnificas e numerosas illustrações. Está publicado o tomo 15. Assina-se na Antiga Casa Bertrand José Bastos—R. Garrett—73—Lisboa.

Miscelanea Literaria, por A. A. de L. m. D. que está publicado o 2.º volume *O Livro de Maria, sinha*, editado pela imprensa Lusarua do Diario de Noticias 93.

TEIXEIRA DE PASCOAES

SEMPRE

Um volume de 325 paginas, edição luxuosa, 500 réis.

JESUS E PAN

Preço 4 o réis.

Ped dos á livraria editora de José Figueirinhas Junior—Rua das Oliveiras 75—Porto.

O pro-luto d'este livro revertirá a favor duma *Assistencia a crianças doentes* que se váe fundar em Amarante.

NOVIDADE LITERARIA
ANNIBAL SOARES

AMBROSIO DAS MERCÊS
(Memórias)

Preço 600 réis

CONTOS DAS CRIANÇAS

POUR
Maria Pinto Figueirinhas
Preço 300 réis—Livraria Editora de José Figueirinhas Junior—Rua das Oliveiras—Porto.

Noções elementares

ARIMÉTICA PRÁTICA
POR
ADELINO LOPES CARREIRA

Acha-se já á venda este livro, magnifico trabalho, que bem attesta a competencia, dedicação e amor do seu autor, pelo ensino da ciencia dos numeros, e de tantas outras disciplinas.

Está ella escrita de forma a poder ser estudada sem auxilio de mestre, e compreendida por todas as intel ligencias, seguindo uma orientação diferente de todas as que existem, e trata desenvolvimento como nenhuma, de todos os calculos arithmeticos.

Contem 400 paginas, aproximadamente, nitidamente impressa em bom papel, formato 22—14 e o seu preço é: brochada, 12000 réis; encadernada, 12250 réis; e a fasciculos, 12200 réis. No 1.º e 2.º caso acrece 40 réis de porte sendo enviada pelo correio.

Os pedidos das provincias devem ser feitos ao editor Francisco António p'Aguiar, Figueiró dos Vinhos, e os da capital á livraria *Avulso Machado*, 19 rua do Poço dos Negros, Lisboa.

Rudimentos de agricultura

POR
ANTONIO X. PEREIRA COUTINHO
Livro aprovado no ultimo concurso pela Direcção geral d'Instrução publica
Preço pelo correio, 280 réis

A venda em todas as livrarias do continente, ilhas e ultramar, e na casa editora LIVRARIA AILLAUD, rua do Ouro, 242-1.º—Lisboa.

ANUNCIOS

Escola Nacional de Agricultura

Faz se publico que na quinta-feira, 17 de Dezembro proximo, pela 1 hora da tarde, na Escola Nacional de Agricultura, em S. Martinho do Bispo e perante o Conselho de Administração da referida Escola se procederá a arrematação em ésta publica dos animaes seguintes:

- 1 Varrasco—Base de licitação—102000 réis.
- 1 Macho—62000 réis.

Os referidos animaes podem ser examinados em todos os dias uteis desde as 10 horas da manhã ás 4 da tarde.

Escola Nacional de Agricultura, 28 de Novembro de 1903.

O Director interino, José Antonio Ochoa.

FARMACIA

Vende-se a 22 kilometros de Pombal e 45 de Coimbra, por falta de saúde do seu proprietario; bem afreguezada toda de mogno com 8 corpos.

A qualquer pretende-se, que não esteja examinado, não á duvida em ficar com a responsabilidade della, pelo tempo convenconado.

Carta a Rodrigues da Silva & C.ª—Coimbra.

ACETILENE

Instalações completas. Grande deposito de *carboreto de calcio*.

Ladeira & Filho
Praça 8 de Maio—COIMBRA

Carro e cavallos

Vende-se um coupe, cavalos e arreios; quem pretender dirija-se ao sr. Manuel Peça no Largo da Sota.

BICICLETAS

A 3 para vender, quasi novas. Uma é de corrida. Para tratar na rua das Solas, 79.

O amigo do povo de Coimbra

Agostinho Rodrigues da Bella, proprietario da *Paderia Popular*, Largo da Freiria, n.º 12 e 13, á rua dos Sapateiros, participa ao publico que acaba de receber farinhas escolhidas nas mais acreditadas fabricas de Lisboa com o fim de satisfazer bem as exigencias de todo o consumidor muito particularmente pelo que respeita ao saboroso paladar que em geral resulta da boa qualidade e esmerado acção na manipulação.

Além disso o seu proprietario com attividade e zelo envia os melhores esforços para montar o seu estabelecimento em rigoroso confronto com os mais aperfeiçoados do pais, seguindo o moderno sistema de fabricação empregando sempre a agua filtrada.

Assim espera obter a preferencia do publico que lucra duplamente em igiense e qualidade de pão fino, relativamente barato, porquanto o annunciante compra de pronto as farinhas.

Convida, pois, o publico a visitar este esmerado estabelecimento.

Manda o pão a toda a ora aos domicilios dos freguezes.

COMPANHIA EQUIDADE

Seguros de vida de animaes (boi, vacca, cavallo e muar)

ao premio de 3 % do valor do animal

Agente em Coimbra, Joaquim Antonio Pedro.

Em casa do sr. Antonio Rodrigues Pinto.

Modista de chapéus

Com um esplendido sortimento de chapéus para senhoras e crianças, no que á de maior novidade, chegou a esta cidade e instalou-se na sua casa rua Ferreira Borges, n.º 185, 1.º, a acreditada modista de Lisboa que na estação de verão esteve em casa do sr. Augusto Palhinha.

Convida por isso as suas ex.ªs freguezas a visitarem o seu atelier onde encontram bonitos modelos a preços modicos.

POLIFON

Aparelho artistico muito aperfeiçoado tocando 35 musicas diferentes. Movel rico para sala.

Vende-se no Café Montanha.

Largo do Principe D. Carlos

LUCA

Delicioso licor extra-fino

VINHOS

Associação Vinicola da Bairrada

Grandes descontos nos revendedores

Unico deposito em Coimbra

CONFÉITARIA TELLES

150, R. Ferreira Borges, 156

COLEGIO

LICEU FIGUEIRENSE

Instituto particular de educação e ensino

Figueira da Foz

DIRETOR

Dr. José Luiz Mendes Pinheiro

Professor na Universidade e ex-professor no Lyceu Central de Coimbra

Neste estabelecimento ensina-se instrução primaria e instrução secundaria (curso dos liceus e curso comercial). Aulas de ginastica e musica.

Admitem-se alunos internos, semi-externos e externos.

Enviem-se regulamentos, programas e quaesquer informações a quem as pedir ao diretor.



COIMBRA

Instalação provisoria: rua da Sota, n.º 8

Tabela de preços de venda a miúdo (1 de julho de 1903)

Marca	Garrafa de litro	Garrafa de meio litro	
		1	6
Tinto GRANADA...	650	120	680
" CORAL...	600	130	720
Branco AMBAR...	650	—	100
" TOPAZIO...	—	—	120

Distribuição gratuita aos domicilios em casas de garrafão ou duzias de garrafas

Aos automobilistas

Gazolina para automoveis. A venda na casa

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio — COIMBRA

CASA MEMORIA

Santos Beirão & Henriques

Sucursal em Coimbra

99—Rua Visconde da Luz—103

Esta casa continua a fornecer ao publico as suas acreditadas maquinas de costura—*Memoria*. Tem todos os modelos mais recentes taes como vibrantes, oscilantes e boniné central o que á mais perfeito.

Ninguem compre sem visitar esta antiga e acreditada casa, para se certificar da qualidade e preços destas maquinas que nenhuma outra as póde egualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a *Memoria* com tentas outras que por ahi se vendem. Vendem-se a prestações e a prompto pagamento. Aceitam-se maquinas usadas em troca por seu justo valor.

Pianos

Esta casa acaba de receber importantes remessas Pianos alemães e franceses que se vendem a prompto pagamento por serem importados directamente dos fabricantes; vendem-se ao publico em melhores condições do Porto ou Lisboa. Aceitam-se Pianos em troca e compram-se Pianos usados. A sempre quantidades de Pianos para alugar.

"RESISTENCIA"

CONDIÇÕES D'ASSINATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Ano	2700
Semestre	1350
Trimestre	680

Sem estampilha:

Ano	2400
Semestre	1200
Trimestre	600

Brazil e Africa, ano..... 32600 réis
Ilhas adjacentes, » 32000 »

ANUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assinantes, desconto de 50%.

Comunicados, 40 réis a linha.
Réclames, 60 »

Anunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal fór honrado.

Avulso 40 réis

VINHOS DE PASTO

GENUINOS

BRANCOS E TINTOS

Para consumo e exportação

Vendas por junto e a miúdo

Nos preços indicados não vae incluída a importancia do garrafão (360 réis) nem a das garrafas (60 réis para a garrafa de litro, 50 réis para a bordaleza), que se recebem pelo custo.

Prevenção.— Os garrafões levam o carimbo da Adega em lacre, e nas rollhas das garrafas e garrafões vae o emblema da Adega impresso a fogo. Em todas as vendas se dá fatura ao comprador.

COLAR DOUCHE

O melhor aparelho para banho douche que se obtem sem molhar a cabeça.

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio — Coimbra

L. M. LILLY, Engenheiro

- Machinas** agricolas de toda a qualidade.
- Machinas** para fição e tecelagem para todos os tecidos.
- Machinas** para fazer soda-water, gazosas, gelo, etc.
- Machinas** para fazer papel continuo, cartão, etc.
- Machinas** para lavar, engommar e desinfectar roupa.
- Machinas** de vapor e de gaz, caldeiras e bombas.
- Machinas** de escrever, de systema YOST.
- Correas** de pello, de couro, de borracha, empanques, etc.
- Materias primas** de todas as qualidades.
- Instalações, desenhos, montagens.**
- Facilitam-se pagamentos.**

REPRESENTANTE

JOÃO GOMES MOREIRA
COIMBRA

PASTELARIA E CONFÉITARIA TELLES

150—Rua Ferreira Borges—156

COIMBRA

Nesta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, em contra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza.

Dóces de ovos dos mais finos paladares e delicados gostos, denominados *dóces sortidos*, para chá e *sorries*, em grande e bonita variedade que difficil se torna enumera-la.

Dóces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em secco, como cristalizados, rivalisar com os estrangeiros.

Pastelaria em todos os generos e qualidades, o que á de mais fino e saboroso, especializando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primorosa fantasia, denominadas *Centros de mesa, Castelos, Jarrões, Lyras, Flores, Lampreias*, etc., etc., próprias para banquetes.

Pudings Gelados, de leite, deliciosos; laranja, chá café e de fructas diversas, vistosamente enfeitados.

Pão de ló pelo sistema de Margaride, já bem conhecido nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Madeira, Moscatel, Colares, Champagne, Cognacs, Licores finos, etc. das melhores marcas nacionaes e estrangeiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

Amendoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo-se a pureza dos assuáres com que sam fabricadas.

Conservas nacionaes e estrangeiras, chás verdes e pretos, passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyère, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.

Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e biscoitos na Courça de Lisboa, 32.

Canalisações para agua

Ninguem mande fazer sem ver os preços da casa

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio — Coimbra,
Orçamentos gratis

SILVA & FILHO

Fábrica manual de calçado e tamancos e depósito de alpargatas

EXPORTAÇÃO

Nova Havaneza

Rua de Ferreira Borges n.º 176

Papelaria, Tabacaria, Perfumaria, Carteiros, malas, caixas de charão, e todos os objetos de escritório.

IGIENE

Os melhores aparelhos, retretes, lavatórios, tinas e urinoes nacionaes e inglezes.

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio — COIMBRA

Agua da Curia (Mogofores—Anadia)

Sulfatada - Calcica

A unica analysada no palz, similhante á afamada agna de CONTREXÉVILLE, nos Vosges (França)

INDICAÇÕES

Para uso interno:— *Arthritismo, Gotta, Lithiase urica, Lithiase biliar, Engorgitamentos hepaticos, Catarrhos vesicaes, Catarrho uterino.*

Para uso externo:— *Em diferentes especies de dermatoses.*

As analyses chimica e microbiologica foram feitas pelo professor da Escola Brotero, o ex.º sr. Charles Lepierre.

A venda em garrafas de litro—Preço 200 réis

Deposito em Coimbra—PHARMACIA DONATO

4, Rua Ferreira Borges, 6

FONOGRAFOS

Manoel José Telles, Rua Ferreira Borges, n.º 150 a 156; tem em deposito os magnificos Phonographs Edison de diferentes preços e tamanhos.

Variada e grande coléccão de cilindros, com lindas operas, cançonetes, monologos, etc., nacionaes e estrangeiros que vende pelos preços das principaes casas de Lisboa e Porto.

Sempre cilindros com musicas novas e muito escolhidas.

RELOJOEIRO

Manoel José Pereira Machado, empregado, da Relojoaria Paixão, faz publico, que se encarrega de todos os trabalhos concernentes á sua arte, para o que se encontra trabalhando por sua conta no Arco d'Almedina n.º 7, responsabilizando-se pela perfeição e solidiez dos seus trabalhos.

Preços modicos.

Tubos de ferro, bombas e seus pertences

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio — COIMBRA

Opa de seda nova

Vende-se uma propria para irmão da Misericordia. Para tratar com Augusto Nunes dos Santos, rua Direita, 16 e 18 — Coimbra.

CASA

Arrenda-se uma, na rua dos Sapateiros, n.º 40 e 42. Constando de lojas e 4 andares, propria para estabelecimento de qualquer género.

Trata-se com David de Sousa Gonçalves, rua da Moeda, Coimbra.

PROBIDADE

Companhia Geral de Seguros

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua Ferreira Borges, 165, 1.º

Tomam-se seguros de prédios, mobílias e estabelecimentos contra o risco de incendio.

Consultorio dentário

COIMBRA

Rua Ferreira Borges

Herculano Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

Alfaiateria Guimarães & Lobo

54—RUA FERREIRA BORGES—56

(Em frente ao Arco d'Almedina)

Abriu este novo estabelecimento onde se executa com a maxima perfeição e modicidade de preços, toda a qualidade de fatos para homem e creança, para os quaes tem um variado sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Ha tambem uma grande variedade em flanellas e panos pretos para capas e batinas, para todos os preços. Artigos para homem como camisa, gravatas, luvas, etc.

Pede-se ao publico a finesa de visitar este estabelecimento.

CASA

Arrenda-se o 3.º e 4.º andares na rua da Alegria n.º 77. Tem agua, gaz e um pequeno quintal.

Tambem se arrenda a loja do mesmo prédio.

Trata-se com Antonio Marques de Seabra, largo do Principe D. Carlos — Coimbra.

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Editor
MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redação e administração — RUA DE FERREIRA BORGES, 89, 2.º andar

Officina tipográfica
12 — RUA DA MOEDA — 14

N.º 857

COIMBRA — Domingo, 6 de Dezembro de 1903

9.º ANO

TODA A LUZ

Dreyfus! Depois de ser o mais repetido dos nomes, a mais intensa das paixões, o mais discutido dos ómens, Dreyfus, irrisoriamente perdoado, esquecera quasi. Morrerá Zola, o extraordinário defensor dessa causa universal e parecia que deposto o apóstolo, o mártir seguiria vivendo a sua dor no seu descanço ingrato de indultado. Mas felizmente outro apóstolo ficou, é Labori; outra força trabalhava, a alma incansável do condenado, agulhada pela pena que mesmo sendo o perdão, lhe era de atroz castigo.

E ficára sobretudo vibrando como um fio suspenso, obraço como um motor eterno, a própria verdade, essa verdade que acompanha fielmente a evolução, essa verdade negada hoje, feita amanhã que é, acima do critério dos ómens, mais alta que todas as lutas e todas as políticas, a suprema determinante dos estadios sociais de aperfeiçoamento. E essa verdade, de que o apóstolo fizera um evangelho, era mais que a verdade obscura que se va acendendo, era a verdade mentida, atraçoada, sufocada pelos trapos negros dos filhos do altar, curvada sob a lamina embaciada duma espada de graduado. Não bastou porém essa conspirata de ómens de coroa e de galões, que faziam uns a sua obra de luto, outros defendiam o escândalo que os arrazaria, para tolher e aniquilar a força que fatalmente os avia de vencer.

Conseguiram, é certo, nos primeiros tempos o seu desejo perverso e a sua vitima algemada e proscrita largou mar em fóra para o seu presidio da Ilha do Diabo. Mas a verdade vivia, pulsava, ia avançando. Dreyfus novamente julgado era perdoado.

Ainda aí a obra miserável de todos os que, para calarem o epíteto que reconheciam caber-lhes, se diziam anti-semitas, ainda nessa cassação de Renes eles venceram em toda a linha. Aviam degradado um inocente e agora perdoavam-no, o que lhes dava uns ares evangélicos de generosos quando não eram senão, os mesmos carrascos sem alma. Perdoar a um inocente é cem mil vezes peor que decapitar um culpado. E contentes da sua obra eles viram o inocente seguir o seu caminho, materialmente liberto mas ainda moralmente culpado e esse ómem que deixára de ser um presidiário era ainda um condenado que entrava num segundo estado da penalidade, o perdão.

Mas a verdade ia chegando, ia vencendo invisível. E agora parece que va finalmente fazer-se toda a luz nesse nefando crime duma sociedade contra um ómem.

Num desses ímpetos sagrados de justiça, da justiça dos bons, superior á justiça dos códigos, revolver-se-á outra vez esse doloroso

processo de Dreyfus, para a completa reabilitação do eróe que num inqualificável acesso de demente maldade, sob a pressão avassalante de forças obscuras, tecendo na sombra duma infamia a mais torpe das vilézas, os ómens dum tribunal superior e especial aviam condenado ao perdão, a mais infamante das penas para um sêr que é sem mancha.

A França, a nova França d' hoje quer dar ao mundo mais esse alto exemplo de civismo e caráter. Depois dessa extraordinária luta contra a reacção, depois de ter expulso no mais energético e abençoado dos seus gestos nacionais a matilha negra do crucificado, depois de ter garantido a segurança dos seus cidadãos contra as emboscadas duma seita, a França hoje emfim republicana liberal, a França que em pouco tempo derrubará o altar, como outróra derrubou o trono, dispõe-se a investir contra todos os seus outros inimigos, contra os vários elementos de fâções retrógradas que se coligaram nesse colossal e vergonhoso atentado Dreyfus, que cobrira o nome glorioso da França com o espesso veio da ignominia e da mentira.

Se não fazer o mal, é uma virtude, remediá-lo é uma glória. A França dizendo-nos a última palavra nesse caso negro, representando o quinto ato que Zola esperava, dá numa dessas emoções de vida e de bem, uma alta lição a todos os agregados umanos.

E agora a França purificada, a França renascida e elevada, ouvirá no bello céu rutilo e limpo que os seus ómens d' hoje, vão abrir-nos, o galo vitorioso dos francos soltar galhardamente aos quatro cantos do mundo o seu ossana vibrante, dizendo numa glória porfiada e conseguida, esta bela madrugada moça, duma nação que desperta para as grandes conquistas da verdade e da justiça.

A insubmersa alma desse povo que á seculos domina a Europa com as diversísimas manifestações do genio da sua raça, depois desse período angustioso de trevas, que afinal eram a evaporação dos venenos incorporados e hoje expulsos do seu umus vitalissimo, rebrilhará depois a toda a luz como um sol muito novo numa manhã muito pura.

EDUCAÇÃO POPULAR

Em Espanha

Reuniram-se dias, em Madrid, os estudantes republicanos, para discutir uma mensagem que va ser entregue ao parlamento, e em que se reclama o augmento da verba destinada á instrução publica e á criação de laboratórios e escolas técnicas especiais, em harmonia com as exigencias crescentes da ciencia moderna.

Em Espanha, estudantes e professores unem-se franca e entusiasticamente para uma campanha desvelada em prol da instrução popular, chamando a si a tarefa grata de vulgarisar nas

camadas proletarias conhecimentos de toda a ordem, organizando cursos e missões educativas, como dos professores e alunos da Universidade de Oviedo a Resistencia já referida.

Compreende-se, no pais visinho, que é a instrução popular, mais e mais difundida e progressivamente ampliada, que á de formar uma patria nova, cheia de poderosas energias e de largas aspirações. E professores e alunos, num fervoroso culto da ciencia e num grande zelo patriótico, aliam-se para vencer a ignorancia, desprendendo-se uns de escrúpulos ridículos de ierarquias catedráticas e poupando outros a sua mocidade ao esgotamento dos prazeres faceis para a darem a um trabalho duro e fructuoso.

Se em Portugal alguém se lembrasse de propor aos estudantes, em Coimbra por exemplo, procedimento similar ao dos academicos republicanos espanhóes, teria de aguentar os dichotes e as sonoras risadas de tanto alentado cretino que por aí passava a sua nulidade, e sofreria o desgosto doloroso de se ver só, desacompanhado e incompreendido.

Para a grande maioria da nossa mocidade estudiosa, á muito que a sua superior e absorvente missão se reduz a esperar momento propicio de apôar feriados e de sair, com fitas e pandeiretas, para largas excursões recreativas a teatras pelintras.

Tudo o mais á nossa mocidade escolar recebe e acolhe com indiferença e desdém, hostilizando com ironias e até quasi com odio as tentativas dos que ella chama puritanos e pedantes, quando não va mais longe, em desbragamentos de zavaneira, o seu irrisorio despeito e a sua profunda ignorancia.

Por outro lado, convem tambem não esquecer que da parte dos professores portuguezes não vem essas iniciativas nobilitantes que os catedráticos espanhóes defendem com interesse ardente, nem neles se encontra a familiaridade amiga, a abnegação, o entusiasmo, o civismo que no pais visinho facillita, sem quebra de respeito e de disciplina, a união proficua de mestres e discípulos para as grandes campanhas da instrução popular.

São inacessíveis, com raras excepções, os professores portuguezes, orgulhosos dos seus titulos e avessos do seu saber, escapando se para as patuscadas da politica e anulando-se na mandria do secretariado, ou reclinando-se no exercicio do seu magisterio, monotono e frio. Lá fóra, onde se pratica a extensão universitaria, onde as universidades populares alastram, em Inglaterra como nos Estados Unidos, na Italia como na França e Belgica, os mestres não tem, pelo visto, respeito pela sua alta dignidade, que elles conspurcam descendo a educar as camadas trabalhadoras.

Este desprezo pela instrução, este respeito pela ignorancia, são o nosso peor mal, e aos verdadeiros democratas cumpre removê-lo como condição do seu definitivo e real triunfo.

Novidade literária

Foi ontem pôsto á venda, editado pela livraria académica do sr. João de Moura Marques, um drama em 2 atos — *A Única Verdade* — do nosso illustre colaborador Manuel de Sousa Pinto, que por certo conquistará largo successo no nosso meio intelectual.

E' esta a primeira edição da Livraria Académica, que auspiciosamente se estreia, dando nos um trabalho cuidado, de fátura elegante e simples, sem os arrebiques pesados que andam agora em voga.

Por isso muito cordealmente felicitamos o sr. Moura Marques, cuja afabilidade, solicitude e onradez o tornam tão geralmente estimado e merecedor da simpatia pública.

Partido republicano

Em Lisboa, Porto e Coimbra continuam empenhadas boas dedicações na obra de união republicana, organizando e reconstituindo as comissões populares republicanas e esforçando-se por aproximar todos os elementos do nosso partido, que têm andado dispersos e esquecidos.

Formados e reconstituídos esses agrupamentos, base indispensavel de toda a organização democratica, cumpre que assumam a serio a sua fadigosa missão, afirmando por atos positivos a sua existencia e a sua utilidade.

Chegou o momento de, numa prova suprema, apartarmos aquêles dos nossos que desejam caminhar para deante e os que, por quaesquer razões, continuam parados.

Façamos uma grande seleção. Não sacrificuemos as iras e perseguições lesivas do regimen aquêles que, por sua posição, mais expostos possam estar a esses perigos; mas não deixemos tambem que continuem isolados e inativos os que pela Republica podem lutar desafrontadamente, sem tibezas nem riscos.

O partido republicano nada lucra em fazer victimas, que está longe de poder indemnisar, tendo só a perder com a inutilização de correligionarios que veladamente, podem prestar-lhe apoio valioso.

E, de resto, confiar a correligionarios, presos de interesses, trabalhos de saliencia no partido, expondo os ás represalias do regimen, que de todas as torpezas lança mão para se defender, é contribuir para que esses trabalhos sejam incompletos, morosos, estreitos pelo natural receio com que serão executados, é mesmo subordinar os interesses do partido a interesses particulares, que são sempre uma opposição e um estorvo.

Dispensados estes, feita a seleção, apurados os que podem lutar livremente, sem perigo de ciladas, declaremos emfim a luta com ardor, intelligencia e continuidade.

Não basta eleger comissões e afirmar que se deseja a união republicana. E' preciso justificar a razão de ser dessas comissões, assignando-lhes trabalhos, e defender essa união desejada por uma intervenção constante e dedicada.

A um grande trabalho a fazer. Mas que cada um de nós, ao tomar a sua parte nessa tarefa, o faça convencido de que por largo tempo a não largará de mão, para a breve trecho nos não acometerem desalentos e impaciencias que tudo inutilizem.

O grande erro do partido republicano tem sido não saber esperar. Reclamamos, impetuosamente, soluções rapidas e decisivas; exigimos, de golpe, milagrosas transformações, e tresvariámos no sonho da revolução, que pré-gamos mas que não preparamos, com fino e persistencia.

E saber esperar não é, por forma alguma, desarmar e ficar inativo. Não. Podemos abrir lutas e conquistar os reductos a cujo assedio possamos com exito lançar-nos. Nas urnas, na imprensa, nas reuniões, por todos os meios de propaganda, afirmaremos a nossa existencia, cada vez mais forte e mais util. Moralizaremos o sufragio, protestando contra fraudes e violencias, insinuando no eleitorado esse espirito de rebeldia onesta que á de vencer o caciquismo corruptor, vigiando com cuidado os recenseamentos para que eles sejam a expressão da verdade. Acordaremos a opinião, interessá-la émos chamando a nós o debate de todas as grandes questões nacionais e de todos os grandes e vitais assuntos que, lá fóra, são por parte dos democratas objeto de memo-

raveis controvérsias e campanhas. Travarémos a grande batalha contra a funesta ignorancia geral, difundindo por todas as formas a instrução, batendo as superstições e los preconceitos pela vulgarização de conhecimentos de toda a ordem, fazendo ómens completos e cidadãos prestantes.

Levaremos a toda a parte, emfim, o rumor da nossa vida, a certeza e a confiança dos nossos trabalhos, o estrepito dos nossos protestos e lutas.

E assim caminharemos para a Republica, e assim trabalharemos pela Revolução.

Trabalhar, trabalhar muito, trabalhar sempre, fugindo do erro nocente da abstenção, libertando-nos de impaciencias e impulsivas rebeldias, sabendo esperar com firmeza e esperança — eis o caminho que temos a seguir.

Que todos saibam, pois, cumprir o seu dever.

Comité académico operário

Vai noutro lugar do nosso jornal referéncia á attitude dignissima dos estudantes republicanos espanhóes, perante as questões de instrução popular, com o apeno de commentários que nos foram sugeridos pelo confronto dum tal propósito com a nossa estúpida indiferença acerca de tais assuntos.

Precisamente neste momento uma nova gratissima vem marcar uma excepção onrosa: O Comité académico operário, do Porto, vá iniciar uma série de conferencias de educação popular, contando já para tal empreendimento com a adesão de ómens illustres como Azevedo Albuquerque, Basílio Teles, Júlio de Matos, Roberto Alves, Manuel d'Oliveira, Manuel Laranjeira e Pádua Correia.

Com uma tenacidade bem rara no nosso meio, os trabalhadores animosos do Comité não renunciaram á sua nobre campanha.

Venceram ostilidades, calúrnias, injúrias com uma firmeza que só uma grande fé e um grande entusiasmo permitem.

Mas venceram, esses belos rapazes, os únicos que nessa barulheira desordenada contra jesuitas, lançaram uma iniciativa útil e fructuosa.

Nós os saudamos cordealmente pelo seu nobre e exemplar esforço.

«O Seculo»

A *Ilustração Portuguesa*, nova criação do sr. Silva da Graça, continua a ser barateada pelas ruas de Coimbra, com crescente redução de preço.

Alguns correspondentes do famoso colosso notificaram o facto á respectiva administração, arguindo-lhe a deslealdade e inconveniencia do negocio.

Singelamente, a administração respondeu o seguinte, continuando imperturbavelmente a remeter-lhes exemplares para venda:

Ex.º Sr. ...

Coimbra

Sobre o que apresenta em seu estimado postal, difficilmente poderei evitar o caso. Os vendedores compram aqui exemplares, que, naturalmente, como não aceitamos as sobras se vêm obrigados depois a venderem por qualquer preço para não perderem tudo.

Com estima

De V. Ex.º

Silva Barreto

Os negocios do sr. Silva da Graça...

A ortografia da "Resistencia,"

Ao "Povo de Aveiro,"

O nosso estimado coléga *Povo de Aveiro*, no seu artigo editorial de 29 de novembro, refere-se ás modificações ortográficas da *Resistencia* e, fazendo a comparação com as do *Mundo*, considera-nos como absolutamente revolucionários em politica, como no mais, e como exemplares curiosos da *desordem nacional*.

Para o *Povo de Aveiro*, nós somos a figuração de personagens antigas da época trágica do *Terror*: andamos, sem carácter de jornalistas, descalços, desordenados, a saquear as letras ricas, as casas nobres do alfabeto.

O nobre *ch*, de tradições tão latinas, é por nós ofendido cada dia, e antepomos-lhe o *g*, sem respeito pelos velhos anos daquelle par de letras incomparavel.

Pouco falta para nos chamar adaladores do deus milhão, e qualificar de semita o atentado.

O *y*, a que as outras vinte e quatro letras (perdoe-se erramos, manes de João de Deus) chamam tão respeitosa mente o *i grego*, foi por nós proscrito e desterrado para as linhas do *Diário do Governo*.

Tudo isto para o *Povo de Aveiro* é grave, pede artigo de fundo e palavras de justa e sã severidade.

Por fim, o coléga, imaginando-nos em torneio de revolução, quer que lhe digamos qual é o verdadeiro revolucionário se a *Resistencia* se o *Mundo*.

Não sabemos responder-lhe coléga. Quem lho poderá dizer é o dr. Emigdio Navarro, que foi quem, na manifestação genial do seu talento politico-policia, nos qualificou com tão impertinente adjetivo.

O *Mundo* e a *Resistencia* são dois jornaes republicanos, que se encontram muitas vezes, e que estimam encontrar-se na mesma tarefa.

Andam com sinceridade; se por vezes são ridiculos de ingenuidade, desculpe-o o *Povo de Aveiro*, é que abunda de ordinário o coração, em quem não faz vida de saber profundo.

Na *Resistencia* e no *Mundo*, é-se por natureza pouco catodrico: cada um dis o que sente sem a preocupação de arrastar os outros pelo deslumbramento do saber.

Na *Resistencia*, como no *Mundo*, disse o que se pensa com sinceridade, embora nos tenham por irregulares; mas nunca se usou máscara, embora qualiquem os nossos atos de manifestações do entrudo nacional, que tudo desnacionalizou, que tudo dezorientou, que tudo apulhou.

Para nós a pátria portuguesa, nem é mesquinha, nem pequenina, nem abjeta.

Temos orgulho da nossa pátria. Temos orgulho da nossa raça.

E, respondendo agora particularmente ao coléga, diremos que julgavamos seguir as tendencias geraes das nações da Europa, quando pela nossa parte simplificavamos a ortografia.

E' trabalho feito em Espanha, em Italia, e está em via de execução em França.

Oje á necessidade de escrever rapidamente as linguas, porque á necessidade de as difundir.

Não é só a creação que aprende na pátria demoradamente, a sua lingua, á medida que se vae desenvolvendo o seu organismo; á necessidade de que a possa aprender e manejar rapidamente o empregado comercial.

Quem escreve estas linhas fêz demoradamente as suas umanidades, áms e lê os bons classicos latinos, e tem pena de não poder ler no original os classicos gregos.

Mas nem por isso deixa de estranhar que quem pede anualmente que se tire o latim dos liceus; porque á necessidade de entrar rapidamente na luta pela existência, venha alardear de saber latim e grego na ortografia.

Tiramos o *h* ao oje e ao ontem e tirá-lo-iamos ao am-nhã, se o tivesse. E devia tê-lo, pela mesma razão que o tinha o ontem.

Não temos extraordinária veneração por o que nos ensinaram.

O bom velho, que nos ensinou a lêr, tinha começado a escrever é com *h*, e

nunca perdia ocasião de o dizer, afirmando que a moda acabava com tudo. Na verdade *he*, como *ha*, é uma fórmula mais decorativa de escrever é e á.

Se não escrevemos *lái* e *dái* é porque pronunciamos *léi* e *déi*.

Se não escrevemos *menistro*, é porque pronunciamos *ministro*.

E é tão verdade, que, tendo ocasião de falar com sua majestade a rainha nova, extranhámos o *menistro* em que éla nos falou, apezar da fascinação da sua beleza, e do natural encanamento que sentem deante das pessoas da córte os filhos dos pastores.

Se na *Resistencia* se escreve por vezes *ideial*, a culpa é dos tipógrafos, que sabem também o que manda a *arte* e que escrevem *ideial* por vir de *ideia*.

E nós ortografámos *ideia* por assim pronunciar-mos, embora pronunciemos *ideal*.

Assim se fará d'ora ávante.

Tám e *sám* são coisas que encontramos já na *Resistencia*, e que, por excessivamente tímidos, nós respeitamos.

E como o *farám*, *respeitarám*, que d'ora ávante se escreverão *farão*, *respeitarão*.

A causa desta mudança ortográfica foi o eu ter de indicar aos tipógrafos as razões da ortografia, e vêr que tinha poucas razões seguras a dar.

Foi para acabar com o arbitrio, que eu puz na ortografia da *Resistencia*, as tendencias, e a orientação que via seguidas nos outros paizes.

Não fizemos a reforma ortográfica para fazer a revolução; bem sabemos que não correrão atrás de nós as multitudes.

Uma vez, julgámos que converteríamos com éla os tipógrafos, mas quando lhe fazíamos notar as letras que tinham compôr a *mênos*, disseram-nos que nada se adeantaria com isso, porque assim teria de escrever mais e éles mais que compôr.

As letras dobradas até ajudavam... Eu estava a atrazar a Revolução!

Quanto ao escrever se *Intze* na *Resistencia*, sinceramente diremos ao nosso coléga que é contra a nossa opinião.

A primeira vez que encontrei uma prova, disse irado ao tipógrafo: ponha-lhe o *h*.

Dêsse ómem nem o *h* quero.

Mas o tipógrafo, que andava farto de me aturar, respondeu-me: a lei deve ser igual para todos!

Era uma infracção aos principios democraticos!

Vae eu disse-lhe: tire lá então o *h* ao *Intze*.

E é por isso que o illustre presidente do conselho perdeu um dia o *h* na *Resistencia*.

Não julgámos que fizéssemos obra prejudicial, nem mesmo para os alunos de instrução primária.

A ortografia da *Resistencia* é duas vezes por semana a ocasião dos paes de familia dizerem aos filhos que desejam conservar na virtude ortográfica — oje e ontem, escrevem-se com *h*; não façam caso meninos da *Resistencia*.

Seremos até ao fim da vida — o mau exemplo — necessário para edificar bem o grandioso edificio da moral burgueza nacional.

O unico defeito que os nossos leitores têm achado á nossa ortografia, é ter de ler alto os nossos artigos para os entenderem.

Ora os artigos da *Resistencia* são feitos para se lerem alto.

Para isso se escrevem.

E assim se escrevem.

Resta-nos agradecer ao coléga o ter-se occupado da *Resistencia* em artigo de fundo, embora como órgão de *cr-nval*.

O *Povo de Aveiro* considera a *Resistencia* como uma manifestação sincera da vida nacional.

Isso nos basta!

O que o *Povo de Aveiro* pensa do povo português é simplesmente com a sua consciencia, não com a nossa.

T. C.

Um grupo de caixeiros dirigiu se ao diretor do *Teatro Lisbonense* solicitando-lhe que organizasse espetaculos para os domingos, á tarde, visto ser essa a única forma de os poderem aproveitar.

Achamos justo o pedido, que estimariamos ver deferido.

SCIENCIA NACIONAL

PORTUGALIA

(Materiaes para o estudo do Povo Português)

Vae num mez que surgiu nas montanhas dos livreiros o IV fasciculo desta notabilissima Revista.

Retumbou num breve rumor o seu aparecimento, pois se julgava exaustos o vigor forte, que num impeto, entre nós inaudito, se propoz erguer esse monumental Archivo dos Materiaes para o estudo do Povo Português.

Qual! A despeito do alheamento, da ignorancia, e da indiferença geral não se esfriara, nem diminuíra o ardor que incitara os benemeritos obreiros.

Dificuldades, obstaculos, imprevistos, crescentes e multiplices, tudo se removia com inabalavel paciencia e com fé desusada por um trabalho obscuro, mas meditado e seguro, que não desmerecesse da obra já feita.

O publico não avalia o prodigioso esforço, que demanda esta labuta intransigente operada no silencio sem desfalecimentos, e sem a interferencia de quaesquer recursos ou auxilios, que não sejam os propriamente individuaes!

Nem imagina quanta energia inquebrantavel, e quanta virilidade inflexivel se requisitam para que ao fim de cada tarefa arquejante se não sossobre a socumba por a ver apreciada e estimada sómente por um mesquinho nucleo de interessados e cultos!

Não calcula positivamente. Nem pode calcular.

Eis aí alem do seu altissimo valor, como um dos maiores e mais sumptuosos repositores scientificos da Europa, o seu desconhecido merito que atraz á nossa simpatia e a nossa respeitosa admiração, como um dos mais excepcionaes exemplos de civismo no nosso paiz.

Ante esta patriótica benemerencia dum veloz e fundamental, e pela sua formidavel audacia sem precedentes entre nós, e com raros cotegos lá fora, os poderes dirigentes ficaram imoveis, porque não a compreenderam, ou não tiveram tempo de reparar...

Perdão! Repararam e foi até o actual gabinete, que num pasmoso arranque de solicitude, conforme compete á sua elevada missão patrocinante, e como prova indiscutivel da sua perpetua e ávida vigilancia sobre os interesses da nação, publicou uma *Portaria de Louvor* pelos calidos dias de entorpecimento politico dos principios de setembro passado.

E' cer-o. Tardamente reparou, como se vê, mas logo que a sua vista paternal incidiu sobre o arrojado empreza dêsse tres trabalhadores ativos que não fraquejavam, nem pediam socorro, e apenas solicitavam o concurso intelectual dos restantes cultores da ciencia, não se fez esperar o seu influxo benefico e propicio.

Foi então que nesse pitoresco, caótico e massudo armazém da litterate politica nacional, denominado *Diário do Governo*, surdiu o satisfatório e compensante elogio a esse notavel triumvirato formado por Ricardo Severo, Rocha Peixoto e Fonseca Cardoso que com tanto desinteresse, isenção e dedicada paixão *Pola Grey* sustentam valorosamente e cumprem com entusiasmo o programa traçado para a realisação da sua Obra.

A platonica graça do governo de sua magestade fez naturalmente sorrir estes tres ómens, para quem decreto foi muitissimo mais grato o sincero e eloquento aplauso, entre outros, de Emile Cartailhac em *L'Antropologie*, ou o successo entusiasta do seu acolhimento nos centros scientificos da Alemanha.

Pois não obstante o platonismo dos governantes e o desdenhoso esquecimento do publico appareceu com a mesma opulencia material e artistica e com a sabida complexidade de sciencia o IV fasciculo volumoso e rico da extraordinaria *Portugalia*.

Com elle fecha o primeiro volume e delle nos occuparemos em proximo artigo.

(Continua.)

Esteve em Coimbra o nosso presado amigo sr. João José da Silva, de regresso da sua viagem a França e Inglaterra, seguindo ontem para S. Miguel sua terra natal.

Apetecemos uma boa viagem.

LITTERATURA E ARTE

LÍRICA

Versos antigos, sonhos antigos.

(Se bem correrem onde é que irão?)

Leio-os agora, releio-os, digo-os

Sem um suspiro de comoção.

Tudo tãm longe, tudo tãm velho

Que ao lê-los ôje quasi duvido

De que os meus livros sejam o espelho

Dêsse Passado morto e perdido.

Perdido, é certo; que antes de amar-te

— Por mais que andasse buscando o Amor —

Iam-me os passos seguindo a Arte

Se não achavam primeiro a dôr.

E a Arte é pouco, não me bastava;

— Tinha o desejo da vida inteira,

Vida fecunda que o Sol creava

Como a alegria da sementeira.

Vida que fosse como um sorriso

Mesmo nas ôras de mais tristêza,

Que do meu sonho, sempre indeciso,

Fizesse a minha maior certeza.

E a Vida altiva, serena e boa,

Tu m'a trouxeste, tu a escondias

— Tu que és tãm frágil e a quem magôa

A luz intensa dos meio-dias...

Mas essa ancia de perfeição

Que adivinhava no teu olhar

Deu-me a saúde do coração,

Força e corágem para lutar.

E aquêl tempo que já lá vae

— Longe é perdido, vago e desfeito —

Onda que passa, morta num ai

Sem nenhum éco dentro do peito,

Não foi inútil: porque vivi

A dôr antiga, melhor entendo

A Paz e a Graça que achei em ti,

O Amor que vejo sempre crescendo.

Por isso os versos — é sem remorso

Que t'os dou ôje: dizem só isto

O meu calado, continuo esforço

Para alcançar-te — sem te ter visto!

Lê-as; não chores a sua dôr:

E' tão antiga... Mas vae contando

— Por êsses todos de mais amôr

Aquêlas todas que fui amando.

Que o teu ciume não se inquiete.

«Élas são tantas que se as contar...»

— Pois sejam duas ou quatro ou sete

E' só comtigo que aprendo a amar!

1903.

João de Barros.

Foram postas a concurso as cadeiras de instrução primária do sexo masculino de Sernache e Vil de Matos.

A faculdade de medicina rezolveu na sua ultima congregação, levantar no atrio do edificio do Museu, um busto ao saudoso professor dr. Costa Simões, e colocar no gabinete de anatomia patologica o retrato do sr. dr. João Jacinto que o ultimo curso medico festivamente inaugurou e ofereceu á faculdade.

A Troça

Recebemos *A Troça*, semanario humoristico illustrado, de que sam directores os srs. Mario Monteiro e Alfredo Pratt. Agradecemos.

Registaram-se alguns casos de varíola na freguezia do Sargento Mór, partindo para ali o sr. dr. Freitas Costa para ordenar as providencias devidas.

Recenseamento eleitoral

Aviso

A Comissão Paroquial Republicana da freguezia de S. Bartolomeu convida os republicanos desta freguezia a inscrever-se no cadastro da mesma Comissão, patente na Praça do Comércio, n.º 43, a fim de se recensearem os que o não estejam e tenham direito a essa regalia.

A mesma Comissão lembra a todos os cidadãos republicanos, que não estejam recenseados, a urgencia de se munirem da certidão de idade, base essencial para a revisão do recenseamento próximo. Para que lhes seja passada essa certidão, devem fazer o seguinte requerimento:

Il.ª Rev.ª Sr. paroco da freguezia de...

Fulano, estado, profissão, de... anos de idade, filho de... e de..., natural de... freguezia de... morador na rua de... n.º... requer a V. Rev.ª que passe a sua certidão de idade, para fins eleitoraes, isenta de imposto de selo e quaesquer emolumentos ou salarios, como determinam os artigos 36.º e 37.º do decreto de 8 de agosto de 1901.

Coimbra, etc.

E. R. M.

F...

Este requerimento deve ser entregue aos párocos das respectivas freguezias, que tem obrigação de passar as certidões no prazo de 3 dias, grátis, e em papel não selado e em seguida ser reconhecida gratuitamente por tabelião.

A comissão lembra também que o prazo para a inscrição no recenseamento, principia em 26 de dezembro e finda em 5 de janeiro próximo.

Adega regional

A direção da Adega Regional de Entre Douro e Liz, na sua sessão de 1 de dezembro de 1903 resolveu:

Processar um jornal de Lisboa, *O Comerciante*, que deu publicidade a um pasquim anónimo, que fôra distribuído em Coimbra, cheio de falsidades difamatórias para a Adega Regional.

— Resolveu dirigir-se ás autoridades competentes insistindo para que exerça a fiscalização dos vinhos com o maior rigor, como esta Adega deseja, não só para confirmar o credito e confiança que está merecendo, mas também para

(5) Folhetim da "RESISTENCIA,"

H. DE BALZAC

O EXCOMUNGADO

O mosteiro e o castelo

O mosteiro, a aldeia e a catedral, situados nas duas margens do Loire eram separados por espaços, que as águas, as arvores e os rochedos acidentavam pitorescamente, e estava tudo disposto como em anfiteatro.

As águas vinham mugir aos pés da bela castela, que, voltando a cabeça, percorria um outro horizonte imenso, limitado pelas belas colinas que se apinham desde Amboise até Azai, e deante das quaes corre o Cher.

Os prados, as águas, as aldeias, as florestas pareciam colocadas pela mão habil de um decorador.

Finalmente, esta vasta paisagem era tanto mais completa, que, de cada lado do castelo, o rochedo sobre que parecia assente oferecia pela sua esterilidade o contraste mais frizante.

O jardim do senhor de Roche Corbon ficava no meio dos tojos amarelados que guardavam os flancos daquêl rochedo inculco, como um tufo de flores sobre ruínas.

Era então principio do mês de Novembro que na Touraine, tem ainda dias bonitos; o sol levantando-se batia as arvores do jardim, que acabamos

se evitar a continuação da venda dos generos adulterados.

Estas determinações da direção foram determinadas por um pasquim que se distribuiu anonimamente, em que se faziam acusações graves e sem fundamento a esta associação que está fazendo um alto beneficio a Coimbra, chamando a atenção sobre os seus vinhos, promovendo uma corrente comercial que se avia afastado, e regularizando os preços da venda que neste ano se teriam elevado consideravelmente sem vantagem nem para o viticultor, nem para o consumidor.

A guerra que se tem feito á instituição da Adega, corruçando por não aparecer ninguém a tomar publicamente a responsabilidade de asserções caluniosas que sam publicamente feitas e largamente dissimuladas mostra bem o cuidado e o escrupulo da direção da Adega e é uma prova frizante do bem que tem feito ao consumidor livrando-o da exploração, e fornecendo lhe vinhos que por estarem chimicamente analisados e serem de pureza indiscutível sam preferidos por os que não querem arruinar a saude com as mixordias sem nome.

Alem disso muitos dos negociantes de Coimbra, estam-se fornecendo directamente da Adega Regional.

Os viticultores não se queixam, e pelo contrario continuam a oferecer os seus vinhos á Adega Regional.

Se os viticultores não se queixam, se o consumidor corre á Adega, estam garantidos os interesses do consumidor e do agricultor.

Esses sam os que convem salvar guardando no interesse publico.

Com mais vagar nos referiremos a este assunto nos numeros seguintes.

O sr. reitor da Universidade tem feito larga distribuição de convites para o baile que na proxima terça feira se realiza no Paço das Escolas, em onra dos estudantes classificados.

Foi solicitada a conclusão da cosinha e anexos da penitenciaría de Coimbra.

CONVOCAÇÃO

São avisadas as comissões paroquias republicanas, e todos os republicanos de Coimbra a reunir na terça feira 8 do corrente pelas 6 horas da tarde na rua das Esteirinhas n.º 10, para fins eleitoraes e organização do partido republicano.

de descrever; um ar fresco, que mais parecia de primavera que de outono, agitava docemente as folhas, o campo parecia ornado de uma beléza nova.

Nesse momento, um ómem de trinta anos saiu por uma porta que estava no meio do edificio de que falamos e pôz se a percorrer a passo largo a serie de terracos, que iam até ao Loire.

Olhava alternadamente para a margem oposta e para o castelo donde vinha, como se tivesse em pensamento uma alliança entre o castelo e o Cher.

Quando chegou á alea das tilias, avançou até á balaustrada de pedra que encimava esse terraço, e, pondo a mão por cima dos olhos para os livrar do sol, examinou com atenção a margem oposta.

Este desconhecido tinha altura acima da media; mas a fisionomia era daquelas em que brilha a coragem, a audacia, e uma superioridade nativa.

Os olhos prespicazes e pretos eram ensombrados por sobrancelhas castanhas espessas e muito moveis, o que dava muita expressão ao rosto.

Os cabellos pretos caindo em aneis espessos sobre os ombros indicavam a nobreza do seu sangue.

Trazia, alem d'isso, uma especie de gorro, chamada *chaperon*, dum estofado muito rico, ornada adiante de uma placa d'ouro no meio da qual brilhava um grande diamante.

O jubão muito apertado desenhava belas formas, e os borzeguins, abertos ao lado, prolongavam-se em bico, como era moda do tempo; demais tudo annunciava nêl um vigor extraordinario.

Tal era o novo barão de Roche-Corbon ou da Roche Corbon, o ultimo descendente de uma antiga e no-

Rudimentos de agricultura

POR

ANTONIO X. PEREIRA GOUTINHO

Livro aprovado no ultimo concurso pela Direção geral d'instrução publica

Preço pelo correio, 280 réis

A' venda em todas as livrarias do continente, ilhas e ultramar, e na casa editora LIVRARIA AILLAUD, rua do Ouro, 242-1.º — Lisboa.

TEIXEIRA DE PASCOAES

SEMPRE

Um volume de 325 paginas, edição luxuosa, 500 réis.

JESUS E PAN

Preço 400 réis.

Pedidos á livraria editora de José Figueirinhas Junior — Rua das Oliveiras 75 — Porto.

O produto deste livro revertêr á favor duma *Assistencia a creanças doentes* que se vae fundar em Amaranthe.

Noções elementares

DE

ARIMÉTICA PRÁTICA

POR

ADELINO LOPES CARREIRA

Acha-se já á venda este livro, maguifico trabalho, que bem atesta a competencia, dedicação e amor do seu autor, pelo ensino da ciencia dos numeros, e de tantas outras disciplinas.

Está ella escrita de forma a poder ser estudada sem auxilio de mestre, e comprehendida por todas as intelligencias, seguindo uma arientação diferente de todas as que existem, e trata desenvoldidamente como nenhuma, de todos os calculos arithmeticos.

Contém 400 paginas aproximadamente, nitidamente impressa em bom papel, formato 22 — 14 e o seu preço é: brochada, 1,200 réis; encadernada, 1,250 réis; e a fasciculos, 1,200 réis.

No 1.º e 2.º caso acresce 40 réis de porte sendo enviada pelo correio.

Os pedidos das provincias devem ser feitos ao editor Francisco António d'Aguiar, Figueiró dos Vinhos, e os da capital á livraria Avelar Machado, 19 rua do Poço dos Negros, Lisboa.

bre familia, e, como vinha da cama, não trazia nenhuma arma á cinta; mas sobre o peito via-se uma pequena trompa, que servia para chamar os criados.

A beleza do quadro, que se oferecia aos seus olhares, não parecia preoccupa-lo, e, quando deixava de olhar para a margem oposta, baixava os olhos para o chão, como um ómem aflito com a sua situação presente, ou examinava o castelo e o de la Bourdaisière, que se distinguia no meio da colina do Cher, em que se levantavam as suas torres embranquecidas pelo sol.

Na verdade o barão tinha muitos assuntos de reflexão, e, deitando um rapido golpe de vista sobre o estado dos seus negocios, ficar-se-á prontamente iniciado nos seus mais secretos pensamentos.

Para esse efeito vamos percorrer á pressa a arvore genealogica da familia de Roche-Corbon.

Entre os primeiros senhores, que se cruzaram em França, nota-se Omber, senhor de Roche-Corbon, defensor da fé, e gentilhómem de Tours.

Este Omber de Roche-Corbon contava já numerosos antepassados, entre os quaes elle era com orgulho o primeiro senhor, que, em Tours, abraçára o cristianismo.

Constava na familia que Omber III tinha protegido S. Martinho contra as embuscadas do inimigo, e que este digno senhor lhe descobriu nos seus domínios uma gruta, no fundo da qual aquêl santo apostolo da Touraine se refugiou durante muito tempo.

Finalmente, era certo que, graças ás liberalidades e aos bons sentimentos desta nobre familia, S. Martinho poude,

NOVIDADE LITERARIA

ANNIBAL SOARES

AMBROSIO DAS MERCÊS

(Memórias)

Preço 600 réis

CONTOS DAS CRIANÇAS

Maria Pinto Figueirinhas

Preço 300 réis — Livraria Editora de José Figueirinhas Junior — Rua das Oliveiras — Porto.

ANUNCIOS

EDITAL

O Doutor José Pereira de Paiva Pita, provedor da Santa Casa da Misericórdia de Coimbra.

Faço saber que tendo a Mesa da Santa Casa da Misericórdia de proceder ao provimento de dotes a orfãs pobres, na forma do compromisso e regulamento, rezolveu reunir-se em sessão especial, no dia 31 do corrente mês, pela óra do meio dia, afim de receber as petições de dotes, que devem ser entregues pessoalmente á Mesa pelas proprias orfãs que pretenderem ser dotadas, na forma do art. 113.º § unico do regulamento.

Taes petições devem ser instruidas com os seguintes documentos:

- 1.º Certidão d'idade.
- 2.º Certidão d'obito de pae.
- 3.º Atestado de bom comportamento.
- 4.º Certidão do competente juizo dos orfãos que mostre a sua pobreza, e na sua falta atestado do pároco.

E para constar se passou o presente que será afixado no logar do estilo.

Secretaria da Misericórdia de Coimbra, 1 de dezembro de 1903.

O provedor,

Doutor José Pereira de Paiva Pita

FARMACIA

Vende-se a 22 kilometros de Pombal e 45 de Coimbra, por falta de saude do seu proprietario; bem afregueçada toda de mogno com 8 corpos.

A qualquer pretende-se, que não esteja examinado, não á duvida em ficar com a responsabilidade d'ella, pelo tempo convencionado.

Carta á Rodrigues da Silva & C.ª — Coimbra.

graças a uma doação de algumas geiras de rocha, fundar o seu celebre mosteiro, o primeiro que existiu em França e que recebeu depois o nome de Marmoutiers, corrupção de *majus monasterium*, o maior mosteiro.

Os senhores de Roche-Corbon não desconfiavam provavelmente do mal que causavam as tradições da familia a um dos seus descendentes; porque então ter se iam livrado de se gabarem do seu zêlo pela religião e por S. Martinho.

Seja como fôr, não é menos certo que os senhores de Roche-Corbon pertenceram aos primeiros barões cristãos, foram dos primeiros barões das cruzadas, e que foi á generosidade d'elles que S. Martinho deveu a fundação de Marmoutiers.

O que pode provar a pretensão da familia a esta alta illustração cristã é que desde a primeira cruzada, época em que se estabeleceu na Europa o uso dos brazões, os sires de Roche-Corbon trouxeram sempre no seu escudo uma cruz de prata em campo azul.

Finalmente, parece que o Omber de Roche-Corbon foram, desde os tempos mais afastados, possuidores de grandes bens na Touraine; porque se encontra o seu nome nas crónicas mais antigas, e esse nome é sempre citado com onra; mas, quando a historia tem por autor um monje, nota particularmente a sua dedicação pela fé catolica.

Apezar deste esplendor respeitavel parecia que o céu tinha decretado que esta nobre familia iria decrescendo, e este decreto foi com efeito tam bem executado que nos nossos dias nada mais resta da sua memoria que esta torre antiga, esta lanterna de Roche-

LOTERIA DO NATAL

Santa Casa da Misericórdia de Lisboa

150:000\$000

Extracção a 22 de Dezembro de 1903

Bilhetes a 60\$000 reis
Vigésimos a 3\$000 reis

A comissão administrativa da loteria incumbê-se de remeter qualquer encomenda de bilhetes ou vigésimos, logo que ella seja acompanhada da sua importância e mais 75 réis para o seguro do correio.

Quem comprar 10 ou mais bilhetes inteiros tem uma comissão de 30%.

Os pedidos devem ser dirigidos ao secretario.

Remetem se listas a todos os compradores.

Lisboa 3 de Dezembro de 1903.

O secretario, José Murinelo.

EDITAL

O Doutor José Pereira de Paiva Pita, provedor da Santa Casa da Misericórdia de Coimbra.

Faço saber que por deliberação da Mesa desta Santa Casa se acha aberto concurso pelo espaço de vinte dias para o fornecimento de fazendas necessarias para vestuario dos orfãos e orfãs dos Colegios de S. Caetano.

A arrematação efetur-se á por meio de propostas em carta fechada, sendo adjudicado o fornecimento a quem o fizer por menor preço, convindo este á Santa Casa.

As amostras, quantidades e condições da arrematação acham-se patentes na secretaria da mesma Santa Casa, aonde podem ser examinadas em todos os dias não santificados, desde as 10 horas da manhã até ás 3 da tarde.

Secretaria da Misericórdia de Coimbra, 3 de dezembro de 1903.

O provedor,

Dr. José Pereira de Paiva Pita.

Topico contra Frietas

É o unico medicamento eficaz, descoberto pelo Dr. Rousseau e muito usado com grandes exitos por todos os Parisienses que sofrem de tão orrivel mal.

Aplica se em fricções durante dois minutos collocando-se depois um pacho d'algodão hydrophil do mesmo topico por algumas óras.

Preço de cada frasco 300 réis
Vende-se na Farmacia Assis
Praça do Comercio — COIMBRA.

Corbon, que semelhando um fantasma, aparece ao viajante nas colinas da Touraine, e levanta acima das colinas a cabeça enegrecida pelo tempo.

Todavia, na época em que começa a nossa historia, o moço Omber de Roche-Corbon era ainda um dos maiores senhores da provincia e o que provava o esplendor antigo da familia e os serviços que tinha prestado ao pais e aos diversos sobranos é que Roche-Corbon não estava sujeito senão á torre do Louvre, o que equivale a dizer que o castella, que acabamos de apresentar aos nossos leitores, não tinha outro suzerano alem do rei de França.

Mas os tempos tinham mudado bastante; em vez das belas e vastas possessões de que a familia se orgulhava nos seculos precedentes, o barão não tinha mais do que o titulo, e, por muito grande que fôsse, não podia substituir as terras que a familia tinha perdido no tempo das cruzadas, e durante as guerras que laceraram a França nos reinados anteriores.

A perda mais sensível foi a que os religiosos de Marmoutiers acabavam de infligir ao pae do nosso eró, apezar de deverem tudo ás liberalidades da familia. Este processo tinha atcado entre o castelo e o mosteiro um odio tanto mais vivo, que a perda do processo era recente, e a injuria queimava ainda.

O pae do barão ficara tam abalado, que, ao morrer, ordenou ao filho, que o enterrasse na capêla do castelo, recusando assim a gloria de se ir fazer roer pelos vermes de Marmoutiers, onde a familia tinha a sua sepultura de onra.

(Continúa).

Modista de chapéus

Com um esplendido sortimento de chapéus para senhoras e crianças, no que á de maior novidade, chegou a esta cidade e instalou-se na sua casa rua Ferreira Borges, n.º 185, 1.º, a acreditada modista de Lisboa que na estação de verão esteve em casa do sr. Augusto Palhinha.

Convida por isso as suas ex.ªs freguezas a visitarem o seu atelier onde encontraram bonitos modelos a preços modicos.

POLIFON

Aparelho artistico muito aperfeiçoado tocando 35 musicas diferentes. Movel rico para sala.

Vende-se no Café Montanha.

Largo do Principe D. Carlos

LUCA

Delicioso licor extra-fino VINHOS

DA

Associação Vinicola da Bairrada

Grandes descontos aos revendedores

Unico deposito em Coimbra

CONFEITARIA TELLES

150, R. Ferreira Borges, 156

COLEGIO

LICEU FIGUEIRENSE

Instituto particular de educação e ensino Figueira da Foz

DIRETOR

Dr. José Luiz Mendes Pinheiro

Professor na Universidade e ex-professor no Lyceu Central de Coimbra

Neste estabelecimento ensina-se instrução primaria e instrução secundaria (curso dos liceus e curso comercial). Aulas de ginastica e musica.

Admitem-se alunos internos, semi-internos e externos.

Enviem-se regulamentos, programas e quaesquer informações a quem as pedir ao director.

PROGRESSE



COIMBRA

Instalação provisoria: rua da Sota, n.º 8

Tabela de preços de venda a miúdo (1 de julho de 1903)

Table with 5 columns: Marcas, Garrafa de 6 litros, Garrafa de litro, Garrafa bordaleza, and prices for various brands like Tinto GRANADA, CORAL, Branco AMBAR, and TOPAZIO.

Distribuição gratuita aos domicilios em compras de garrafão ou duixas de garrafas

Aos automobilistas

Gazolina para automoveis. A' venda na casa

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio — COIMBRA

CASA MEMORIA

DE

Santos Beirão & Henriques

Sucursal em Coimbra

99—Rua Visconde da Luz—103

Esta casa continua a fornecer ao publico as suas acreditadas maquinas de costura—Memoria. Tem todos os modelos mais recentes taes como vibrantes, oscilantes e bonine central o que á mais perfeito.

Ninguém compre sem visitar esta antiga e acreditada casa, para se certificar da qualidade e preços destas maquinas que nenhuma outra as póde egualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a Memoria com tantas outras que por ahí se vendem. Vendem-se a prestações e a prompto pagamento. Aceitam-se maquinas usadas em troca por seu justo vapor.

Pianos

Esta casa acaba de receber importantes remessas Pianos alemães e francezes que se vendem a prompto pagamento por serem importados directamente dos fabricantes; vendem-se ao publico em melhores condições do Porto ou Lisboa. Aceitam-se Pianos em troca e compram-se Pianos usados.

A' sempre quantidades de Pianos para alugar.

RESISTENCIA

CONDIÇÕES D'ASSINATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Table with 2 columns: Ano, Semestre, Trimestre and prices.

Sem estampilha:

Table with 2 columns: Ano, Semestre, Trimestre and prices.

Brazil e Africa, ano..... 30600 réis

Ilhas adjacentes, » 30000 »

ANUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assinantes, desconto de 50 %.

Comunicados, 40 réis a linha. Réclames, 60 » »

Anunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal fór honrado.

Avulso 40 réis

VINHOS DE PASTO

GENUINOS

BRANCOS E TINTOS

Para consumo e exportação

Vendas por junto e a miúdo

Nos preços indicados não vaee incluída a importancia do garrafão (360 réis) nem a das garrafas (60 réis para a garrafa de litro, 50 réis para a bordaleza), que se recebem pelo custo.

Prevenção.— Os garrafões levam o carimbo da Adega em lacre, e nas roldas das garrafas e garrafões vaee o emblema da Adega impresso a fogo. Em todas as vendas se dá fatura ao comprador.

COLAR DOUCHE

O melhor aparelho para banho douche que se obtem sem molhar a cabeça.

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio — Coimbra

L. M. LILLY, Engenheiro

- Machinas agricolas de toda a qualidade. Machinas para fição e tecelagem para todos os tecidos. Machinas para fazer soda-water, gazosas, gelo, etc. Machinas para fazer papel continuo, cartão, etc. Machinas para lavar, engommar e desinfectar roupa. Machinas de vapor e de gaz, caldeiras e bombas. Machinas de escrever, de systema YOST. Correias de pello, de couro, de borracha, empanques, etc. Materias primas de todas as qualidades. Instalações, desenhos, montagens. Facilitam-se pagamentos.

REPRESENTANTE

JOÃO GOMES MOREIRA COIMBRA

PASTELARIA E CONFEITARIA TELLES

150—Rua Ferreira Borges—156

COIMBRA

Nesta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza.

Dóces de ovos dos mais finos paladares e delicados gostos, denominados dóces sortidos, para chá e soirées, em grande e bonita variedade que difficil se torna enumera-la.

Dóces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em secco, como cristalizados, rivalisar com os estrangeiros.

Pastelaria em todos os generos e qualidades, o que á de mais fino e saboroso, especializando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primorosa fantasia, denominadas Centros de mesa, Castelos, Jarrões, Lyras, Flores, Lampretas, etc., etc., próprias para banquetes.

Pudings Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá café e de fructas diversas, vistosamente enfeitados.

Pão de ló pelo sistema de Margaride, já bem conhecido nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Madeira, Moscatel, Colares, Champagne, Cognacs, Licores finos, etc. das melhores marcas nacionaes e estrangeiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

Amendoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo se a pureza dos assucares com que sam fabricadas.

Conservas nacionaes e estrangeiras, chás verdes e pretos, passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyère, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.

Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32.

Canalisações para agua

Ninguem mande fazer sem vér os preços da casa

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio — Coimbra

Orçamentos gratis

SILVA & FILHO

Fábrica manual de calçado e tamanco

e depósito de alpargata

EXPORTAÇÃO

Nova Havaneza

Rua de Ferreira Borges n.º 176

Papelaria, Tabacaria, Perfumaria. Carteiras, malas, caixas de charão e todos os objectos de escritório.

IGIENE

Os melhores aparelhos, retretes, lavatórios, tinas e urinoes nacionaes e inglezes.

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio — COIMBRA

Agua da Curia (Mogofores — Anadia)

Sulfatada — Calcica

A unica analysada no paiz, similhante á afamada agua de CONTREXÉVILLE, nos Vosges (França)

INDICAÇÕES

Para uso interno: — Arthritismo, Gotta, Lithiase urica, Lithiase biliar, Engorgitamentos hepaticos, Catarrhos vesicais, Catarrho uterino.

Para uso externo: — Em diferentes especies de dermatoses.

As analyses chimica e microbiologica foram feitas pelo professor da Escola Brotero, o ex.º sr. Charles Lepierre.

A' venda em garrafas de litro — Preço 200 réis

Deposito em Coimbra — PHARMACIA DONATO

4, Rua Ferreira Borges, 6

FONOGRAFOS

Manoel José Telles, Rua Ferreira Borges, n.º 150 a 156, tem em deposito os magnificos Phonographos Edison de diferentes preços e tamanhos.

Variada e grande colecção de cilindros, com lindas operas, cançonetas, monologos, etc., nacionaes e estrangeiros que vende pelos preços das principaes casas de Lisboa e Porto.

Sempre cilindros com musicas novas e muito escolhidas.

RELOJOEIRO

Manoel José Pereira Machado, empregado, da Relojoaria Paixão, faz publico, que se encarrega de todos os trabalhos concernentes á sua arte, para o que se encontra trabalhando por sua conta ao Arco d'Almedina n.º 7, responsabilizando-se pela perfeição e solidez dos seus trabalhos.

Preços modicos.

Tubos de ferro, bombas e seus pertences

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio — COIMBRA

Opa de seda nova

Vende-se uma propria para irmão da Misericordia. Para tratar com Augusto Nunes dos Santos, rua Direita, 16 e 18 — Coimbra.

CASA

Arrenda-se uma, na rua dos Sapateiros, n.º 40 e 42. Constando de lojas e 4 andares, própria para estabelecimento de qualquer género.

Trata-se com David de Sousa Gonçalves, rua da Moeda, Coimbra.

PROBIDADE

Companhia Geral de Seguros

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua Ferreira Borges, 165, 1.º

Tomam-se seguros de prédios, mobilias e estabelecimentos contra o risco de incendio.

Consultorio dentário

COIMBRA

Rua Ferreira Borges

Herculano Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

Alfaiateria Guimarães & Lobo

54 — RUA FERREIRA BORGES — 56

(Em frente ao Arco d'Almedina)

Abriu este novo estabelecimento onde se executa com a máxima perfeição e modicidade de preços, toda a qualidade de fatos para homem e creança, para os quaes tem um variado sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Ha tambem uma grande variedade em flanelas e panos pretos para capas e batins, para todos os preços.

Artigos para homem como camisaria, gravatas, luvas, etc.

Pede-se ao publico a finesa de visitar este estabelecimento.

CASA

Arrenda-se o 3.º e 4.º andares na rua da Alegria n.º 77. Tem agua, gaz e um pequeno quintal.

Tambem se arrenda a loja do mesmo prédio.

Trata-se com Antonio Marques de Seabra, largo do Principe D. Carlos — Coimbra.

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Editor

MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redação e administração — RUA DE FERREIRA BORGES, 89, 2.º andar

Officina tipográfica

12 — RUA DA MOEDA — 14

N.º 858

COIMBRA — Quinta-feira, 10 de Dezembro de 1903

9.º ANO

Manuel d'Arriaga

A injustiça de que foi vítima Manuel d'Arriaga, sem deixar de ser um caso banal da política monarchica, traduz toda uma tática que se denuncia em propósitos obstinados.

O republicanismo, temido em todas as classes, apavora no professorado superior.

O caso é claro.

Sabe-se o despeito que sempre tem avido para com Teófilo, o glorioso professor, cuja personalidade destaca, na raza campina da ignorancia nacional, como a fertil e enorme montanha de cujos flancos umas poucas de gerações têm extraído a ulha que es aquece e alumia. Sabe-se a pseudo-indiferença aleivoza com que, ultimamente, foram recebidas as afirmações de Bernardino Machado, o austero lente de Coimbra, que, com uma lealdade antiga, veio, perante o publico, de uma maneira formal, aliviar o seu nobre peito oppresso das injustiças do nosso tempo. Sabe-se, finalmente, a má vontade que, sob uma falsa indiferença ou um acintoso propósito, tem vizado todos os professores que afirmaram, uma vés, através do prestigio do seu cargo, as convicções da sua consciéncia.

Arriaga, temido, como propagandista tenaz, como lutador denodado, como tribuno de mágia e dominadora palavra, atingiria proporções ainda mais formidáveis perante o pavôr monarchico, no dia em que se sentasse na sua cadeira de lente do Curso Superior de Letras.

Era preciso, portanto, eliminá-lo. Assim se fêz.

Sómente o golpe foi em falso e Arriaga fica destacando, para a nossa admiração e para o nosso amor, com mais ouzado relevo.

Arriaga, sendo um incomparavel ómeme de bem, salienta-se como supremo orador.

A sua palavra não tem uma modalidde excludiva, nem a sua eloquencia um cunho particularista. O seu verbo, a um tempo, amplo e definido, é capás de todas as expressões e apto a mover todos os sentimentos.

E' vê-lo, nalgum momento decisivo em que a sua alma vibre com todas as cordas.

A principio é tão despretencioso e singelo, que a gente imagina ter deante de si um velho profeta, de tunica ondulante e sandálias biblicas, soltando dos lábios a promessa dum mundo novo. A cabeleira, que o tempo embranqueceu, não se agita; o olhar brilha sob a vastidão da frente, com a serenidade de uma lampada sob o arco de um retábulo; o nariz, levemente curvo, imprime concentração á irradição luminosa da face e o pescoço, ligeiramente contraído, parece aprizionar a cabeça, — não vá ella lançar-se nalguma transfiguración alada.

A palavra não jorra. Cai lenta e maravilhosa, tão doce, idílica e ipnotizante, que a gente tem vontade de indagar se ella se lhe solta da bôca ou sae das cordas dalguma arpa. Parece vir toda da alma, sem esforço, com doçura, quasi inconscientemente, como a agua pura, que sem trepidação, borbulha á superficie da terra florida. Uma coisa só indica a ebulição em começo do seu cerebro; o tremôr persistente do labio, que denuncia já o propósito de lhe comunicar ao verbo uma cri-ção leonina.

Nestas alturas, lembra o apostolo singelo e nobre, que no dizer de Bossuet, era forte porque era simples; e devem ter falado assim os oradores da Grecia antiga, quando cantavam as glórias da Pátria.

Mas, a pouco e pouco, essa figura ideal acentua as suas linhas e vinca a tribuna com uma perspetiva nova. A cabeleira indisciplina-se; o olhar, parecenlo emancipar-se da frente, projéta-se num resplandecer de farol; a face atinge o poder ipnotizante dos illuminadores; o mento que ainda á pouco, era parado como um prumo, mergulha no espaço como uma quilha na vaga e toda a cabeça avança como uma galéra vitoriosa que fosse impelida pelas tempestades da Colera.

Quem o ouve e que, á pedação, dezeraria caminhar para bem junto d'elle, afim de o absorver inteiro na alma, sente agora, intuitivamente, a necessidade de se afastar, não vá ser submergido á sua passagem.

Então a sua palavra tem todos os gritos, todos os gemidos dos que sofrem, e canta, como um clarim, o eroismo de todos os que lutam.

Dir-se-ia fundida em cristal e em bronze e abalar, como uma canção de guerra, na luz dalma, deixando para trás os orrores da noite que passou e caminhando de encontro ao sol, que se anuncia já no trepidar magnifico da aurora.

Deve ter falado assim Vergniaud, quando prégava a justiça revolucionária.

Devo a este ómeme um grande favor.

Quando foi do meu batismo de fogo, em Coimbra, elle foi o meu padrinho, e ainda me lembro bem da eloquencia grandioza e sagás que elle desenvolveu para sem offender a intranzigencia da minha attitude, suavizar, o mais possível, a pena que me era fatal. E quando eu, tendo já ao lado o official de diligéncias que me ia acompanhar á Cadeia, procurei dizer-lhe nalgumas palavras, o meu agradecimento, elle sómente me respondeu: «Vá cumprir a sua pena: e a melhor maneira que tem de me agradecer é mostrar-se digno do que eu disse de si, e, sobretudo, mostrar-se digno de si proprio.

E, á moda antiga, deu-me na frente um beijo austero.

Trêze anos são passados, e, se eu ainda não esqueci aquélas palavras, ainda a minha alma conserva,

mesmo nos momentos de maior desalento, todo o afágo daquêl grande beijo, como o grão conserva, sob a sua algida apparencia, o calor do Sol que o ajudou a fecundar.

Devo-lhe este grande favor, mas a gratidão não me cega. O que eu digo todos o pensam. E se faço, esta referencia a um incidente da minha vida, é porque sou levado por essa necessidade irresistivel que sentimos nós, os ómens que lutam, de testemunhar o nosso amorôzo reconhecimento por aquêles que, ao verem-nos, no acesso do combate, nós mandáram um afavel gestô de aplauzo e uma nobre palavra de incitamento.

Arriaga tem sido, a um tempo, o chefe prestigioso e o companheiro inexcivelmente amado. Na bondade do seu espirito e na rigidez do seu caráter, que uma grande modestia domina, tem sabido, como ninguem, conciliár as duas situações tão difficilmente conciliáveis.

E' raro que alguém se imponha com tanto respeito, fazendo se amar com tanto carinho. Que alguém se eleve tanto acima de nós, nivelando-se ao mesmo tempo, tão singelamente conosco. E quando isso se consegue, ninguem procura na astucia e na arte de manejar os ómens a sua razão de ser. O motivo d'essa admiravel coordenação apenas pôde existir, como em Arriaga, na bondade sem limites, na onestidade sem mácula e na intelligencia sincera e sem cálculo.

Arriaga nunca teve a ambição de mandar, como nunca teve excludivismos para o amor. Se muitas vezes tem mandado, é porque elle foi e é uma cristalização superiormente umana de um grande ideal de justiça. E, se alguma coisa em especial elle tem amado, é porque, nessa coisa, elle tem visto o simbolo supremo de tudo o que no mundo se deve amar. Eis a razão da força e do prestigio que lhe tem tornado, entre nós os republicanos, o nome profundamente adorado.

O seu conselho como chefe é indispensavel e a convivencia como camarada precioza.

E tão gentilmente elle sabe ser chefe e camarada, que: a cada momento, nos parece ouvir sair dos seus lábios as palavras romanticas que o unificador da Italia teve, em Palestro, para os Zuvavos: «meus filhos deixae que eu me bata ao vosso lado, porque aqui á glória que chegue para todos».

Perante este bravo gentil-ómeme, leal e briôzo como um cavaleiro da Edade Média, que todo um país admira e respeita, bem podiam inclinar-se todas as espadas. E o ministro, que tão injustamente o feriu agora, bem podia aproveitar a ocasião para, fazendo um ato de simples e clara justiça, resgatar alguns dos seus erros. Não quis. Tanto peor para o regimen que representa.

Arriaga, mais do que nunca, é

erguido nos nossos escudos; o golpe que do lado inimigo veio ferir o no-so grande e querido paladino, é mais um estímulo para que, nos nossos arraiaes, onde já se tocou a reunir e onde vae o surdo rumor de um a ampamento que acorda, se concentrem todas as vontades para que, alfim, surja, na terra portugueza, uma era de justiça.

Paris, novembro de 1903.

António José d'Almeida.

Muzen de antiguidades

Deu entrada no museu de antiguidades uma formosissima inscrição sepulcral romana.

Ofereceu-a ao Instituto o sr. Joaquim Antonio Esteves de Barros, de Montemor-o-Velho a pedido dos srs. drs. Augusto Mendes Soares de Castro, Luciano Pereira da Silva e Teixeira de Carvalho, por ocasião de uma digressão artistica feita ultimamente aquêla vila tão interessante pelas reliquias históricas, como pela sua situação de uma beléza de paizagem e pitoresco ereccional.

O sr. Esteves que foi da maxima amabilidade com os excursionistas, mostrou-lhe, quando se retiravam, a béla lapide romana, cedendo-a bizarramente ao Instituto, quando a viu tão admirada.

Foi uma dádiva magnifica; porque fica sendo a mais béla lapide da coleção do museu de antiguidades.

A inscrição reza:

D + M + S
L + CADI + OCELLAE + ANN
XXVII + L + CADIVS + CARVS +
ET + VALERIA + RVFINA +
PARENTES + F + OPTIMO
F + C

A lapide, que é a maior que possui o museu de antiguidades é de marmore com uma moldura ricamente esculpida.

O museu possui tambem um capitel de marmore e restos de obras de decoração arabe que foram encontradas em excavações na área do castélo de Montemor e que cedidas a pedido do sr. Miguel Osório, um dos instituidôres do museu, ao Instituto.

Foi tambem depositada a decoração da janéla mudegar do altar mór da Sé Velha, que agora se retirou para se fechar a abertura, que prejudicava o efeito do altar.

Para a coleção, em começo, de escultura em madeira, veio uma estatueta de santo do século XVII.

António José d'Almeida

Transcrevemos do *Debate* o artigo de António José d'Almeida sobre Manuel d'Arriaga.

É a consagração duma vida irrepreensivel de lutador feita por um alto e puro espirito numa forma primorôza, cheia de vida e entusiasmo, com o encanto de uma arte requintada.

É a consagração dum oradôr feita por um oradôr raro, como os que só apparecem nos grandes movimentos sociais, dos que parece necessitar para nascer que as grandes massas humanas se abrazem no mesmo fôgo e se fundam no mesmo entusiasmo por uma grande ideia.

Partido republicano

Reorganização partidária

Ante-ontem pelas 7 horas da noite teve lugar a reunião das comissões paroquias republicanas.

Ficou composta a méza da assembleia pelos srs. dr. Fernandes Costa, secretario pelos srs. Francisco Vilaga da Fonseca e dr. Antonio Aurelio da Costa Ferreira.

Estava dada para ordem da noite a organização do partido republicano.

Depois de aberta a sessão, foi dada a palavra ao nosso amigo Antonio Pereira Junior, que começou encarecendo a necessidade de ativar a organização do partido republicano, tendo palavras de justo e merecido louvor para os que em Lisboa e Porto tem envidado tão grandes esforços para organização e concentração das forças republicanas, e felicitando-se por os ver coroados de tão belos resultados, tendo feito entrar na luta partidários que déla se aviam afastado, e dando alentos novos aos que nunca aviam desaperado da causa republicana.

Falou demoradamente, sempre com o entusiasmo e a fé do seu espirito apaixonado e terminou com a seguinte moção que foi coberta de applausos:

«As comissões paroquias republicanas de Coimbra, reunidas em assembleia magna, e conscias de que interpretam os sentimentos do povo republicano desta cidade;

Aclamando com entusiasmo as moções votadas pelas comissões populares de Lisboa e Porto, e que traduzem a aspiração nobilissima de congregar todos os elementos republicanos para uma ação energica de vida e de luta;

Considerando que a união de todas as forças democráticas, sob o poder duma direção deligente e justa, é condição indispensavel da nossa crescente e proficua intervenção na vida nacional e do nosso definitivo triunfo;

Considerando que á consecução de tão alto desideratum não pôdem oppôr-se neste momento quaesquer divergencias doutrinaarias, regionaes ou pessoais, que seriam inopportunas, mesquinhas e indignas;

Considerando que as circunstancias nacionaes exigem de todos os republicanos, como o acentuaram em nobres e desinteressadas afirmações espiritos de superior realce, uma alta prova da sua dedicación partidária e de pureza da sua fé civica;

Afirmam a sua incondicional adesão a todos os trabalhos da união republicana saudando cordealmente os seus correligionários de todo o país, asseguram-lhes o seu decidido empenho de trabalharem, disciplinados e deligentes, sem preferencias por ómens ou grupos, apenas num culto elevado dos principios republicanos, para tornarem possível a redenção da Pátria pela Republica.

Em seguida o sr. dr. Arthur Leitão apresentou as seguintes propostas, que foram aprovadas por aclamação:

1.º Que os presidentes das comissões paroquias se constituam em comissões dirigentes dos serviços das comissões.

2.º Que a assembleia exprima por um voto a sua confiança no sr. dr. João de Menezes para os trabalhos de organização do partido republicano.

O sr. dr. Aurelio da Costa Ferreira fêz a seguinte proposta:

«Proponho que em nome dos republicanos de Coimbra, ôje aqui reunidos, seja enviado aos srs. drs. António José d'Almeida e João de Menezes, um officio em que se notifique o nosso

reconhecimento pela entusiástica e sincera attitude que, para bem da nossa Ideia, têm brilhantemente tomado aquêles nossos dois illustres correligionarios; e mais propôs que esta moção fosse votada por unanime aclamação.

Tomaram a seguir a palavra varios oradores expondo com calor ideias, votos e opiniões particulares sobre a marcha do partido, terminando o sr. dr. Fernandes Costa por apresentar a seguinte moção, delirantemente aplaudida:

«O Partido Republicano de Coimbra, reunido em Assembleia Geral:

«Considerando que a inscripção no Partido Republicano de Portugal do já ôje nosso eminente correligionario sr. conselheiro Bernardino Machado é um dos fatos politicos mais importantes da politica portugueza, ao mesmo tempo que da politica republicana;

«Considerando que tal fato, dada a alta estatura moral e intellectual do sr. dr. Bernardino Machado, bem revela que o nosso Partido é digno de receber no seu seio as mais altas individualidades quer pelo caracter quer pelo talento, e que aquê é nosso correligionario tam illustre, onrando-se com a sua nobilissima attitude perante as desgraças da Patria causadas pela oligarquia dominante, vem onrar o nosso Partido e enriquecê-lo com o seu nome tam limpido e prestigioso;

«Considerando que o nosso Partido e, portanto, a Nação, que o Partido Republicano encerra, têm no sr. dr. Bernardino Machado um dos mais valiosos fatores do seu engrandecimento, assim como uma das mais nobres figuras portuguezas quer pelo notavel relevo da sua personalidade moral, quer pela sua elevada categoria intellectual; resolve lançar na âta um voto de congratulação pela inscripção no nos o Partido do conselheiro Bernardino Machado, e que uma commissão delegada desta Assembleia vá apresentar ao eminente òmem publico, com a nossa afémosa saudação, a nossa omenagem de respeito e solidariedade».

Lutuosa

Enterrou se no domingo uma filhinha do nosso bom amigo e correligionario leal e antigo, dr. Vitor José de Deus Macedo Pinto.

Conhecendo o coração estreñido e amantissimo do nosso amigo, sabemos avaliar bem a dor que o punje. Sentidos pèzames.

ADEGA REGIONAL

A criação das adegas regionaes impôs se por o fato do commercio não dar escoante aos vinhos produzidos; por a necessidade urgente de evitar o descredito que pezava no mercado sobre os nossos vinhos, descredito devido terem sido feitas de Portugal repetidas remessas de vinhos que não correspondiam á sua marca, e muitas vezes até eram absolutamente improprios para o consumo.

Foi este descredito, que o commercio estrangeiro explorou abilmente, o que deu terminou a criação das adegas, para não deixar perder de todo o nosso commercio de vinhos, outrora tam florescente e ôje quasi nullo.

Os vinhos exportados eram de qualidade inferior, e a falsificação chegou ao seu auge, tanto nos vinhos para exportar, como nos consumidos no país.

Por isso a criação das adegas regionaes tinha tambem por fim, obter vinhos que o consumidor pudesse beber com inteira confiança, e evitar ao mesmo tempo o aviltamento dos preços, que a exploração dos intermediarios levou, ainda á dous annos, a valores irrisorios.

Impunha se tambem como obrigação ás adegas regionaes a criação de tipos definidos e acomodados ao paladar dos paizes consumidores.

Foram creadas tambem as adegas regionaes para orientar a vinificação, principalmente dos vinhos de pasto, que na nossa região oferecem uma grande variedade de tipos com prejuizo grande para a colocação dos vinhos; para facilitar ao commercio onesto a aquisição de tipos definidos, em boas condições de preço; para evitar que nos annos de pequena produção se elevem extraordinariamente os preços com prejuizo para o consumidor e sem vantagem para o agricultor.

Com a criação da Adega Regional de entre Douro e Lis, facilitou-se já o

ano passado a venda dos vinhos aos proprietarios, e, este ano, embora em seguida a um ano em que os preços foram já bastante elevados, tem a adega prestado já ao publico de Coimbra, e a muitos negociantes onestos de venda a retalho o beneficio de lhes fornecer vinhos de tipos já acreditados e de toda a confiança pelo preço que foi aberto e que incontestavelmente é baixo.

A criação das adegas tem para o país em geral, para a região, e especialmente para a localidade em que sam estabelecidas uma grande importancia pelo enorme desenvolvimento que devem dar ao commercio dos vinhos, facilitando consideravelmente a sua venda tanto no país como no estrangeiro.

As adegas regionaes obrigam os proprietarios associados a grandes cuidados e trabalho, a despèzas com instalações, para as quaes é certo os governos tem adiantado uma pequena parte da despèza, que lhe deve ser reembolsada em epoca determinada, e muito mais ainda com o empste dos vinhos a que é obrigada, como já este ano aconteceu á adega de Coimbra, ainda que em pequeno ponto é certo, com os que armizzenou, e que devem tomar grandes proporções do ano que vem em diante, em que estará já abilitada a armazenar maiores porções, uns poucos de milhares de pipas em cave e por 3 ou 4 annos, como será preciso para se obter vinhos superiores de pasto.

Representa um pequeno subsidio para taes encargos a izenção do pagamento do imposto do selo, e outros de pequeno valor, e tudo por um pequeno espaço de tempo, sendo como são, em todo o caso, obrigadas as adegas ao imposto do consumo, cujo valor é incomparavelmente superior ao de todos os outros.

Para justificar a existencia das adegas regionaes e toda a protecção que lhes seja concedida, e que largamente revertêrã em beneficio do país, ai está o movimento do Douro, dessa região privilegiada, produtora dos melhores vinhos do mundo, e ameaçada de mais completa ruina pelas especulações do commercio.

No proxima numero voltaremos a este assunto.

Distribuição dos premios

Realizou se ante-ontem a solenidade academica da distribuição de premios, precedida da inevitavel missa na capella para invocação do espirito paraclêto.

Ouve matinas no bello canto chão gregoriano (sejamnos eruditos!) festa, missa cantada e...

E mais nada. Pelo anuario, sabe-se que o sermão tinha sido distribuido ao sr. dr. Porfirio, mais o sr. dr. Porfirio não appareceu.

Perdeu a véla!

Estas funções da reel capella tem um tudo nada de comico, de que a não livra o entusiasmo do meu amigo Ribeiro de Vasconcelos.

Não somos muito de festas de igreja, e dirêmos que é a igreja, que tem a culpa.

A igreja é uma tia velha e solteira, que me levou a pia baptismal e me fez cristão com a ideia reservada de que eu a acompanharia mais tarde ás festas de igreja em que se compriziam os seus ocios de senhora celibataria.

Aborreci-me de tudo, do grande instrumental e do canto-chão.

No caso presente, sinto que se esmereze em manifestações obsolêtas de culto externo tanta atividade, e tão boa vontade.

A cerimonia da distribuição de premios foi pouco concorrida de estudantes e de professores, não se pôde queixar por isso a Universidade da falta das autoridades e do publico.

Se o corpo academico, estudantes e professores, se desintressa da festa, não á motivo para que se interessem pessôas extranhas ao meio academico.

O professor conserva em Coimbra a orientação da sua vida de estudante: é indisciplinado, tem o maior orrôr pelo fóro academico, quando lhe dis respeito, mas está sempre disposto a invocá-lo, quando se trata de conflitos entre a autoridade doutoral e o estudante.

Desunidos, como na vida academica, os lentes perdêem pouco a pouco, como os estudantes, a consideração a que tinham direito pela antiguidade e

valôr social da corporação a que pertenciam.

Gradualmente, fallando sempre a todas as manifestações externas de consideração, não por exigencias de caráter nem por necessidade de evidenciar convicções, mas sim por indifferentismo, para evitar cancelas e trabalhos, nem por isso deixaram de ser ciosos de seus privilegios e prerogativas, e o lente de Coimbra passou a ser o tipo grotesco dos que exigem a consideração dos outros, faltando á consideração a todos.

Esta regra tinha excções que de sapareciam porem na impertinencia dos outros.

Foi então que alguém se lembrou de crear um novo tratamento para os bons doutôres.

Majestade era talvez pouco, excellencia banal, a senhoria tinham-a os estudantes desde o quarto ano.

Como designar suas pessoas? Apareceu um dia o tratamento: os bons professores das velhas praxes universitarias passaram a ser Suas Lencencias.

Para acentuar ainda mais a decadencia, veio o procedimento dos politicos, sendo para notar o do sr. dr. Luiz Pereira da Costa que se não tem lembrado de que é professor da Faculdade de medicina senão para embarçar a ação dos outros professores, contrariando todos os esforços dos colegas que tem pretendido levantar o ensino e dotal o com as instalações necessarias para os trabalhos experimentaes.

Possuidor da confiança do chefe do atual gabinete, o sr. dr. Luiz Pereira da Costa não só não uzou, como devia, da sua influencia para melhorar o ensino, mas dificultou sempre todos os trabalhos por si ou por os seus apaniguados.

O sr. dr. Luiz Pereira da Costa, tem difficulto toda a ação da Universidade, porque para o sr. dr. Luiz Pereira da Costa a Universidade não é um logar onde se ensina, é um logar onde se apicham afilhados.

Para mostrar o cuidado que os professores, que cultivam a politica, tem pela Universidade, basta citar a frase que se lhe atribue.

O sr. dr. Luiz Pereira disse que não quer saber da Universidade, nem dos professores, porque nada deve nem á Universidade nem aos professores, e não faz favores senão a quem lhos faz.

E' possivel que a frase não seja verdadeira; mas basta o ser-lhe attribuida para indicar a opinião que se tem em Coimbra deste politico, que mostrou na sua passagem pelo governo civil o pouco para que presta.

Não nos cumprindo levantar a frase do sr. dr. Luiz Pereira, sempre diremos que, se julga não dever nada aos professores, alguma coisa deve á Universidade.

Deve-lhe o ordenado que recebe.

Nada mais justo por isso que mostrar-se grato e bem servir a quem lhe paga.

E generosamente...

A oração do sr. Reitor da Universidade afastouse este ano, da praxe, deixando os conselhos sédicos da boa educação e da irrepreensibilidade do trajar, para tratar da dignidade dos que estudam e dos que ensinam.

Os premios eram dados aos mais dignos, e o mais digno no estudo é o que faz dêle toda a sua vida e toda a sua aspiração.

O saber pôde por si fazer a dignidade de uma vida inteira.

Referiu-se ao sr. dr. Costa Simões, e mostrou a toda a lús a grandêza daquella vida que não deixará, nem esquecerá nunca o interesse do estudo, que é o interesse primacial de uma nação.

O discurso do sr. Reitor, notavel por mais de um ponto de vista, foi ouvido com atenção pelo publico irrequieto desta festa academica.

Terminado êle, procedeu se á distribuição dos premios, recolhendo por fim todos a acompanhar o sr. Reitor ao paço das Escolas.

A' noite, o sr. Reitor recebeu no Paço das Escolas a primeira sociedade de Coimbra, no baile tradicional oferecido aos estudantes premiados.

Os estudantes riam sem pensar em aulas, e conversavam com os professores, sem se lembrarem de pedir *dispensa*.

Até na sala das congregações se ouvia rir sem pensar em faltas.

O sr. reitor da Universidade, na expansão da hospitalidade acolhedora dos òmens do noite, passava a rir para os mestres que tinham sido já seus discipulos.

Na sala do baile, em cujas paredes forradas de damasco vermelho se suspendia, em coroas entrelaçadas, a graça fresca das camélias, e o perfil de bronze dos louros, passava a elegancia aristocratica da sr.ª D. Carolina de Mélo e Faro acompanhando sua mãe que recebia os grupos de senhoras que chegavam.

O sr. Bispo Conde, que viera onrar a festa academica, retirou ás 10 horas, começando então o baile que durou na maior animação e na mais expansiva alegria até ás 5 horas da manhã.

Alguns premiados confessaram que nunca os deveres academicos os tinham feito estar a pé até tão tarde...

E' impossivel mencionar todas as pessoas que estiveram, e, para não incorrerem em censura, cometendo omissão involuntaria, pômos ponto, para não dar tambem motivo a alguma congregação tempestuosa.

De senhoras, já se vê...

Sociedade Filantropico-Academica

Recebemos o relatorio e contas da gerencia desta sociedade nos annos de 1901 a 1903.

O estado lizongeiro que acuzo o relatorio que ôje publicamos deve-se ao zelo nunca excedido do sr. dr. Julio Enriques, presidente da sociedade.

E' tanto mais para louvar o zelo do sr. dr. Julio Enriques que a sociedade filantropico-academica foi sempre pouco ajudada por os estudantes, e tem sido por vezes até ostilizada por êles.

O sr. dr. Julio Enriques tem olhado sempre ao interesse superior da classe; por isso esta instituição academica floresce, ao passo que as outras morrem por falta de espirito associativo, cada vês mais decrescente na academia.

Com prazer transcrevemos o onroso relatorio.

Senhores:

Em cumprimento dos estatutos, vimos dar-vos conta da nossa gerencia desde novembro de 1901 até ôje, e só o fazemos agora em conformidade com a alteração do artigo 46º dos Estatutos aprovada em assembleia geral de 23 de novembro de 1902.

Esta alteração foi proposta pela direção, que entendeu que a gerencia de cada direção devia corresponder ao ano lético completo.

A Sociedade filantropica entrou neste ano numa nova fase, em virtude da determinação superior que concedeu preferencia na inscripção da matricula aos alunos que pela agencia desta Sociedade efetuarem matricula. Os serviços de matricula sam prestados, como nos annos antecedentes, pagando os socios todas as suas quotas (1200 réis) adiantadamente.

Esta medida, cuja utilidade para a Sociedade é das maiores, foi devida especialmente ao Ex.º Sr. Reitor da Universidade. Desde que esta sociedade existe, nenhum auxilio tam valioso como este lhe foi prestado e por êle devemos ser muito e muito agradecidos.

Os serviços de matricula foram feitos em outubro já em conformidade com esta disposição legal, dando resultado importante, e maior seria se não tivesse avido despèzas que nos annos seguintes não terão logar. Devemos fazer conhecidos os bons serviços prestados pelo Ex.º Sr. Dr. Avelino Cesar Augusto Maria Calisto, Vice-reitor interino por ocasião das matriculas, Sua Ex.ª prestou o maximo auxilio, fazendo tudo quanto estava dentro da sua alçada para que aquêlla determinação produzisse os efeitos desejados.

Pela sua parte, o pessoal da secretaria facilitou extraordinariamente os serviços do agente, que de certo teria graves dificuldades sem esse dedicado auxilio

E' dever nosso reconhecer tam valiosos serviços e por êles aqui deixamos registados os nossos agradecimentos. Como nos annos anteriores, não faltaram donativos que nos facilitaram a consecução do nosso fim.

A Sociedade continuou a receber a protecção dos professores da Universidade e de outras pessoas, devendo ter especial menção o nome do Ex.º e Rev.º Sr. Bispo Conde que sempre nos tem auxiliado generosamente.

Alem de outros donativos ordinarios, alguns extraordinarios foram recebidos e importantes, como se vê da enumeração seguinte, na qual sam mencionados os academicos, que terminaram á sua formatura em direito em 1878 aos quaes, como aos de 1877, não tinha esquecido a Sociedade Filantropica, de que tinham sido socios.

Ex.º Sr.ª

Dr. J. F. Marnoco e Sousa	1120525
Dr. A. J. Gonçalves Guimarães, Vice-reitor	430200
Decano da Faculdade de Filosofia	60000
Lente de vespêra da Faculdade de Filosofia	100800
Conselheiro Emygdio Navarro	420500
Bispo de Bragança	200005
Dr. Albano de Sá Lima	50000
Fausto de Quadros	50000
Dr. M. Luiz Ferreira Tavares	150000
Diversos academicos por ocasião das matriculas	470970
Dr. Guilherme d'Abreu	10200
Bachareis de 1878	500000
Dr. João Taborda de Magalhães	150000
Total	3730300

No ano lético de 1901-1902 foram subsidiados 16 academicos, e no ano lético de 1902-1903 foram subsidiados 18, recebendo num e noutro ano a meçada de 60000 réis sómente 8 academicos,

Durante a nossa gerencia deu se um fato importante sob o ponto de vista economico e principalmente moral. Dois antigos subsidiados restituiram á Sociedade, as quantias, que dêla tinham recebido, acrescentadas com o que a sua generosidade determinou. Foram êles os Ex.ºs Srs Drs. José Alberto dos Reis e Eduardo Augusto Saldanha.

E' fato unico na nossa Sociedade, que constitue um bello exemplo, que se fosse seguido, dariá meios suficientes para a Sociedade alargar a sua benéfica ação.

Recetta

Saldo do ano anterior	4440070
Produto das matriculas	7400445
Quotas de socios ordinarios e protectores	1760090
Donativos	3730300
Restituição dos Drs. J. A. dos Reis e E. A. Saldanha	2850995
De diversos serviços da agencia	530460
Juros de inscrições	1500000
Dividendo dos Bancos Commercial e Aliança	90500
Juros da Caixa economica	70920
Premio Rodrigo Ribeiro de Sousa Pinto	400000
Total	22810380

Despeza

Matriculas e livros em outubro	3530600
Matriculas em maio	4500000
Mezadas	0900000
Despèzas de subestabelecimentos de procurações, reconhecimentos d'assinaturas, agentes, etc.	1760850
Expodiente	320170
Premio Rodrigo Ribeiro de Sousa Pinto	400000
Total	13649460
Saldo	530920
Total	22810380

NOVIDADE LITERARIA

ANNIBAL SOARES

AMBROSIO DAS MERCÊS

(Memórias)

Preço 600 réis

Recenseamento eleitoral

Avizo

A Comissão Paroquial Republicana da freguezia de S. Bartolomeu convida os republicanos desta freguezia a inscrever-se no cadastro da mesma Comissão, patente na Praça do Comércio, n.º 43, a fim de se recensearem os que o não estejam e tenham direito a essa regalia.

A mesma Comissão lembra a todos os cidadãos republicanos, que não estejam recenseados, a urgência de se munirem da certidão de idade, base essencial para a revisão do recenseamento próximo. Para que lhes seja passada essa certidão, devem fazer o seguinte requerimento:

II.º Rev.º Sr. paroco da freguezia de...

Fulano, estado, profissão, de... anos de idade, filho de... e de..., natural de... freguezia de... morador na rua de... n.º... requer a V. Rev.ºm que lhe passe a sua certidão de idade, para fins eleitoraes, isenta de imposto de selo e quaesquer emolumentos ou salarios, como determinam os artigos 36.º e 37.º do decreto de 8 de agosto de 1901.

Coimbra, etc.

E. R. M.

F...

Este requerimento deve ser entregue aos parocos das respectivas freguezias, que tem obrigação de passar as certidões no prazo de 3 dias, gratas, e em papel não selado e em seguida ser reconhecida gratuitamente por tabelião.

A comissão lembra tambem que o pr so para a inscrição no recenseamento, principia em 26 de dezembro e finda em 5 de janeiro proximo.

Associação Conimbricense para o sexo feminino Olympio Nicolau Rui Fernandes

2.º Avizo

Por ordem da Ex.ª Sr.ª Presidente da mesa da assembleia geral desta Associação, sam avizadas as associadas a reunir no proximo domingo, 13 do corrente, pelas 10 horas da manhã, na sala das sessões do Monte-Pio Conimbricense Martins de Carvalho, no Pateo da Inquirição.

Ordem do dia:

Eleição dos corpos gerentes para o ano de 1904.

Coimbra, 6 de dezembro de 1903.

A 2.ª secretária da mesa,
Miquelina das Dóres.

CARTA ABERTA

II.º e Ex.º Sr.

Dr. Joaquim Augusto de Souza Reis.

Dr. Daniel Ferreira de M. tos.

Dr. Antonio de Padua.

Restabelecida minha mulher Eduarda Abranches Marques, da doença resultante da grave operação a que teve de sujeitar-se, por ventura a mais grave no seu genero, a operação cesariana, e da qual a pericia e saber dos operadores tri-nhou; entregando-me, vivos e viáveis, a esposa querida e um filho estremecido, unicas compensações possíveis em tal conjuntura, a dôr e sobressaltos do marido e do pae, não pode o meu animo deixar ás ignoradas palavras d'agradecimento, que a cada um de V. Ex.ª já dirigi, toda a expressão do meu sentir.

Devo lhes um publico testemunho da minha admiração, que, se por partir dum leigo em coisas cirurgicas, carece d'autoridade para proclamar os altos merecimentos de V. Ex.ª, tem, não obstante, sobrejo apoio na delicadeza e melindres da operação, accessiveis a todas as intelligencias, para com bastante consciencia me julgar com direito a ajuntar o meu desvalioso conceito a elevada consideração profissional de que V. Ex.ª gosam no pais.

Egual á minha admiração é a minha gratidão pela forma dedicada, carinhosa, primorosamente amavel e cativante com que V. Ex.ª assistiram á doente e tu lo dispozeram sempre com um interesse e solicitude que será difficil egualar.

Accitem, pois, V. Ex.ª, os protestos de admiração e do mais vivo e profundo reconhecimento do que é

De V. Ex.ª

Muito att.º cr.º e obgd.º

Francisco Marques Lamartine.

Santa Comba Dão, 7 de dezembro de 1903.

Publicações recebidas

A impotencia sexual pelo dr. W. A. Hammond, tradução de J. A. Bentes. Editada pela livraria Central de Gomes de Carvalho, rua da Prata, 160. Lisboa

Tratado de contabilidade pelo guarda livros Ricardo de Sá. Estám publicadas as cadernetas n.º 11 e 12. Assigna-se na Editora Largo do Conde Barão 50.

O meu primeiro livro de leitura por F. d'Oliveira mandado adotar por decreto de 3 de setembro de 1903 para o ensino primario

Então, os novos religiosos, que já não tinham nada comum com S. Martinho, além da abadia, tornaram a pedir, uma nova carta aos descendentes do donatário, e como a familia de Roche Corbon não sabia mais em 853 do que em 371, época da fundação da abadia, os próprios monjes fizeram a carta, que foi concebida em termos bastante ambíguos.

Em 1450, esta abadia, de que os senhores de Roche Corbon tinham sempre sido os protutores, elegeu para abade um homem de Perigord, chamado Elias, e desde então, sob aquêlê chefe ambicioso, a abadia tomou uma attitude ostil com a casa de Roche Corbon. Durante os abades precedentes, o mosteiro tinha começado por se libertar de toda a sujeição para o suzerano, de que dependia pela natureza da doação e da sua posição, depois acabou por conquistar os privilegios que fizeram da comunidade uma verdadeiro potencia da Touraine.

Um dos privilegios foi de não de pender de nenhuma jurisdicção eclesiastica, como o senhor não dependia senão do rei, o que fez com que o processo do abade D. Elias e de Jacques Ombert não podesse ter senão arbitros.

Em 1350, pois, o abade Elias pretendeu que toda a parte das terras de Roche Corbon, que se achava entre a aldeia de Saint-Simforien, arrabalde de Tours e o castêlo de Roche Corbon, deva pertencer ao mosteiro; o processo foi ganho pelos monjes, graças a uma ábil interpretação da carta de concessão.

Jacques Ombert qualificou este procedimento de *negra ingratidão*, o aba-

oficial. Deposito geral papelaria e tipografia La Bécarre, R. Nova do Almada — 97 99 — Lisboa.

Historia socialista sob a direção de Jean Jaurès, tradução de Eliza de Menezes, adornada de magnificas e numerosas illustrações. Está publicado o tomo 15. Assina-se na Antiga Casa Bertrand José Bastos — R. Garrett — 73 — Lisboa.

Tuberculose social — A Sacristia, por Alfredo Gallis. Editada pela livraria Central de Gomes de Carvalho, rua da Prata, 160. Lisboa.

TEIXEIRA DE PASCOAES

SEMPRE

Um volume de 325 paginas, edição luxuosa, 500 réis.

JESUS E PAN

Preço 400 réis.

Pedidos á livraria editora de José Figueirinhas Junior — Rua das Oliveiras 75 — Porto.

O produto deste livro revertará a favor duma *Assistencia a creanças doentes* que se vac fundar em Amarente.

Noções elementares

ARIMÉTICA PRÁTICA

POR

ADELINO LOPES CARREIRA

Acha-se já á venda este livro, magnifico trabalho, que bem atesta a competencia, dedicacão e amor do seu autor, pelo ensino da ciencia dos numeros, e de tantas outras disciplinas.

Está ella escrita de forma a poder ser estudada sem auxilio de mestre, e comprehendida por todas as intelligencias, seguindo uma arienciação diferente de todas as que existem, e trata desenvolvimento como nenhuma, de todos os calculos arithmeticos.

Contém 490 paginas aproximadamente, nitidamente impressa em bom papel, formato 22 — 14 e o seu preço é: brochada, 1,000 réis; encadernada, 1,250 réis; e a fasciculos, 1,200 réis. No 1.º e 2.º caso acresce 40 réis de porte sendo enviada pelo correio.

Os pedidos das provincias devem ser feitos ao editor Francisco António d'Aguiar, Figueiró dos Vinhos, e os da capital á livraria Avelar Machado, 19 rua do Poço dos Negros, Lisboa.

de Elias pretendeu que ninguem devia ver nele senão o exercicio dum *direito*; mas desde então ateou se uma guerra terrivel entre o castêlo e o mosteiro, e Jacques Ombert nunca perdeu occasião de vexar os vizinhos, aos quaes votou umodio eterno; por isso o filho foi educado no temor de Deus e na execração dos religiosos sentimento que devia ter uma grande influencia sobre a sua vida.

Com effeito, quando Jacques morreu, e lhe succedeu o filho, este imitou a conduta do pae, pondo nella o vigor da mocidade, e o ardor que lhe dava o sentimento da injustica do mosteiro.

Proibiu aos religiosos a passagem pelas suas terras, deixou os defenser-se, sem lhes prestar socôrro, o que os pôs muitas vezes em grande embarço.

Com effeito, nestes tempos desgraçados as provincias de França estavam entregues ao saque. Já falamos da ruina que faziam as *grandes companhias*. Esta gente de guerra abituada a viver da rapina, percorria os campos, cercava as abadias, os castêlos e deitava contribuições sobre tudo. Os senhores ricos defendiam-na, sustentando ômens de armas, e protegiam assim os seus dominios.

A abadia, privada do apoio do senhor de Roche Corbon, sustentou muitos assaltos e, graças ás provições que fazia D. Elias, e aos fortes e altos muros do mosteiro, os religiosos ficaram quites com as privações e o medo e salvaram os seus tesouros.

Assim Ombert não desprezava nenhum meio de lhes mostrar o seu odio hereditario. Esta guerra surda entre o castêlo e o mosteiro durou até ao começo do seculo XV.

ANUNCIOS

LOJA

Arrenda-se uma, no largo do Castelo n.º 19 e 20 Serve para estabelecimento de qualquer genero.

Trata-se com Antonio Dias Temido, na rua de Ferreira Borges n.º 133, Coimbra.

FARMACIA

Vende-se a 22 kilometros de Pombal e 45 de Coimbra, por falta de saude do seu proprietario; bem afreguezada toda de mogno com 8 corpos.

A qualquer pretende-se, que não esteja examinado, não á duvida em ficar com a responsabilidade d'ella, pelo tempo conveniado.

Carta a Rodrigues da Silva & C.ª — Coimbra.

Aos automobilistas

Gazolina para automoveis. A venda na casa

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio — COIMBRA

ANUNCIO

Os erdeiros do presbitero José Simões Dias, morador que foi na rua da Trindade, 20, rogam a todos os credores deste, o favor de mandarem as suas contas para a casa que foi da sua residencia, dentro de trinta dias, para serem pagas sob pena de concluirem que não devia cousa alguma a alguém.

Coimbra, 5 de dezembro de 1903.

Topico contra Frieiras

É o unico medicamento eficaz, descoberto pelo Dr. Rousseau e muito usado com grandes exitos por todos os Parisienses que sofrem de tão orrivel mal.

Aplica-se em fricções durante dois minutos collocando-se depois um pacho d'algodão hydrophilo do mesmo topico por algumas horas.

Preço de cada frasco 300 reis

Vende-se na Farmacia Assis Praça do Comercio — COIMBRA.

ACETILENE

Instalações completas. Grande deposito de *carboreto de calcio*.

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio — COIMBRA

Nesse momento, a abadia tendo adquirido um esplendor e um poder muito superior aos dos barões de Roche Carbon, os abades tinham conseguido, que, para o futuro, o abade Marmoutiers seria sempre conego onorario do cabido de S. Martinho em Tours, cabido que tinh o rei de França por abade, e os maiores senhores por dignatarios.

A influencia da abadia na Touraine era consideravel, as suas riquezas imensas, e, atendendo a que não dependia de jurisdicção alguma, era muito difficil garantir-se contra as suas emprezas, porque nada teria conseguido a força aberta; então o barão tinha arranjado um inimigo poderoso, cujo odio monastico era tanto mais perigoso que se occultava na sombra.

O mosteiro continuava a ser governado pelo abade Elias, velho quasi centenario, que tinha conseguido a maxima consideração na Touraine e uma reputação extraordinaria por o seu saber de santidade, de politica e pela sua longa e feliz administração. Em 1304 o abade Elias tinha feito parte de grande assembleia que resolveu pôr a França sob a obediencia do papa de Roma, e o moço barão Ombert, que acabava neste momento de succeder ao pae, foi eleito deputado; mas, não tendo podido ir á assembleia mandara um protesto em que pedia que a França ficasse sob a obediencia do papa de Avinhão, unico a que queria submeter-se.

Não avia duvida que o seu protesto, feito por outro, era o effeito da determinação que tinha tomado de contrariar o abade Elias em todas as occasiões.

Escola Nacional de Agricultura

Faz-se publico que na quinta-feira, 17 de dezembro proximo, pela 1 hora da tarde, na Escola Nacional de Agricultura, em S. Martinho do Bispo e perante o Conselho de Administração da referida Escola se procederá a arrematação em asta publica dos animaes seguintes:

1 Varrasco — Base de licitação — 100000 réis.
1 Macho — 60000 réis.

Os referidos animaes podem ser examinados em todos os dias uteis desde as 10 horas da manhã as 4 da tarde.

Escola Nacional de Agricultura, 28 de Novembro de 1903.

O Director interino,
José Antonio Ochoa.

Carro e cavallos

Vende-se um coupé, cavalos e arreios; quem pretender dirija-se ao sr. Manuel Peça no Largo da Sota.

O amigo do povo de Coimbra

Agostinho Rodrigues da Bella, proprietario da **Padaria Popular**, Largo da Freiria, n.º 12 e 13, á rua dos Sapateiros, participa ao publico que acaba de receber farinhas escolhidas nas mais acreditadas fabricas de Lisboa com o fim de satisfazer bem as exigencias de todo o consumidor muito particularmente pelo que respeita ao saboroso paladar que em geral resulta da boa qualidade e esmerado acio na manipulação.

Além disso o seu proprietario com atividade e zelo envida os melhores esforços para montar o seu estabelecimento em rigoroso confronto com os mais aperfeiçoados do pais, seguindo o moderno sistema de fabricação empregando sempre a agua filtrada.

Assim espera obter a preferencia do publico que lucra duplamente em igiene e qualidade de pão fino, relativamente barato, porquanto o anunciante compra de pronto as farinhas.

Convida, pois, o publico a visitar este esmerado estabelecimento.

Manda o pão a toda a ora aos domicilios dos freguezes.

Quando este voltou, os véxames do barão tinham sido tão cruéis durante a sua ausencia, que resolveu dar um grande golpe para submeter o inimigo do mosteiro.

As circunstancias eram favoraveis. A França estava prêza pela anarquia, e a abadia tinha uma grande influencia na região.

Durante alguns anos, o abade soffeu pacientemente as injurias do inimigo e esperou o momento em que o barão se tornasse culpado de alta irreverencia para como clero para chamar sobre êle a cólera do céu.

O mosteiro apresentou-lhe occasião com maligna complacencia.

Por fim, quando se encheu a medida das iniquidades do barão, em 1407, época em que começa a nossa historia, o abade, recapitulando todos os ataques do novo Ombert, levantou um requeritorio monastico em que os diferentes atos do barão eram apresentados como impios e scismaticos, e argumentando com o famoso protesto do barão, resolveu excomungá-lo e annunciou, advertindo três vezes o mancebo, segundo o costume do tempo.

Três vezes se recuzou o barão a comparecer no tribunal do abade.

Este fêz espalhar o rumor de que o moço Ombert ia ser excomungado como scismatico, e nessa época as consequencias de uma excomunhão eram ainda terribes.

Os motivos de censura eram para tal effeito muito leves e foi o que irritou mais a Ombert.

(Continúa.)

(6) Folhetim da "RESISTENCIA,"

H. DE BALZAC

O EXCOMUNGADO

II

O mosteiro e o castêlo

Eis em poucas palavras a origem do processo.

Os antigos nobres de França, como os dos outros paizes, não eram mais abeis na arte de decifrar as cartas que de as escrever.

Ora Ombert III agazalhando S. Martinho, tinha lhe dito: — Tu és um santo homem; por isso te dou azilo.

Esse azilo foi Marmoutiers. Emquanto o santo e Ombert viveram, não se levantou entre elles difficuldade alguma; mas, depois da morte de um e doutro, os religiosos pediram para sua segurança uma carta que lhes assegurasse a posse da sua solidão.

Apresentaram por isso um pergaminho, que os Roche Corbon assinaram com a ponta do punhal.

No ano 853, o mosteiro e as cartas foram destruidas por os barbaros; então, a pedido de Eudás II, conde de Touraine, e da familia Roche Corbon, o mosteiro foi reedificado tal como era no momento em que começa esta historia (pois depois foi construido por um plano mais vasto e mais magno), e collocaram um chefe da ordem benedictina da congregação de S. Maur,

PASTELARIA E CONFETARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

COIMBRA

Nesta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, em contra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos com cernentes a estabelecimentos desta natureza.

Dóces de ovos dos mais finos paladares e delicados gostos, denominados *dóces sortidos*, para chá e *sorrées*, em grande e bonita variedade que difficil se torna enumerar-la.

Dóces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em secco, como cristalizados, rivalisar com os estrangeiros.

Pastelaria em todos os generos e qualidades, o que á de mais fino e saboroso, especializando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primorosa fantasia, denominadas *Centros de mesa*, *Castelos*, *Jarrões*, *Lyras*, *Floreiras*, *Lampreias*, etc., etc., próprias para banquetes.

Pudings Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá café e de fructas diversas, vistosamente enfeitados.

Pão de ló pelo sistema de Margaride, já bem conhecido nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Madeira, Moscatel, Colares, Champagne, Cognacs, Licores finos, etc. das melhores marcas nacionaes e estrangeiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

Amendoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo-se a pureza dos assucares com que sam fabricadas.

Conservas nacionaes e estrangeiras, chás verdes e pretos, passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyère, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.

Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e biscoitos na Courça de Lisboa, 32.

IJIÈNE

Os melhores aparelhos, retretes, lavatórios, tinas e urinóes nacionaes e inglezes.

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio — COIMBRA

Nova Havaneza

Rua de Ferreira Borges n.º 176

Papelaria, Tabacaria, Perfumaria, Carteiros, malas, caixas de charão, e todos os objectos de escritório.

SILVA & FILHO

Fábrica manual de calçado e tamancos e depósito de alpargatas

EXPORTAÇÃO

Canalisações para agua

Ninguem mande fazer sem vêr os preços da casa

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio — Coimbra
Orçamentos gratis

L. M. LILLY, Engenheiro

- Machinas** agricolas de toda a qualidade.
- Machinas** para fição e tecelagem para todos os tecidos.
- Machinas** para fazer soda-water, gazosas, gelo, etc.
- Machinas** para fazer papel continuo, cartão, etc.
- Machinas** para lavar, engommar e desinfectar roupa.
- Machinas** de vapor e de gaz, caldeiras e bombas.
- Machinas** de escrever, de systema **YOST**.
- Correias** de pêllo, de couro, de borracha, empanques, etc.
- Materias primas** de todas as qualidades.
- Instalações, desenhos, montagens.**
- Facilitam-se pagamentos.**

REPRESENTANTE

JOÃO GOMES MOREIRA
COIMBRA

Agua da Curia (Mogofores — Anadia)

Sulfatada - Calcica

A unica analysada no paiz, similhante á efamada agua de CONTREXÉVILLE, nos Vosges (França)

INDICAÇÕES

Para uso interno: — *Arthritismo*, *Gotta*, *Lithiase urica*, *Lithiase biliar*, *Engorgitamentos hepaticos*, *Catarrhos vesicaes*, *Catarrho uterino*.

Para uso externo: — *Em diferentes especies de dermatoses*.

As analyses chimica e microbiologica foram feitas pelo professor da Escola Brotero, o ex.^{mo} sr. Charles Lepierre.

A' venda em garrafas de litro — Preço 200 réis

Deposito em Coimbra — PHARMACIA DONATO

4, Rua Ferreira Borges, 6

Tubos de ferro, bombas e seus pertences

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio — COIMBRA

CASA

Arrenda-se o 3.º e 4.º andares na rua da Alegria n.º 77. Tem agua, gaz e um pequeno quintal.

Tambem se arrenda a loja do mesmo predio.

Trata-se com Antonio Marques de Seabra, largo do Principe D. Carlos — Coimbra.

FONOGRAFOS

Manoel José Telles, Rua Ferreira Borges, n.º 150 a 156, tem em deposito os magnificos *Phonographs Edison* de diferentes preços e tamanhos.

Variada e grande collecção de cilindros, com lindas operas, cançonetas, monologos, etc., nacionaes e estrangeiros que vende pelos preços das principaes casas de Lisboa e Porto.

Sempre cilindros com musicas novas e muito escolhidas.

RELOJOEIRO

Manoel José Pereira Machado, empregado, da Relojoaria Paixão, faz publico, que se encarrega de todos os trabalhos concernentes a sua arte, para o que se encontra trabalhando por sua conta ao Arco d'Almedina n.º 7, responsabilizando-se pela perfeição e solidez dos seus trabalhos.
Preços modicos.

Alfaiateria Guimarães & Lobo

54 — RUA FERREIRA BORGES — 56

(Em frente ao Arco d'Almedina)

Abriu este novo estabelecimento onde se executa com a maxima perfeição e modicidade de preços, toda a qualidade de fatos para homem e creança, para os quaes tem um variado sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Ha tambem uma grande variedade em flanellas e panos pretos para capas e batinas, para todos os preços.

Artigos para homem como camisa, gravatas, luvas, etc.

Pede-se ao publico a finesa de visitar este estabelecimento.

PROBIDADE

Companhia Geral de Seguros

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua Ferreira Borges, 165, 1.º

Tomam-se seguros de prédios, mobilias e estabelecimentos contra o risco de incendio.

CASA

Arrenda-se uma, na rua dos Sapateiros, n.º 40 e 42. Constando de lojas e 4 andares, própria para estabelecimento de qualquer género.

Trata-se com David de Sousa Gonçalves, rua da Moéda, Coimbra.

Opa de seda nova

Vende-se uma propria para irmão da Misericordia. Para tratár com Augusto Nunes dos Santos, rua Direita, 16 e 18 — Coimbra.

Consultorio dentário

COIMBRA

Rua Ferreira Borges

Herculano Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

ACETYLENE

Carbureto de calcio francês, rendimento garantido de 300 litros por kilo, os 100 kilos franco — Lisboa, 10.000 réis

Apparelhos, candieiros, lustres, bicos e mais accessorios

NOVA LUZ A GAZOLINA

Poder illuminante — 100 vellas por bico

GASTO: — 5 réis por óra

Mandam-se gratis catalogos e preços correntes

A. RIVIÈRE

RUA DE S. PAULO, N.º 9, 1.º andar

XXXXXXXXXX

FABRICA DE TELHÕES E MANILHAS

Premiada na Exposição de Ceramica Portuguesa, no Porto, em 1882, com diploma de merito; e medalha de cobre na Exposição Districtal de Coimbra, de 1884

Esta fabrica a mais acreditada em Coimbra, em construcção e solidez de telhões, manilhas para encanar agua, siphões para retretes, vasos para jardins e platibandas, belautres, tijolo para ladrilhos de fornos, tijolos grossos para construcções e para chaminés, tachos para cosinha á imitação dos de Lisboa, etc. — Todos estes artigos são de boa construcção e por

PREÇOS ECONOMICOS

Pedro da Silva Pinho Coimbra

29, Rua de João Cabreiros, 31 — COIMBRA

COLAR DOUCHE

O melhor aparelho para banho douche que se obtem sem molhar a cabeça.

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio — Coimbra

CASA MEMORIA

Santos Beirão & Henriques

Sucursal em Coimbra

99 — Rua Visconde da Luz — 103

Esta casa continua a fornecer ao publico as suas acreditadas maquinas de costura — *Memoria*. Tem todos os modelos mais recentes taes como vibrantes, oscilantes e bonine central o que á mais perfeito.

Ninguem compre sem visitar esta antiga e acreditada casa, para se certificar da qualidade e preços destas maquinas que nenhuma outra as pôde egualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a *Memoria* com tantas outras que por ahi se vendem. Vendem-se a prestações e a prompto pagamento. Aceitam-se maquinas usadas em troca por seu justo valor.

Pianos

Esta casa acaba de receber importantes remessas Pianos alemães e franceses que se vendem a prompto pagamento por serem importados directamente dos fabricantes; vendem-se ao publico em melhores condições do Porto ou Lisboa. Aceitam-se Pianos em troca e compram-se Pianos usados.

A' sempre quantidades de Pianos para alugar.

COLEGIO

LICEU FIGUEIRENSE

Instituto particular de educação e ensino

Figueira da Foz

DIRETOR

Dr. José Luiz Mendes Pinheiro

Professor na Universidade e ex-professor no Lyceu Central de Coimbra

Neste estabelecimento ensina-se instrução primaria e instrução secundaria (curso dos liceus e curso comercial).

Aulas de ginastica e musica. Admitem-se alumnos internos, semi-internos e externos.

Enviem-se regulamentos, programas e quaesquer informações a quem as pedir ao director.

LUCA

Delicioso licor extra-fino

VINHOS

Associação Vinicola da Baixada

Grandes descontos aos revendedores

Unico deposito em Coimbra

CONFETARIA TELLES

150, R. Ferreira Borges, 156

Modista de chapéus

Com um esplendido sortimento de chapéus para senhoras e crianças, no que á de maior novidade, chegou a esta cidade e instalou-se na sua casa rua Ferreira Borges, n.º 185, 1.º, a acreditada modista de Lisboa que na estação de verão esteve em casa do sr. Augusto Palhinha.

Convida por isso as suas ex.^{mas} freguezas a visitarem o seu atelier onde encontraram bonitos modelos a preços modicos.

"RESISTENCIA,"

CONDIÇÕES D'ASSINATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Ano	23700
Semestre	13350
Trimestre	6800

Sem estampilha:

Ano	23400
Semestre	13200
Trimestre	6600

Brazil e Africa, ano.... 33600 réis
lhas adjacentes, » 30000 »

ANUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assinantes, desconto de 50%.

Comunicados, 40 réis a linha.
Réclames, 60 »

Anunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal for honrado.

Avulso 40 réis

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Editor

MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redação e administração — RUA DE FERREIRA BORGES, 89, 2.º andar

Officina tipográfica

12 — RUA DA MOEDA — 14

N.º 859

COIMBRA Domingo, 13 de Dezembro de 1903

9.º ANO

UM ÓMEM!

A repercussão que acalora a n.º de produzir na consciencia republicana do país as palavras austeras, nobres e patrióticas com que o dr. Antonio Jozé de Almeida vem como que abalar a aparente modorra do nosso organismo partidario, tem alguma coisa de sagrado, de superior, que nos obriga reflectir.

O que nêssas palavras se encerra de civico, de doutrinario, de fatal, póde não ser entendido da sordida alcatéia que nos tutelá e nos ultraja; mas tem de impôr-se inexoravelmente ao espirito, á consciencia e á vontade exultante de todos nós como um evangelho eterno de lús, de esperanza e de redenção.

Se nós todos não soubéssemos quem era Antonio Jozé de Almeida, desde os dias de 1894, quando em razão de uma infamia catedrática aquêlê extraordinario rapaz se revelou qual é e qual o terá por certo de dezenhar um futuro proximo, bastavam estas suas palavras ultimas, sobre a urgencia da reorganização do Partido Republicano, estapadas no Mundo, e repetidas á pouco na Resistencia, para que por completo no-lo definissem e retratassem. O moço indomito da *Dezafrota* resurgiu-nos neste instante um ómem feito, austero, modelar, queimado pelo sol da Africa e pelo bater das mais altas cancelas dando-nos o tesouro da sua experiencia, a lucidez do seu avizo, a abnegação da sua fé. Em perto de des annos, longe de uma patria que os seus dirigentes conspurcam, e longe de ómens que são a dezonra da sua especie, o moço academico dos dias de 1894, arremessado á batalha da vida sem outro arrimo senão a sua nobilissima intrepidez, reparatece-nos mais crente, mais avizado, mais eroico que nunca, dando-nos a azeção do seu conselho, e pondo o exemplo da sua vida sem macula a abonar os ditames leaes e praticos com que nos vem acordar!

A quem devemos agradecer tão alta, e sobre tudo, tão oportuna mercê do Destino? Ao dr. Lopes Vieira—especie de Cerberó, de capêlo e boria, colocado pelo odio mais sangrento á ourela de uma congregação academica, especie de Stix negro, de que êle revestiu o atavio de fatal Caronte, impedindo a entrada do moço estudante, cujo crime, alem de possuir uma alma no meio de uma sociedade falida donde sómente á ventres e intestinos, era ter caráter, ter fé, e ter talento? E' ao dr. Lopes Vieira, até então justamente anonimo, a quem todos nós temos de agradecer tamanho dom?

Não, por certo. Quem tanto ouzasse, teria de ir fiilar a conversão anti-catolica de Lotéro na aparição estranha e grotesca de Tetzal. Seria o mesmo que fazer

proceder a reforma da figura de um charlatão. E tal não á.

Quem trouxe ao nosso caminho uma alma como a de Antonio Jozé de Almeida foi, antes de tudo, o eco que no seu nobre espirito, precocemente viril, vieram produzir as desventuras da nossa malfadada patria.

Depois, nesta predisposição paos atos de uma rara erocidade, quem vem apressar toda a explosão daquêlê vulcão latente é o coice universario—tal como, em Lotéro, a bula de Leão X vem fazer acordar o Aquilles oculto, que se esconde e acolta no âmbito do augustiniano de Erfurt. A páta ferrada, que cogitára ir bater contra o ventre de um submisso, deu de frente com o bronze de um organismo superior. E é assim que pelo mesmo motivo por o anatema papal vem fazer despertar em Lotéro o Apostolo que, dentro em pouco, encherá a historia, o coice da Minerva official transfigurá o moço academico em patriota, em campeão das liberdades patria, no Apostolo da Reforma politica e social com que importa responder aos crimes dos que nos ultrajam regendo-nos.

Esta aparição no campo republicano é sobre tudo providencial. E, além de providencial, é opportunissima.

O regime está esfacelado. Partidos, não á.

De quadrilhas de malfeteiros, volvéram em pequenos bandos de aventureiros, detestando-se do proprio arraial, como de fronteira, dezuídos, amuados, intrigantes, vis. Sobre estes ítores, temos o estado ruindo em que se encontram as finanças do Estado.

Não á credito; não á vntem.

A divida flutuante atinge neste momento a assombróza cifra de 70 mil contos.

E' á ruina; é a mizeria, a insolvençia, a fome.

Nêste pavorozo estado em que á ruina economica e financeira se vem ajuntar a ruina moral, quasi burlesca:—Paço feito ministro, e Alpoim aspirando á chefia!—a reorganização republicana é de uma urgencia inadiavel. Ou agora ou jámais.

Os nossos destinos estão dependentes da nossa vontade.

E para para congregar vontades não á como figuras da tempera moral do dr. Antonio Jozé de Almeida. E' O ÓMEM.

E o que Portugal reclama neste momento é tambem UM ÓMEM.

Partido republicano

A assembleia dos prezidentes das commissões parochiaes reuniu no dia 10, constituindo-se da seguinte forma: presidente, Manuel Antonio da Costa, secretario Fausto Quadros, tezoureiro Jozé Gonçalves, vogaes Adriano Ferreira da Costa Brandão e Jozé Augusto Pereira de Vasconcelos.

Rezolveram por unanimidade:

1.º Officiar ás commissões parochiaes que se organizaram, e ás que venham a organizar-se, pedindo-lhes copia das

átas da sua constituição e os nomes e moradas dos membros que as compõe.

2.º Publicar avizas para o recenseamento elitoral, e a fórmula dos respêtivos requerimentos.

3.º Officiar ás commissões centraes de recenseamento republicano de Lisboa e Porto, participando-lhes a sua constituição.

4.º Publicar um manifesto doutrinario, expondo a orientação e pensar da commissão.

Esta última proposta apresentada pelo sr. Fausto Quadros, foi tomada em consideração e aprovada para se realizar oportunamente.

Quando se abriu a sessão, foi lido um officio da mêza da assembleia geral, realizada ultimamente, comunicando a eleição dêsta commissão.

O nosso colega desta cidade O *Tribuna Popular* apparecerá a partir do dia 2 do proximo mês de janeiro com sideravelmente aumentado no seu formato e melhorado no seu arranjo material e elaboração redaccional. Estava precizado, estava, coitadinho.

Adega Regional d'Entre Douro e Lis

II

A Adega Regional promove a venda avulso, não só para fazer conhecidos os seus vinhos, mas principalmente para estabelecer tabélas de preços regulares, a fim de pôr cobro á especulação de grande parte dos vendedores a miúdo, que exploravam o viticultor quando avia abundancia de vinhos, impondo-lhe preços irrazoáveis; e exploravam o consumidor elevando os preços exorbitantemente, quando se dizia que avia escassez de produção.

Ora o que neste momento irrita os conscienciosos pasquinhos e os leva á boixeza de publicar anonimamente papéis repletos a ignobes baixez e mentiras, é a tabéla de preços, relativamente baixos, da Adega Regional, que não lhes permite que explorem o consumidor com o pretexto de que os preços subiram por aver falta de vinhos no mercado, e não é esse já um pequeno beneficio que a Adega presta ao consumidor.

Não se diga que a Adega estorva ou prejudica o commercio onesto e sério.

Bem pelo contrario, a Adega está coadjuvando esse commercio, fornecendo os seus vinhos a varios comerciantes de Coimbra que, com a venda dêles auferem onradamente lucros, sem empate de capitães, pois que a Adega lhes faculta os pagamentos em prazos que dão tempo a que façam as suas vendas.

Isto com o commercio onesto; o outro não está satisfeito porque vê embaraços para a continuação do fabrico e venda por altos preços de liquidos perigosos para a saúde dos que caem em os comprar e os beber. Daí a publicação dos pasquins.

A Adega Regional, mostrando que em Coimbra á iniciativa e vida commercial, contribue por chamar as atenções sobre o commercio desta cidade, e isso bem necessario é para fazer reflectir os governos para quem Coimbra é um burgo pódre, e a sua população uma dependencia da Universidade, a que se não deve dar atenção.

Além disso, o estabelecimento da Adega, o commercio dos vinhos contribue para restabelecer a corrente commercial que daqui andava afastada.

Finalmente, o estabelecimento da Adega Regional de Entre Douro e Lis vulgarizou os vinhos desta região, pois nos mercados começa a apparecer a marca—vinho de Coimbra—que até agora era desconhecida.

Universidade livre

Comité Académico-Operário

Vão inaugurar-se no proximo dia 19, no Porto, os cursos da Universidade livre, creada por iniciativa do comité Académico-Operario, que por sua vez saiu, como única tentativa apreciavel e como unico trabalho onesto, dessa escaramuça que ai se feriu contra jesuitas, num desordenamento indiciador de grande ignorancia e não menos ipocrisia.

A multidão densa de liberaes conspicios que suademente se aventurou a exhibições charlatanescas, despendendo-se em papelachos ao paiz e commissões luzidas aos paços dos reis e dos bispos, debandou apressurada mal que a agitação foi a acalmar; sem ter deixado de seus tão alardeados esforços uma dem brança meritória.

E sumidos os ecos das ultimas declarações enfundadas, nas reuniões selêtas das Ligas e outros salões de liberalismo janota, esses feroces inimigos de reacção, que eram, no fundo, reaccionarios sólidos e devotos untuosos, com todos os escrúpulos primitivos de bons catolicos espersamente ignorantes e todas as fraquezas abdicantes de bons maridos complacentes, reentraram após com fissão geral e comprida penalidade respêtiva, expressa em termos com alternativas de padres-nossos avulsos a varias figuras divinizadas, na serenissima vida do lar, com digestões tranquilas e longas sonecas preguiçosas.

O jesuita esse ficou, refêto do primeiro sobresalto, grantada agora por um diploma legal, que era uma zombaria pegada a todas as reclamações feitas pelos seus inimigos.

Eles bem o compreendiam, os fogosos liberaes, mas fechavam-se doloridos no silencio da sua impotencia contra a damninha praga.

Tinham protestado! Tinham cumprido o seu dever! Nunca aviam faltado aos chás animados da União e a sua intrançigencia chegára mesmo a enturvar o céu limpido da sua felicidade caseira!

Emfim, que mais podiam fazer?

E foram-se á vida, tranquilamente, satisfeitos de si, tendo cumprido até ao fim a sua nobre missão!

Pum!

Dispersa essa inofensiva gente retirados dos arames os ultimos mōnos que o odio ao roupeia lá pendurara, silenciosos e cançados os prelos após a sua labuta de manifestos para o paiz e historias para especulações de livraria, tudo recaido emfim na calma monotonía habitual, alguém ficou no seu posto a combater o jesuita, e a combatel-o com as unicas armas capazes de completamente o vencerem.

A gente moça das escolas do Porto não tresvariou com entusiasmos efemeiros, mortos para logo após o esfalimento de algumas derrotas estereis.

Com calma, com intelligencia, ela lançou os alcerces de alguma coisa que pudesse subsistir e frutear, ganhando os espiritos, emancipando-os, preparando, por sua instrução integral, ómens conscientes e fortes, que seriam o batalhão luzido do Futuro.

E appareceu então o comité, chamando para si as massas proletarias, num exemplo de nobre e alta fraternização intelligente e fecunda, oferecendo-lhes o seu labor entusiastico e desinteressado.

A burguezia liberal retraiu se, desconfiada e sceptica, e tratou mesmo de contrariar os esforços dos trabalhadores animados do comité, uns rebeldes de clarados, que se permitiam combater os jesuitas sem o visto do virtuoso bispo, sem confiança pela palavra da magestade, que tambem era liberal por varios

motivos ponderosos e prometera resolver a contenda em bem da liberdade!

As massas proletarias, a quem êles ofereciam francamente o seu apoio, e que á principio pareciam aceitar com agradecido fervor o siltre lançado, breve se retraíram, breve mesmo os otilizaram com uma furia de energumênos estupidos, arrebanhados decerto por parolheiros fogosos, arvorados em meneurs soberanos.

Desacompanhados, combatidos, embaraçados pela indiferença de uns e pela ignorancia ostil de outros, parecia logico, numa terra onde não ha tenacidade para cousa alguma e meia volta desandam em arrufos demorados susceptibilidades feminis, que êles desistissem enojados e vencidos por tanta má fé e tanta estúpidez.

Pois não succedeu assim, os seus propositos mantiveram-se apesar de todas as oposições, e ei los que afinal se affirmam altivamente na criação da Universidade livre, onde professores eminentes e ómens de saber provado e onesto se propõem vulgarizar conhecimentos, com raro e aplaudivel desinteresse.

A tentativa, a todos os verdadeiros liberaes, deve merecer incondicional e fervente louvor, de tão largo alcance se afirma, e tão elucidativamente revela a fé e a vontade energica dos que a ella se lançaram, entrepidamente, vencendo a guerra surda de uns e a repulsa ingrata e odiada dos proprios que êles procuram favorecer e elevar.

Numa terra onde a mocidade se alista nas terras para ah flutear sociegadamente os seus ideaes, tudo o mais desdenhando, tudo o mais ignorando, e onde os professores raro descem a tratar destas insignificancias de instrução, inaccessiveis nos pinaculos da sua farta sabença, é para louvar com jubilo e entusiasmo o iniciativo exemplo de uns e o apoio desinteressado e nobre de outros.

A Resistencia, que é um obscuro jornal democratico como unico merito de falar sempre sinceramente, sem atavios como tambem sem reticencias, folga de surpreender este momento de affirmar a direcção do Comité Académico-Operario toda a sua simpatia e todo o seu aplauso, saudando-a com todo o entusiasmo pelo bello resultado dos seus esforços.

E se para alguma coisa lhe servir o seu modestissimo esforço, a Resistencia sentir-se-á muito onrada em poder dar a tão alto trabalho a sua desvaliosa cooperação.

Pela legação de Inglaterra em Lisboa foram solicitados do ministério do reino esclarecimentos sobre o desenvolvimento, custeio, receitas e despesas das crêches em Portugal, e sobre o rultado que tem dado no nosso paiz.

Descrevendo a toilette de S. Magestade a rainha nova no tiro aos pombos dis o *Novidades*:

Sua Magestade a Rainha, que veste capa de veludo negro bordada de seda branca e chapêu tambem de veludo negro com plumas.

Para toilette é um pouco leve...

Está de luto pela morte de sua irmã o sr. dr. Porfirio Antonio da Silva, illustre professor da Faculdade de Teologia.

Sentidos pezames.

A matricula para o novo curso de medicina sanitaria, que este ano é professado pela primeira vez na Universidade já está aberta.

Teatro nacional

A ÚNICA VERDADE

Drama em 2 atos

POR

MANUEL DE SOUZA PINTO

E' ultra-familiar para os leitores da *Resistencia* este nome, e conhecido portanto, através da e larga e prestante colaboração aqui fixada, o seu pronunciado afeto pelos assuntos de teatro.

Muito antes, porém, de se revelar na lucida segurança de crítica, expendida neste jornal, já ele, a recato e modestamente obscuro, se dedicava com paixão tenaz e firme vontade a um estudo profundamente consciencioso de vasta erudição sobre a literatura dramática.

Dêse porfiado trabalho de sápa a organizar uma orientação e a formar um critério seu ou, por infelicidade, a, verdadeiramente, unica testemunha.

Cumprido pois afrontar qualquer preconceito de modéstia, que realça o caráter e a inteligência de Souza Pinto, para proclamar alto, que raríssimos escritores, dos que entre nós se têm consagrado a este difficilissimo ramo de letras, terão tido maior e mais sólida educação preliminar.

E isto é necessário dizer-se, porque em Portugal *faz-se teatro* torpemente e com o descário inaudito duma petulante ignorância e inconsciência, presumindo-se preparação sufficiente para tão altas investidas um magro livro de versos, em que á uma duzia de quadras para o Fado, uns sonetos ao Amor, uma Ode á Lua...

Ora o nosso grande mal reside, nesta e noutras especialidades, na ausencia absoluta de cultura.

Oje o teatro exige, além da vocação, applicações aturadas e diffíceis concentrações de espirito, que vizeem ao seu altissimo fim social, o que por certo não succede com esse rico alfôbre de devaneios liricos de simples delecte literário, como inspiração delicada e fátura cuidada.

E' um foco luminoso de instrução intelectual e moral; não requer pois efeitos de frases buriladas, ou de estafados episodios dos melodramas românticos, mas Ideias.

Tal é a Obra revolucionária de Ibsen, Strindberg, Hauptmann, Maeterlinck, Sudermann, etc. na qual se filia *A Única Verdade*.

O processo especial da contextura, cheio de novidade, a maquinação imprevisível de situações violentas, a simpática cruza de exposição intransigente revelam nos néla a immediata influencia da arte d'esses prodigiosos e extraordinários renovadores da dramaturgia.

O trabalho de Souza Pinto não pretende impôr-se pela sua amplitude concéptiva, mas afirma-se com nobreza pela sua aspiração e pela sua onestidade.

E isto é já muitissimo. O seu drama é logicamente arquitéctado desde a emergência expositiva dos dois sentimentos antagonicos, que se entrecrocaram até ao desfecho precipite e sensacional do rompimento.

A dialogação—elemento estrutural—condúz-se jeralmente com fina observação, ponderada harmonia e visionante intensidade subjéctiva.

O dever da imparcialidade, que a velha amizade de Souza Pinto me aplaudirá, obriga-me porém a declarar que, aqui ou ali, se encontram pequenos desequilibrios e defeitos: precalções inherentes a uma primeira tentativa, que, afinal, pouco a prejudicam.

Apontarei, por exemplo, o diálogo um pouco demorado e repisado de Lucio e Fernando no 1.º ato e o leve exagero da superioridade expressiva de Fernando, algo deslocada, na palestra com Marta no 2.º; depáram-se ainda ligeiras notas que forçam a naturalidade da acção ou a argumentação da tese, como o estabelecimento da linha ferrea na propriedade sem o mais banal dos resguardos usuaves, o que é pouco verosimil, ou esse traço biográfico do Zé Velho, que troca o mar e a barca pelo campo e pela enxada, em opposição aos principios bio-anímicos consignados sobre a gente marítima, contemplativa, errante, e indelizável da atracção fascinante d'essa agitação infundável da onda.

Poderá aduzir-se tambem um pequeno reparo sobre a demaziada indiferença e serenidade do médico, quan-

do ouve a revelação da esposa e assiste á sua brusca partida, apezar d'essa illação de potencia auto-dominante ter sido preestabelecida com magnifica coerencia dedutiva.

A parte isto e outras falhas insignificantes *A Única Verdade* é um trabalho de concentrado raciocinio, que denuncia uma vigorosa laboração cerebral, posta ao serviço de uma Ideia sã e nobre, concretada numa forma apreciavel de plasticidade precisa.

Se bem o apreendemos, o substratum intuitivo do drama redúz-se ao seguinte:

Alda, cheia de mocidade, com uma educação livre de peias clericais e intellectualmente culta por uma literatura moderna, perturbante, dissolvente e de méra exteriorização (Bourget, D'Annunzio...), amava românticamente Luis, aspirante a tuberculoso, no alto da serra infecunda, agreste e desolada, onde á um sanatório, que sómente recebe os que não são verdadeiros tísicos.

O pae d'ela, director d'essa casa de saude e maniaco exterminador da tuberculose por essa escrupulosa e pitoresca selecção, prohibiu essa paixão louca, e conseguiu que a filha cazasse com Lucio, um viuvo com três filhos, e facultativo, cá em baixo, na planicie, onde a natureza se desentranha numa fertilidade possante e complexa.

Alda consente em descer da altitude, sem abandonar o seu falso idealismo e sem jámais esquecer Luis, para se unir a Lucio quasi no intento exclusivo de se libertar da tutela paterna...

Esta união todavia resulta esteril. Não á portanto um laço forte e intimo que os ligue indissolvemente. Existe um vazio, que a relação sexual não preenche e vivem juntos por estrita necessidade individual.

Pódem pois num dado momento desviar-se um do outro sem que se causem lesões de qualquer ordem, porque ambos executaram o seu dever e ambos divergem naturalmente para o seu destino.

Eis o que vem a acontecer em desenlace. (Isto não se admite, nem aceita por enquanto no atrazo do nosso teatro de pura especulação).

Ora nestes dois conjuges estão personificadas duas tendencias inconciliaveis, que, muralhadas na sua obstinação irreductivel, não se trespassam, nem fundem.

Alda desdenhosa da existência, que se não reproduz em descendentes, aspira a um amor vão e infructifero, que finda com a morte e sóbe outra vés á montanha árida onde cae a neve fugaz e onde baila a nevoa illusória.

Lucio, cerebro robustecido pela ciência e dotado duma forte constituição física e moral, entusiasta da terra que o sol acaricia e germina e onde a seiva se alastra e revolve numa indefinida exuberancia, limita-se ao gozo supremo da felicidade indizível que lhe deu o seu primeiro amor, secundo e puro, e bêlamente perpetuado no renascente perfume das rosas e no adoraavel encanto dos filhos, que lhe continuarão a Vida—*A Única Verdade*.

Tal é a sumula d'este trabalho viva e sentidamente humano, dum fino revestimento simbólico e cheio de onesta sinceridade, produzido por esse moço discreto e talentoso, que por aí passa, quasi ignoradamente, recolhido no indistinto traje académico, com o rosto embutido na sua negra barba ondulante.

A minha calorosa saudação pela sua primeira arremetida, prometedora dum amplo futuro, que desejei ver coroado com grande exito.

Não deixarei por último de felicitar ao simpático livreiro editor Moura Marques pelo seu generoso desinteresse em publicar este livro.

Coimbra, 11-XII-1903.

Manuel Monteiro.

A direcção das obras públicas de Coimbra pediu a conclusão do lanço da estrada de Santo António dos Olivaeis ao Dianteiro.

Para as obras a realizar no liceu d'esta cidade, foi aprovado o orçamento na importância de 2:187:000 réis.

O sr. dr. João Serras e Silva, illustre professor de medicina, foi encarregado de rejer a nova cadeira de hygiene ultimamente creada no Seminário.

NO MARQUES PINTO

AO CAVACO

Multidão negra e compacta de estudantes, em que brilham o vermelho e os tons metalicos dos uniformes.

Ouve-se ao longe o som aspero das cordas arranhadas. Os sons musicaes perdem-se pela distancia.

Gente grave e de maior idade, perdidá entre os estudantes olha com enernecimento o grupo dos executantes.

—Doutor, cá está com a sua cerveja e com o seu charuto.

—Não! Com a tua cerveja e com o teu charuto. Queres?

—Não, obrigado.

—Fiel no seu pósto.

—Outro!

—Como vae doutor?

—Bem.

—Sempre aqui, sempre na mesma mēza.

—Que queres, se eu falto um dia, quando depois chego, o Marques Pinto pergunta me sempre se estive doente.

—Tem de apresentar atestado.

—Não. Contenta-se com a declaração verbal.

—Como os lentes.

—Tal e qual. Ainda me ás de vêr conselheiro.

—Eu cá gostava. O dr...

—Boa noite! Que faz doutor?

—O costume: o primeiro ato do *Boubouroche*. Fumo, vejo e leio...

—Alguma coisa nova?

—Não! *O Seculo*. Está marcado na pēça.

—Dá licença, se não encomodo...

—Não. Senta-te.

—O dr. Acha que no Normal deviam ter levado o *Boubouroche*.

—Acho. É um genero novo. Uma modificação felis da farça antiga, com a sua moralidade da fabula. Mas filho, se eu sou *Boubouroche*...

—Francamente, o dr. acuzava a amante?

—Não! Se vivésse na mesma casa, pedia ao senhorio que me abrisse uma porta para o guarda fato. Não riam, ou calo me...

—Muito bem tocam. Doutor, este Guilherme Tell.

—Alegres olhos... Viva!

—D. Casimiro á de concordar...

—Claro!

—D. Lourenço é mais novo, mas a execução...

—Pois é! Mas senta-te.

—O doutor parece não gostar de musica.

—De café? Não! E' toda mais ou menos mecanica, mais ou menos *Polyphon*. A principio, interesse me, enquanto não pērcebo o maquinismo, depois...

—Gosta mais do *Polyphon*?

—Não!

—A! Concorda!

—Gosto menos do *polyphon* porque aí sou eu que gasto o vintem.

—Doutor, grande novidade! Um artigo do *Tribuna* sobre o Ferreira de Silva.

—Deixa vêr.

—Espere. Vae gostar...

—O! Com mil diabos. E' tólo...

O Hamlet, a Magda e os Fidalgos da casa Mourisca. E' idiota, quem é?

—Vá lendo...

—Mas então este ómem vê representar as *fogueiras de S. João* e não tem uma palavra...

—Leia; leia!

—Não leio mais. Dêixa vêr o fim:

Eis o que foram os dois espéculos, em que a troça não terá rebentado, talvez um pouco porque Ferreira da Silva disse Dois pires de marmeláda. Ora aí está.

—O quê?

—O que custou ao bom doutor é que vocês se rissem com os dois pires. Na faculdade de teologia continúa a avêr marmeládas.

—Se o doutor lésse...

—Não.

—Eu leio: *A consciencia dos filhos. O titulo já indica estupada*...

—Eu não dizia que era teologo.

—Como?

—Claro! Senão fossem os filhos era uma rica vida...

—O artigo não presta, mas á uma parte em que eu concordo. *A Dolores* não é uma pēça espanhola.

—O! alminha de Deus! Uma pēça feita por um espanhol e aplaudida em todos os teatros de Espanha, não é espanhola?

—Para mim a Espanha não está ali a Espanha está...

—Ao fundo da rua Direita; é sabido!

—*Angela Pinto mais uma vés provou que o seu jogar comodo é na Lagartixa ou no Otel da Barafunda, desde que Taveira, José Ricardo e outros empregarios de igual força lhe viciaram o bom pedaço de habilidade, que em tempo revelou...* E' do *Triunfo*. Um ómem vingasse!

—Não entendo! Eu julgava que quem alevou a Angela a fazer a Lagartixa foi a nobre companhia do teatro de D. Amelia. E julgava que era como essa pēça que eles tinham equilibrado as finanças aviariadas...

—O! D. Amelia. Ai tem!... *qualquer pēça de valor como por exemplo, uma das que foram representadas na anterior serie de espéculos*.

—Claro! Refere-se á *Fédora*.

—Eu gosto.

—Eu tambem; mas, meu caro, quando vejo a boa Lucilia com tanto fáro policial, tenho vontade de a recomendar ao sr. major Araújo, que anda reorganizando a policia. Talvez éla fosse capaz de descobrir o ladrão das joias da sr.ª D. Amalia Cabral.

—Dá licença, doutor. Agora que começa a rir, digo lhe francamente eu detesto o teatro latino, Sardoan como os outros. Prende me o Norte. Ibsen...

—Vês? Este agora é o contrario: acha a espanhola *Dolores* de mais...

—Mas eu...

—Não, se vaes...

—Pás! *A Dolores* é tudo que á de mais ibseniano na literatura europeia.

—Essa agora!...

—Deixa o falar.

—Posso continuar? Os meninos dão licença? O simbolo é o grande encanto de *Dolores*. Quem interromper? Não. Calam-se! O que é a *Dolores*? E' a Espanha simbolizada num mulher de rizo facil, ospitaleira, acolhedora.

—Quem a rodeia? Os vicios de Espanha: a mania das grandezas simboliza-a num ricaoço, um exercito fantarrão batido em Cuba.

—Qual a figura simpática? O aragonês, bravo, rezoluto, mas prêzo pelo seminário. Conclusão do drama: a Espanha agoniza morta pelo clericalismo.

—Assim, sim!

—Assim, não! Não vão vocês dizer que eu penso isto da *Dolores* por ábito de vomitar as intellectualidades da se bentá. Que frio!

—Vae-se?

—Vou.

—Boa noite.

—O! É. Aparece tudo oje.

—Não incomodo? O compadre está contente. E' de estar com gente nova. Que te trouxe?

—Venho tomar uma cerveja.

—Nunca!

—Porquê?

—Porque vens ceiar comigo. Adeus!

T. C.

Estava marcada para óntem ás tres óras da tarde a assembleia geral dos socios do Ginazio de Coimbra, sendo a ordem do dia a exposição do estado da sociedade.

Não comparecendo numero sufficiente de socios, ficou a reunião transferida para oje á uma hora e meia da tarde.

O Ginazio tem sido uma das associações de mais longa vida de Coimbra e uma das que mais influencia tem tido no robustecimento e desenvolvimento físico dos seus abitantes.

Era um terreno neutro em que se dêram sempre as mãos na mais estreita solidariedade os estudantes e a população fixa de Coimbra.

Os seus saraus de ginastica, as suas festas, sempre muito concorridas, eram das mais simpaticas pela alegria franca que reinou sempre nas salas do Ginazio.

E' associção que os conimbricenses não devem deixar morrer, não só por o seu passado, como pela sua utilidade social.

O mal, que se nota agora, provem de terem faltado de repente associados que durante largos anos tomáram sobre seus ombros os encargos e a administração que se fazia dentro de um pequeno numero de socios, todos amigos, todos unidos.

Mas não á ninguem absolutamente indispensavel, e devem congregarse agora todos os elementos para não deixar acabar de vés uma associção de um passado tão brilhante, e de tanta utilidade social.

Fará um verdadeiro serviço quem tomar sobre seus ombros o encargo de reorganizar a associção, a que não faltam elementos de vida.

UNIÃO REPUBLICANA

O nosso prezado coléga lisbonense *O Debate* prosegue nos seus brilhantissimos artigos sobre a União Republicana, e é sobretudo devido á sua excelente e patriótica orientação o bom exito dos trabalhos de reorganização partidaria, porquanto ninguem óje, felizmente ignora, quanto têm sido proficuos em fecundos resultados os admiraveis e louvaveis trabalhos do sr. dr. João de Menêzes.

Profundamente deduzidos estes artigos, a cuja salutar e benéfica doutrina, a cuja sensata orientação aderimos com a sincera convicção de prestarmos um modesto, mas imperioso e indispensavel serviço á grandioza e patriótica causa da Democracia Portuguesa, não sempre produzido uma enorme influencia sobre as bastas óstes do Partido Republicano Português, despendendo tambem um justificado entusiasmo.

Traduzimos sinceramente o nosso modo de vêr e sentir sobre os contencimentos que se estão desenrolando no nosso País.

A dissolução do regimen monarchico vae adeantada, e a rapida desagregação dos seus partidos, urge opôr-se um solido, formidavel e aguerrido bloco democratico, que se esteje fortemente na União Republicana como essencial base de todos os interesses nacionaes salvaguardados pela futura revolução.

A evolução accentua-se, nem outra coisa seria de esperar do actual momento histórico. A definitiva consolidação da Republica em França, tinha de seguir-se os enormes progressos do Republicanismo em Espanha e o consequente movimento da União Republicana em Portugal, e é obedecendo a esta formidavel e fatal corrente do progresso politico e social que os ómens mais prestigiosos da Democracia Portuguesa estão firmemente dispostos a cumprir a augusta e sacratissima missão que ás circunstancias lhe impuzeram e que eles cumprirão, sacrificando-se, se indispensavel fór, pela Patria e pela Republica com o classico eroismo da raça portugueza!

Não é esta uma afirmação gratuita, não... Por eles e por nós mesmo ó dizemos, e as nossas palavras constituem neste grave momento um juramento que ávemos de cumprir.

E, broquelados com o nosso irreductivel sentimento patriótico, vamos para diante, olhos fitos num Ideal de Lus a redimir a Patria Portugueza da escravidão, que a avilta!

Tolerantes com as diversas correntes de ideias, que se espraíam amplamente dentro do vastissimo ambito da democracia Portugueza, seremos inflexiveis sobre a questão de principios fundamentaes, não permitindo que se pactue com o inimigo comum, não tolerando aos proprios correligionarios tendencias vizeveis de accentuadas impaciencias, que só servem para avolumar dissidencias, abrindo scizões e enfraquecendo a União do Partido Republicano.

Por isso necessitamos de definir e extremar rigorosamente os principios e os campos. Quem não é por nós tem que ser fatalmente contra nós. Esta é a boa doutrina a manter de futuro.

Mas com respeito a novas adeções que venham a avigorar o Partido Republicano Português e afirmar a sua independencia vis á vis da União Democratica Espanhola, abriremos de par em par as portas do nosso Partido a todos os ómens onéstos que queiram colaborar na redenção da Patria.

Adotaremos assim um sistema oportunista que concilie todos os interesses nacionaes á benéfica e protetora sombra da bandeira da futura Republica Portugueza. Precisamos por isso inculcar confiança ás classes conservadoras, inscrevendo no nosso aliuve e glorioso estandarte as duas palavras: *Ordem e Progresso*.

Em face do problema social, operaremos segundo ás circunstancias e na medida das nossas forças. A instrução dos proletarios torna-se uma necessidade para a solução d'esse problema.

Na questão financeira a revisão do convenio impõe-se, derruindo as onerosas clausulas da consignação dos aduaneiros, tolerando-se tão sómente o respeito aos compromissos tomados, bastando para a sua total amortização os recursos economicos de País fecundamente desenvolvidos por uma administração séria e onesta, inspiradora de

confiaça a nacionaes e extranjeiros... creadora do credi e da riqueza; emfim, uma administração como a que regerou a França após o abismo de Sé dan.

Eis o programa que tenho a onr de submeter á esclarecida e profund- ponderação dos ómens mais prestigi- ózos da Democracia Portugueza, e que dezejaria vér adotado como orientação administrativa pela União Republicana.

Fazenda Junior.

Recenseamento eleitoral

Avizo

A Commissão Paroquial Republicana da freguezia de S. Bartolomeu convida os republicanos desta freguezia a inscrever-se no cadastro da mesma Commissão, patente na Praça do Comércio, n.º 43, a fim de se recensearem os que não estejam e tenham direito a essa regalia.

A mesma Commissão lembra a todos os cidadãos republicanos, que não estejam recenseados, a urgencia de se munirem da certidão de idade, base essencial para a revisão do recenseamento próximo. Para que lhes seja passada essa certidão, devem fazer o seguinte requerimento:

Il.º Rev.º Sr. paroco da freguezia de...

Fulano, estado, profissão, de... anos de idade, filho de... e de..., natural de... freguezia de... morador na rua de... n.º... requer a V. Rev.ª que lhe passe a sua certidão de idade, para fins eleitorais, izenta de imposto de selo e quequeser emolumentos ou salários, como determinam os artigos 36.º e 37.º do decreto de 8 de agosto de 1901.

Coimbra, etc.

E. R. M.

F...

Este requerimento deve ser entregue aos párocos das respetivas freguezias, que teem obrigação de passar as certidões no prazo de 3 dias, grátis, e em papel não selado, e em seguida ser reconhecida gratuitamente por tabelião.

A commissão lembra tambem que o prazo para a inscrição no recenseamento, principia em 26 de dezembro e finda em 5 de janeiro próximo.

O major de Infantaria n.º 1 Francisco Maria Pinto da Rocha, despede-se por este meio de todas as pessoas da sua amizade e oferece o seu limitado prestimo em Lisboa, rua de B. Lem, 114.

Folhetim da "RESISTENCIA,"

H. DE BALZAC

O EXCOMUNGADO

O mosteiro e o castello

D. Elias tinha previsto que o resentimento do barão forneceria novos e terriveis pretextos á fatal sentença. Com effeito quinze dias antes de manhã, em que começamos esta historia, o barão seguido dos seus ómens de armas e da sua gente, tinha vindo pedir contas ao abade duma conduta tão estranha com o descendente dos benfeitores da abadia.

Quando entrava a todo o galope no pateo do mosteiro, ssta o abade da capella em ábitos sacerdotaes; ou fôsse porque a sua vista tivesse transportado da cólera o barão, ou porque o cavallo se tivésse espantado vendo aquêl grupo de monjes, atirou o abade Elias ao chão, e pôs em debandada o sagrado cortejo.

O abade não quis ouvir explicação alguma, fulminou com censuras o môço imprudente, e qualificou este incidente de ataque á mão armada a um ministro do Senhor.

Esta aventura levou-o a continuar em seus deziñios contra o barão, tanto mais que, como se verá no decorrer desta historia, todos os motivos davam

Os titulos do rei de Espanha

Informa o X.º vidades:

Sua Magestade D. Affonso XIII usa por nome—Leão, Fernando, Julião, Maria, Santiago, Zé Guithorme, Isidoro, Marques Pinto, Pascoal, Marcian Antonio, Carmen de la Vega & Costa.

Tem os titulos do rei de Espanha, de Castela, de Leão, de Aragão, das Duas Sicilias, de Jeruzalem, de Navarra, de Granada, de Toledo, de Valencia, da G. liza, de Maiorca, de Minorca, de Sevilha, da Sardenha, de Cordova, de Murcia, de Jaen, de Gibraltar, das Ilhas Canarias, das Indias occidentaes e orientaes, da India e do continente oceanico; archiduque de Austria, duque de Borgonha, de Brabant e de Milão, conde de Habsbourg, de Flandres, do Tirol e de Barcelona, Senhor da Biscaia de Molina e de Cuba livre.

Ainda do Novidades:

Afonso XIII tem nesse momento frses de magnifica impressão, que transmite ao monarcha portuguez e ao sr. tenente coronel Sousa Machado.

—E' na realidade surpreendente!— afirma Sua Magestade.

E' realmente surpreendente.

O Diario do Governo publicou o seguinte despacho:

Para os devidos effeitos e conhecimento dos professores de instrução primaria se declara que, em virtude de serem sidos presentes á inspeção sanitaria escolar novos cined cadernos de ligrafia das escolas primarias por Angelo Vidal, editor José Figueirinhas Junior, e a referida inspeção os aver aprovado, visto a qualidade do papel e a impressão divergem por completo dos primeiros que foram reprovados, como consta do Diario do Governo n.º 255, de 12 de novembro ultimo, os referidos cadernos de caligrafia podem ser adotados para ensino primario do continente do reino e ilhas adjacentes nos anos de 1903-1904 a 1905-1906, ficando por esta forma revogado o despacho de 11 de novembro ultimo, publicado no Diario do Governo acima designado. Direcção geral de Instrução Publica, em 9 de dezembro de 1903.—O Con- selheiro Director Geral, Abe Andrade.

Ateneu Comercial

O sarau dramático realizado no domingo passado, na sede desta tão util quanto prestimosa associação correu de vèras animadissimo.

O programma era bem escolhido e alguns numeros, que delle faziam parte, salientaram-se os srs. Trindade, Vasconcelos e Mário Temido, cavalheiros a quem couberam as onras da noite.

O sr. Vasconcelos, por exemplo, disse com muito espirito a cançoneta o Nini, e o sr. Trindade, andou bem no desempenho do papel de protagonista do drama O jogador.

oção para pensar que o abade saíra triunfante desta luta e abateria o orgulho do castello.

Vê-se pela exposição de todos estes fatos, que são de algum modo o prologo da nossa narrativa que o senhor de Roche-Corbon tinha materia para reflexões; mas, se alguém pensasse que o môço de excomunhão o preocupava, quando lançava os olhos pelas margens do Cher, enganar-se-ia redondamente.

O barão ria-se, como verdadeiro soldado, dos raios que o abade Elias tinha, á quinze dias, suspensos sobre a sua cabeça, e, apesar do barulho, que o caso fazia já na terra, o barão nem por isso deixava de caçar, e sobre tudo não perdia oção de utilhar os monjes da abadia.

Os cuidados, que lhe carregavam a fronte, tinham euzá mais importante para elle.

O barão estava cazado, á alguns mêzes; tinha despozado uma filha do senhor de la Bourdaisière, cujo castello, situado nas margens do Cher se podia vér das janelas de Roche-Corbon. Ombert examinava o campo com attenção tão escrupulóz; por que tinha mandado uma mensagem ao sôgro, e esp-rava que o velho senhor de la Bourdaisière, cujas netas fôrão tão celebres na historia, apparecesse na margem oposta, para o ir buscar com uma barca, que estava prèza por baixo da plataforma em que o barão passeava a passo largo.

Acabava de deixar a sua cara Catarina num estado de muita inquietação, e dava sinais da maior impaciencia; ás vezes parára olhar para a margem oposta

Teatro Lisbonense

Teem corrido muito animados os espetáculos deste teatro popular, agradando muito os Sinos de Cornerile e O Castelo de fogo que ultimamente foram á scena.

Folgamos com o successo da companhia, que se apresenta modestamente, e sabe manter a ordem e a moralidade nos espetáculos, sem mendigarem adulações e sorrisos sem os aplausos dos atruceiros.

Para ôje está anunciado o espetáculo com a ópera cómica em três atos, A noite e o dia.

Publicações recebidas

Revista pedagogica.

Recebemos o numero 1, correspondente a 6 de Dezembro, deste semanario, que publicou em Lisboa.

O seu programma é assim expresso na introdução:

«Numa palavra, o nosso dizer é: Para os professores pelos professores e pela instrução.

«Para os professores, ministrando lhes conhecimentos uteis, variados, e verdadeiros e trazendo os ao corrente de tudo o que profissionalmente lhes possa interessar.

«Pelos professores, estando sempre vigilntes, sempre de atalãs, a seu lado em tudo o que seja um vislumbre de justiça.

«Pela instrução, procurando que ella se derrame até aos ultimos recantos das aldeias sertanejas deste pobre Portugal.»

Agradecemos.

Trajédia antiga por Cesar Porto. E o original do concurso do Dia.

Por engano, só ôje o recebemos. Brevemente falaremos da obra; por ôje agradecemos pedindo desculpa do atrazo involuntario.

Miscelanea Literaria. por A. A. de Lima Duque. Está publicado o 2.º volume O Livro de Maria, sinha, editado pela imprensa Lucas-rua do Diario de Noticias 93.

Rudimentos de agricultura

POR

ANTONIO X. PEREIRA COUTINHO

Livro aprovado no ultimo concurso pela Direcção geral d'instrução publica

Praço pelo correio, 280 réis

A' venda em todas as livrarias do continente, ilhas e ultramar, e na casa editora LIVRARIA AILLAUD, rua do Ouro, 242-1.º—Lisboa.

e, não vendo nada, punha-se a andar outra vês a assobiar como se chamasse o seu falcão favorito, o que era nelle sinal de uma viva impaciencia.

Quando viu que o sôgro se fazia esperar ainda alguns momentos, deixou sair duas ou três vèzes uma praga energica, mas, quando a pronunciava pela ultima vês, viu um cavaleiro que fazia voar a areia sob o galope do seu cavallo, do outro lado do rio.

Descendo então os degraus da especie de porto, ao abrigo do qual estava a barca, deitou-se aos rémos e dirigiu-se para o ponto que devia abordar o senhor de la Bourdaisière.

O mendigo

Ombert chegava á margem oposta no momento, em que o sôgro panha o pé em terra e confiava o cavallo ao seu escondeiro. Este senhor de la Bourdaisière era alto e grôso, a marcha e os môdos davam a indicar um velho soldado.

—Então, Ombert, tens tã má cara esta manhã! Que te aconteceu?

Ao acabar de dizer estas palavras, o digno senhor saltou para dentro da barca, e o seu pézo fez a submergir algumas linhas.

Ajeitou sobre a cabeça quasi calva um gótro bastante simples, que o movimento do corpo tinha deslocado, e continuou:

—Então Catarina pediu para me vér?

CONTOS DAS CRIANÇAS

POR

Maria Pinto Figueirinhas

Praço 300 réis — Livraria Editora de José Figueirinhas Junior — Rua das Oliveiras — Porto.

Noções elementares

DE

ARIMÉTICA PRÁTICA

POR

ADELINO LOPES CARREIRA

Acha-se já á venda este livro, magnifico trabalho, que bem attesta a competencia, dedicação e amor do seu autor; pelo ensino da ciencia dos numeros, e de tantas outras diciplinas.

Está ella escrita de forma a poder ser estudada sem auxilio de mestre, e comprehendida por todas as intelligencias; seguindo uma orientação diferente de todas as que existem, e trata desenvolvidamente como nenhuma, de todos os calculos arithmeticos.

Contém 400 paginas aproximadamente, nitidamente impressa em bom papel, formato 22—14 e o seu praço é: brochada, 15000 réis; encadernada, 17250 réis; e a fasciculos, 17200 réis.

No 1.º e 2.º caso acrecece 40 réis de porte sendo enviada pelo correio.

Os pedidos das provincias devem ser feitos ao editor Francisco António d'Aguiar, Figueiró dos Vinhos, e os da capital á livraria Avelar Machado, 19 rua do Poço dos Negros, Lisboa.

ANUNCIOS

Topico contra Frieiras

E' o unico medicamento, eficaz, descoberto pelo Dr. Rousseau e muito usado com grandes exitos por todos os Parisienses que sofrem de tão orrivel mal.

Applica-se em fricções durante dois minutos collocando-se depois um pacho d'algodão hydropilho do mesmo topico por algumas ôras.

Praço de cada frasco 300 réis

Vende-se na Farmacia Assis

Praça do Comercio—COIMBRA.

ACETILENE

Instalações completas. Grande deposito de carboreto de calcio.

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio—COIMBRA

Carro e cavallos

Vende-se um coupé, cavalos e arrejos; quem pretender dirija-se ao sr. Manuel Peça no Largo da Sota.

—Vae encontra la bastante mudadal! Já não é aquêla Catarina de rôsto tão fresco, cujas côres eram tão vivas, a fronte tão pura... não, não, não é a Catarina que o sr. me deu; apoderou-se della uma profunda melancolia; não me deita os olhos com a mesma expressão de outrora. Julgo tornar a encontrar aquêla timidez, que tanto me encantava nella, quando mal a conhecia, e a não podia vér senão na alegre sala do seu castello. E todavia eu sou seu marido!

—Vae encontra la bastante mudadal! Já não é aquêla Catarina de rôsto tão fresco, cujas côres eram tão vivas, a fronte tão pura... não, não, não é a Catarina que o sr. me deu; apoderou-se della uma profunda melancolia; não me deita os olhos com a mesma expressão de outrora. Julgo tornar a encontrar aquêla timidez, que tanto me encantava nella, quando mal a conhecia, e a não podia vér senão na alegre sala do seu castello. E todavia eu sou seu marido!

—Vae encontra la bastante mudadal! Já não é aquêla Catarina de rôsto tão fresco, cujas côres eram tão vivas, a fronte tão pura... não, não, não é a Catarina que o sr. me deu; apoderou-se della uma profunda melancolia; não me deita os olhos com a mesma expressão de outrora. Julgo tornar a encontrar aquêla timidez, que tanto me encantava nella, quando mal a conhecia, e a não podia vér senão na alegre sala do seu castello. E todavia eu sou seu marido!

—Vae encontra la bastante mudadal! Já não é aquêla Catarina de rôsto tão fresco, cujas côres eram tão vivas, a fronte tão pura... não, não, não é a Catarina que o sr. me deu; apoderou-se della uma profunda melancolia; não me deita os olhos com a mesma expressão de outrora. Julgo tornar a encontrar aquêla timidez, que tanto me encantava nella, quando mal a conhecia, e a não podia vér senão na alegre sala do seu castello. E todavia eu sou seu marido!

—Vae encontra la bastante mudadal! Já não é aquêla Catarina de rôsto tão fresco, cujas côres eram tão vivas, a fronte tão pura... não, não, não é a Catarina que o sr. me deu; apoderou-se della uma profunda melancolia; não me deita os olhos com a mesma expressão de outrora. Julgo tornar a encontrar aquêla timidez, que tanto me encantava nella, quando mal a conhecia, e a não podia vér senão na alegre sala do seu castello. E todavia eu sou seu marido!

—Vae encontra la bastante mudadal! Já não é aquêla Catarina de rôsto tão fresco, cujas côres eram tão vivas, a fronte tão pura... não, não, não é a Catarina que o sr. me deu; apoderou-se della uma profunda melancolia; não me deita os olhos com a mesma expressão de outrora. Julgo tornar a encontrar aquêla timidez, que tanto me encantava nella, quando mal a conhecia, e a não podia vér senão na alegre sala do seu castello. E todavia eu sou seu marido!

—Vae encontra la bastante mudadal! Já não é aquêla Catarina de rôsto tão fresco, cujas côres eram tão vivas, a fronte tão pura... não, não, não é a Catarina que o sr. me deu; apoderou-se della uma profunda melancolia; não me deita os olhos com a mesma expressão de outrora. Julgo tornar a encontrar aquêla timidez, que tanto me encantava nella, quando mal a conhecia, e a não podia vér senão na alegre sala do seu castello. E todavia eu sou seu marido!

—Vae encontra la bastante mudadal! Já não é aquêla Catarina de rôsto tão fresco, cujas côres eram tão vivas, a fronte tão pura... não, não, não é a Catarina que o sr. me deu; apoderou-se della uma profunda melancolia; não me deita os olhos com a mesma expressão de outrora. Julgo tornar a encontrar aquêla timidez, que tanto me encantava nella, quando mal a conhecia, e a não podia vér senão na alegre sala do seu castello. E todavia eu sou seu marido!

—Vae encontra la bastante mudadal! Já não é aquêla Catarina de rôsto tão fresco, cujas côres eram tão vivas, a fronte tão pura... não, não, não é a Catarina que o sr. me deu; apoderou-se della uma profunda melancolia; não me deita os olhos com a mesma expressão de outrora. Julgo tornar a encontrar aquêla timidez, que tanto me encantava nella, quando mal a conhecia, e a não podia vér senão na alegre sala do seu castello. E todavia eu sou seu marido!

—Vae encontra la bastante mudadal! Já não é aquêla Catarina de rôsto tão fresco, cujas côres eram tão vivas, a fronte tão pura... não, não, não é a Catarina que o sr. me deu; apoderou-se della uma profunda melancolia; não me deita os olhos com a mesma expressão de outrora. Julgo tornar a encontrar aquêla timidez, que tanto me encantava nella, quando mal a conhecia, e a não podia vér senão na alegre sala do seu castello. E todavia eu sou seu marido!

LOJA

Arrenda-se uma, no largo do Castello n.º 19 e 20. Serve para estabelecimento de qualquer género.

Trata-se com Antonio Dias Temido, na rua de Ferreira Borges n.º 133, Coimbra.

FARMACIA

Vende-se a 22 kilometros de Pombal e 45 de Coimbra, por falta de saude do seu proprietario; bem afreguezada toda de mogno com 8 corpos.

A qualquer pretende-se, que não esteja examinado, não á duvida em ficar com a responsabilidade della, pelo tempo convençionado.

Carta a Rodrigues da Silva & C.ª — Coimbra.

ANUNCIO

Os erdeiros do presbitero José Simões Dias, morador que foi na rua da Trindade 20, rogam a todos os credores deste, o favor de mandarem as suas contas para a casa que foi da sua residencia, dentro de trinta dias, para serem pagas sob pena de concluirem que não devia cousa alguma a algum.

Coimbra, 5 de dezembro de 1903.

O amigo do povo de Coimbra

Agostinho Rodrigues da Bells, proprietario da Padaria Popular, Largo da Freiria, n.º 12 e 13,

á rua dos Sapateiros, participa ao publico que acaba de receber farinhas escolhidas nas mais acreditadas fabricas de Lisboa com o fim de satisfazer bem as exigencias de todo o consumidor muito particularmente pelo que respeita ao saboroso paladar que em geral resulta da boa qualidade e esmerado accio na manipulação.

Além disso o seu proprietario com atividade e zelo envida os melhores esforços para montar o seu estabelecimento em rigoroso confronto com os mais aperfeiçoados do pais, seguindo o moderno sistema de fabricação empregando sempre a agua filtrada.

Assim espera obter a preferencia do publico que lucra duplamente em igléne e qualidade de pão fino, relativamente barato, porquanto o anunciante compra de pronto as farinhas.

Convida, pois, o publico a visitar este esmerado estabelecimento.

Manda o pão a toda a ora aos domicilios dos freguezes.

E' isso que perturba, e preocupa a minha cara Catarina! Conheço-a, é cristã, como toda a familia...

—Se fôsse isso, falava-me; mas guarda silencio...

—Com medo de te aíl gir.

—Não é esse medo que a torna tão ternamente lastimóz, e mistura ao seu sorriso uma amargura, que parece querer encubrir. Algumas vèzes tenho medo de a vér expirar nos meus braços.

Ainda á pouco estava eu a vê-la dormir: as palpebras fechadas, as faces descoloradas ofereciam a imagem da morte; puz os meus labios sobre os dela para ter a certeza que respirava ainda.

—Procurei distrair-la, dêi-lhe o espetáculo de uma grande caça, era um divertimento que antigamente lhe agradava. Levo-lhe ouro, joias, enfeites, aceita-os, e ao ver que todos os meus cuidados não por fim agradar-lhe, parece-me entristecer-se mais. Já pensei que tinha um rival; mas a suspeita é absurda, Catarina nunca me deixou, não vê ninguém, e a unica vês que saiu de Roche-Corbon, foi para ir a Tours comigo vér passar o exercito do duque de Orleans!

—Levei-a ás festas que demos então. Não penso que possa ter sido cortejada, no meio daquêta multidão por que ninguem se mostrou nos arredores, depois desta epoca... a barca tinha estacado no meio do rio, o môço Ombert imóvel, abandonára os rémos, e os seus olhos pareciam despedir chamas.

(Continúa.)

PASTELARIA E CONFETARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

COIMBRA

Nesta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, en contra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos con cernentes a estabelecimentos desta natureza.

Dóces de ovos dos mais finos paladares e delicados gostos, denomi nados *dóces sortidos*, para chá e *sorrées*, em grande e bonita variedade que difficil se torna enumera-la.

Dóces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabri car-se, tanto em secco, como cristalizados, rivalisar com os estrangeiros.

Pastelaria em todos os generos e qualidades, o que á de mais fino e saboroso, especializando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primo rosa fantasia, denominadas *Centros de mesa*, *Castelos*, *Jarrões*, *Lyras*, *Flo reiras*, *Lampreias*, etc., etc., próprias para banquetes.

Pudings Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá café e de fructas diversas, vistosamente enfeitados.

Pão de ló pelo sistema de Margaride, já bem conhecido nesta cida de, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Madeira, Moscatel, Colares, Champagne, Cognacs, Licores finos, etc. das melhores marcas nacionaes e ex tranjeiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

Amendoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo-se a pureza dos assuacares com que sam fabricadas.

Conservas nacionaes e estrangeiras, chás verdes e pretos, passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyère, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.

Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32.

IJIENE

Os melhores aparelhos, retretes, lavatórios, tinas e urinoes nacionaes e inglezes.

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio — COIMBRA

Nova Havaneza

Rua de Ferreira Borges n.º 176

Papelaria, Tabacaria, Perfumaria, Carteiras, malas, caixas de charão, e todos os objectos de escritório.

SILVA & FILHO

Fábrica manual de calçado e tamancos e depósito de alpargatas

EXPORTAÇÃO

Canalisações para agua

Ninguem mande fazer sem vêr os preços da casa

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio — Coimbra
Orçamentos gratis

L. M. LILLY, Engenheiro

- Machinas** agricolas de toda a qualidade.
- Machinas** para fição e tecelagem para todos os tecidos.
- Machinas** para fazer soda-water, gazosas, gelo, etc.
- Machinas** para fazer papel continuo, cartão, etc.
- Machinas** para lavar, engommar e desinfectar roupa.
- Machinas** de vapor e de gaz, caldeiras e bombas.
- Machinas** de escrever, de systema YOST.
- Correias** de pêllo, de couro, de borracha, empanques, etc.
- Materias primas** de todas as qualidades.
- Instalações, desenhos, montagens.**
- Facilitam-se pagamentos.**

REPRESENTANTE

JOÃO GOMES MOREIRA
COIMBRA

Agua da Curia (Mogofores — Anadia)

Sulfatada — Calcica

A unica analysada no paiz, similhante á afamada agua de CONTREXÉVILLE, nos Vosges (França)

INDICAÇÕES

Para uso interno: — *Arthritismo*, *Gotta*, *Lithiase urica*, *Lithiase biliar*, *Engorgitamentos hepaticos*, *Catarrhos vesicaes*, *Catarrho uterino*.

Para uso externo: — *Em diferentes especies de dermatoses*.

As analyses chimica e microbiologica foram feitas pelo professor da Escola Brotero, o ex.º sr. Charles Lepierre.

A' venda em garrafas de litro — Preço 200 réis

Deposito em Coimbra — PHARMACIA DONATO

4, Rua Ferreira Borges, 6

Tubos de ferro, bombas e seus pertences

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio — COIMBRA

CASA

Arrenda-se o 3.º e 4.º andares na rua da Alegria n.º 77. Tem agua, gaz e um pequeno quintal.

Tambem se arrenda a loja do mes mo predio.

Trata-se com Antonio Marques de Seabra, largo do Principe D. Carlos — Coimbra.

FONOGRAFOS

Manoel José Telles, Rua Ferreira Borges, n.º 150 a 156, tem em depo sito os magnificos *Phonographs Edison* de diferentes preços e tama nhos.

Variada e grande coleção de ci lindros, com lindas operas, cançonetas, monologos, etc., nacionaes e estran geiros que vende pelos preços das prin cipaes casas de Lisboa e Porto.

Sempre cilindros com musicas no vas e muito escolhidas.

RELOJOEIRO

Manoel José Pereira Machado, ex-empregado, da Relojoaria Paixão, faz publico, que se encarrega de todos os trabalhos concernentes á sua arte, para o que se encontra trabalhando por sua conta ao Arco d'Almedina n.º 7, res ponsabilizando-se pela perfeição e so lidez dos seus trabalhos.
Preços modicos.

Alfaiateria Guimarães & Lobo

54 — RUA FERREIRA BORGES — 56

(Em frente ao Arco d'Almedina)

Abriu este novo estabelecimento onde se ex-cuta com a maxima perfei ção e modicidade de preços, toda a qualidade de fatos para homem e crean ça, para os quaes tem um variado sor timento de fazendas nacionaes e estran geiras.

Ha tambem uma grande variedade em flanellas e panos pretos para ca pas e batinas, para todos os preços.

Artigos para homem como camisa ria, gravatas, luvas, etc.

Pede-se ao publico a finessa de vis tar este estabelecimento.

PROBIDADE

Companhia Geral de Seguros

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua Ferreira Borges, 165, 1.º

Tomam-se seguros de prédios, mo bilias e estabelecimentos contra o risco de incendio.

CASA

Arrenda-se uma, na rua dos Sa paiteiros, n.º 40 e 42. Constando de lojas e 4 andares, própria para estabelecimen to de qualquer género.

Trata-se com David de Sousa Gon çalvez, rua da Moéda, Coimbra.

Opa de seda nova

Vende-se uma propria para irmão da Misericórdia. Para tratar com Au gusto Nunes dos Santos, rua Direita, 16 e 18 — Coimbra.

Consultorio dentário

COIMBRA

Rua Ferreira Borges

Herculano Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

ACETYLENE

Carbureto de calcio francês, rendimento garantido de 300 litros por kilo, os 100 kilos franco — Lisboa, 10,000 réis

Apparelhos, candieiros, lustres, bicos e mais accessorios

NOVA LUZ A GAZOLINA

Poder illuminante — 100 vellas por bico

GASTO: — 5 réis por hora

Mandam-se gratis catalogos e preços correntes

A. RIVIÈRE

RUA DE S. PAULO, N.º 9, 1.º andar

ARMADOR

FABRICA DE TELHÕES E MANILHAS

Premiada na Exposição de Ceramica Portuguesa, no Porto, em 1892, com diploma de merito; e medalha de cobre na Exposição Districtal de Coimbra, de 1894

Esta fabrica a mais acreditada em Coimbra, em construcção e solidez de telhões, manilhas para encanar agua, siphões para retretes, vasos p- ra jardins e platibandas, balaustres, tijolo para ladrilhos de fornos, tijolos grossos para construcções e para chaminés, tachos para cosinha á imitação dos de Lisboa, etc. — Todos estes artigos são de boa construcção e por

PREÇOS ECONOMICOS

Pedro da Silva Pinho Coimbra

29, Rua de João Cabreiros, 31 — COIMBRA

COLAR DOUCHE

O melhor aparelho para banho dou che que se obtem sem molhar a cabeça.

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio — Coimbra

CASA MEMORIA

Santos Beirão & Henriques

Sucursal em Coimbra

99 — Rua Visconde da Luz — 103

Esta casa continua a fornecer ao publico as suas acreditadas maquinas de costura — *Memoria*. Tem todos os modelos mais recentes taes como vi brantes, oscilantes e bonine central o que á mais perfeito.

Ninguem compre sem visitar esta antiga e acreditada casa, para se certi ficar da qualidade e preços destas ma quinas que nenhuma outra as pôde egualar na perfeição do seu maquinismo. Não contudir a *Memoria* com tantas outras que por ahi se vendem. Vendem se a prestações e a prompto pagamento. Aceitam se maquinas usadas em troca por seu justo valor.

Pianos

Esta casa acaba de receber impor tantes remessas Pianos alemães e fran cêses que se vendem a prompto paga mento por serem importados directa mente dos fabricantes; vendem-se ao publico em melhores condições do Porto ou Lisboa. Aceitam-se Pianos em troca e compram-se Pianos usados.

A' sempre quantidades de Pianos para alugar.

COLEGIO

LICEU FIGUEIRENSE

Instituto particular de educação e ensino

Figueira da Foz

DIRETOR

Dr. José Luiz Mendes Pinheiro

Professor na Universidade e ex-professor no Lyceu Central de Coimbra

Neste estabelecimento ensina-se in strução primaria e instrução secundá ria (curso dos liceus e curso comercial). Aulas de ginastica e musica. Admitem-se alunos internos, semi- internos e externos.

Enviam-se regulamentos, progra mas e quaesquer informações a quem as pedir ao director.

LUCA

Delicioso licor extra-fino

VINHOS

Associação Vinicola da Bairrada

Grandes descontos aos revendedores

Unico deposito em Coimbra

CONFETARIA TELLES

150, R. Ferreira Borges, 156

Modista de chapéus

Com um esplendido sortimento de chapéus para senhoras e crianças, no que á de maior novidade, chegou a esta cidade e instalou se na sua casa rua Ferreira Borges, n.º 185, 1.º, a acreditada modista de Lisboa que na estação de verão esteve em casa do sr. Augusto Palhinha.

Convida por isso as suas ex.ªs freguezas a visitarem o seu atelier onde encontraram bonitos modelos a preços modicos.

“RESISTENCIA”

CONDIÇÕES D'ASSINATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Ano	2\$700
Semestre	1\$350
Trimestre	680

Sem estampilha:

Ano	2\$400
Semestre	1\$200
Trimestre	600

Brazil e Africa, ano..... 3\$600 réis
Ilhas adjacentes, » 3\$000 »

ANUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assinantes, des conto de 50 %.

Comunicados, 40 réis a linha.
Réclames, 60 »

Anunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal for honrado.

Avulso 40 réis

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Editor

MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redacção e administração — RUA DE FERREIRA BORGES, 89, 2.º andar

Officina tipográfica

12 RUA DA MOEDA — 14

N.º 860

COIMBRA — Quinta-feira, 17 de Dezembro de 1903

9.º ANO

ESPAÑA REPUBLICANA

O discurso pronunciado por Salmeron na camara e pãnhola e o comício realizado no Teatro Lirico de Madrid são dois factos dos que marcam na historia, e devem ser olhados pela democracia portugueza como um grande ensinamento, como o mais alto exemplo.

A organização do partido republicano espanhol, lentamente feita na mais acrizolada fé politica, na maior luta contra os bandos monarchicos, contra as óstas da reacção que tem tido em Espanha sempre o maior dominio sobre os altos poderes do Estado, é um raro exemplo de abnegação e patriotismo muito para ser meditado por todos nós, os que nos interessamos pelo triunfo das ideias democraticas.

A nossa situação politica, o nosso aviltamento á face da Europa, a nossa decadência é tam grande, se não maior do que a da Espanha; porque a ninguém illude o brilho e a pompa das vizitas reais.

A nossa situação é a mesma que a da Espanha na decadência em que caiu o ensino da mocidade, entregue a espiritos reacionarios, que se apossarão dos liceus, quando virão diminuida a influencia que podião ter os seus collegios.

Os partidos monarchicos desceram entre nós mais baixo do que em Espanha e não á ninguém que desconheça no nosso paiz a baixeza de intelligencia, de saber e de carácter dos ómens que nos tem governado.

E' por isso que as palavras de Salmeron são em tudo applicaveis a Portugal, exceto na força, na disciplina, no valor do partido republicano, que está todavia dando um salutar exemplo nos trabalhos que fás, para congregação de todos os esforços dos que em Portugal se interessam pela causa democratica, numa unica vontade.

O *Heraldo* tratando desta sessão escreve:

«O verbo luminoso de Salmeron resplandecia como nunca, não só pela sua eloquencia insuperavel, como pelo seu pensamento profundo, e a tarde de ontem terá de conta na sua larga e gloriosa vida parlamentar como um dos dias de maior relevo historico. E' culpia com a sua palavra os conceitos da ciencia em todas as questões, e afirmava-se o mestre de todos, o que possui em maior grau o dom de fazer luz nos problemas intrincados da politica e da sociologia. O Parlamento sentia-se enaltecido por ter no seu seo um filo sofo que é ao mesmo tempo um artista de tamanha magnitude. Dos seus periodos grandes e eloquentes emanava um ensino para todos, e se não o recolhem e traduzem em actos efficazes os partidos governantes, e particularmente os democraticos, se cumprirá a profecia de Salmeron de que são grupos doutrinaris, sem alma, sem ideias, sem esperanças para o bem da patria»

Todos os jornais afirmam o exito assombroso do discurso de Salmeron.

O que elle tem de capital é a luta declarada francamente ao es-

pírito de reacção, que tanta dar uma apparencia de vital á monarchia agonizante, e a declaração de que o partido republicano espanhol, se acha disciplinado, armado e pronto a entrar no caminho da revolução.

Para Salmeron o problema religioso é o problema capital que ou tem de ser rezolvido com espirito de justiça, inspirando-se na liberdade, com prudencia e descreição do legislador, ou então será rezolvido pelas turbas na rua com scenas tumultuarias e talvez sangrentas.

Reconhecendo o direito das religioes, insurge-se contra as ordens religiozas, contra o privilegio de uma igreja que subtrae uma parte de poder do estado, contra as congregações que com a complexa representação que tem, determinam relações que afetam a todas as ordens da vida e, a respeito de direito, a estes dois termos capitais: relações do direito privado e relações do direito publico.

Estas ultimas não se podendo definir nem determinar no Codigo civil, e, como é precisamente com relação a este carácter publico do problema que terão de se estabelecer rezervas de direito que tornem efficaz a intervenção do Estado, com relação aos deveres religiozos, não se encontra na representação do partido liberal, nem sequer mantido o que afirmára o sr. Sagasta.

Assim é que a influencia religioza se tem oposto e conseguido vencer todos os poderes.

Mostrou Salmeron a dezorganização dos partidos monarchicos, a falta de uniformidade de opiniões nos problemas capitais que não podem ter senão a solução apresentada pelos partidos republicanos.

Proclamou a urgencia de atender ao problema capital do ensino, mantendo integro o espirito da juventude; porque ninguém póde ter o direito de torcer este eixo de atividade vital, mostrando á necessidade de estabelecer o ensino obrigatorio, gratuito e laico.

Para terminar transcreveremos as palavras com que heste extraordinario discurso se referiu á questão social:

«O que eu dizia, o que eu sustento, o que perzisto em afirmar, é que a acção do legislador deve exercer-se estimulando a acção social em todas as direcções, deve consistir em orientar e preparar uma acção social, a que a intervenção do Estado, em tudo que não seja a realização do fim da justiça, que é no que predominantemente se formula, tem o carácter de orientação e de preparação de instituições para o direito, para a propria justiça e assim se devem realizar reformas totais que elevem, que justifiquem a consciencia do proletariado, que o faça sentir a intensidade da sua abjecta existencia ainda no moral que no material; que o elevem integrando a representação da personalidade, cumprindo a sua ordem, aquela celebre indicação do grande Marx, «Organizai vos». Sim, organizai vos e preparai os instrumentos e os meios com que á de resolver-se essa luta que deve ser uma luta de razão, mais que uma luta tumultuosa inspirada pela paixão e pelas imperiozas necessidades da vida.»

Partido republicano

O *Povo de Aveiro* transcreveu parte dum artigo nosso, á já dia publicado, com epigrafe egu lá que encima estas linhas, e em que tratando da reorganização republicana acentuavamos a necessidade de todos escurcêrem injustiças e erros, que, se era leal e justo confessar, não era por certo conveniente relembrar impertinente como um embaraço a qualquer tentativa de reabilitação partidaria.

A esse trecho do nosso artigo juntou o *Povo de Aveiro* largos comentarios, que abriam pela declaração de que indubitavelmente se entendiam com elle as nossas palayras, visto que só o illustrado colega dissera que o partido republicano tem cometido injustiças e erros.

Só hoje podemos responder ao *Povo de Aveiro*, visto ter estado auzente quem neste jornal tem escrito os artigos pertinentes ao partido republicano; e começaremos já pela declaração terminante de que não visavamos o illustrado colega as palayras que serviram de tema a sua contestação.

Nem só o *Povo de Aveiro* disse que o partido republicano tem cometido injustiças e erros; em outros jornaes deparamos essa confissão, mais ou menos ampla; e á pelo menos um que tem apregoado bem alto, sem rebuço e sem complacencias, indisciplinadamente se o queremos, todos os erros e vicios do partido republicano, que tem comentado com onesta independencia a sua dezorganização, a sua invidência, as gravissimas responsabilidades da sua attitude triste e deprimente.

Esse jornal e a *Resistencia*. Vae aproximadamente em dois anos que aqui se iniciou a publicação de modestos artigos sobre a necessidade de uma larga e forte reorganização partidaria, e ao tempo ignoravamos até a existencia do *Povo de Aveiro*, que só algum tempo depois conhecemos e pulémos com justiça apreciar.

E' tão verdade é que falando do partido republicano não nos esquecemos de destacar as suas injustiças e erros, que ao *Povo de Aveiro* mereceram as óndas de transcrição alguns desses artigos, como por nossa parte tambem o *Povo de Aveiro* viu afirmado, por varias vezes, plena concordancia com as suas considerações, expressas na sua serie de artigos — *Entre republicanos*.

De resto, falando dos que buscamos nos erros e injustiças do passado argumento ao seu retrimento presente, não nos dirigimos a este ou áquelle republicano em particular, mas felamos em geral a todos os republicanos que por virtude dessas injustiças e erros se retraíram e ainda hoje oppõem resistencia ás solicitações que lhes são feitas para regressarem á efetividade partidaria.

Sendo assim, como os colegas do *Povo de Aveiro* não são os unicos traidos, nem os unicos agravados segue-se que não lhes podiam ser subscritas as nossas considerações.

A mesmo uma razão que nos impedia de nos dirigirmos ao illustrado colega: é que estando elle, como não cessa de o acentuar, fóra do partido republicano, e estando nós tratando de coisas que só ao partido republicano interessam, não tinhamos que ir pedir a extranhos o seu apoio e a sua adesão.

Extranhos, entenda-se, no assunto particular de que nos estamos occupando, visto que o *Povo de Aveiro* defendendo os principios republicanos, embora fóra do partido republicano, não pode a este ser indifferente a sua cooperação e os seus serviços.

Feita a declaração de que se não entendiam com o *Povo de Aveiro* as nossas palayras, ficamos de pensados de responder a outras alegações do illustrado

coléga, de carácter acentuadamente pessoal.

Não conhecemos senão pelos seus apreciaveis escritos o director do *Povo de Aveiro*, não sabemos senão vagamente dos incidentes do seu passado politico, dos seus serviços e dos seus agravos, do seu papel emfim no partido republicano, porque somos muito novos nesse partido; e por isso não podiamos fazer insinuações a quem não conheciamos e a quem, diga-se de passagem, nunca tivemos á louca preocupação de converter á fé das nossas esperanças ingenuas.

São muitos os que se retraíram e buscaram nos antigos erros e na lembrança de velhas injustiças motivo á moralharem-se numa inacessivel abstenção. A todos esses, que ainda não fizeram, como o *Povo de Aveiro*, a declaração formal de que não pertencem ao partido republicano, é que nós andamos exortando.

ao *Povo de Aveiro* não nos podia nós dirigir sobre o assunto, visto que o *Povo de Aveiro*, segundo a sua constante declaração, não pertence ao partido republicano, e é agora do partido republicano que se trata.

De resto, não nos accuse o illustrado colega de feroz intolerancia. Ou de péssimas ou de pateada, respectar-lhe-emos o seu direito, certos de que o colega respeitara tambem, ainda que discutindo a com toda a liberdade, a nossa ingenuidade, as nossas esperanças e os nossos entusiasmos.

Se as nossas esperanças não falharem, teremos o prazer de ver o colega juntar os seus aos nossos aplausos; se formos iludidos, se nesta decisiva prova colhermos desengenos, tambem o colega nos terá a seu lado para o correctivo da pateada.

E bastará.

Universidade livre

Comité Academico-Operário

Já neste jornal acentuamos todo o valioso presélimo da iniciativa que no Porto vem de resultar na criação duma Universidade Livre, onde professores eminentes e estudantes illustrados se propõem impulsar dedicadamente a instrução popular.

Essa iniciativa vingou corajosamente ao arrepio da indifferença, da repulsa e das ostilidades daqueles mesmos a quem era desinteressadamente offerida. Em raros encontros apoio e louvor; por banda de muitos sofreu ataques injustos e mesquinhos. E, pois, ao nosso meio, um exemplo de singular resistencia que justo se torna archivar com boas palayras de agradecimento e estímulo.

Em Portugal todas as tentativas fraccassam de encontro á desesperante indifferença geral. Vencer essa difficuldade é verdadeiramente um eroisimo. E quando a esse embaraço grande se juntam ás ostilidades e obstruções de adversarios ignorantes e desleaes, esse eroisimo mais avulta no seu relevo de força e pertinacia.

Os iniciadores denodados do *Comité Academico-Operário* depararam com o parranco da indifferença pública e galgaram-no intrepidamente; moveram lhes uma guerra baixa de doestos, calumnias, depreciaciones, e elles souberam triunfar pela força da sua serenidade e da sua fé; surgiram-lhes difficuldades custosas, e elles removeram-nas a impulsos nobres de rara dedicacão.

O *comité* viveu, cresceu em força, alargou-se em intuitos, e ai temos a Universidade Livre como sua primeira brilhante afirmacão.

Percizo se torna que todos aquelles que agora entretecem louvores e mandam parabens aos corajozos fundadores da Universidade Livre a não deixem esquecida e abandonada, vol-

vida a óra do regosijo inaugural. Assim como os academicos do *comité* procurarão, ao partir, quem nas novas camadas os substituam com o mesmo interesse e o mesmo amor pela sua obra, afim de que ella perdure e amplifique; assim como os trabalhadores se estorçarão por transmitir a camaradas dignos os encargos da sua cooperação nessa altissima tarefa; por egual se requer que todos os liberaes sinceros e honestos defendam e auxiliem essa preciosa tentativa, prestando-lhe todo o seu apoio e todos os recursos da sua boa-vontade e dedicacão.

Muito desejaríamos que o exemplo do *Comité Academico Operario* fructificasse, que em outras terras onde á elementos apreciaveis para identicos tentamens, esses elementos se disputassem a tão nobre e rico trabalho, e que todos que amam a Liberdade e propugnam o difundimento da instrução popular, não poupassem os seus incantamentos e favores a uma tão bela obra.

Succederá assim? Oxalá. E oxalá tambem que no numero dos que vierem saudar e encorajar os trabalhos do *Comité* sejam os primeiros aquelles que tão inscientemente o guerrearam, os que lhe retrairam o seu apoio e o infamaram desprezivelmente, sob as instigações dos *patros* do socialismo.

Seria uma conversão onroza para os convertidos e gratissima á todos os sinceros e onestamente liberaes:

Pelas letras

EÇA DE QUEIROZ. *Prozas barbaras*. Porto 1904.

Bemditamente saiu mais um volume de Eça de Queiroz á luz clara da publicidade e sobretudo vieram essas paginas republicadas, atear a grande chama forte e alta que, através das edades e acima dos ómens, irá clarecendo mais e arregando mais na admiração secular, o grande nome desse extraordinario artista que foi do Portugal moderno o maior e será, no mundo, o companheiro inseparavel dos eiletos.

E estas coizas doces, agora apegadas ás folhas dum livro, esses bocados incizivos e inovadores, são as primeiras em data, são o luzir da primeira manha, foram essa possante e vitoriosa derrota no retrorizar pedante das ideias, no alinhár classico do sujeito, verbo e attributo, são alguma coisa que trouxe á nossa arte, sentimento, modalidades, tons, imaginação, fibras que galvanizando, num estremeção, uma carcassa, a resuscitam remocada e vibratil.

As *Prozas barbaras*, admiravel titulo, tem todo o carácter duma conquistista armada que vem vencer; constituiram a invazão sãdã dum punhado de belézas e de forças que vieram, numa incursão ao classicismo, ao retrorismo, ao piéguisimo, dar ao velho elemento um rejuvenescimento, como se uma órdã moça, de mulheres frescas, bellas, fecundas, caisse de chofre sobre uma raça decrepita e pelo millagre da sua mocidade, que apenas tocada floria, fizesse com que duma geração exgotada saisse, numa legião de vida, um exercito de urões. A literatura portugueza vegetava; agonizava pelo excesso de taras acumuladas; essa literatura, que fazera quasi estacionaria; multiplicava-se consaguamente; as ideias vazadas num cérebro cazavam-se com as mesmas ideias contidas noutro: Era preciso trazer sangue novo, seiva nova ao solo depauperado: Garrett e Herculano getaram já produtos meliores porque salram da nação para buscar correntes novas.

Uma literatura eminentemente na-

cional á de sempre ser uma literatura que se reproduz a si propria.

Como na natureza o sangue de uma estirpe tem de transfundir-se com o de outra para fructificar bem, na arte deve tambem avér os grandes cruzamentos fecundissimos, a união numa célula nova de dois elementos dispaes.

E foi Eça o que melhor o compreendeu; foi elle que no conubio da arte não quiz a parcerice das aleijadas muzas setentonas e, num delirio de efuzão, abraçou a novidade de todas as correntes estranhas. A sua força de artista não quiz esterilizar-se na companhia das suas patricias obras d'arte, de todo entevadas. Bebeu a largos golos a civilização do mundo, não desprezou o portuguez como materia a trabalhar mas serviu-se do francêz como lingua educativa e assimilou por ella os grandes escritores do universo. E por isso, elle nesse vazamento da sua arte nos modelos dos outros povos, foi na incomparavel maravilha da sua obra, uma excecção á sua raça, como Antéro foi outra. E d'ái vem o dizêrem-no o menos na cional dos escritores portuguezes, que rendo deprimi-lo, sem se lembrarem que o regionalismo, o cantonalismo, o felibrismo, em arte, se são um episodio, não serão nunca uma etape. Mas isso fica para outra vez, que tenho de dizêr qualquer coisa do livro.

Apresentando as *Prosas barbaras*, numa larga introdução, o sr. Jaime Batalha Reis, companheiro do mestre, diz narrativamente o que era então Eça de Queiroz, esse moço esguio de lunetas fumadas, de áros muito grossos e muito negros, as suas leituras, os ábitos, a sua obra d'aquêl tempo e finalmente de como elle trouxe, na volta da Terra Santa, um monocolo novo que lhe daria, assestado á sua prosa, toda a sua ironia de mais tarde.

Coleccionam-se depois os contos, criticas e crónicas de Eça de Queiroz na *Gazeta de Portugal*, terminando pela *Morte de Jesus*, publicada em 1870 na *Revolução de Setembro*.

O muito que á a dizer sobre êste livro recolhido, mal pode ser resumido nestas columnas exiguas.

Eça era então um romantico, do lo o prefator e confirma-o o proprio autor. Mas o seu romantismo é já atenuado, progressivo, quasi se sente escapando-se. Predominarão ali talvez as influencias alemãs; á na verdade uma figuração mitológica das crenças nordicas, mixes, elfos, wílis, peris, «que passam ligeiras sem despertar os ramos adormecidos» mas sobre esses cenários germanicos ergue-se diferente e já integra, a personalidade do escritor. O *Senhor Diabo*, que é no fundo uma lenda germanica, complica-se de sensações peninsulares, vibrando através duma maneira nova que sendo cristã e ibérica na pintura do Cristo, proximo parente d'esses inumeros Cristos milagreiros de toda a Espanha que á porfia realizavam movimentos espantosos para os seus corpos de pau ou de marfim, é já absolutamente original na figuração do diabo com senhoria, acompanhado do seu Ganímedes, o amado de Jupiter.

E na ironia daquelle final, no sensualismo das quadras, á uma novidade alheia á influencia alemã. Qualquer germanio seria naquêles casos ou misticamente idealista ou serenamente intransigente. O diabo alemão ou é anjo ou é bruxo, sceptico e filosofo nem mesmo em Goethe o foi! E Heine e Hoffmann não bastam para explicar essa prosa.

O poeta do *Atta-Troll* com toda a graça dos seus *lieder*, com toda a sua arte original, é muito mais doloroso. As *Notas marginaes*, por que o livro abre, são duma ternura idílica e mais diretamente filiadas em Heine pela sua unção meia biblica, fazem lembrar pela forma aforistica e enlevada, a mentada é claro duma mais refinada sensibilidade, esses trechos primorosos que se encontram nos gregos, que alguns latinos fizêram e que são a forma preferida dos arabes; nos *divans* e antologias orientaes não é d'fícil depararem se nos semelhanças destas.

O *Entre a neve* é um conto absolutamente perfeito, duma simplicidade tocante, de forte composição. Não é por esse ritornelo branco e persistente de a neve caia que se vac acumulando até ser num bloco o fecho da obra, mas tambem por esse final incisivo e curto, pensa-se num russo, Pouchine ou Tourguenief que tivesse lido Maupassant.

A *Peninsula*, o *Lume* e *Memorias duma forca* são d'esses pedaços luminosos que Eça gostava de bordar sobre

a istória e sobre a natureza em grandes sínteses coloridas e de que elle deu o maximo, no *Adão e Eva no Paraizo*, esse trecho assombroso que conseguiu dar vida e som e cor ás aridas descobertas da paleontologia e da preistoria. Eça era um espirito cultissimo, conhecia as civilizações mortas, a evolução da terra, as fases do mundo e por isso elle poderia ter sido, assim com grandes pinceladas evocantes, um istoriador artista cheio de fantasia como um Oliveira Martins que fosse mais poeta.

Macbeth, *A ladainha da dor e Mefistofeles*, são temas sobre a musica, onde á imagens vigorozas e conceitos subtlis.

Os mortos, *Misticismo umoristico* e *O «Miautomah»* são tres belas crónicas e *Lisboa* podia entrar nas *Farpas*.

Uma carta, evocação dos tempos de Coimbra e deliciosa de pitoresco e vivacidade e faz pena que Eça não tivesse escrito as suas memorias; seriam surpreendentes.

A *Morte de Jesus*, incontestavelmente bem feita, ençanta menos, depois d'esse sonho prodigioso da *Reliquia* de que é quasi uma preparação.

Não posso deixar de louvar os srs. Lelo e Irmão pelo belo serviço que vem prestando com a edição de toda a obra de Eça e não posso tambem deixar de estranhar que fossem excluidos d'este livro alguns trechos, como essa *Sinfonia de abertura* e outros que no prefácio se mencionam como omitidos.

Quando se trata dum escritor como Eça de Queiroz não á o direito de subtrair á publicidade uma linha sua. Se não para o grande publico, ao menos para a critica, todas essas parcelas esparsas são optimas fontes de estudo e é dever divulgalas.

Assim, é de esperar que saiam a lume, esse poema inédito de Eça, *A tentação de S. Jeronimo*, a parte elaborada do *S. Frêi Gil* e muito essencialmente, é necessario que se publique a sua correspondencia volumozza e segundo creio, interessantissima.

Não pode aver escrupulos em entregar á humanidade, sua erdeira, todo o espólio artistico dum ómem que a ella pertence agora.

Manoel de Sousa Pinto.

Bombeiros Voluntários da Figueira da Foz

Nos dias 19 e 20 de dezembro de 1903, a Associação dos Bombeiros Voluntários da Figueira da Foz comemorou o seu vegezim primeiro aniversario.

O programa das festas é o seguinte: Dia 19 — Alvorada pelos clarins do corpo átivo e Filarmonica Figueirense. — Assembleia Geral Solemne ás 2 horas da tarde. — Condecorações devidas a bombeiros. — Vizita á sede da Associação e cáza esquelcto, e á noite illuminação. — 1.ª recita de gala no teatro Principe D. Carlos. — *Ostras & Camarões*. Revista de Costumes populares de Lisboa, Porto, Coimbra, Figueira da Foz. Em 2 atos e 8 quadros alegóricos, ornada de muzica, cantos e danças desempenhada pela companhia dramatica sob a direção do ator Ex.^{mo} Sr. Ernesto Freitas e Concerto pela Filarmonica Figueirense.

Dia 20 — Exercício g ral dos bombeiros, abrihantado pela Filarmonica Figueirense. — Jantar ao corpo átivo ás 4 horas da tarde. — 2.ª recita de gala no teatro Principe D. Carlos.

Associação do sexo feminino

Realizaram-se no passado domingo as eleições para os cargos administrativos, desta associação de socorros mutuos, ficando eleitas as seguintes socias:

ASSEMBLEIA GERAL. — *Presidente*, Maria de Jesus Batista Vale; *Vice presidente*, Maria da Conceição Lourenço; *1.ª secretária*, Ermelinda Travassos Arrobas; *2.ª dita*, Julia da Conceição Rocha; *3.ª dita*, Augusta d'Oliveira Bizarro.

DIREÇÃO — *Presidente*, Maria da Conceição Teixeira; *Vice presidente*, Virginia d'Oliveira Machado; *secretária*, Maria do Carmo Silva; *Vice secretária*, Raquel Paiva d'Oliveira; *Thesoureira*, Maria Adelina Simões; *Vogaes*, Maria Luiza Paula e Julia Ferreira.

CONSELHO FISCAL — *Palmaria* Costa, Miquelina das Doreas e Adelaide da Silva Mota. *Suplentes*, Maria Joana Cabral e Maria do Carmo Lobo.

«Tribuna Popular»

A ultima cronica que aqui publiqui firmada com as minhas iniciaes, provocou as iras do *Tribuna* que me responde num suelto baixo e descomposto.

Não extranha o *Tribuna* que nós saíssemos a defender Ferreira da Silva, quando o vimos insultado. Sabia por isso o *Tribuna* o que fazia, quando publicou a sua cronica para vingar pretendidas ofensas recentes á gravidade de suas lentencias.

Era de esperar que, dêsde que o meu artigo era firmado, o meu contendor anonimo respondesse firmando o seu com o seu nome.

Mas não só o *Tribuna* não fêz isso, como veio anonimamente, num suelto, deslocar a questão com referencias pessoais.

Quando assim se desloca uma questão, quem préza o seu caráter firma os artigos que escreve, para que se lhe possa responder no mesmo tom.

A proposito de uma injustiça feita a Ferreira da Silva, de quem sou amigo e cujo talento e caráter admiro escrevi um artigo leve sem outro valor mais que o de um cavaco de café.

Se, para alguém que se julgava vizado, podia aver aluzões dezagradaveis, eu não me tratava a mim com menos aspeza do que ao autor do artigo.

Firmei o artigo com as minhas iniciaes, esperando que na resposta o *Tribuna* fizesse o mesmo.

Era o que avia a esperar, é o que avia a fazer, se o *Tribuna* quizesse alguma coisa de mais nobre, do que insultar-me, e fugir a responsabilidades escondendo se no anonimo depois de vir deslocar a questão com referencias pessoais.

Ao artigo firmado do *Tribuna* eu responderia, retirando o que ouvesse a retirar, accentuando o que houvesse a accentuar.

Toda a jente, nesta terra, me conhece bem para saber que nunca deixei de fazer justiça a quem a devo, quer seja monarchico, quer republicano, quer seja doutor, quer analfabeto.

E, por o que se tem dado mais de uma vez, até mesmo com o *Tribuna*, estou sempre pronto a emendar com ceitos, quando me convengo que errei, e a fazer justiça inteira aos meus adversários.

Não o quis assim o *Tribuna* veio anonimamente ofender-me com referencias pessoais, deslocando comodamente a discussão.

Respondo, apesar da insolencia, sem conseguir indignar-me.

Quando se publicou o último regulamento das faltas, eu comecei a recuzar-me a vêr estudantes.

Sou na verdade um ex-clínico de estudantes; mas julgava que o facto, apesar da sua aparente irregularidade, me onrava.

Deixei de ser clínico de estudantes; porque por ábito velho, não dou a ninguém o direito de duvidar da minha probidade.

Não tornei por isso a vêr senão alguns com quem tinha avença porque estavam em tratamento de doença morozza, e foi sempre essa a minha norma, porque nunca explorei doentes, e se sou médico por profissão, nunca fis disso modo de vid. facil.

Fôra disso, não faço a estudantes senão vizitas impostas pela caridade, ou pelas minhas relações literárias, mas, mesmo neste ultimo caso, se a intimidade o autoriza, peço que me excuzem.

Se adotei esta nó ma de vida, é porque me repugnou a lei, sobre tudo imposta por um médico, salvo o respeito e amizade que tenho pelo sr. reitor da Universidade.

Repugnou me a tutela da Faculdade de medicina, apesar de devêr sempre a todos os professores da Faculdade, que fazem clinica, as maiores atenções e as referencias mais elojozas.

Só á dias soube que os professores ficavam sujeitos tambem á fiscalização da reitoria, quando o meu amigo dr. Angelo da Fonseca me disse que vinha de verificar que o sr. dr. Padua tinha um estudante de cama com toda a razão.

Nunca me passára pela cabeça que a confiança do sr. reitor nos professores da Faculdade de Medicina mudasse ás semanas e aos mêzes.

Não me parecia que fôsse o meu procedimento que tivêsse autorizado a medida.

E, como é necessario citar nomes para responder a um artigo anonimo,

direi que o sr. dr. Assis Teixeira me extranhou um dia que a minha clinica ficasse estacionária, quando tanto subia a doutros que se aviam formado depois de mim.

E não passa o sr. dr. Assis Teixeira por pouco meticuloso neste ponto.

Quer o *Tribuna* atribuir os meus artigos ao despeito, em que me deixou para a vida inteira, o mau successo dum concurso.

Mente! Eu tenho me rido a vida inteira da pedantaria da universidade, do falso saber, da gravidade falsa.

Fi-lo durante toda a minha vida académica: nunca mendiguei classificações, nem nunca soube barbar-me de bajulação.

O que escrevo ôje, escrevi-o sempre.

Leia a *Gazeta de Coimbra*, leia a *Officina*.

Os meus artigos conhecem-se bem, as raras vezes mesmo que não vem assinados.

Leia a *Gazeta Nacional* e veja o que eu escrevi em pleno trabalho de concurso, no numero do carnaval.

Ataquei sempre a pedantaria universitária, a lence, mas nunca fis da Faculdade de Medicina o objéto dos meus ataques, e tenho cooperado sempre com ella, não perdendo nunca ocasião de publica ou particularmente repellar tal insinuação como ofensiva do meu caráter.

Podia-lhe citar exemplos recentes. Eu sou ôje o que fui sempre.

O que escrevo ôje é naturalmente mais irritante; porque vem de uma convicção mais funda.

Por o que dis respeito á minha situação evidente no partido republicano tenho a porque me foi imposta.

Os lugares com que me tem onrado nunca os pedi, recuzei-os sempre; por que me não reconheço com aptidões para os exercer.

Tenho tido porem de ceder a exigencias de amigos, e assim é que por imposição dos meus amigos José Falcão, Antonio Augusto Gonçalves e Afonso Costa eu tenho tido de aceitar cargos em que vae a confiança do partido em que milito, e a consideração de quem mos impôs.

Posso arrostar bem com os desdens do parvo redator do *Tribuna*.

Vae longo isto e é necessario terminar.

Se alguma impressão dezagradavel me fêz a leitura do suelto do *Tribuna*, foi por saber que na redação do *Tribuna* está o sr. dr. Pádua, professor da Universidade e medico, e alguém, que não eu! poder atribuir ao meu amigo responsabilidade nas calúnias e sandices do *Tribuna*.

Estâmos numa terra pequena. Conhecemo nos todos. As assignaturas por si só, correspondem a declarações.

Ponha o autor o nó me no suelto que publicou anonimamente que eu dezafo-o a que possa provar que a sua vida é tão digna como a minha.

Seu canalha!

Comentarios, pelo rev.º Padre M. nso. Está publicado o n.º 7 de Dezembro sumario: *Previa-Velhos-Alma Patria-Creanças Uma estatua*. Editado pela Livraria Central de Gomes de Carvalho—Rua da Prata—160 Lisboa.

O Impossivel Regresso—Episodio—por Cesar Porto. Editado pela Livraria Central de Gomes de Carvalho—R. da Prata—160 Lisboa.

Tragedia Antiga, por Cesar Porto—Representada no theatro D. Amelia de Lisboa, em 19 de Novembro. Dedicada aos criticos teatraes Henrique Lopes de Mendonça—D. João da Camara—Dr. Joaquim Coelho de Carvalho—Adrião de Seixas e Raul Brandão. Editada pela Livraria Central Gomes de Carvalho—Lisbõa.

Problemas para as aulas de Instrucção Primaria das 2.ª, 3.ª e 4.ª classes. por Manuel Joaquim da Costa—Editada pela Livraria Central de Gomes de Carvalho—Lisbõa.

Gazeta das Aldeias Está publicado o n.º 214 de 22 de Novembro proprietario e diretor Julio Gama.

Literatura e Arte

Auto Pastoral de PEDROZO RODRIGUES.

Para quem tão boas e lizonjeiras palavras disse de mim, neste mesmo jornal, eu só dezejaria ter eguaes expressões de incitamento e de elogio. Mas, por muito que seja o meu empenho, não me é possivel dizer bem da primeira obra do sr. Pedrozo Rodrigues — como peça dramatica; porque, como fantasia lirica, salva-se alguma coisa daquêles versos que são, de quando em quando, duma técnica imperfeita mas em que tambem aparecem algumas imagens agradaveis.

O que, no entanto, mais enristeece no livro do sr. Pedrozo Rodrigues, é a ideia de resuscitar, uma forma antiga, sem vitalidade possivel no teatro contemporaneo, porque não comporta o estudo complexo de caracteres nem o desenho claro e vigoroso dos personagens ou a dramatização dos átuaes conflitos.

O *auto* foi um progresso quando appareceu, é claro; mas, depois de toda a avançada dos novos idiaes elle não pôde senão representar — mesmo em Portugal, onde se conservou até tão tarde — um precedente interessante e de valor ao teatro moderno. M is nada. E vai esta explicação toda porque o sr. Pedrozo Rodrigues parece ter esquecido um pouco a istória literária e a sua filosofia.

Querer pôr o nosso sentimento dagora dentro de formas antigas — e clássicas porque precisamente serviram para exprimir o passado, — é um processo que, sendo velho nunca deu glória a ninguém por muito tempo. Assim *ouve*, entre nós, o sr. Antonio Correia de Oliveira — e digo *ouve* porque êste Poeta está intaipado e estrangulado na sua imóvel e estreita fórmula de arte. E o seu talento, e o seu sentimento da Natureza são muito grandes, mas não á t-lento que resista a essa asfixia. O sentimento muda e, mudando, requer novas formas — onde caiba livremente. E todo o escritor que não procura ser sinceramente do seu tempo e do seu meio — inutiliza-se.

(Isto é tão velho que quasi custa a dizer...)

E' assim que o verdadeiro Poeta portuguez dagora, o que m is sente a sua Patria e a sua geração, no que ella tem de incerto, de dolorozo, de *saudoso*, é Fausto Guedes Teixeira que não uza uma locução antiga e o geito amaneirado de tan os que por si enxameam e vivem no culto de uma Arte preistorica e que, tornada imortal pelos que a seu tempo a cultivaram, se torna ridiculamente sedica nas mãos dos Bernaldins contemporaneos.

Mas dêmos de barato que o sr. Pedrozo Rodrigues foi um artista conscienciozo e probo, bem orientado e feliz em resuscitar o *Auto*. Assente-se em que só por esse lado se deve examinar a sua obra e que só assim ella pôde ser imparcialmente criticada; e verifique-se depois se a peça tem, ao menos, qualidades scenicas — indispensavel attributo numa obra de teatro.

Não tem. O movimento é quasi nulo, as cenas monótonas, a acção nenhuma. Não á interesse; e não me digam que é isso mesmo que succede com esta forma dramatica: é ller Gil Vicente acha-se logo a prova do contrario. Veja-se, por exemplo, o *Auto da dinsa de Coimbra*, que é dos menos interessantes.

E, depois, todo o Gil Vicente tem um sabôr ingenuo e candido — o que positivamente não á na *pastiche* do sr. Pedrozo Rodrigues, conhecedor da Arte moderna e que tanto tem usado dela.

E, não avendo acção no *Auto Pastoral* — poderia aver, ao menos, dezenho de caracteres; mas não; toda aquêla gente é dubia e incerta: o Pastor Ruivo, que ch-ga a ser tão mau, parece cheio de bons sentimentos, dum momento para o outro e sem motivo plausivel. E' tudo vago, sem ligação fundada; procura se inutilmente uma cena; uma figura que nos traga a consolação de se poder dizer; aqui deixou o Autor um pedaço de talento!

Por tudo isto, e pelos versos e prosas que tenho lido do sr. Pedrozo Rodrigues — quer me parecer que elle dará, pela delicadêza e extranheza das imagens (e note-se que esta opinião é devida mais aos outros escritos do autor que a êste ultimo) um Poeta de *imaginação* — como é, sem comparar, o incomparavel Eugenio de Castro.

E vamos lá, meu caro Amigo, que já não vae mal...

João de Barros

Recenseamento eleitoral

Avizo

A Comissao Paroquial Republicana da freguezia de S. Bartolomeu convida os republicanos desta freguezia a inscrever-se no cadastro da mesma Comissao...

A mesma Comissao lembra a todos os cidadaos republicanos, que nao estejam recenseados, a urgencia de se munirem da certidao de idade...

III. Rev. Sr. paroco da freguezia de...

Fulano, estado, profissao, de... anos de idade, filho de... e de..., natural de... freguezia de... morador na rua de... n.º... requer a V. Rev.ª para fins eleitorais...

Este requerimento deve ser entregue aos parocos das respectivas freguezias...

A comissao lembra tambem que o prazo para a inscricao no recenseamento principia em 26 de dezembro...

Requerimento de inscricao por saber ler e escrever

III. Rev. Sr. Secretario das Comissoes do recenseamento.

F... filho de F... e de F... natural de... de... anos de idade, estado, profissao, morador na rua de... n.º... andar freguezia de... descejo a sua inscricao no recenseamento...

Pede a v. ex.ª se digno mandar inscrever na relacao dos eleitores da sua freguezia.

Data... Assignatura...

Requerimento de residencia

III. Rev. Sr. regedor da freguezia de... F... estado, profissao, idade, natural de... morador na rua de... n.º... andar, freguezia de... descejo inscruver-se no recenseamento eleitoral...

Pede a v. ex.ª se digno passar-lhe atestado de como mora nesta freguezia.

Data... Assignatura...

Teatro Lisboense

Representa-se hoje neste teatro a comedia 'A voz do sangue' em 3 atos...

Como de costume e de esperar uma enchente.

Coimbra, 5 de dezembro de 1903.

O barao para proibir aos relijiozos o uso daquele atalho perigoso...

Nesse momento, apercebeu um desconhecido extravagantemente vestido...

A distancia não deixava ver as feições do imprudente...

— Não sabe que esse caminho não tem saída e que se arrisca a perder a vida?

Antes que o ruído da voz tivesse chegado aos ouvidos do viajante...

— Ora deixe lá, meu pai, se eu estivesse realmente atrapalhado...

Quando o barão acabava este filosofico discurso, voltou os olhos para o mosteiro...

— Ora tinham traçado sobre este rochedo inculco, um caminho que ia ter ao mosteiro...

— Quería ver isso! respondeu o barão tomando uma atitude guerreira...

— Nada!... replicou o velho senhor,

afagando levemente a terceira prega da barba, nunca puxaria da espada contra os eleitos do senhor...

— Ora deixe lá, meu pai, se eu estivesse realmente atrapalhado...

Quando o barão acabava este filosofico discurso, voltou os olhos para o mosteiro...

— Ora tinham traçado sobre este rochedo inculco, um caminho que ia ter ao mosteiro...

— Quería ver isso! respondeu o barão tomando uma atitude guerreira...

— Nada!... replicou o velho senhor,

afagando levemente a terceira prega da barba, nunca puxaria da espada contra os eleitos do senhor...

— Ora deixe lá, meu pai, se eu estivesse realmente atrapalhado...

Quando o barão acabava este filosofico discurso, voltou os olhos para o mosteiro...

— Ora tinham traçado sobre este rochedo inculco, um caminho que ia ter ao mosteiro...

— Quería ver isso! respondeu o barão tomando uma atitude guerreira...

— Nada!... replicou o velho senhor,

MANOEL DE SOUSA PINTO

A ÚNICA VERDADE

Drama em 2 atos

Preço 300 réis

Editor — Moura Marques

Noções elementares

ARIMÉTICA PRÁTICA

POR

ADELINO LOPES CARREIRA

Acha-se já a venda este livro, magnifico trabalho, que bem atesta a competencia, dedicacao e amor do seu autor...

Está ella escrita de forma a poder ser estudada sem auxilio de mestre, e comprehendida por todas as intelligencias...

Contém 400 paginas aproximadamente, nitidamente impressa em bom papel, formato 22 x 14 e o seu preço é: brochada, 1.000 réis; encadernada, 1.250 réis; e a fasciculado, 1.200 réis.

No 1.º e 2.º caso acresce 40 réis de porte sendo enviada pelo correio.

Os pedidos das provincias devem ser feitos ao editor Francisco Antonio d'Aguiar, Figueiró dos Vinhos, e os da capital a livraria Avelar Machado, 19 rua do Poço dos Negros, Lisboa.

Rudimentos de agricultura

POR

ANTONIO X. PEREIRA COUTINHO

Livro aprovado no ultimo concurso pela Direção geral d'instrução publica

Preço pelo correio, 280 réis

A venda em todas as livrarias do continente, ilhas e ultramar, e na casa editora LIVRARIA AILLAUD, rua do Ouro, 242-1.º — Lisboa.

ANUNCIOS

ANUNCIO

Os erdeiros do presbitero José Simões Dias, morador que foi na rua da Trindade, 20, rogam a todos os credores deste, o favor de mandarem as suas contas para a casa que foi da sua residencia...

Coimbra, 5 de dezembro de 1903.

PROGREDI ET PRODESSE



Coimbra

Instalacao provisoria: rua da Sota, n.º 8

Tabela de preços de venda a miúdo (1.º de julho de 1903)

Table with columns: Marca, Garrafas de 6 litros, Garrafas de 1 litro, Garrafas de 1/2 litro. Rows: Tinto GRANADA, CORAL, Branco AMBAR, TOPAZIO.

Distribuição gratuita aos domicilios em compras de garrafas ou dúzias de garrafas.

Aos automobilistas

Gazolina para automoveis. A venda na casa

Ladeira & Filho

Topico contra Frieiras

E' o unico medicamento eficaz, descoberto pelo Dr. Rousseau e muito usado com grandes exitos por todos os Parisienses que sofrem de tão orrivel mal.

Aplica-se em fricções durante dois minutos, colocando-se depois um pacho d'algodão hydrophilo do mesmo topico por algumas horas.

Preço de cada frasco 300 réis. Vende-se na Farmacia Assis, Praça do Comercio — COIMBRA.

ACETILENE

Instalacoes completas. Grande deposito de carboreto de calcio.

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio — COIMBRA

LOJA

Arrenda-se uma, no largo do Castelo n.º 19 e 20. Serve para estabelecimento de qualquer genero.

Trata-se com Antonio Dias Temido, na rua de Ferreira Borges n.º 133, Coimbra.

— Está doído! murmurava o velho Le Bourdaisière que suava as bagadas com o trabalho em que ficara e com o cuidado pelo genero...

Mas, dizendo estas palavras, o digno senhor observava com uma viva inquietação o borbulhar do rio que de vés em quando se deslocava...

Por fim appareceu o barão e, ajudado por o sógro, tornou a entrar para a barca puxando um corpo rijido e privado de sentimento.

— Boa pesca! exclamou o velho olhando para o fato do desconhecido, nunca se enforcou mendigo mais porco!

— Ora adeus! replicou o barão limpando a cabeça e deitando a água fora dos seus cabellos compridos...

Então o barão, molhado como estava, tornou a pegar nos rémos, e, logo que chegou a especie de pórtico em que se prendia a barca...

— Rochel disse Ombert ao creado velho, que lhe appareceu primeiro, veja se esse cão que eu pesquei vive ainda; deixe-o enxugar e ponha-o a caminho.

Depois, pensando melhor: — Mando-te

VINIOS DE PASTO

GENUINOS

BRANCOS E TINTOS

Para consumo e exportação

Vendas por junto e a miúdo

Nos preços indicados não vão incluída a importancia do garrafo (300 réis) nem a das garrafas (60 réis para a garrafa de litro, 50 réis para a bordaleza), que se recebem pelo custo.

Prevenção. Os garrafoes levam o carimbo da Adega em laje, e nas rollhas das garrafas e garrafoes vai o emblema da Adega impresso a fogo. Em todas as vendas se dá fatura ao comprador.

O amigo do povo de Coimbra

Agostinho Rodrigues da Bella, proprietario da Padaria Popular, Largo da Freiria n.º 12 e 13, á rua dos Sapateiros, participa ao publico que acaba de receber farinhas escolhidas nas mais acreditadas fabricas de Lisboa...

Além disso o seu proprietario com atividade e zelo envia os melhores esforços para montar o seu estabelecimento em rigoroso confronto com os mais aperfeicoados do pais...

Assim espera obter a preferencia do publico que lucra duplamente em igiêne e qualidade de pão fino, relativamente barato, porquanto o annunciante compra de pronto as farinhas.

Convida, pois, o publico a visitar este esmerado estabelecimento.

Manda o pão a toda a ora aos domicilios dos fregueses.

que tenhas cuidado com ele. Entendeste?...

Roché olhou para o fato molhado do dono e sacudiu duas ou três vezes a cabeça em sinal de descontentamento...

O barão e o sógro, subindo os diferentes terraços, chegaram ao planalto em que estava a barca.

Passando com precaucao por baixo das janelas dos quartos, chegaram á porta do palacio que dava para o pateo.

O senhor de la Bourdaisière olhou para os muros da cerca com uma especie de satisfacao e sorriu para o quadro que se oferecia aos seus olhares...

— Ora adeus! replicou o barão limpando a cabeça e deitando a água fora dos seus cabellos compridos...

Então o barão, molhado como estava, tornou a pegar nos rémos, e, logo que chegou a especie de pórtico em que se prendia a barca...

— Rochel disse Ombert ao creado velho, que lhe appareceu primeiro, veja se esse cão que eu pesquei vive ainda; deixe-o enxugar e ponha-o a caminho.

Depois, pensando melhor: — Mando-te

(Continúa.)

Folhetim da 'RESISTENCIA'

H. DE BALZAC

O EXCOMUNGADO

O mendigo

— Meu filho, disse o senhor de la Bourdaisière, reconcilia-te o mais depressa que puderes com os bons relijiozos de Marmoutiers...

— Reconciliar-me com gente que quer invadir a erança de meus avós, que fás guerra ao descendente dos seus benefiteiros!...

— Virgem santa! exclamou o velho de la Bourdaisière, queres fazer cair sobre Roche Carbon todas as bandeiras da Touraine?

— Quería ver isso! respondeu o barão tomando uma atitude guerreira...

— Nada!... replicou o velho senhor,

PASTELARIA E CONFITARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156
COIMBRA

Nesta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, en contra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza.

Dóces de ovos dos mais finos paladares e delicados gostos, denominados *dóces sortidos*, para chá e *sorvés*, em grande e bonita variedade que difficil se torna enumerar-la.

Dóces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em secco, como cristalizados, rivalisar com os estrangeiros.

Pastelaria em todos os generos e qualidades, o que á de mais fino e saboroso, especializando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primorosa fantasia, denominadas *Centros de mesa*, *Castelos*, *Jarrões*, *Lyras*, *Floreiras*, *Lampreias*, etc., etc., próprias para banquetes.

Pudings Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá café e de fructas diversas, vistosamente enfeitados.

Pão de ló pelo sistema de Margaride, já bem conhecido nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Madeira, Moscatel, Colares, Champagne, Cognacs, Licores finos, etc., das melhores marcas nacionaes e estrangeiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

Amendoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo-se a pureza dos assucars com que sam fabricadas.

Conservas nacionaes e estrangeiras, chás verdes e pretos, passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyère, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.

Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32.

IJIÈNE

Os melhores aparelhos, retretes, lavatórios, tinas e urinoes nacionaes e ingleses.

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio — COIMBRA

Nova Havaneza

Rua de Ferreira Borges n.º 176

Papelaria, Tabacaria, Perfumaria, Carteiros, malas, caixas de charão, e todos os objectos de escritório.

SILVA & FILHO

Fábrica manual de calçado e tamancos e depósito de alpargatas

EXPORTAÇÃO

Canalisações para agua

Ninguem mande fazer sem vêr os preços da casa

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio — Coimbra
Orçamentos gratis

L. M. LILLY, Engenheiro

Machinas agricolas de toda a qualidade.
Machinas para fição e tecelagem para todos os tecidos.
Machinas para fazer soda-water, gazosas, gelo, etc.
Machinas para fazer papel continuo, cartão, etc.
Machinas para lavar, engommar e desinfectar roupa.
Machinas de vapor e de gaz, caldeiras e bombas.
Machinas de escrever, de systema YOST.
Correias de pêllo, de couro, de borracha, empanques, etc.
Materias primas de todas as qualidades.
Instalações, desenhos, montagens.
Facilitam-se pagamentos.

REPRESENTANTE

JOÃO GOMES MOREIRA
COIMBRA

Agua da Curia (Mogofores — Anadia)

Sulfatada - Calcica

A unica analysada no paiz, similhante á afamada agua de CONTREXEVILLE, nos Vosges (França)

INDICAÇÕES

Para uso interno: — *Arthritismo*, *Gotta*, *Lithiase urica*, *Lithiase biliar*, *Engorgitamentos hepaticos*, *Catarrhos vesicacs*, *Catarrho uterino*.

Para uso externo: — *Em diferentes especies de dermatoses*.

As analyses chimica e microbiologica foram feitas pelo professor da Escola Brotero, o ex.º sr. Charles Lepierre.

A' venda em garrafas de litro — Preço 200 réis

Deposito em Coimbra — PHARMACIA DONATO

4, Rua Ferreira Borges, 6

Tubos de ferro, bombas e seus pertences

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio — COIMBRA

CASA

Arrenda-se o 3.º e 4.º andares na rua da Alegria n.º 77. Tem agua, gaz e um pequeno quintal.

Tambem se arrenda a loja do mesmo predio.

Trata-se com Antonio Marques de Seabra, largo do Principe D. Carlos — Coimbra.

FONOGRAFOS

Manoel José Telles, Rua Ferreira Borges, n.º 150 a 156, tem em deposito os magnificos *Phonographs Edison* de diferentes preços e tamanhos.

Variada e grande collecção de cilindros, com lindas operas, cançonetes, monologos, etc., nacionaes e estrangeiros que vende pelos preços das principaes casas de Lisboa e Porto.

Sempre cilindros com musicas novas e muito escolhidas.

RELOJOEIRO

Manoel José Pereira Machado, empregado, da Relojoaria Paixão, faz publico, que se encarrega de todos os trabalhos concernentes á sua arte, para o que se encontra trabalhando por sua conta ao Arco d'Almedina n.º 7, responsabilizando-se pela perfeição e solidez dos seus trabalhos.
Preços modicos.

Alfaiateria Guimarães & Lobo

54 — RUA FERREIRA BORGES — 56

(Em frente ao Arco d'Almedina)

Abriu este novo estabelecimento onde se executa com a maxima perfeição e modicidade de preços, toda a qualidade de fatos para homem e creança, para os quaes tem um variado sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Ha tambem uma grande variedade em flanelas e panos pretos para casacas e batinas, para todos os preços.

Artigos para homem como camisaria, gravatas, luvas, etc.

Pede-se ao publico a finêsa de visitar este estabelecimento.

PROBIDADE

Companhia Geral de Seguros

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua Ferreira Borges, 165, 1.º

Tomam-se seguros de prédios, mobillias e estabelecimentos contra o risco de incendio.

CASA

Arrenda-se uma, na rua dos Sapateiros, n.º 40 e 42. Constando de lojas e 4 andares, própria para estabelecimento de qualquer género.

Trata-se com David de Sousa Gonçalves, rua da Moeda, Coimbra.

Opa de seda nova

Vende-se uma propria para irmão da Misericórdia. Para tratar com Augusto Nunes dos Santos, rua Direita, 16 e 18 — Coimbra.

Consultorio dentário

COIMBRA

Rua Ferreira Borges

Herculano Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

ACETYLENE

Carbureto de calcio francês, rendimento garantido de 300 litros por kilo, os 100 kilos franco — Lisboa, 10.000 réis

Apparelhos, candieiros, lustres, bicos e mais accessorios

NOVA LUZ A GAZOLINA

Poder illuminante — 100 vellas por bico

GASTO: — 5 réis por hora

Mandam-se gratis catalogos e preços correntes

A. RIVIÈRE

RUA DE S. PAULO, N.º 9, 1.º andar

FABRICA DE TELHÕES E MANILHAS

Premiada na Exposição de Ceramica Portuguesa, no Porto, em 1882, com diploma de merito; e medalha de cobre na Exposição Districtal de Coimbra, de 1884

Esta fabrica a mais acreditada em Coimbra, em construcção e solidez de telhões, manilhas para encanar agua, siphões para retretes, vasos para jardins e platibandas, balustres, tijolo para ladrilhos de fornos, tijolos grossos para construcções e para chaminés, tachos para cosinha á imitação dos de Lisboa, etc. — Todos estes artigos são de boa construcção e por

PREÇOS ECONOMICOS

Pedro da Silva Pinho Coimbra

29, Rua de João Cabreiros, 31 — COIMBRA

COLA DOUCHE

O melhor aparelho para banho douche que se obtem sem molhar a cabeça.

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio — Coimbra

CASA MEMORIA

Santos Beltrão & Henriques

Sucursal em Coimbra

99 — Rua Visconde da Luz — 103

Esta casa continua a fornecer ao publico as suas acreditadas maquinas de costura — *Memoria*. Tem todos os modelos mais recentes taes como vibrantes, oscilantes e bonine central o que á mais perfeito.

Ninguem compre sem visitar esta antiga e acreditada casa, para se certificar da qualidade e preços destas maquinas que nenhuma outra as pôde egualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a *Memoria* com tantas outras que por ahi se vendem. Vendem-se á prestações e a prompto pagamento. Aceitam-se maquinas usadas em troca por seu justo valor.

Pianos

Esta casa acaba de receber importantes remessas Pianos alemães e francezes que se vendem a prompto pagamento por serem importados directamente dos fabricantes; vendem-se ao publico em melhores condições do Porto ou Lisboa. Aceitam-se Pianos em troca e compram-se Pianos usados.
A' sempre quantidades de Pianos para alugar.

COLEGIO

LICEU FIGUEIRENSE

Instituto particular de educação e ensino

Figueira da Foz

DIRETOR

Dr. José Luiz Mendes Pinheiro

Professor na Universidade e ex-professor no Lyceu Central de Coimbra

Neste estabelecimento ensina-se instrucção primaria e instrucção secundaria (curso dos liceus e curso comercial).

Aulas de ginastica e musica. Admitem-se alunos internos, semi-internos e externos.

Enviem-se regalamentos, programas e quaesquer informações a quem as pedir ao director.

LUCA

Delicioso licor extra-fino

VINHOS

Associação Vinicola da Bairrada

Grandes descontos aos revendedores

Unico deposito em Coimbra

CONFEITARIA TELLES

150, R. Ferreira Borges, 156

Modista de chapéus

Com um esplendido sortimento de chapéus para senhoras e crianças, no que á de maior novidade, chegou a esta cidade e instalou-se na sua casa rua Ferreira Borges, n.º 185, 1.º, a acreditada modista de Lisboa que na estação de verão esteve em casa do sr. Augusto Palhinha.
Convida por isso as suas ex.ºm freguezas a visitarem o seu atelier onde encontraram bonitos modelos a preços modicos.

"RESISTENCIA"

CONDIÇÕES D'ASSINATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Ano	20700
Semestre	10350
Trimestre	680

Sem estampilha:

Ano	20400
Semestre	10200
Trimestre	600

Brazil e Africa, ano... 30600 réis
Ilhas adjacentes, " " 30000 "

ANUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assinantes, desconto de 50%.

Comunicados, 40 réis a linha.
Réclames, 60 " " "

Anunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal fór honrado.

Avulso 40 réis

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Editor

MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redação e administração — RUA DE FERREIRA BORGES, 89, 2.º andar

12 — RUA DA MOEDA — 14

N.º 861

COIMBRA — Domingo, 20 de Dezembro de 1903

9.º ANO

Contra a ignorancia

Se á tentativas que mereçam ser exaltadas com grande e incitante louvor, as que tendem ao cuidado da instrução, á luta nobre e fecunda contra a ignorancia, occupam justamente o primeiro lugar.

E quando essas iniciativas se lançam e procuram realizar, a esforços heróicos, num país como o nosso em que os governos, absorvidos na tarefa exaustiva da consolidação partidária, não têm atenções nem vagas para as coisas mínimas da da instrução, que mesmo por desleixo, incapacidade ou definido propósito de baixa defeza, por completo descaram, mais direitos ganham á reconhecida consagração dos que que por tais assuntos se interessam.

Instruir é libertar, bater preconceitos, superstições, receios, formar o ómem onde só avia o bruto, crear uma vigilancia prestimosa e alta de consciencias onde só era possível um tumulto desordenado de instintos. Pela instrução se eleva e fortifica um povo, ella é a causa determinante do seu adeantamento crescente, da sua emancipação progressiva, armando o ómem para a luta contra todas as tiranias que o oprimem e vexam.

A medida que a instrução alastra os velhos ídolos e os velhos tiranos caem e abdicam vencidos do seu poder, distanciam-se todas as balizas postas ao caminhar triunfante do pensamento livre; e isso explica que todos os regimenes decrepitos no seu anacronismo gritante, todas as filosofias a desfazerem-se na inconsistencia das suas cançadas argucias, todas as religiões a extinguirem-se pelo desprezo estrepitante que abala o seu dogmatismo fundamental, procuram na ignorancia das massas ou na deformação dos espiritos por um ensino ajustado, os elementos que lhes assegurem por algum tempo mais a vida difícil e ingloria.

No seu monumental discurso sobre a instrução, que á pouco destacou soberanamente no congresso espanhol, o deputado republicano Melquiades Alvares fundadamente proclamou que a causa do fanatismo e da intolerancia barbaresca, residia nessa órda compacta de doze milhões de analfabetos, que eram a vergonha do seu país.

Que tal vergonha requeria urgente combate, pela escola disseminada, o ensino volante, a colonia escolar, a extensão universitaria, acrescentou, e de fato para o exterminio destes elementos de reacção como para o aproveitamento de todas essas forças perdidas ou anuladas, devem os verdadeiros democratas de todos os países voltar as suas atenções cuidadosas.

Sem isso não poderão nunca triunfar absolutamente, faltar-lhe-á a sanção da consciencia geral, perdida ainda na treva espessa dos preconceitos antigos, terão de sofrer a

cada passo as ostilidades perturbadoras da intolerancia acirrada, coagida pela força á aceitação dum novo regimen, mas impenitente na sua credula e subsistente ignorancia.

Por toda a parte um tal programa se aceita e defende, e, como na França, os governos democráticos travam luta dura contra a reacção, para lhe arrancarem o ensino, que é a sua arma mais poderosa.

Na propria Espanha, que tão estreito paralelismo corre conosco no tocante ao contingente ignominioso de analfabetos, os professores das Universidades, os estudantes, os deputados, não desprezam o assunto e unem-se para uma campanha digna e frutificante em prol da instrução popular, da reforma e alargamento do ensino, da criação de novos institutos ajustados ás exigencias crescentes do saber moderno.

Á por toda a parte uma grande ancia de luz, uma aspiração cada vez mais intensa de liberdade, que só a instrução póde trazer, completa e duradoura.

Em Portugal rarissimas são as iniciativas que neste sentido se têm organizado. Contrariam-nas a indiferença geral, o desprezo estúpido de uns, o pedantismo risível de outros, até a ostilidade odienta dos governos que não esitam em fechar violentamente escolas sustentadas pela dedicação particular.

Todo o nosso ensino, o primário como o secundário e superior, vive na mesma condição precária — estreito, deficiente, atrasado, sem remuneração condigna, sem elementos de progresso, superficial, quasi inutil.

Nem os governos nem quaesquer agrupamentos particulares, excepção feita de alguns raros e nobres esforços isolados e desprotegidos, tem procurado romper esse espesso negrume que envolve quatro milhões de espiritos: os governos porque lhes convem manter antes escravos do que formar cidadãos, os particulares porque taes empresas exigem dedicação e animosa pertinacia que não são qualidades que nos distingam.

São pois para amplos louvores as iniciativas que visem a ensinar e ilustrar o povo, tendendo em ultimo proposito á formação duma forte e esclarecida consciencia colectiva, capaz de afirmar-se e intervir em determinados momentos, perante certos sucessos.

Tanta dedicação essas iniciativas requerem para se realizarem, que um tal exemplo de fé e energia atirado á modorra egoista e pusilanime da grande maioria, chama expontaneamente, e afetuosamente, os nossos mais vivos aplausos.

Por isso na *Resistencia* saudamos com jubilo a fundação da Universidade Livre que ontem se inaugurou no Porto, saudações que óje renovamos, assegurando o nosso apoio modestissimo á todas as tentativas de tão nobres e fecundos intuitos.

Universidade livre

Comitê Academico-Operario

Inauguraram-se ontem no Porto os cursos da Universidade Livre, creada pelo Comitê Academico Operario, com a exposição do programa a realizar.

No dia 26 do corrente, ás mesmas horas, effectua-se a primeira lição do curso de *Astronomia* pelo sr. dr. Duarte Leite, lente d'astronomia na Politecnica. Seguir-se-ão depois os cursos de: *Movimento e força*, pelo sr. dr. Azevedo Albuquerque, lente de mecânica racional e cinematica na Politecnica.

Chimica, pelo sr. João Diogo, professor de ensino livre;

Botanica, pelo sr. Gonçalo Sampaio naturalista e publicista;

As causas das doenças mentaes e nervozas, pelo sr. dr. Magalhães Lemos medico alienista e director do hospital do Conde Ferreira; ainda sobre *Biologia* farão lições os srs. Manuel d'Oliveira e Manuel Laranjeira, quintanistas de medicina.

Economia social. — *Contrato do trabalho*. — *Direito publico*, sr. dr. Roberto Alves, lente de Economia politica na Politecnica.

A extensão Universitaria. Influencia social de educação scientifica, sr. Palma Correia, jornalista.

Brevemente se publicarão os nomes de outros professores e conferentes, assim como das materias que versarão. Entre esses conta-se o do grande poeta Gaétano Junqueiro.

Partido Republicano

Reuniram no Porto os presidentes das commissões paroquias, juntamente com a comissão cleita na ultima assembleia das secções populares republicanas.

Discutiram-se varios alvitres referentes á vida interna do partido, e foi nomeada uma comissão de 5 membros para tratar das operações do recenseamento eleitoral, organização do cadastro do partido e determinação das quotas que devem ser recolhidas.

Tomaram-se varias outras resoluções de interesse partidario.

Dr. Bernardino Machado

Este illustre professor, nosso eminente correligionario, realiza em breve no Porto uma conferencia que parece versará sobre educação civica.

Á na grande cidade trabalhadora e democratica anciozo desejo de ouvir o dr. Bernardino Machado, tão justamente admirado e querido em todo o país pela sua intelligencia e pelo seu caracter, que a sua recente attitude politica mais destacou num relevo de alta independencia e patriotismo.

Deve começar brevemente a sua publicação um novo semanario republicano, *O Povo de Guimarães*, que inserirá larga e valioza colaboração.

O primeiro numero do novo colega sairá illustrado com o retrato do sr. dr. Bernardino Machado, acompanhado dum artigo do nosso illustre correligionario sr. dr. Afonso Costa.

Folgamos com o aparecimento do *Povo de Guimarães*, numa óra em que o partido republicano se apresta para travar em todo o país uma forte e purificadora campanha contra o regimen.

Até 10 de janeiro proximo está aberto o concurso para admissão de praticantes de lutores na escola de Lisboa (Santa Apollonia) da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes e na de Coimbra para os mesmos e praticantes a guarda-freios.

Democracias monárquicas

Palavras de Salmeron

Do monumental discurso proferido por Salmeron no congresso espanhol, a que já nos referimos, e que o *Heraldo* e outros órgãos insuspeitos de republicanism, consagram como a affirmação preclara dum estadista notabilissimo, destacamos óje as considerações relativas aos ensaios de democracia monárquica com que se pretende combater e destanciar a solução republicana.

Palavras luminosas e potentes, ellas condensam toda a fulminante contestação das tentativas híbridas com que, em Portugal como na Espanha, se procura amparar a fraqueza crescente do regimen, como se o seu fracasso não estivera já claramente annuciado na confissão amarga e elucidativa de tantos que tiveram essa illusão injenua, e nas experiencias já feitas dessa pretensa democracia, logo dejenerada em fervente reacção.

Elas as palavras altas de Salmeron.

«Dentro do regimen em que vivemos, para que falár de democracia?»

Sustentar que possa existir aqui um governo de injole e caráter democratico, nas condições que as leis estatuem e que nos costumes se introduziram a respeito dos direitos inherentes á personalidade humana, direitos esses sobre os quaes se deve levantar a personalidade do cidadão; — pensar que no regimen existente, sob uma Constituição que é uma carta outorgada, sob uma Constituição que é irreformavel, por que mesmo que o fosse pelos tramites de uma lei, necessaria a sacção regia, e a sancção regia applicada á Constituição é um verdadeiro sarcasmo; — pensar que na representação que este regimen se faz das relações entre a Igreja e o Estado, olvidada a liberdade dos cultos, estabelecido o ezâminto civil em condições realmente vexatorias para esta alta instituição social; — determinada uma diferença tão ressaltante acérca da Constituição de 1809 que era real e positivamente democratica, para nos virem dizer que isso de termina condições comuns nas quaes poderiamos conviver em certas relações de quasi afinidade entre os representantes da minoria liberal e esta minoria republicana, é inverter fundamentalmente os termos que a realidade impõe.

Se ouvireis dito que ha vossa representação são de todo o ponto incompatíveis com a mobilidade que os impulsos da opinião imprimiram ao país, poderíeis ter realizado a proposito algo que determinasse uma positiva preferencia da nossa parte.

Mas se longe de assim procederdes, ides realizando uma evolução que cognominarei regressiva, e cujos caracteres apontarei óje, com que direito podeis pretender que nos ides tirar a representação substancial que temos para a reduzir á casca da forma do Governo?

Não quero fazer filosofias, porque mnitos julgaríam que se cava por erro de officio.

Só pretendo apenas tomar factos e determiná-los na sua crua rudeza, para que todos reconheças comigo, como, nas condições atuais de Espanha, o problema da forma de governo reveste um caráter de forma substancial.

Não se trata, especialmente nas condições do nosso regimen, de meras formas de governo; trata-se daquellas condições essenciaes de vida que determinam a existencia de uma soberania não compartida, nem desmembrada, nem atenuada, mas uma só, por isso que integra, soberania; a soberania do país.

«Porém como vós não marchaes por esses roteiros, mas deles fundamen-

talmente vos afastaes, podemos nós outros dizer: Não Acabemos de uma vez com equívocos; a forma do governo no não é um acidente na vida d'Espanha. Não é em abstrato que eu a encaro, posto que ainda assim, o poderia sustentar. Limite-me aos fatos.

«A forma de governo em Espanha é de indole substancial. Se por acaso isto fôra um regime á maneira da Inglaterra, ao qual, quando a vontade e a consciencia publica quereim, a monarquia se submete, talvez poderseis empregar legitimamente a affirmação; mas não se póde admitir que seja accidental a forma de governo quando tal não succede, e vós mesmos sois os primeiros a dizê lo. Ignoro, se por ditado de convicção, ou se por conveniencias nas quaes em vez de ser a adaptação regida pela ideia, é a ideia acetrada pelas exigencias de adaptação.»

«Em qualquer outra parte onde a integridade da nação, o poder da patria, o esplendor dos destinos nacionais estão ligados á representação monárquica, compreende-se que aja um momento, pelo menos de suspensão, na luta entre os republicanos e a monarquia; não aqui, onde a representação da monarquia se ligará sempre ás desditas e vergonhas da Patria.»

O Instituto de Coimbra resolveu celebrar uma sessão solene em ónra do saudoso professor dr. Costa Simões. Para os trabalhos inherentes a esta justissima manifestação ficou organizada uma comissão composta dos srs. drs. Daniel de Matos e Santos Viégas e do sr. Maris Junior.

A memoria histórica dos trabalhos do extinto será elaborada e lida pelo nosso iminente correligionario dr. Eduardo de Abreu.

A República em Espanha

El Ejercito Espanol, importante folha madrileña, tem estas palavras de referencia ao importantissimo comicio republicano do Teatro Lirico.

«E' inegavel a importancia destas grandes reuniões, tanto maior quanto maior é a ordem que nelas reina, apezar das deficiencias do local, sem que promovam desordem nem transtorno algum os que, não podendo entrar, se deixam ficar na rua, esperando que termine o meeting para fazerem ovações aos oradores que nelle tomaram parte, o que tudo revela uma disciplina e um claro conhecimento da situação que não é muito vulgar nos partidos populares. Ainda mais importancia lhes dá o alto sentido governativo que vem imprimindo á sua campanha a minoria republicana, demonstrando que o tempo não terá passado inutilmente, mas sim deixando após si ensinamentos que tem sido recebidos e aproveitados.»

Ontem, o sr. Salmeron — e assim o reconhecem diarios não suspeitos de republicanismo — falou como um chefe de partido que está apto para o exercicio do Poder, moderando as suas antigas intransigencias, buscando frases que tranquilizem as classes conservadoras, tratando o exercito com grande consideração e interessando-se pelo seu progredimento. Os exaltados, os intransigentes, os que nos seus discursos pregavam o sangue e exterminio, como o Nérodá *Marselheza*, esses não constituiram nunca, da Restauração para cá, uma preocupação, porque os seus proprios exageros lhes grangeavam inimigos.»

Palavras simtomáticas, que denunciam bem como em todas as classes a união republicana vae conquistando adesões.

220
920
280
120
30
160

Literatura e Arte

A UNICA VERDADE, drama de Manoel de Sousa Pinto.

Diante desta obra de sinceridade e de força, quero ser apenas Poeta, isto é, dizer só o meu entusiasmo, sem o analisar, — de tal modo é consoladora a ideia de que á, finalmente, entre nós, algum capaz de compreender, sentir e exprimir a alegria e a beleza da Vida. E não é exprimi-las secamente ou cientificamente — mas sim numa peça dramática, — quer dizer, na forma mais própria de propaganda — e por meio dum diálogo familiar e simples e uma acção clara e viva, que vai direita e logicamente ao fim, pondo em relevo os caracteres dos personagens, destacando a verdade que á do conflito, verdade que vemos aparecer a pouco e pouco, sem a impertinencia massadora duma tésse que se á-de provar totalmente.

Por isso, é o primeiro drama de Sousa Pinto uma obra de força — porque nós comunica, sem trucs, o seu sentimento. E é tambem uma obra de sinceridade — porque nela não á a exhibição morbida de imagens extravagantes, nem um tipo anormal; á unicamente a clareza, a concisão, o brilho discreto duma consciencia artistica que procura o melhor e mais onesto modo de realizar o seu ideal.

Mas não tem só a força e sinceridade — esta peça: tem a naturalidade do dialogo, a logica da acção, como já disse; a psicologia dos personagens não tem uma falha; o médico, que para aí se acha pouco português e pouco apaixonado, é absolutamente português, apesar de ómem de ciencia, na sua caridade quasi fanática e no seu entusiasmo meridional pela Vida, entusiasmo que o leva a celebrar tão retóricamente, quasi, o nascimento dos filhos do caseiro; e apaixonado e ciumento da despedida da mulher, como podia sê-lo, se desde o principio nunca o foi, se sempre sentiu por Alda indiferença e até uma certa repulsão?

E não falarei de mais detalhes; se me referi a este foi para mostrar como elle não desmancha, antes pelo contrario reforça, a coerencia do drama; e porque esta não é a opinião corrente. De resto, quero continuar a ser apenas Poeta, a dizer só o meu entusiasmo sem minúcias de análise. Das coisas que mais alegria me dão, uma é sentir profundamente a beleza, e amar tudo o que admiro; e é assim que sinto e admiro a obra de Souza Pinto, bella, serena e grave como uma deusa grega que tivesse nos olhos a justiceira e altiva bondade dos ideaes modernos.

João de Barros.

N. B. — Como, nestê meio de cães que ladram, e ás vezes mordem, todas as intenções são mal compreendidas — para não dizer mal interpretadas —, e eu sou amigo, e disse me honro, de Manuel de Souza Pinto, não se vá julgar devidas á amizade as escassas e pobres palavras que aí deixo: são devidas exclusivamente á opinião sincera que tenho do carater e do talento de Souza Pinto, opinião que dêle me aproximou antes que eu o conhecesse pessoalmente e que o seu primeiro trabalho veio tornar mais firme.

Vai esta nota intima por causa das dúvidas — e dos cães...

E, agora, podem ladrar e morder!

J. de B.

Do sr. Monteiro de Figueiredo, chefe da repartição d'obras da camara municipal desta cidade, recebemos um folheto, em que se istoriam os fatos que determinaram o seu pedido de demissão. O autor promete occupar-se mais largamente do assunto em livro que está preparando e breve virá a lume. Agradecimentos.

BOAS FESTAS

Da direcção da Escola gratuita 31 de janeiro recebemos a carta seguinte, que gostosamente publicamos:

... Sr. Director da Resistencia.

Desculpar-nos á V. a nova maçada que vimos dar lhe. Mas pois que V. Ex.^a tem sempre posto as colunas do seu jornal á disposição da Escola gratuita 31 de Janeiro, chamando para ella a atenção dos seus leitores, ouzamos, confiados nos sentimentos liberaes e democraticos de V., solicitar-lhe mais uma fineza.

E' corrente no nosso país, por ocasião do Natal, o uso dos cartões de boas festas, e que, longe de significar alguma coisa de util, representam as mais das vezes um incomodo não só para os destinatarios como para os remetentes. Distante e bem distante de nós a pretensão de extinguirmos esse uso, que tem já pelo seu lado a tradição, é nosso dever no entanto lembrarmos á V. a forma dessa usança redundar em algo de pratico e de significação moral.

Que á semelhança pois do que já praticam alguns jornais, V. permita no seu jornal uma subscrição tendente a colher alguma receita para os pobres do seu jornal e para a Escola gratuita 31 de Janeiro, que só com o auxilio popular pode contar; eis o que com empenho ousamos pedir-lhe, pedido que na mesma data e com o mesmo intuito dirigimos a outros jornais liberaes, certos de que todos acclherão de bom grado a nossa ideia.

Ficariam dêsse modo trocados os cumprimentos de boas festas entre os que concorressem para a subscrição aberta com êsse fim e avultar se iam as obras de benemerencia e de solidariedade que representam o auxilio prestado aos pobres da Resistencia e á instrucção popular.

Agradecendo desde já a adevão de V. a esta ideia subscrevemo-nos

De V. At.^o Ven.^o Obrig.^o

Luis Derouet Santos Franco Marcos Leitão.

Aderimos de todo o coração á ideia de tão benemerita Associação, pondo ao seu dispôr, como para outro qualquer fim, as colunas da Resistencia.

No próximo numero começaremos a publicar a lista dos que subscrevêrem para tão patriótico fim.

Veio já para o governo civil, competentemente aprovado, o orçamento ordinario da camara desta cidade, para o proximo ano de 1904.

Faleceu o sr. Herminio Soares Machado, médico em Verride, e irmão do aluno do 5.^o anno juridico sr. Augusto Soares Machado.

O sr. dr. Machado padecia á muito de uma doença intestinal, cujo diagnóstico oferecia difficuldades, tendo-se sujeitado por isso em Lisboa a uma operação exploradora, que revelou a natureza incuravel do mal.

Para o sr. dr. Machado passou sempre a operação como sendo a de apendicite, que julgava sofrer e de que se imaginou curado depois de lá.

O enterro foi muito concorrido não só de colegas seus, como de amigos que os tinha, e muitos.

Encorporaram-se tambem no cortejo fúnebre muitos estudantes, numa manifestação de simpatia pelo irmão que frequenta a Universidade.

No carro funerario ia suspensa uma grande quantidade de cordas.

Muzeu d'antiguidades

Deram entrada neste muzeu duas esculturas em pedra, vindas de Cantanhede.

Uma representa a Virgem segurando no braço esquerdo o menino que lhe aperta o seio. O braço e a mão direita tem a attitude rijida e angulózta, vulgar na escultura gótica. A mão direita devia sustentar talvez uma flor.

Este exemplar vem enriquecer a coleção da escultura gótica de Coimbra tão interessante e tanto para estudar.

No muzeu á entre outras peças três com assinaturas de artistas de Coimbra, que pareceram na época conhecidos e estimados no país.

Na igreja de Leça do Bailio encontra-se a assinatura de Diogo Pires, o môço, e anda atribuida a Diogo Pires o velho a curiosa estátua da igreja de Leça de Palmeira, que foi dezastradamente mutilada para se lhe poder encaixar uma orrivel cabeleira, de cabelo natural oferecida pela piedade de um devoto.

Olha agora a jente para a santa e vê logo que não foi ella que fêz o milagre.

Não podia autorizar tal barbaridade. As roupas desta imajem, que são de prégas góticas, na elegancia dos estófos custódicamente tecidos e ricamente bordados, estão agora cobertos por um manto de seda azul, de uma devoção pelintra.

Nas igrejas de Coimbra, nas do Campo, nas Caldas da Rainha e por outros pontos se encontram os documentos da actividade dos artistas de Coimbra no periodo gótico da escultura.

A outra pedra figura em baixo relevo a ceia, e é um exemplar da escultura popular da renascença coimbrã.

Foi aprovado pelo ministerio do reino, o projeto do novo regulamento policial para as casas de espetáculo do distrito de Coimbra.

O sr. commissario de policia autouou um cocheiro por trazer em serviço de transporte de passageiros, um veiculo em pessimas condições de segurança.

Depois do autoado o cocheiro o carro foi para uma officina a concertar.

Está o illustre funcionario no propósito justo de proceder por maneira igual para com os outros alquiladores, que porventura tragam em serviço carros sem as condições devidas.

Este procedimento merece louvores que muito grato nos é exarar.



Real! Real! Real!

por D. Carlos, rei de Portugal!

Informam-nos de que vem de ser concedido o titulo de real á Associação dos Bombeiros Voluntários desta cidade.

E' uma remuneração tardia, mas justa, dos serviços prestados pela unitária corporação em todas as festanças e pagodes officaes, onde o seu concurso é sempre requerido.

Para notar a tática da monarchia, que vendo as barbas do vizinho espanhol arder, vai pondo do seu lado as agulhetas...

E que nenhum maldoso veja na referencia graciosa ao facto dos bombeiros voluntários, com quem contávamos para a revolução, nos passarem o pé para a monarchia, esquecimento dos altos serviços prestados por eles a esta cidade e que nós reconhecemos e louvamos.

Foi entregue ao poder judicial o carpinteiro José Simões Gomes, do lugar do Moleirinho, por ter roubado á Joaquim Apóstolo a quantia de 69.500 reis, algum tabaco e meia garrafa de aguardente.

Parte da quantia roubada foi-lhe ainda apreendida.

A Faculdade de Medicina encarregou o distincto escultor Costa Mota, de Lisboa, de modelar em marmore de Carrara, e em tamanho natural, o busto do falecido professor Augusto Rocha, para ser colocado no gabinete de bacteriologia da Universidade que por elle foi fundado.

Igreja de S. Tiago

Para a igreja de S. Tiago foi removido o guardavento retirado na última restauração da porta principal da Sé Velha.

Para a porta lateral construiu-se um guardavento que occupa o meio do pequeno átrio de uma tão curiosa decoração românica.

Nos altares anda-se procedendo ás pequenas reparações que autorizam os poucos meios da junta de paróqui.

Folgámos em vê chamada a atenção para o bello monumento românico até ôje tão desprezado pelos admiradores do barracão, a que oficialmente se chama a igreja de S. Bartolomeu.

A igreja de S. Tiago é um dos monumentos mais notaveis de Coimbra pelas suas tradições istoricas e pelo seu carater artistico. Depressa porém desaparecerá sob a acção corrosiva da umidade que se vai infiltrando lentamente, se se não atender á sua ventilação, e á reparação dos estragos que sobre ella tem feito o tempo.

Se queressemos vê antes na porta lateral um reposteiro em vês do guardavento, não podemos deixar de louvar a junta porque mesmo neste senão, que apontámos, revelou desejo de atender ás exigencias que impõe o carater artistico do monumento, collocando-o por forma a não occultar as colunas.

O mesmo cuidado vemos nas obras da sacristia em ter mandado apear restos abandonados de armações que para nada serviam senão para occultar decorações artisticas.

Por isso aplaudimos o cuidado e zelo inteligente da junta de paróquia de S. Bartolomeu que sabe respeitar o monumento entregue á sua guarda.

Veio estabelecer-se em Coimbra o nosso conterraneo Mário Machado, cirurgião dentista pela Universidade de Coimbra.

Montou o seu consultório na Sé-Velha, com todos os instrumentos e aperfeiçoamentos modernos para tratamento das doenças da boca e dentes.

Encarrega-se tambem de todos os trabalhos da sua arte, desde as dentaduras mais simples até ás mais delicadas e luxuozas.

Foi pedida autorização para o requerimento do processo instaurado nesta comarca contra Joaquim dos Santos, guarda n.^o 61 da policia civil.

Liga contra a tuberculose

Sob a presidencia do sr. dr. Costa Alemão, reuniu-se ontem o nucleo de Coimbra da Liga Nacional contra a tuberculose.

Entre outros assuntos ficou assente que para o próximo congresso da Liga, a realizar nesta cidade, se destinem os dias 21 a 24 de abril, sendo convidado para conferente o sr. dr. Clemente Pinto, professor da Escola Médica do Porto e atual reitor do liceu de Lisboa.

Por essa ocasião far-se-á uma exposição de aparelhos e utensilios empregados contra a tuberculose.

A direcção da Liga das farmácias das Associações de Socórrtos Mutuos, á dias reunida, deliberou conceder 10 por cento sobre a importancia dos medicamentos fornecidos ás associações ligadas desde o dia 1 de janeiro a 30 de Setembro do anno corrente.

A importancia a distribuir é de 250.000 reis.

Ficou igualmente rezolvido que o capital em cofre no fim do anno se distribuisse pelas mesmas associações para a amortização dos seus capitales, salvo um fundo de reserva, e sendo essa distribuição feita em proporção ao capital de cada uma delás.

Está para breve a publicação dum livro de versos do academico sr. Alfredo Pimenta, intitulado Eu.

Comissão paroquial de Santa Cruz

São convidados os republicanos desta freguezia a inscreverem-se no cadastro do partido, que se acha patente nos estabelecimentos dos correligionários Joaquim Carvalho e Silva, á rua do Corvo, e Evaristo José Cerveira, na rua da Sofia.

ARVORE DO NATAL

Reunirão-se em comissão grande numero de amigos nossos para organizar uma festa simpática e que é uma feliz inovação entre nós.

Lembraram-se os que têm um Natal alegre, aquêles para quem estes dias são a festa, em que canta a saude e a paz do lar no rizo fresco das creancas que á pobres abandonados que não riem como os filhos dêles e não terão nas casas pobres, neste dia, nada a mais que o sorriso festivo das mães, cujo valor só recordarão mais tarde com saudade, quando tiverem aprendido na experiencia da vida amarga.

Averá por isso este anno uma árvore de Natal para as crianças pobres, a quem não faltarão brinquedos dos mais bonitos; porque serão escolhidos pelas mães, que têm a felicidade de todos os dias, e só as mães sabem quaes os brinquedos que fazem abrir mais depressa num sorriso, a flor vermelha da boca alegre e sádia dos filhos.

A comissão começa ôje mesmo os seus trabalhos, e á-de ficar bem carregada de brinquedos a árvore do Natal; que são de muita caridade as senhoras desta boa e linda terra.

Realizar-se á a festa no Jardim Botânico se for dia alegre de sol, ou então na sala da Associação dos Artistas, se estiver o tempo mau.

Que a árvore do Natal seja muito grande, tão grande como os pinheiros, á que se encostava S. Christovão, êsse santo muito alto, que passava aos ombros os pobres viajantes, que não podiam seguir caminho, quando os rios levavam muita água, e que um dia, ao passar um menino pequenino, que pezava muito...

Uma istória que nós talvez lhes contaremos, e que aprendemos de cor num tempo em que não sabiamos rir senão como as crianças.

Theatro Lisbonense

Teve ontem lugar, nesta casa de espetáculos, a récita á dias por nós annunciada, que na quinta feira passada não se realizou, em virtude de o mau tempo o não ter permitido.

Representaram-se a comédia em 3 atos, de Gervasio Lobato, A Voz do Sangue, e a comédia em 1 acto Não tem titulo.

Para ôje está annunciado outro espetáculo com a mágia em 3 atos e 10 quadros, El Rei Abracadabra 36.

Atendendo ao desejo que o publico tem de auxiliar os artistas desta Companhia, a avaliar pelas enchentes que, quando o tempo permite, ali tem accorrido, é de esperar que sejam bem succedidos.

Ficaram constituídos da forma seguinte, os corpos gerentes da cooperativa dos empregados publicos:

Assembleia geral.—Presidente, dr. Antonio José Teixeira d'Abreu; vice-presidente, bacharel Augusto Mendes Simões de Castro; 1.^o secretario, Antonio Maria Simões; 2.^o secretario, José Correia d'Almeida.

Dirécção.—Presidente, bacharel Danton de Carvalho; vice presidente, José da Costa Braga; 1.^o secretario, Abilio Trovisqueiro; 2.^o secretario, José Augusto Lopes d'Almeida; tesoureiro, João Luiz Goncalves.

Conselho fiscal.—Dr. Basilio Freire, bacharel Augusto Lopes da Costa Pereira e Alberto Pinto de Almeida.

Recenseamento eleitoral

Avizo

A Comissão Paroquial Republicana da freguezia de S. Bartolomeu convida os republicanos desta freguezia a inscrever-se no cadastro da mesma Comissão, patente na Praça do Comércio, n.^o 43, a fim de se recensearem os que o não estejam e tenham direito a essa legalia.

A mesma Comissão lembra a todos os cidadãos republicanos, que não estejam recenseados, a urgencia de se munirem da certidão de idade, baze essencial para a revizão do recenseamento próximo. Para que lhes seja passada essa certidão, devem fazer o seguinte requerimento:

Il.^{mo} Rev.^{mo} Sr. paroco da freguezia de... Fulano, estado, profissão, de... anos de idade, filho de... e de..., natural de... freguezia de... morador na rua de... n.^o... requer a V. Rev.^{ma} lhe passe a sua certidão de idade, para

fins eleitorais, izenta de imposto de selo e quaesquer emolumentos ou salarios, como determinam os artigos 36.º e 37.º do decreto de 8 de agosto de 1901.

Coimbra, etc. E. R. M.

Este requerimento deve ser entregue aos párocos das respectivas freguezias, que tem obrigação de passar as certidões no prazo de 3 dias, gratis, e em papel não selado, e em seguida ser reconhecida gratuitamente por tabelião.

A comissão lembra tambem que o prazo para a inscriçao no recenseamento, principia em 26 de dezembro e finda em 5 de janeiro proximo.

Requerimento de inscriçao por saber ler e escrever

III.º Ex.º Sr. Secretario das Comissões do recenseamento.

F.º filho de F.º e de F.º, natural de... de... anos de idade, estado, profissao, morador na rua de... n.º... andar, freguezia de... desejando a sua inscriçao no recenseamento por saber ler e escrever como prova com esta petiçao feita e assinada pelo seu proprio punho, na conformidade do n.º 2 do artigo 1.º e n.º 7.º do art. 21.º do decreto de 8 de agosto de 1901.

Pede a v. ex.ª se digne mandal-o inscrever na relaçao dos eleitores da sua freguezia.

Data... Assignatura...

Este requerimento tem de ser feito e assinado pelo proprio, perante o tabelião que assim o deve declarar ou perante o pároco da freguezia que ateste e jure em como foi feito na sua presenca, sendo a identidade atestada e jurada em seguida pelo regedor.

Requerimento de inscriçao por pagar decima

III.º e Ex.º Sr. Secretario da Comissao do recenseamento.

F.º filho de F.º e de F.º natural de... de... anos de idade, estado, profissao, morador na rua de... n.º... andar, freguezia de... desejando a sua inscriçao no recenseamento eleitoral, visto ser colatado por contribuiçoes diretas do estado em quantia superior a 600 reis, segundo o n.º 1.º do art. 1.º e n.º 2.º do art. 21.º de decreto de 8 de agosto de 1901.

Pede a v. ex.ª se digne mandal-o inscrever na relaçao dos eleitores da sua freguezia.

Data... Assignatura...

Folhetim da "RESISTENCIA" H. DE BALZAC

O EXCOMUNGADO

O mendigo

O barão tinha reunido des omens d'armas e era uma força bastante imponente para o garantir de toda a especie de ataque; porque os seus numerosos vassallos podiam reunir ainda uma bandeira de quinhentos a seiscentos omens d'armas.

Neste tempo, todo o luxo dos senhores feudais consistia em sustentar omens d'armas; eram cavalleiros muito temidos, blindados de ferro, bem como os cavalos, e um omem d'armas era sempre seguido dum escudeiro e de tres cavalleiros a quem competia montar a cavallo, servir-se da acha, das armas e da lança, em duas palavras, a teoria do nobre officio do saque.

Requerimento para ate tado de contribuiçao

III.º Ex.º Sr. Escrivao de fazenda do Concelho de...

F.º, estado, profissao, de... anos de idade, natural de... morador na rua de... n.º... andar, freguezia de... precisa para fins eleitoraes, que v. ex.ª lhe passe por certidao o que a seu respeito consta da matriz... (predial, renda de casas, industrial, etc.) na conformidade dos art. 36.º e 37.º do decreto de 8 de agosto de 1901.

Data... Assignatura...

Requerimento de residencia

III.º Ex.º Sr. regedor da freguezia de... F.º, estado, profissao, idade, natural de... morador na rua de... n.º... andar, freguezia de... desejando inscrever-se no recenseamento eleitoral e segundo o disposto nos artigos 36.º e 37.º do decreto de 7 de agosto de 1901.

Pede a v. ex.ª se digne passar-lhe atestado de como mora nesta freguezia.

Data... Assignatura...

Locaes onde se tomam apontamentos para se recensear os individuos que assim o queiram, e se dao todos os esclarecimentos respeitantes ao recenseamento eleitoral.

Sé Catedral — Redaçao da Justica, rua da Trindade e Café dos Caçadores — Largo de S. João. Sé Velha — em casa de Antonio Vianna — rua da Trindade. S. Bartolomeu — Praça do Comercio, n.º 43. Santa Cruz — em casa de Evaristo Cerveira, rua da Sofia ou na de Joaquim de Carvalho da Silva, rua do Corvo. Santa Clara — em casa de Francisco Maria da Fonseca, Rocio.

Publicações recebidas

Tratado de contabilidade pelo guarda livros Ricardo de Sá. Estam publicadas as cadernetas n.º 11 e 12. Assigna-se na Editora Largo do Conde Barão 50.

O meu primeiro livro de leitura por F. d'Oliveira mandado adotar por decreto de 3 de setembro de 1903 para o ensino primario official. Deposito geral papelaria e n.º 109799 — Lisboa.

Tuberculose social. A Sacristia, por Alfredo Gallis. Editada pela livraria Central de Gomes de Carvalho, rua da Prata, 160. Lisboa.

miavel se se pensar na forma porque estavam armados.

Por cima de um terraço de tres ou quatro degraus, erguia-se uma porta em ogiva, ornada com colunas finas. Esta porta muito estreita dava acesso para uma grande sala quadrada; o senhor de la Bourdaisiere entrou para ella seguido pelo genro.

Esta sala abobadada estava juncada de palha fresca. Não tinha outros ornatos mais que os virotes de que o barão se servia para a caça, as suas armas, a sua troupa, as suas armaduras.

Via-se nela um grande bufete de madeira de nogueira enegrecida sobre que estavam colocadas a baixela de prata, os gomis da meza, os candelabros a roupa.

Este bufete era ordinariamente presente de nupcias, e tinha um, dois ou tres andares conforme a nobreza dos espòs.

Os dois barões dependuraram os chapéos a dois pregos cravados para isso na parede, e, quando entraram, os cães que estavam no quarto proximo começaram a ladrar, forçaram a porta e correrão a cercar o patrão.

Mais devagar, meus filhos, exclamou Ombert com vós forte, depois pegou num chicote dependurado na parede, e levou-os, ele mesmo, para o canil, que fechou com mais cuidado.

Ombert introduziu então o sogro noutra sala imensa e um pouco melhor decorada; tinha uma porta de saída para os jardins e era por lá que Ombert descia para o Loire.

MANOEL DE SOUSA PINTO

A ÚNICA VERDADE

Drama em 2 atos Preço 300 reis Editor — Moura Marques

ANUNCIOS

Topico contra Frieiras

É o unico medicamento eficaz, descoberto pelo Dr. Rousseau e muito usado com grandes exitos por todos os Parisienses que sofrem de tao orrivel mal.

Aplica-se em fricções durante dois minutos collocando-se depois um pacho d'algodao hydrophilo do mesmo topico por algumas horas.

Preço de cada frasco 300 reis

Vende-se na Farmacia Assis Praça do Comercio — COIMBRA.

Aos automobilistas

Gazolina para automoveis. A venda na casa

Ladeira & Filho

A BON MARCHÉ

Papeis almossos de linho e algodao Papeis para cartas de todos os formatos e qualidades Papeis para carta em bonitas caixas. Papeis fantasia para participaçoes de casamento. Papeis de impressao para jornaes e obras. Papeis para cepes em todas as qualidades.

Papeis em côr para embrulhos delicados. Papeis para encadernadores. Papeis para forrar salas, lindos gostos (arte nova.) Livros em branco e riscados para o comercio.

Livros de estudo e literatura. Objetos de escritorio e dezenho. Chás preto e verde, finissimas qualidades. Encadernações de livros em todos os generos. Carimbos de metal e borracho. Perfumarias e tabacos nacionais e estrangeiros. Trabalhos tipograficos em todos os generos. Artigos de ceramica para construções.

CAZA EUROPA

14 — Rua dos Gatos — 16 COIMBRA

No meio desta casa, forrada de carvalho antigo, escuro, estava uma comprida e vasta meza, posta e com algumas iguarias.

As cadeiras do dono da casa e de Catarina estavam collocadas na outra extremidade, e a sua forma, ja passada de moda, denunciava que estes móveis eram hereditarios.

O escudo dos Roche Corbon encimava os encostos trabalhados a grossos.

Uma destas cadeiras, guarnecida por um estofio precioso, indicava o lugar de Catarina; bancos de madeira serviam de assentos aos comensales: de resto tudo estava limpo, e cuidado o que fés sorrir complacientemente o senhor de la Bourdaisiere.

— Ola! Ola! Depois que temos uma castela tudo me parece melhor aqui, minha filha continua a ser a mesma exemplar dona de casa que era antes.

Ombert levantou então uma velha e grande tapessaria antiga, que servia de porta: pondo um dedo sobre os labios com um ar misterioso, fés chegar o velho senhor a outro aposento cujo luxo contrastava singularmente com a severidade dos outros dous. Os dois barões pararam, tentando não fazer barulho e ficaram-se complacientemente a olhar o delicioso espectáculo, que se oferecia a seus olhos.

O pavimento estava coberto com uma rica tapessaria, os vitrais coloridos só a custo deixavam passar a luz, o que espalhava uma especie de misterio sobre esta scena graciosa.

Gabões de Aveiro



Ex.º Sr. — Como a epoca invernos-a exige um bom agasalho, venho lembrar a V. Ex.ª o Gabão Elegante d'Aveiro, o unico agasalho até oje conhecido para combater o frio, vento e chuva.

Gabão Elegante d'Aveiro

é propriedade minha á muitos annos. Porém, em Aveiro e noutras terras do país, annunciam o Gabão Elegante, mercadores de quem não podem ser acreditados os seus reclamos por que são uns simples vendedores retalhistas de fazendas e não conhecem a arte.

Lembro a V. Ex.ª que não se iludam com esses reclamistas, sem consciencia do que annunciam, porque esses gabões são feitos por qualquer quidam para expor á venda no seu estabelecimento.

O meu Gabão é conhecido nas principaes cidades do país, tões como Lisboa, Santarem, Leiria, Figueira da Foz, Coimbra, Porto, etc., etc.

Agradeço desde já ás suas apreciações orden, as quaes diligenciarei dar completa execuçao, subscrevo me com muita estima,

Anadia — Outubro de 1903.

Joaquim José de Pinho Unico correspondente em Coimbra, Manuel Pinho.

ACETILENE

Instalações completas. Grande deposito de carboreto de calcio.

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio — COIMBRA

As paredes estavam forradas com estofos preciosos, e as traves eram esculpadas e coloridas; a limpeza mais minuciosa reinava em todas as partes da sala.

No meio do teto, estava suspensa uma lampada de cobre.

Todos os móveis, de nogueira, estavam decoradas com esculturas maravilhozas de arranjo e de execuçao, e que polidas e brilhantes pareciam de bronze.

Deante de uma das janellas, uma mulher nova, de uns vinte annos, estava assentada com os olhos fixos sobre uma biblia manuscrita, cujas folhas eram douradas e o velino deslumbrante de alvura; a pose era graciosa e natural; encostada ao jenniteorio, encostava a frente a uma das mãos, e outra con servava um livro aberto sobre o joelho.

Parecia empalidecida por um sofrimento moral.

Os cabelos separavam-se em dois bandos, e depois de ter dezenhado sobre a frente d'alabastro uma ogiva de ébano, estavam em caracões ondeantes sobre o côlo.

Trazia sobre a cabeça um chapéu de veludo preto, que se cavava no meio e se levantava em cima de cada fonte em forma de ruiche; um diamante prezo no meio da testa por uma cadeia fina de ouro brilhava entre os dois bandos.

As palpebras grandes, descidas, projetavam sobre as faces sombras indizadas.

A castela tinha vestida uma longa tunica sem cinto, que subia até ao

EDITAL

O Doutor José Pereira de Paiva Pita, provedor da Santa Caza da Misericordia de Coimbra,

Faço saber que por deliberação da Mesa da mesma Santa Caza se acha aberto concurso pelo espaço de vinte dias para o fornecimento dos seguintes generos para consumo dos Collegios dos orlaos e orlaos de S. Caetano; 1500 litros de feijao frade; 800 litros de feijao branco; 1000 litros de feijao encarnado, e 800 litros de grão de bico.

A arrematação efetuar-se á por meio de propostas em carta fechada, sendo adjudicado o fornecimento a quem o fizer por menor preço, convido este a Santa Caza.

As amostras e condições da arrematação acham-se patentes na secretaria desta Santa Casa, onde podem ser examinadas em todos os dias não sanctificados desde as 10 horas da manhã até ás 3 da tarde.

Secretaria da Santa Caza da Misericordia de Coimbra 14 de dezembro de 1903.

O provedor, Dr. José Pereira de Paiva Pita.

ANUNCIO

Os ardeiros do presbitero José Simões Dias, morador que foi na rua da Trindade, 20, rogam a todos os credores deste, a favor de mandarem as suas contas para a casa que foi da sua residencia, dentro de trinta dias, para serem pagas sob pena de concluirem que não devia cousa alguma a alguém.

Coimbra, 5 de dezembro de 1903.

O amigo do povo de Coimbra

Agostinho Rodrigues da Bella, proprietario da Padaria Popular, Largo da Freiria, n.º 12 e 13, á rua dos Sapateiros, participa ao publico que acaba de receber farinhas escolhidas nas mais acreditadas fabricas de Lisboa com o fim de satisfazer bem as exigencias de todo o consumidor muito particularmente pelo que respeita ao saboroso paladar que em geral resulta da boa qualidade e esmerado acio na manipulação.

Além disso o seu proprietario com atividade e zelo envida os melhores esforços para montar o seu estabelecimento em rigoroso confronto com os mais aperfeiçoados do país, seguindo o moderno sistema de fabricação empregando sempre a agua filtrada.

Assim espera obter a preferencia do publico que lucra duplamente em hygiene e qualidade de pão fino, relativamente barato, porquanto o anunciante compra de pronto as farinhas.

Convida, pois, o publico a visitar este esmerado estabelecimento.

Manda o pão a toda a ora aos domicilio dos fregueses.

escôco dezenhando todas as suas formas; o estofio caíndo em pregas largas, deixava passar somente o bico agudo dos seus sapatos delicados; sobre o seu vestido preto estavam bordadas as armas de seu marido, reunidas ás de seu pai.

A meia voz e a custo soletrava algumas palavras, que sem duvida explicavam uma das illumuras do missal, quando a respiração ofegante do velho senhor de la Bourdaisiere veio distrair a sua atenção.

— A! exclamou ella com todo o acento da alegria e todo o rubor da felicidade. Voltou os olhos, ainda cheios de lagrimas, para a porta, em que o pai e o esposo, apoiando-se um sobre o outro, a contemplavam com uma alegria misturada de cuidado.

Levantou-se precipitadamente e correu ligeira para o pai, que a recebeu nos braços e a beijou na testa.

— O meu pai, disse com vós comovida, á que tempos que o não vejo. Depois estendeu a mão branca a Ombert. Mas a olhos mais experimentados que os do velho senhor e Ombert, que não tinham nunca estudado muito as mulhiéres, a expressao, que acompanhou este gesto, teria parecido tanto remorso, como pudor.

O velho fidalgo, apertou os ambos nos braços e, vendo-os assim reunidos sobre o coração, disse-lhes:

— Que o Ceu vos abençoe. Fés oje tres annos que vos não via...

(Continúa.)

PASTELARIA E CONFETARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

COIMBRA

Nesta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza.

Doces de ovos dos mais finos paladares e delicados gostos, denominados *doces sortidos*, para chá e *sorrées*, em grande e bonita variedade que difficil se torna enumerar-la.

Doces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em secco, como cristalizados, rivalisar com os estrangeiros.

Pastelaria em todos os generos e qualidades, o que á de mais fino e saboroso, especializando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primorosa fantasia, denominadas *Centros de mesa*, *Castelos*, *Jarrões*, *Lyras*, *Florinhas*, *Lampreias*, etc., etc., próprias para banquetes.

Pudings Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá café e de fructas diversas, vistosamente enfeitados.

Pão de ló pelo sistema de Margaride, já bem conhecido nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Madeira, Moscatel, Colares, Champagne, Cognacs, Licores finos, etc. das melhores marcas nacionaes e estrangeiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

Amendoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo-se a pureza dos assucars com que sam fabricadas.

Conservas nacionaes e estrangeiras, chás verdes e pretos, passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyère, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.

Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32.

IJIÈNE

Os melhores aparelhos, retretes, lavatórios, tinas e urinoes nacionaes e inglezes.

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio — COIMBRA

Nova Havaneza

Rua de Ferreira Borges n.º 176

Papelaria, Tabacaria, Perfumaria. Carteiras, malas, caixas de charão, e todos os objetos de escritório.

SILVA & FILHO

Fábrica manual de calçado e tamancos e depósito de alpargatas

EXPORTAÇÃO

Canalisações para agua

Ninguém mande fazer sem ver os preços da casa

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio — Coimbra
Orçamentos gratis

L. M. LILLY, Engenheiro

- Machinas agricolas de toda a qualidade.
- Machinas para fição e tecelagem para todos os tecidos.
- Machinas para fazer soda-water, gazosas, gelo, etc.
- Machinas para fazer papel continuo, cartão, etc.
- Machinas para lavar, engommar e desinfectar roupa.
- Machinas de vapor e de gaz, caldeiras e bombas.
- Machinas de escrever, de systema YOST.
- Correias de pêllo, de couro, de borracha, empanques, etc.
- Materias primas de todas as qualidades.
- Installações, desenhos, montagens.
- Facilitam-se pagamentos.

REPRESENTANTE

JOÃO GOMES MOREIRA
COIMBRA

Agua da Curia (Mogofores — Anadia)

Sulfatada - Calcica

A unica analysada no paiz, similhante á afamada agua de CONTREXÉVILLE, nos Vosges (França)

INDICAÇÕES

Para uso interno: — *Arthritismo*, *Gotta*, *Lithiase urica*, *Lithiase biliar*, *Engorgitamentos hepaticos*, *Catarrhos vesicaes*, *Catarrho uterino*.

Para uso externo: — *Em diferentes especies de dermatoses*.

As analyses chimica e microbiologica foram feitas pelo professor da Escola Brotero, o ex.º sr. Charles Lepierre.

A' venda em garrafas de litro — Preço 200 réis
Deposito em Coimbra — PHARMACIA DONATO

4, Rua Ferreira Borges, 6

Tabos de ferro, bombas e seus pertences

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio — COIMBRA

CASA

Arrenda-se o 3.º e 4.º andares na rua da Alegria n.º 77. Tem agua, gaz e um pequeno quintal.

Tambem se arrenda a loja do mesmo predio.

Trata-se com Antonio Marques de Seabra, largo do Principe D. Carlos — Coimbra.

FONOGRAFOS

Manoel José Telles, Rua Ferreira Borges, n.º 150 a 156, tem em deposito os magnificos *Phonographs Edison* de diferentes preços e tamanhos.

Variada e grande coleção de cilindros, com lindas operas, cançonetas, monologos, etc., nacionaes e estrangeiros que vende pelos preços das principaes casas de Lisboa e Porto.

Sempre cilindros com musicas novas e muito escolhidas.

RELOJOEIRO

Manoel José Pereira Machado, empregado, da Relojoaria Paixão, faz publico, que se encarrega de todos os trabalhos concernentes á sua arte, para o que se encontra trabalhando por sua conta ao Arco d'Almedina n.º 7, responsabilizando-se pela perfeição e solidez dos seus trabalhos.
Preços modicos.

Alfaiateria Guimarães & Lobo

54 — RUA FERREIRA BORGES — 56

(Em frente ao Arco d'Almedina)

Abriu este novo estabelecimento onde se executa com a maxima perfeição e modicidade de preços, toda a qualidade de fatos para homem e creança, para os quaes tem um variado sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Ha tambem uma grande variedade em flannels e panos pretos para capas e batinas, para todos os preços.

Artigos para homem como camisa, gravatas, luvás, etc.
Pede-se ao publico a finessa de visitar este estabelecimento.

PROBIDADE

Companhia Geral de Seguros

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua Ferreira Borges, 165, 1.º

Tomam-se seguros de prédios, mobilias e estabelecimentos contra o risco de incendio.

CASA

Arrenda-se uma, na rua dos Sapateiros, n.º 40 e 42. Constando de lojas e 4 andares, própria para estabelecimento de qualquer género.

Trata-se com David de Sousa Gonçalves, rua da Moéda, Coimbra.

Opa de seda nova

Vende-se uma propria para irmão da Misericordia. Para tratar com Augusto Nunes dos Santos, rua Direita, 16 e 18 — Coimbra.

Consultorio dentário

COIMBRA

Rua Ferreira Borges

Herculano Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

ACETYLENE

Carbureto de calcio francês, rendimento garantido de 300 litros por kilo, os 100 kilos franco — Lisboa, 10.000 réis

Apparelhos, candieiros, lustres, bicos e mais accessorios

NOVA LUZ A GAZOLINA

Poder illuminante — 100 vellas por bico

GASTO: — 5 réis por óra

Mandam-se gratis catalogos e preços correntes

A. RIVIÈRE

RUA DE S. PAULO, N.º 9, 1.º andar

MANUFACTURAS

FABRICA DE TELHÕES E MANILHAS

Premiada na Exposição de Ceramica Portuguesa, no Porto, em 1882, com diploma de merito; e medalha de cobre na Exposição Districtal de Coimbra, de 1884

Esta fabrica a mais acreditada em Coimbra, em construcção e solidez de telhões, manilhas para encanar agua, siphões para retretes, vasos para jardins e platibandas, balaustras, tijolo para ladrilhos de fornos, tijolos grossos para construcções e para chaminés, tachos para cosinha á imitação dos de Lisboa, etc. — Todos estes artigos são de boa construcção e por

PREÇOS ECONOMICOS

Pedro da Silva Pinho Coimbra

29, Rua de João Cabreiros, 31 — COIMBRA

COIMBRA

LUCA

Delicioso licor extra-fino VINHOS

Associação Vinicola da Bairrada

Grandes descontos aos revendedores

Unico deposito em Coimbra

CONFETARIA TELLES

150, R. Ferreira Borges, 156

Modista de chapéus

Com um esplendido sortimento de chapéus para senhoras e crianças, no que á de maior novidade, chegou a esta cidade e instalou-se na sua casa rua Ferreira Borges, n.º 185, 1.º, a acreditada modista de Lisboa que na estação de verão esteve em casa do sr. Augusto Palhinha.

Convida por isso as suas ex.ºas freguezas a visitarem o seu atelier onde encontraram bonitos modelos a preços modicos.

"RESISTENCIA"

CONDIÇÕES D'ASSINATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Ano 2\$700
Semestre 1\$350
Trimestre 680

Sem estampilha:

Ano 2\$400
Semestre 1\$200
Trimestre 600

Brazil e Africa, ano 3\$600 réis
Ilhas adjacentes, 3\$000

ANUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assinantes, desconto de 50%.

Comunicados, 40 réis a linha.
Réclames, 60

Anunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal fór honrado.

Avulso 40 réis

COLEGIO

LICEU FIGUEIRENSE

Instituto particular de educação e ensino

Figueira da Foz

DIRETOR

Dr. José Luiz Mendes Pinheiro

Professor na Universidade e ex-professor no Lyceu Central de Coimbra

Neste estabelecimento ensina-se instrução primaria e instrução secundaria (curso dos liceus e curso comercial). Aulas de ginastica e musica.

Admitem-se alunos internos, semi-internos e externos.

Enviem-se regulamentos, programas e quaesquer informações a quem as pedir ao director.

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Officina tipográfica

12 — RUA DA MOEDA — 14

Editor

MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redação e administração — RUA DE FERREIRA BORGES, 89, 2.º andar

N.º 862

COIMBRA — Quinta-feira, 24 de Dezembro de 1903

9.º ANO

DIA DE PÁS

Eva lindo-se a tarfa árida do comentário político, ás preocupações irrequiéas do combate, a tudo emfim que possa ajtá-lo num sobresalto de luta áspera, o nosso espirito dá-se ôje, irrezistivelmente, um esparecimento revigorante, avigorando recordações doces deste dia tradicional.

Seja um dia de trégua neste revólver exaustivo de mizerias que incessantemente chamam os nossos protéstos.

Quando todos se abraçam, entre sorrisos e bênçãos, na pás santa dos láres em festa, não vamos nós perturbar essa suavíssima comemoração de fraternidade com o rumor de puñilatos aze-lós.

Festa do coração, de simplicidade e pureza, tão cheia de tradições e entrelaçada de lendas, por toda a parte éla tem a sua entuziástica e encantadora celebração, a todos pertence e todos a guardam com religioso fervor.

Andam as crianças num alvo-roço, seduzidas por promessas lindas de Fada; vêm de longe, em caminhada alegre, para o festival da família, tolos os que a vida exigente separou. E' um dia de pás, como que de geral reconciliação, uma efuziva apoteoze de alma, purificadas de ódios e egoísmos, amplamente vivendo e amando.

Sim, seja de trégua este dia. Basta a nublá-lo a lembrança confranjente de tantas inconsólaveis desgraças e de tão grandes e soffedoras mizerias — almas enlutadas pelo sofrimento, láres dezamparados onde só á o dezafoço das lágrimas, pela via doloroza da vida, sem pão e sem afetos, todo o enorme turbilhão umano que agoniza, tiranizado e miserável.

No dia de ôje vivamos bem para nós e para os nossos, deixemo-nos prender bem nos braços que se abrirem para nos detêrem numa doce e íntima reclusão, demos á nossa festa todo um grande luzimento de Amor e de Bondade, não esquecendo, na expansão jubiloza da nossa ventura, os que sofrem as inclemências sangrentas do destino e os tratos cruéis da iniquidade.

Das recordações pessoais que neste dia acodem, em tropel, a visitar-nos, numa reconstrução nítida, o nosso espirito volta-se numa aspiração suprema e forte de felicidade comum, para toda a humanidade que sofre, e chora e agoniza.

E, como mesmo ao sentirmo-nos bem entre as existências queridas, no aconchego do nosso lar enganado de alegrias sãs, sentimo-nos ainda a opressão deste pensamento dolorozo!

Mas bem dita a esperança que nos reconforta e ergue na antevisão deslumbrante de largos dias de permanente ventura, quando nas al-

mas reinar uma eterna primavera iluminada e quente, já não ouver ódios, nem egoísmos, nem paixões, todos os ómens se estenderem as mãos num pacto de indestrutível aliança, todos os corações se juntarem na comunhão da mesma fé, quando toda a Umanidade, emfim, for uma grande e unida família, neste dia e sempre reunida no mesmo lar pacífico e felis, onde não faltará lús nem pão, alegrias nem entusiásmos!

Ah! E é pelo advento desse aureo reinado de Paz e Justiça, em que todas as forças se armonizarão sob a rejeancia da lei emancipadora e fecunda do Amor, que nós todos, cavaleiros da Utopia, batalhámos, sentindo na nossa alma a repercussão doloroza dos alheios sofrimentos.

Camaradas de Ideal! neste dia de trégua e de festa, vai para vós todos que lutais e sofreis, a nossa saulação calorosa, pelo triunfo das aspirações que nos prendem, avemos de erguer logo, a meio da festa simples do nosso lar, o nosso voto ardente.

Sêde felizes! Sêde fortes! Tem de esperança e fé!

Da de trégua, dia de pás. Quem neste lugar costuma deixar ásperas palavras de protéstos e ataque, manja ôje a todos, o seu dezejo amigo de boas festas.

Das coisas áridas da politica, das mizerias e perversidades dos ómens anda ôje longe o nosso espirito, perdido num alheamento retemperante, revivendo toda uma florida mocidade que vem já a caminhar.

Nada de lutas, no nosso acampamento andula ôje a bandeira branca da pás...

Boas festas! Boas festas!

A Resistencia.

A' Virgem Santissima

(Cheia de Graça, Mãe de Misericórdia)

Num sonho todo feito de incerteza,
De noturna e indizível anciedade,
É que eu vi teu olhar de piedade,
E (mais que piedade) de tristeza

Não era o vulgar brilho da beleza,
Nem o ardor banal da mocidade...
Era outra lús, era outra suavidade,
Que até nem sei se as á a natureza...

Um mistico sofrer, uma ventura
Feita só do perdão, só da ternura
E da pás da nossa ora derradeira...

O vizio, vizio triste e piedozal
Fita-me assim calada, assim choroza...
E deixa-me sonhar a vida inteira!

Antero de Quental.

NATAL DE S. FRANCISCO

No ano da graça de 1215, na véspera de Natal, cavalgava pela estrada que vai de Espoleto a Roma, o cardeal patriarca de Veneza.

Sua Senhoria ia ao concílio de La trão, presidido pelo Papa Inocencio III. O desfile desse cortejo da Igreja apresentava um espectáculo magnifico: cônegos de fisionomias expansivas e monges melancólicos, escudeiros e fidalgos de capotes cobertos de plumas pagens e istriões com traques de veludo de côres alegres, depois numeroza criadagem, e por fim, a matilha do santo prelado, que não desgostava de caçar e lêr ao mesmo tempo o breviário.

A frente do presénte, montado numa mula gigantesca, via-se um joven diaco no vestido com dalmatica escarlata, que alçava a grande cruz de dois braços, a cruz d'ouro do patriarca, rutila pelo sol que lhe batia em cheio.

O velho cardinal, comodamente en-volto em peles, com a cabeça resguardada por um barrêto de veludo e armôho, cavalgava, muito direito, de rosto ativo e olhar arrogante. De qu não em quando, perpassava, pelos seus lábios decórados, um vago sorriso. Pensava então em Roma triunfante, no moço imperador Frederico, esperança do papado, no pobre imperador Otão deposto e degradado pelo Padre Santo, nos impios senhores da terra de Provença expulsos do redil cristão, na turba miseravel dos albijenses excomungados pela Santa Sé, nos eréticos impimentes entapados de pé e vivos na alvenaria dos muros.

A mesma ora, caminhavam pelas agrestes veredas das montanhas de Terni, tres estudantes de Bolonha, que se dirigiam tambem para o concílio. As suas capas negras pareciam estar no fio e dar pouco conforto, o vento aspero da serrania avermelhara-lhes as mãos, a demorada viagem fatigara lhes as pernas. Eram tres companheiros joviais. Preocupava os pouco o extase dos ascetas e nem sequer se lembravam da perversidade dos bandoleiros. Em Roma, não para bater nos peitos ante o tumulo dos santos apóstolos, mas para correr aventuras e folias. Para dizer a verdade, tinham jejuado nesse dia, não para observar o preceito do Natal, mas por causa da bolsa estar vazia. O mais velho dos três, um estudante muito esguio e muito ábil em Direito, mais seco que uma glôza dos Pandéas, murmurava, para se aquecêr, a canção lática da primavera, que os frades pedintes cantavam então por todas as encruzilhadas da cristandade:

A terra abre o seio á doçura da estação lépida, — a florista reveste-se de folhagem, — canta já o rouxinol, — e os prados reverde em. — E' agradável vaguear através dos bosques, — mais agradável é ainda colher açucenas e rózas.

Mas o mais novo, decretalista e bacharel em teologia, um rapazito de olhos meigos, de lábios sensuais respondia em tom de ladainha, com algumas cópias um tanto vivas, que pareciam evolcar se das paginas mais livres de Catullo, e o terceiro, que logo de madrugada morria de sede, psalmodiava em voz de falsêto o introito da missa dos beberdes:

Introito ad altare Bachi — Ad Deum qui laticat cor hominis.

Rezou com a mais profunda unção, o Pater sacrilego:

Padre Nosso, que estâes nas garrafas, santificado seja o vosso vinho!

E pelos desfiladeiros das montanhas umbrias, galgando por cima das levadas, escalando os declives dos rochedos corriam para Roma, com grande velocidade, outros perigrinos de aspecto terrivel, três bandidos condenados á roda, que acabavam de se evadir da cadeia de Orviêto. Dirijiam se para a Cidade Santa, afim de lhe perderem o rásto

na balburdia dos fiéis e dos eclesiásticos, muito rezolvidos tambem a tentar audaciosos cometimentos á sombra das grandes bazilicas.

Um delés ainda trazia no pé esquerdo a grilheta e alguns anéis da cadeia de ferro. Todos tres apresentavam no rosto vestigios de orriveis ferimentos. Andavam como a fumaça, de cabeça baixa, com á barba frutsa, com os olhos rajados de sangue, semelhantes á animaes ferôzes acoçados por cães, e não se lembravam de cantar.

Como o sol descia já para o poente os três grupos penetraram por tres sitios diversos numa densa floresta, tenebroza e selvagem, que se extendia pelas vertentes da montanha. Pouco tardou que os viandantes não encontrassem caminhos abertos. Barrancos to tuozos e bruscos precipícios, rochas fendidas, mat gões, charcos goulhados de largas folhas amarelas, obrigaram nos a andar ás voltas como num labirinto. As árvores, agora muito juntas, ocultavam lhes o céo; os côrvos grasnavam ironicamente nos ramos mais elevados; os abutres batiam as azas enruvadas no êto dos penhascos e soltavam gritos estridentes e o ven o, cada vês mais rijo, acordava nas profundidades sinistras da floresta, lamentos e quixumes umanos.

Os estudantes deixavam de cantar, os ladrões blasfemavam, os cônegos estrefeciam e pensavam com desespêro no que sucederia á ora da ceia; os mojes oravam e a matilha do patriarca vivava sinistramente. O cardinal, impassivel, contemplava com ativo sorriso o terror dos serviaes.

De repente, na convergencia de tres desfiladeiros, os três bandos uniram se, e, com a fraternidade duma angustia comum, reuniram conselho para combinar o modo como aviam de quebrar a magia da pavoroza floresta.

Tinhã-se sumido os últimos raios do sol e o crepúsculo desdobrava se, como um véo lugubre, por cima da montanha encantada.

Mas ninguém apresentava um parecer atilado.

Neste momento, saiu duma mata de giestas e de silvas um lobo que trotou tranquilamente em direção do cardinal. Um lobo velho, já grisalho, venerando, paternal. Assentou-se sobre a cauda, com ar digno, em frente do principe da Igreja.

O lobo de Gubio! exclamou jovialmente o pequeno teologo. O lobo de frei Francisco! Ah! Reverendissimo senhor, estamos salvos!

Era, com efeito, um lobo bastante singular. Parecia mais manso que um galgo. Trazia uma coleira donde pendiam amuletos, anéis de metaes preciozas e escapularios. Via se grava das, numa placa de ouro um brazão comunal, com as seguintes palavras:

CIVITAS ENGUBIENSIS.

O lobo de Gubio fês festas a toda a gente. Deixou-se acariciar pelos cônegos e pelos estudantes. Como o bandido da grilheta apalpava com demasiada curiosidade o precioso colar, ferrou lhe no braço uma dentada quasi de amigo. Lambeu devotadamente a dextra do arcebispo e, com um signal de cabeça muito amavel, convidou os seus novos amigos á seguir o.

Correram atrás delé. Minutos depois, viam extender-se a seus pés a risonha planicie de Rieti.

O bom do lobo tratava sempre. Dirijia-se para um vale lonjiquo, elevado, ao occidente, entre colinas verdes-jantes, ao pé das mais altas montanhas da Umbria. Por cima das planicies azuladas corriam nuvens, como rendas tenues e doiradas. E de ohoses; pasrou por toda a natureza, como um sôpro melle-groso.

A claridade mortua do dia descobria aqui e acolá mil prodígios. A beira dos mananciaes floriam violetas e pervinças; ao longo dos atalhos jasmins e rosas. Em redor dos hincos carregados de frutos de ôiro zuniam abelhas. Nos verjeis, alvos de bonins, cantavam cigarras. Ao vêr o lobo os animais dos campos saltavam de alegria; um bando de lebres e de cabritos principiou a correr para o vale afastado; do lado do mar voava um bando de andorinhas; um bando de corovias que só gorgeiam, diz S. Boaventura, com um rajo de sol, rodejavam as mais altas regiões do céo. No planície e nas colinas vibrava o reperir dos sinos; cada campanario saudava com a *Alleluia* a noite divina que descia sobre a terra, e á briza repete disseminava exalações de incenso, misturadas com perfumes de jacinto e de açucena.

O lobo corria sempre. Quando a noite se tornou mais escura, circundou-lhe a cabeça uma aureola de fogo. E o velho cardinal, os monges, os clérigos, os cavaleiros e os pagens, os estudantes e os ladrões, arrastados por uma força irresistivel seguiram, em profundo silencio o animal misteriozo.

Os campos iluminaram-se; do fundo dos bosques, das montanhas e do vale saía apressurada uma multidão de peregrinos, jovens e velhos, camponêzes mulheres, soldadões, sacerdotes, pastores, servos, crianças, com lampadas, tochas, braçados de folhagem e cantavam. Os cânticos da planicie, respondiam aos cânticos das alturas. Tudo isto formou em breve uma lampena procição, uma catadupa de luzes e de vozes bemaventuradas.

Na frente corria sempre a aureola de fogo e por cima das cabeças desta turba, iluminada por dês mil fachos, embalada com o ritmo de dês mil cantôres, alçava-se fulgurante a cruz de ôiro do patriarca, supezada pelo diaco no revestido de seda vermelha.

A meia noite chegaram ao termo da jornada. Era uma região adusta, solitaria. Na orla dum vasto prado, á sombra de carvalhos e de painheiros viezós alvejava uma granja; a meio da granja, via se uma manjedoura cheia de palha e sobre éla um ramo de rózas brancas; á direita da manjedoura estava um boi e á esquerda um jumento. Em redor do berço de Jesus uma treanta acendia alguns cirios. De cada lado da porta, ajoelhavam mansobos com ábitos de barô, cingidos por cordas, cabeça descoberta e pés descalços. O lobo de Gubio meteu se familiarmente por meio delés. O cortejo do cardinal parou a alguns passos da granja. Os estudantes e os ladrões entretearam se com os mojes e os pagens.

Os sinos da planicie cantaram então em repiques continuados. Orgãos inviveis entoavam uma *Gloria* triunfal. E de pé, junto do estubulo, Francisco de Assis começou a lêr, em linguagem vulgar, os três Evangelhos do Natal, o Evangelho da meia noite, que indica os destinos do jenero umano, editado por Cezar Augusto, e o pobre albergue onde descansou Jozé com a Virgem, o Evangelho da aurora, que conta a adoração dos pastores á volta do prezepio de Belem; o Evangelho do dia, o Evangelho solene de S. João, affirmção do Verbo que se fês carne para redimir o mundo.

Depois o apóstolo fechou o missal e prégo o nascimento do Salvador. Passeava pelos fieis os seus olhos negros e scintilantes. Falava das dôres humanas e da mansidão de Jesus duma forma tão persuasiva, que á sua palavra faziam côro soluços e exclamações carinhosas. Saiu então do umilde santuário, e, com as mãos estendidas para deitar bênçãos, encaminhou-se para a multidão. Percorreu lentamente os grupos do povo, a quem consolava com sorrisos. Aos orfãos prometia o apoio do Padre que está nos céos; aos servos semi nus das comuns e das baronias, infiltrava esperança, que é meia liberdade. Acercou-se por fim dos viandantes desconhecidos que o acaso reunira, na véspera, na florésta maldita e exclamou:

— A' aqui ômens rapazes, com as mãos manchadas de sangue, que venham a mim; eu lhes ensinarei a do cura e o sacrificio.

Os três bandidos levantaram-se.

— Ide, lhes recomendou o santo, ide para o meio dos meus filhos. Dóra ávante vivereis de caridade.

— Se á entre vós, ômens de pouca fé e voluptuosos, que venham a mim; purifical-os ei e mostrar-lhes ei Deus face a face.

Os três estudantes prostraram-se a seus pés e beijaram-lhe chorando a fimbria do ábito.

— Ide, aconselhou, ide juntar-vos ás minhas ovelhas mais amadas, a João de Verma e a frei Leão, e as vossas serão santificadas.

O soberbo patriarca, sentiu-se, por sua vés, dominado pelo mendicante de Assis.

Apeou se, dirigiu se a Francisco e abraçou-o com grande ternura.

— E vós, meu senhor, meu padre, disse o santo, continuai a caminho de Roma onde o papa Innocencio re liza o seu ultimo concilio, porque os seus dias estão contados e não verá outra noite de Natal. Dizei ao Padre Santo, em nome de Jesus Cristo, que cesse de castigar, a ferro e a fogo, ovelhas desgarradas do seu rebanho e que a misericórdia é para a Igreja o melhor mais seguro da eternidade.

Abençoou, mais uma vés, com amor a multidão, que se dispersou pelos campos, e ouviu-se um concerto aereo, o frémito das árpas e os acordes das flautas celestiais que faziam resoar pela terra o éco dulcíssimo do paraizo.

Emile Gebhart.

S. CRISTÓVÃO

No céo negro não se via uma estrela! Podia lá andar ninguém por os caminhos com um temporal assim!

Fechou a pórtia, e o vento, que uivava fóra, pôs-se a soprar baixinho pelas fendas. O fogo brilhou com maior força, levantando-se em linguas socegadas a rir, enchendo de reflexos de ouro as folhas secas que forravam a cabana.

S. Cristóvão estendeu-se ao pé do lume. Da panela ao fogo saía um fumo branco a cheirar bem a ervas.

Tudo o dia cheio de trabalho! Bem podia dormir a noite a sono sóto.

Como o vento andava bravo fóra! Levantou-se. Parecera-lhe ouvir chorar. A' porta rapávão. Algum cão perdido, coitadinho! Foi abrir. O vento entrou e quazi apagou o lume. A' porta chorava um menino, os pés nus, uma ponta do manto puxada sobre o peito, a outra molhada, arrastando pelo chão.

O Santo fê-lo entrar depresso, quis despi-lo para lhe enxugar o fato, e foi buscar a sua capa gróssa para o embrulhar.

Quando voltou, o menino comia do seu pão; e o Santo foi depresso buscar a ceia que fervia ao lume. O menino pôs se a comer, dizendo que tinha pressa de atravessar o rio para ir ter com a mãe que o tinha perdido...

E o Santo ficava-se a vê-lo contente, sem comer. Era a primeira criança que se ria para êle. Se até os grandes tinham medo dêle...

Que Cristóvão era um santo muito grande. Não avia no mundo gigante tão alto. Para se encostar tinha de arrancar um pinheiro grande. Todos fugiam dêle, e viéra por isso para ali.

— P'ra quê? perguntava o menino — Passar gente para o outro lado do rio. Antigamente ouvéra uma ponte; mas as cheias tinham-na deitado abaixo. Tantas véses isso acontecera, que se cançáram de a construir; e, nos tempos de chuva, avia sempre desgraças na pobre jente que por all fazia o seu caminho. Eu vim então para cá. Por muita agua que leve o rio não pôde chegar-me á cintura; os pés, apesar da idade, agarram-se como raízes ao fundo, e os braços podem com sete ômens fortes.

— Anda passar me já, disse o menino!

E levantou-se muito depresso, a mão segurando contra o coração o que levava escondido no manto.

O que seria que o menino guardava com tanto cuidado e não mostrava?

O Santo pegou lhe ao côlo e abriu a porta.

O vento apagou o fogo. Não se via onde se punham os pés.

Como o menino pezava! Podia lá sêr! Êle é que estava cançado e entorpecido do fogo. A agua ia fria como as cóbras. Nunca lhe custára tanto a levar ninguém! O menino era pezado como chumbo!

E o menino ria se de cima dos ombros dêle, e fazia o debruçar sobre o rio para lhe apanhar arbustos que passavam arrastados pela água.

O Santo ia andando devagar, e o menino continuava a rir-se de êle ser tão fraco que nem com uma criança tão pequenina podia e dizia lhe que tinha pressa, que a mãe estava á es péra...

— O que fizera êle aos braços que podiam com sete ômens?

E o Santo pedia perdão a Deus da sua sobérba, e chorava de se vêr assim fraco por seu castigo. Como poderia êle continuar a passar gente e arranjar assim o perdão dos seus pecados?

Já perto da margem avistou um grupo. Quem seria aquelas óras? E êle tão fraco que nem podia com uma criança!

— Lá estão á minha espéra! disse o menino.

Chegavam. Desfê-se na margem o grupo, e o menino saltou para os braços do que chegou primeiro.

Eram anjos os que esperávão, sa cudiendo a chuva das suas azas brancas.

O menino sorriu, afastando o manto, e deixou vêr encostado ao peito o mundo azul cravejado destrêlas.

— O mundo! Por isso êle pezava tanto! Passára ás costas o Salvador do mundo!

Deixou se cair de joelhos sobre o chão.

O vento socejava. Rompia a manhã. Toda a noite levára o Santo a passar o rio!

O Menino chamou-o pelo nome, e S. Cristóvão, erguendo os olhos, viu-o debruçado sobre êle estendendo lhe a carinha para um beijo.

Beijou-o cheio de amor, e Êle foi se no regaço dos anjos que voarão pelo céo fóra.

Na margem, de joelhos, ficava S. Cristóvão.

Ao lume d'água, vinha ao longe, a boiar, o sol.

T. C.

JEZUS

Não lhe cozeram neblinas os seus nevados lençóis! Nem lhe bordaram roupas, com aureas firmas, os soes!

Não lhe ofertaram toalhas princezas, ou rainha loura! — Por enxoval—teve as palhas! — Por berço—uma manjedoura.

Gomes Leal.

Nossa Senhora dos Ladrões

Depois do incendio, a cathedral ficou em ruinas... Era em vés de brocado... As lividas aranhas Fazem teias nas mãos das santas bizantinas...

No mozaico do chão medram plantas estranhas, Frias plantas d'abismo... A umidade sombria Veste de bulor verde as colunas e as peanhas.

Em frente dum vitral, uma Virgem Maria, Cansada e lirial como um luar dagosto, Com soluços acorda aquêla ruinaria...

De estar sempre a chorar, tem dois sulcos no rosto, Parece tísica, a morrer, a esmorecer, E o seu olhar é um sino pálido, ao sol posto...

Sete espadas cruéis dão-lhe um cruel sofrer, Sem pedras, seus aneis conservam só o engaste, Sua bôca de flôr diz assim, a tremer:

— « Meu filho, meu Jezus, porque é que me deixaste « Nesta ruína sem lús, onde tudo apavora, « Onde a lua é um fantasma e onde o sol é um contraste? »

« Meu vestido de lhama é um farrapo agora, « Sem gemas, minha c'roa é uma lua a apagar-se, « E minha boca, vê! um astro que descóra... »

« Já ninguém a meus pés vem umilde ajoelhar-se, « Círios, ninguém m'os trás, e doces orações « Só tenho as dos ladrões que aqui veem acoiatar-se. »

« Ninguém me vem pedir amor, consolações, « Balsamo e pás para os febris desasocegos, « Sou agora, meu filho! a Virgem dos Ladrões! »

« A' força de chorar, sinto os meus olhos cegos... « Eu que o refugio fui das almas soluçantes, « Agora sou aqui refugio dos morcegos... »

« Que mizéria! E que lindo altar que eu tinha d'antes! « Ah!... os orgãos, o incenso, a mirra e o rosmaninho « E os cibórios a arder, com olhos de diamantes! »

« Uma coruja fez em meus braços um ninho... « Amei-a (as c'rujas são aves bem desgraçadas!) « E em meus braços criei-lhe as filhas com carinho... »

« Mas a c'ruja, uma vés, vendo as filhas creadas, « Fugiu com elas... Ai! todos fogem de mim, « Só não fogem de mim estas finas espadas! »

« Jesus! meu bom Jesus! meu Jesus de marfim! « Tem dó de tua mãe! Repára, vê: meus pra'itos « São rosários de dor; cada conta é um rubim! »

« Tira-me, ó filho meu, dêste abismo de espantos « E leva-me p'ra onde, em vés de chuva e vento, « A'ja incenso, jasmims, turibulos e centos! »

« Tem dó de tua mãe! tem dó do meu tormento! « A'! leva-me daqui!... Porque é que não me abrigas, « Tu que eras doce como um perfumado unguento? »

« Mas se é escrito que eu fique aqui, entre as urtigas, « Dá-me ao menos, que eu estou, meu filho, a tiritar, « Dá-me um manto! êste meu é como os das mendigas... »

« E dá-me aneis tambem, e uns brincos e um colar, « Que os ladrões, muita vez, tem fome, coitadinhos! « E não veem ninguém a quem possam roubar... »

« E dá-me flor's! Em vés de lhamas e de arminhos, « Dá-me lírios nupciaes, miozotis cor do céo, « E rosas de tocar e a flôr azul dos linhos! »

Assim Êla falou... mas ninguém respondeu... Silencio... tudo em pás... a noite é negra e fria... E Jezus? é um ingrato? ou dorme? ou já morreu?

E a noite é triste como a alma de Maria! Voam morcegos, e, melancólicamente, Passam fantasmas nos abismos da arcaria...

Mas subito! o luar rompe, divinamente, E, enchendo-se de cor no vitral de mil cores Bate na Virgem-Mãe, miraculozamente;

Bate-lhe em cheio e põe-lhe aos pés cestos de flores, Transforma em lhama astral seu cinto e manto antigos, Dá-lhe brincos e aneis de fulvos resplendores!

Da Virgem-Mãe nos olhos leaes, leaes abrigos, Canta a lhusão! E eil-a a clamar entre grinaldas: — « O' ladrões, ó ladrões, meus únicos amigos,

« Vinde, vinde roubar meus aneis de esmeraldas! »

(Sagramor).

Eugenio de Castro,

NO CÉO

PROZA DECORATIVA

Ao filho mais velho dos meus amigos Manoel Gaspar de Lemos e D. Leonôr de Barros.

Quando soubêres lér este conto, talvez eu tenha já desaparecido dêste mundo, mas ade andar ainda em tua caça, viva a minha memória na saudade de teus pais.

Lembrar-te-ás então dum velho, a quem tua mãe e teu pai sempre fazião boa cara, e das noites em que tu paravas de brincar, e ficavas a olhar para nós tôdos, a vêr se nos entendias, com as sobrancelhas franzidas, o teu olhar preto parado, e acabavas a rir tambem, e a dizer alto o meu nome, que a tua linguagem infantil altera tão lindamente, a mostrar que bem sabias que era eu a cauza daquêla alegria.

Ficávamos todos a rir e só parávamos quando tua irmã, mais pequenina, começava a chorar por nos termos esquecido de brincar com ela.

Quando soubêres lér, teus pais te contarão como eu me lembrei de ti num dia em me no mundo, ninguém tinha palapalavras de festa senão para outro menino, e te ensinarão que grande amigo teu era o

QUIM.

Nunca na loja, onde S. Pedro guardava as portas do céo, se vira tanta gente, como naquêla noite de Natal.

E' que era já tarde, ninguém sabia de Jezus, e Nossa Senhora andava num grande cuidado que bem quizera disfarçar; mas que não tinha escapado aos outros santos.

Por isso a deixáram sózinha com os anjos, que cantávão mais docemente do que nunca para lhe espantar cuidados, e tinham vindo para a porta do céo, a vêr qual era o primeiro que avistava Jezus para ir dar-lhe logo, a corrêr, a boa nova.

S. Pedro não estava menos rabujento do que de costume, apesar da companhia.

Ordinariamente, deixávamos-no para ali sózinho, sem se importárem com as suas questões com as almas, que queriam entrar á viva força.

A única companhia, que tinha sempre, era a dos cães de Santo Umberto, o grande caçador e dos mais que acompanháram para o céo os donos bons.

Mas, nêssa noite, até os cães andávão inquietos; porque, de muito olhar os olhos, aprendeu a alma dos cães a conhecêr as canceiras dos ômens, e bem tinham percebido os cães que os dônos tinham coisa que lhes desse grande cuidado.

O cão de S. Bernardo debalde procurára chamar a atenção do Santo, seu senhor, esfregando a cabeça pelo corpo dêle, sacudindo a cauda pratinada, manchada de pelos, em que parecia corrêr fios do mel dourado que as abêlhas tirão das flôres simples do monte.

Não o via o santo.

Em vão, agitava num movimento vagaroso a cauda, que inchava ao vento, como um leque de penas, no gesto de alegria que tinha ao ver a fôrta a néve em que se criára.

S. Bernardo, que não conseguira avistar Jezus, apesar de ter a vista abituada a descobrir os viajantes perdidos em noites de neve, fechára outra vês a porta e deixára sem uma carícia o cão, que fôrta deitar-se longe do fôgo, o corpo a arquejar sobre as lajes frias, a cabeça muito estendida entre as patas direitas, a olhar para o dono á espreita de uma carícia que o chamasse.

O cão de S. Domingos, aquêlê cão pequenino e tão inteligente, que enten dia tudo o que se lhe dizia, e que até parecia falar quando ladrava, sentára-se a um canto muito desconfiado, e, de vês em quando, punha-se a rosnar e a ladrar baixinho, a mostrar que não estava contente por não olharem para êle, nem lhe fazêrem as festas do costume.

Os grandes cães de guarda, que acompanhavam sempre S. Roque, e que não eram bem amigos de ninguém, no céu, senão dêle, seguiam-no devagar, recezozos, e a qualquer gesto de impaciência dêle encolhiam o corpo, deixavam cair os quadris e baixavam a cabeça, enrugando a têsta, como se esperassem a todo o momento que os castigasse o dono, desconfiados, como estavam, de que tivêsem culpa, sem saber, da inquietação que andava á vista no olhar do Santo.

Os cães de caça conheciam no olhar de S. Umberto a mesma preocupação que lhe tinham visto, naquêla tarde em que êle ia a disparar o seu arco sobre um viado que lhe apparecêra de repente, á beira dum lago, entre duas arvores antigas.

Nunca animal mais bello fizêra bater apressado o coração dum caçador de rapça; mas ficára-se parado S. Umberto ao vêr-lhe erguida sobre a cabeça uma crúz a arder.

Não avia já claridade no céu; ainda não apparecêra a primeira estêlla, e o lago resplandecia todo dourado, como se se tivêsse levantado já outra vês o sol.

E os cães nunca esquecerão a luz, que virão apparecer então no olhar de S. Umberto.

Andávão atrás dêle, como naquêla noite em que o acompanháram tristes ao castêlo, depois de um dia de caça tão alegre.

Por isso S. Pedro não estava nada satisfeito; porque, apesar de aver tanto santo na sua loja naquêla noite de Natal, nem os cães tinha com quem falar.

Não se ouvia senão o ruído dos passos dos santos, soando frio como gotas d'agoa que caissem sobre o lãjêdo.

E os santos olhávão inquietos ora para a porta guardada por S. Pedro, ora para a que abria para dentro, para o céu, e onde appareceu de repente, sem ninguem lhe ter ouvido os passos, como uma vizão, Nossa Senhora.

Quem olhasse para êla naquêla noite via logo que êra aquêla a rainha dos anjos.

O seu corpo, a andar, lembrava, sem ninguem saber dizer porque, a elegancia delicada dos lirios brincando com o vento perfumado da primavera.

O braço esquerdo dobrado prendia o manto contra o corpo, no jeito, que lhe ficára para sempre, de trazer ao côlo Jezus, quando menino, graça delicada que só tem as mães, que amamentam os filhos com o leite que Deus lhes deu para os criarem.

Olhou para todos com um sorriso

triste e foi direita ao fogão, como se tivesse descido á loja de S. Pedro para se aquêcer.

No silencio ouvia-se apênas o crepitar da lenha a arder.

De repente, o cão pequenino de S. Domingos foi a corrêr para a porta e voltou aos saltos, torcendo o corpo pelo ar, como as voltas que dá tóra d'agua a taíuha antes de cair na esteira e que tanto alegram os olhos dos pescadôres por se lembrarem que têm certo o sustento dos filhos.

E voltou outra vês para a porta a correr.

Todos os cães abandonáram os dônos e foram com êle.

Ouvia-se a cauda do cão grande de S. Roque bater alegremente, num movimento forte contra a porta do céu.

Até êsse!

Era Êle. Não avia duvida.

S. Pedro abriu de par em par a porta, coisa que nunca lhe acontecêra, na sua vida, e no fundo escuro da noite, viu-se a sorrir alegremente Jezus coberto de néve.

Mãe encarou com a mãe, viu logo o cuidado que lhe dêra, e veio beijá-la, a falar muito deprêssa no que fizêra, a rir muito para a fazer rir tambem.

Nossa Senhora deixava-se beijar, apalpou-lhe as mãos roxas do frio como os lilazes na primavera, e disse-lhe carinhosamente:

— Vens frio como a neve!

E levou o para o fogão, onde se sentou.

Jezus enroscou-se-lhe aos pés, encostou a cabeça no regaço do mãe que lhe conservava prêzas nas dêla as suas mãos e pôs-se a contar as desgraças que viêra consolar ao mundo.

Os santos segurávam os cães que não queriam senão fazer festas a Jezus. Pouco a pouco, a sua vós foi diminuindo e acabou como um suspiro.

Tinha adormecido.

Nossa Senhora debruçou-se, com jeito para o não acordar e cobriu com a tunica os pés que Jezus deixára descobertos.

Olhou carinhosamente Jezus, que continuava a dormir, e começou falando tristemente:

— Foi sempre assim! Andou sempre á procura de desgraças para consolar, sempre a confiar em todos.

Quando entrou em Jeruzalem recebeu as palmas dos meninos como se lhas mandasse o Imperador. As mães riam-se para êle porque era o mais bonito de todos os meninos.

La como se fosse em triumpho, direito no jumento tão contente como se fosse num cavallo de rapça, com arreios dourado e pedras preciosas.

E ia em pêlo num jumento tão pequenino que nunca fôrta montado por ninguem.

Nossa Senhora levantou o braço e estendeu a mão alva a puxar para trás uma medeixa dos seus cabelos loiros que caíra sobre a bôca de Jezus, da sua cabeça debruçada sobre a dêla a tirá-lhe a luz para que dormisse melhor.

Olhou-o com carinho e depois voltou-se para os santos a rir.

— Eu agora rio-me; mas então chorei muito.

Quando dei que o tinha perdido, deixei S. Jozê sózinho no meio do caminho para o ir procurar pelas ruas.

Já desesperára de o tornar a encontrar, quando uma mulher, que me ouviu estar a dar os sinais dêle a um guarda, me disse que estava no templo a discutir com os doutôres, e que êla mesmo ficára a ouvi-lo e só saíra quando êle se puzêra a falar dos devêres das mães, por se lembrar que deixára ficar fechados em casa os filhos para buscar a agua preciza no seu lar.

Eu fui. Os doutores ouvião no e, quando não tinham que lhe responder, abanavão a cabeça e sorrião.

Quando saímos todos o aplaudiam e todas as mães me invejavão.

Mas taes voltas dêrão depois ao pôvo que começáram a dizer que êle era contra a lei e contra o imperador e condenáram-no como um grande criminozo.

Dêrão-lhe a crúz mais pezada, e pregáram depois com grandes prêgos, como se fosse um ômem forte e perigôzo, a êle que fugiria deante de uma creança má, que quizesse bater-lhe com uma flor.

Que vai êle fazer ao mundo, se na terra nunca mais teve um amigo desde que morreu.

Nossa Senhora que olhava para os santos sentiu que Jezus lhe apertava a mão, voltou-se e viu os seus olhos parados, como a adverti-la de que não continuasse a falar.

Olhou em volta e deu com S. Francisco de Assis que sorria.

— A! Eras tu!... Tu não...

E ficou-se enleada sem atinar com as palavras.

Jezus pôs-se a rir para S. Francisco.

E' que não avia maiores amigos, apesar de Jezus ter já voltado para o céu, quando S. Francisco apparecêra sobre a terra.

Fôrta êle até que se lembrára de fazer o primeiro presépio no mundo para festejar o nascimento de Jezus.

E avia de ser logo naquêla noite que êla magoára, sem querer, o companheiro mais querido de seu filho!

No céu, como na terra, cada um anda com as suas afeições, mas não avia no céu grupo de santos que os outros gostassem tanto de encontrar como o de Jezus e S. Francisco.

Era dia de alegria encontrar Santa Ursula e as companheiras; porque não avia no céu rancho de santas tão novas, tão formozas e de tão gentil do naire.

Santa Justa e Santa Rufina, as boas padroeiras dos que passam na terra a vida a trabalhar o barro, tinham sem pre uma palavra para todos, mesmo para os santos mais umildes.

Quando encontrávão num caminho do céu o licorne e viam brilhar sobre a sua cabeça a espada de luz todos olhavam para ver quando apparecêra Santa Liberata e a irmã, porque todos gostavam muito de as vêr.

Quando passavam S. Lucio e Santa Bona todos sorriam mas ninguem lhes falava porque êles conversavam sempre no tom de dôce intimidade que na terra lhes valera o nome de os bem caçados.

S. Cosme e S. Damião eram muito respeitâdos, mas quando passavam falando gravemente, todos se calavam para os não interromper em suas medicinas.

Só quando apparecia Jezus com S. Francisco todos se chegávão para êles, mesmo os santos mais pequeninos.

E quando êles se vão, ficávão ainda a falar dêles; porque cada santo tinha uma história bôa dêles para contar.

S. Francisco era um santo novo, de olhar escuro e ardente, a face dourada, como o âmbar, os lábios sempre a sorrir ingênuos e vermelhos, como os dos meninos quando umedecidos ainda por uma gôta de leite materno.

Fôrta sempre muito alegre, e nunca ouve banquete em que não fôsse coroado rei da mocidade.

um olhar tão grave, que lhe perguntáram os companheiros se se ia cazar.

Fôrta dêse então que êle começára a amar, como irmãos, os animais umildes, que intendiã tudo quanto êle lhes dizia, quando tinha tempo de falar com êles.

Nunca perdêra o jeito de rir e não gostava de vêr quem não mostrasse aos outros um rosto alegre.

Um dia que encontrou sózinho um discipulo, que andava sempre triste, disse-lhe entre alegre e repreensivo:

— Irmão, porque andas tu com uma cara tão triste? Cometeste algum peccado. Isso é só contigo e com Deus. Vai rezar.

Mas deante de mim e de teus irmãos, trás sempre uma cara de santa alegria; porque não convém mostrar cara de enfado e mau umôr quando se está ao serviço de Deus.

Morreu a sorrir como vivêra.

Se até ás avezinhas do céu falava como se fossem creaturas de Deus.

Contam histórias, de que se fizerão na terra livros grandes, que um dia ao recolher a caza parára a ouvir a childeada, que fazião numa tília grande os passaros que, ao crepusculo se tinham recolhido ali para dormir.

Parou e lembrou-se então de que nunca falára ás avezinhas.

Começou a prêgar e êlas descêram todas da arvore para o chão a ouvi-lo.

S. Francisco, que se animára a falar, passára sem querer, e ás avezinhas afastávão-se para o deixar passar; porque S. Francisco era capáz de fazer uma grande volta para não incomodar um passarinho.

Quem viu disse depois que nunca S. Francisco fôrta ouvido com tanta atenção e tanto respeito pelos omens e cantava que os passarinhos estavam todos de azas descidas, a cabecinha de lado, o olho preto e redondo voltado para o santo, o bico aberto, muito admirâdos daquêlas palavras novas.

Quando acabou de prêgar, S. Francisco ergueu a mão e abençoou as aves que se levantarão então e voárão, traçando pelo céu fôrta a mesma crúz cam que o santo as abençoára sobre a terra, indo cantar aos quatro ventos a glória do Senhor.

Todos sabião no céu histórias dêstas e avia mais dum santo pequenino que não podia dormir sem ouvir alguma.

E fôrta logo um santo assim, tão amigo do filho, que Nossa Senhora magoára sem querer...

Por isso foi para o pé dêle e pôs-se a caminhar a seu lado; porque começava o dia de Natal e já se ouvião as árpas e as vozes dos anjos cantando glória a Deus nos ceus.

Jezus deixou se ficar para trás, olhou para S. Pedro, que estava de olhos fechados, abriu devagarinho a porta, e debruçou-se sobre a terra.

S. Pedro sorriu.

Jezus debruçou-se mais, voltou o ouvido para escutar, e ergueu se socgado fechando devagarinho a porta.

O seu rosto resplandecia na glória de alegria.

Da terra não subia um grito de dôr.

E' que á muito tempo, numa noite como aquêla, descêra êle sobre a terra para levar a pás aos omens.

Uma lá da minha aldeia,
Que era muito impertinente,
Muito má (e muito feia)
Morre um dia de repente.

Morreu, desgraçadamente
Mais tarde do que devia;
Mas em suma toda a gente
Teve a maior alegria.

Passados annos (é bom!)
Foi-lhe preçizo ao covaiço
Abrir a cova, e achou-se
Ainda de corpo inteiro.

Ainda rozas na face,
Ainda sinais de vida;
Milagrel coisa sabida;
Pois mais fresca que uma alfaca!

A tanto tempo enterrada,
Devendo estar reduzida,
A pó, terra, cinza e nada;
E a pô-lhe numa capêla!

Vem dar parte, e corre a vê-la
O povo atrás da prior;
E passam logo a traze-la,
Em clima do seu andôr!

E a pô-lhe numa capêla
De grande veneração;
(Eles ás costas com êla,
E êle a cantar canto-ehião)

Mas seja lá o que for,
O que é certo é mais que certo
E que santa como aquêla
E nem de mais devoção,

Não á por ali tão perto.
E dizem que não á santos
Como nos tempos passados!
E cá opinião minha

Que muitos (quantos e quantos)
Que ai morrem desprezados,
Senão são canonizados
E que está cheia a Folha!

João de Deus.

Natal em Coimbra

(1860)
Foi em dezembro de 1860. Estavam em Pombal, encarregados das expropriações do caminho de ferro «Salamanca» os engenheiros Augusto Machado de Faria e Meis, Lourenço de Carvalho, esse grande vulto que a morte tão cedo arrebatou, Francisco Gomes, e quem estas linhas escreves; cuja sciencia se resumia no profundo conhecimento da pantometria e bandeirinhas!

Viviamos todos em bôa e leal camaradagem, no palácio onde em 1782 Sebastião Jozê de Carvalho exalou o último suspiro. A noite ia alta. Lourenço de Carvalho cabeceava na grande cadeira de docel, onde, durante o exilio descancara o enorme ministro. Augusto Machado e Francisco Gomes faziam a sua co-tumada paciencia; eu, lia socgado mente o quadro historico *A Tomada de Lisboa*.

— Tens por aí algum livro que fale sobre Coimbra? — perguntou F. Gomes.

— Tenho. Queres saber a quanto estão as arrufadas.

— Que graça! Não me é dado ler alguma coisa sobre Coimbra?

— Chama-lhe antes *Comimbriç*, como o autor da *Espanha Sagrada*.

— Uma ideia! interrompeu A. Machado, quem quer vocês lá ir passar a noite do Natal?

Valeu! berrou o Gomes entusiasticamente.

No entretanto, despertava o Lourenço de Carvalho, o Lourençinho como todos lhe chamavamos, e levantando se, fitou-nos através do seu monóculo com esse olhar vivo e penetrante que tanto o caracterizava.

— Planeamos um passeio a Coimbra, acompanha? — perguntou António Machado.

— Da melhor vontade. Já que fomos á dois dias os eróis de Pombal, justo e proficuo será para a história, que essa cidade nos conheça. Mas, onde o Correia das Neves, o Nestor dessa odisseia?

Lourenço de Carvalho referia se á inundação que dois dias antes se dera na villa de Pombal, onde a cheia, em algumas ruas, atingiu á altura dos primeiros andares, e onde o Correia das

ESCRITURA SAGRADA

A Escritura Sagrada
Lá dis que uma mulher má
Não á fera, não á nada
Peor no mundo: é não á.

Neves foi o principal eroe. As scenas dessa inundação merecem as onras desta verídica história!

Erão onze horas da manhã. Chovia a torrentes quando vinhamos das obras das Ferrarias, uma linda vivenda do visconde de Almeida, para onde iam abitar. Todos a cavallo; Augusto Machado, na frente como o Gomes e o dr. Correia das Neves, e eu com o Lourenço de Carvalho, seguindo-os de perto.

A uma distancia de cincoenta ou sessenta metros da Ponte de Arouca, notámos um certo movimento no largo de N. S. do Cardal. Mulheres sobraçando crianças, corriam ofegantes, para as bandas da igreja; magotes de ganhões que iam para a feira dos — 12 — atropelavam-se como energúmenos.

— Que será isto? — perguntei ao Lourenço de Carvalho que algum lance imprevisito está para acontecer, disse-me o segundo palito que o dr. Correia das Neves acaba de introduzir nos dentes, repara, e indiquei o dr. ao Lourenço.

Correia das Neves exultando as horas da comida, acompanhava-o sem pre um palito, palito enorme, introduzido entre os dentes. Dormia com elle na boca, e ouve quem affirmasse que se lavava com elle na boca. Quanto a isso não o posso asseverar porque durante três meses que dormimos no mesmo quarto — *nunquam baptisabat se in fonte aquae!* Levantava-se, vestia-se, penteava-se, punha o chapéu na cabeça e ia tomar o fresco cantarolando sempre:

*Qual piuma al vento...
La dona é mobile*

únicos versos que logrei ouvir-lhe, desde o dia em que tive a onra de lhe ser aprendizado, até á hora dolorosa que nos despedimos, elle, para seguir á terra da sua naturalidade, eu, para correr mundo em busca de melhor fortuna.

Quando o dr. montava a cavallo e se collocava com o busto firme e equilibrado na sua almanaxtra, reideas *lomas* e a egua pronta a bem meter o bico, então o inclito leijista, introduzia o polegar e o apontador no bolso do colete, e, tirando de dentro d'elle cinco ou seis palitos, escolhia o mais forte para substituir aquelle que lhe abitará entre os dentes durante as longas horas do seu calmo repouzo.

Se a jornada era agradável, e o sol brilhando, o irriava duma lús viva e consoladora; se a egua chegava ao termo da sua parajem, dando-lhe apenas cinco ou seis *ternos* sem que de todo ajeitasse, então o palito conservava-se-lhe entre os dentes, lizo, inteiro, capaz de ser aproveitado para outra dentadura; mas se pelo contrario, a jornada lhe ia semeada de estorvos, tendo de atravessar ribeiras, transpor valados, trepar a eminencias, descer por desfiladeiros, então o palito era mordido, reduzido a pincel, e por último, substituído por outro. Foi o que me levou a supor que se deira algum caso, grave, que a suguda intuição advinhara.

Foi-lhe fiel o seu apuradissimo fardo Pombal estava inundado! Quando chegámos a ponte, a agua dava aos cavallos pelos curvilhões! Crescia o pânico; mulheres amarguradas fugiam para os lados da igreja de Nossa Senhora do Cardal que a agua parecia respeitar. A confusão e o terror aniquilavam aquella pobre gente!

— Vamos lá? gritou Augusto Machado, voltando-se para nós ao mesmo tempo que se apeava.

Seguimos-lhe o exemplo. Quando procuramos pelo dr. Correia das Neves, já ele tinha saltado da egua, para se collocar de pé sobre um dos pilares do ponte, firme e imóvel como uma estatua e... com dois palitos na boca! dois!!

Para atravessar a corrente e passarmos para a vila, foi necessário recorrer a uns cajados que nos emprestaram uns lavradores de Albergaria.

Apezar da tristeza da situação, quando voltámos o rosto, e que vimos o doutor de pé, sobre a ponte, não nos pudémos furtar a uma gargalhada. O Lourenço, assestando o monóculo, chamava-o em altos gritos, e elle firme, impassível, com os dois palitos saídos dos lábios, como duas prêzas de javali!

Nas ruas que vinham desembocar á praça, já a agua dava pelo peito aos que fugiam na direção da igreja!

Despimos os cazacos. Para quê? ignoro-o, mas nós que o fizemos, por

algun motivo foi. Quanto a mim, tirei também o colête e espetando tudo num pau, ergui-o á altura dum primeiro andar onde a roupa me foi recebida por uma respeitavel senhora de quem mais tarde recebi inumeras finêzas.

Nêste momento, apreceu-me um individuo com os cabelos em dezordem, trêmulo, com o olhar tórvo e desvairado a pedir que lhe salvassem a sua filhinha e indicando ao mesmo tempo a casa onde morava.

Inclinei-me para, nadando, chegar mais depressa ao local designado, porém as botas de montar, impediam-me os movimentos dos membros locomotores.

Trepando a custo para uma das árvores que estavam junto ao mi'agrôzo forno, quasi como Absalão suspenso pelos cabelos, escarranchei-me numa das braçadas e descollei a custa as botas. Mais felis de que o filho de David, desci da árvore, e deitando-me á agua pude nadar desembaraçadamente para o local que o pobre me designara. O susto e a mortificação da sua alma tinham exajerado o perigo. Algum avia, seja dito, porém, dêsse já A. Machado e Lourenço de Carvalho a tinham retirado. Salva por êsses dois *omens das botas*, aquella criança por quem eu me pozeria em ceroulas para salvar!

Fui aos ares? não: desci ás aguas e mergulhei, mergulhei de raiva! Podia ter sido um benemérito. Cheguei tarde! e porque? porque encontrei no meu trajeto uma alma compadecida que me ofereceu um frasco de jênêbra, e demorei-me a beber dois ou três goles para me animar. Sem isso teria chegado a horas, salvaria essa criança e contaria-se-ia mais um eroe na minha familia.

Neste momento pareceu-me ouvir uma voz flita para as bandas dum botequim, que estava em frente do correio. Nadei para elle e entrei; estava completamente inundado; a agua dava-me pela cintura.

O balcão dividia a casa em dois quartos. A um canto, um pequeno armário de vidros guardava varias garrafas. Tirei uma acazo; era de jênêbra.

Ao terceiro gole, senti como que um jemido. Fixei a vista no quarto interior e apercebi a custo, sobre uma banca, involtas numa saia branca, umas formas humanas! Era uma velhinha, que de jêlhos me pedia que a socorresse. Aproximei-me da mízera e, para a animar obriguei a a tomar um copo de jênêbra, tomando eu dois para mais me fortificar no caridozo intento de lhe salvar a vida.

Pegando na velhinha coloquei a ás minhas *cavalitas*. Nunca braços de mulher amante e amada, me estreitaram com mais ardor!

Eu que sempre fantasiara salvar ás chamas uma donzela de dezoito primaveras, sentindo-lhe palpitar o coração de encoitro ao meu, e seguir com ella oculo na nuvem dos seus cabelos esparsos, fugir com uma velha de setenta invernos, ás *cabritas*, sem coração para palpitar, sem cabelos que se distendessem sobre a minha frente e na perspetiva dum vômito de jênêbra, manchando-me a face, as minhas grandes barbas, e as minhas grandes iluzões!

Saindo a custo do botequim com o meu *precioso fardo*, transpuz a rua em que a agua me dava pela cintura dirijindo-me á praça onde a cheia já avia decrescido. Foi assim, com a velha ás *cabritas* que encontrei os meus, já para mim *soltozos* companheiros, dirijindo-se para uma local onde estava alguém em perigo:

Acompanhava os distinctos enjenheiros, F. Maria de Carvalho, o pai da criança que os meus amigos haviam salvado.

O que nêste encontro se passou não á pena que o descreva!

Ofereci-lhes para que bebessem de um frasco que tinha trazido do botequim, caso encontrasse algum resfriado, e rejeitáram, rejeitáram indignos! Séja se bom, caritativo...

Ferido por essa recusa, atrei-lhes com a velha á cara, e segui para outra rua onde a cheia não decrescera, nadando para as bandas do correio.

Não os volvi a vêr senão ás quatro horas da tarde, em frente da igreja de N. S. do Cardal, em companhia das pessoas mais importantes da vila. A uma distancia de dês metros, separado duns companheiros, montado na sua egua baia, triste, como envergonhado, o dr. Correia das Neves, com os dois palitos na boca, exhibia-se ali, no centro dessa praça como o cartás da sua própria desonra.

A jênêbra que nêste dia bebêra, e o hábito constante dos banhos frios, permitiram-me que me conservasse perto de quatro horas dentro de agua, chapinhando por uma rua, nadando por outra sem que o corpo me resfriasse.

Se o meu cavallo dócil e bem amestrado como estava, veio metêr-se sob mim, se fui eu que lhe saltei para a sela, nunca pude destrinçar; sei que me encontrei também em frente da igreja do Cardal, corretamente montado, busto nũ, membros locomotores em ceroulas, estribando de piúgas, e o cobreão traçado em volta da cintura!

Ao vêr-me, Correia das Neves aproximou-se.

O auditorio comentava as peripécias da catástrofe.

Augusto Machado e Lourenço de Carvalho, já enchutos e elegantemente vestidos, fuzilavam-me olhares esmagadores! A incorrecção do traje desluzira-me a eroicidade!

Segundo as suas opiniões, estava irremediavelmente perdido por o concheito Pombalino e para a sciencia! A Europa assombrosa expulsaria o meu nome da lista dos seus grandes enjenheiros! Adeus glória, adeuzinho posteridade!

O dr. Correia das Neves que nunca perdia ensejo para assombrar os auditórios com as joias da sua verbozidade, cravou os acicates nos ilheis da egua e aproximou-se num *travadinho* curto, do grupo em discussão.

Istoriando os esforços que fizera para entrar na vila, esforços inúteis que o iam vitimando, declarou que tudo tinha visto, e que estava pronto a asseverar que, se todos os habitantes de Pombal se tinham portado como uns eróes, também com orgulho, poderia falar dos seus queridos amigos e companheiros, que tanto se aviam distinguido salvando uma criança ás aguas dêsse dilúvio. Aqui tirou um dos palitos, e collocando o atraz da orelha esquerda, continuou: «Agora senhores, agora que as aguas voltaram ao reino de Néptuno, e que á arca santa já repouza em seço, que cada um de vós se transforme em pomba, e leve um ramozinho de oliveira nos dentes — digo no bico — para socegar as suas familias. Disse.

As palmas esturujaram!

Então uma das principais pessoas da vila, de barrête de veludo côr de cereja e *babouches* amarelas, deu gentilmente um passo em frente, e, voltando-se para mim — a primeira frase foi-me dirigida, não a cedo nem a punhal — tirou o barrete, e com vós trêmulo e emocionado, soltou estas palavras, que foram e serão a minha eterna glória, o único lenitivo aos repetidos dissabores desta vida ingrata e amargurada! «Pombal agradecido, saúde o eroe da velha. Pombal agradecido, saúde os eróes da criança», continuou, ajitando o barrête e saudando Augusto Machado e Lourenço de Carvalho, que o olhavam estupefatos!

Quando ao principiar um discurso em resposta á êssas duas frases, tão simples, mas tão eloquentes na sua sua verdade, fiz recuar o meu cavallo para o *estacar* numa attitude conjigna do assunto e da situação, um prurido na laringe, levou-me a golfar jênêbra, em vês das perolas de eloquencia que tencionava espalhar aos pés dêsse omeo o unico que talvez me tenha sabido compreender e avaliar.

Dali a três dias, uma local no *Journal do Comércio*, — quem o duvidar procure a folha do dia 21 de dezembro de 1860 — escrita com mênos gramáticos do que entusiasmo, fazia á nossa apoteose, fallando nos rasgos de eroicidade praticados pelo dr. Correia das Neves, o qual onde avia maior perigo ali se encontrava sempre com o seu braço tantas vês provado em altos feitos de temeridade.

Seria delle este artigo? Houve quem o affirmasse.

Ai pobre amigo! Creio que já destece á terra mãe, mas a tua memoria ficará eternamente gravada nessa local e no palito que levaste para a sepultura!

Pelo que fica dito, vê-se que Lourenço de Carvalho tinha sobejas razões dizendo que Coimbra devia conhecer os eróes de Pombal, e abriga-las uma noite que fosse ao calor do seu inclito seio,

Preparou-se tudo para a jornada, e no dia seguinte ás cinco horas da tarde partiamos para Coimbra, cheios de alegria, de mocidade e de saúde.

Erão onze horas da noite quando chegámos a Santa Clara. Devido á cheia o O da ponte estava aluido e não avia barqueiro que o passasse.

Augusto Machado vociferava raios e demónios. O ilheu zombava da agua e queria passar a todo o tranze, custasse o que custasse.

Eu que era um idromano, treinado em toda a espécie de loucura dentro de agua, saboreava a cólera do meu chefe de secção, que me daria em resultado o atravessar para Coimbra, o meu ardente desejo.

Lourenço de Carvalho com o seu monóculo assestado, dizia nos que tanto se lhe dava ir para o ceu pela úmida estrada do Mondego, como pelo tunel de Albergaria que dias antes estivera para o tragar.

A multidão agrupava-se clamando que seria uma loucura o nosso intento.

Com a energia que sempre tem acompanhado êsse érculeo lutador, A. Machado conseguiu que nos passassem naquella, para nós quasi barca de Caronte, mediante o óbulo de duas libras, óbulo que não foi levado entre os nossos dentes mas sim na algibêra do valente barqueiro.

— E' necessário que a pancada que dêmos com o cróque acerte bem na ponte, disse o barqueiro ao saltarmos para dentro, se não dêr...

— Se não dêr? perguntei.

— Vamos parar á Figueira.

— Pois vamos para a Figueira ou para o inferno, rugiu Augusto Machado. Lourenço de Carvalho, frio, sereno, sorrindo ao perigo, a brincar como sempre, beliscava-me na côxa. Francisco Gomes, sorria-se por imitação!

Quando nos sentámos e que o *patão*, de croque em riste se preparava para a luta, um silêncio de morte desceu por sobre aquêles grupos.

Eu olhava para o azul, parecendo-me descobrir na linha do horizonte, uma tia de minha bisavó, de quem tenho o retrato a óleo, olhando-me e pedindo a Deus por mim!

O barco largou, e o cróque na sua pancada fria e inciziva encontrou o sitio dezejado. Estávamos salvos, e, dali a dez minutos em Coimbra, nos braços de Francisco de Mendonça, o talentozo e disluto advogado da Empreza S. I. manca, e que por dez annos depois foi o dignissimo presidente da Camara Municipal de Lisboa.

Depois de uma lúta ceia, Augusto Machado, Lourenço e Francisco Gomes foram deitar-se, eu e Antonio Mendonça fomos a passear por Coimbra.

Erão quatro horas quando chegámos a casa. Fomos á copa tomar um refresco. Indicano-me depois que o meu quarto de cama era passado o quarto de vestir do irmão, despediu-se e foi para os seus apozentos.

O sono e o cansaço, as comoções da travessia, e, por último aquêlle maldito refresco, tiraram-me completamente a consciencia dos meus atos. Onde estava? Para onde fui? Nem eu nem os meus companheiros o souberam se não dá a vinte e quatro horas!

No dia immediato, quando ás onze da manhã, chamaram para o almoço e não apareci como devia, já o Lourenço e o Augusto estavam inquietos.

Debalde o Chico Mendonça me perguntava ao irmão. O Antonio metia a mão nos bolsos, como se ali me procurasse. «Ou o perdi na rua, ou então foi cá em casa», acrescentava.

Mariano Machado e Filipe do Quental, depois de me farejarem inutilmente por Coimbra, entraram em casa ás cinco horas sombrios e dezanimados. Ninguem me vira. A luz Atlética, tragára o eroe de Pombal!

O jantar, como é de supôr, não foi dos mais alegres. Nunca o pobre Lourenço me perdoou aquella scena! Augusto Machado fazia-se forte. Esse homem jámais acreditou que eu podesse adoecer, e menos ainda, o meu completo aniquilamento. Se me queixava duma dôr de cabeça produzida por cinco ou seis horas de scl ardente, duvidava. Se me confessava cansado por marchas violentas de dez a dize horas a cavallo, sorria-se. Quando uma vez a egua do dr. Correia das Neves se voltou comigo numa ribeira, e que tive de a atravessar a nado, quando mandei buscar

roupa a Albergaria, Augusto não acreditou que me tivesse molhado! Mas, a despeito de tudo, nessa tarde o meu chefe de secção, já mordida o bigode com a intranquillidade do susto que a minha auzencia lhe ia causando. Ás oito horas saiu sózinho a procurar-me, e voltou ás dês, triste, mortificado.

Passou-se perto duma hora em reunião de conselho. Uns julgavam-me na rua da Sofia, outros, não sei de vergonha como o conte, nalguma batota!

— Agora, bradou energicamente o Chico, levantando-se ereto na sua enorme poltrona, serei eu a procurá-lo! A noite está fria, vou buscar o meu gabão e encontrarei o perdido! E, sem mais demora dirigiu-se para o seu quarto de vestir.

Ao abrir um grande armário de castanho, um movel de sacristia, que elle applicara a guarda-fato, não deparou com gabão que dependurara num dos cabides. Era miope, muito miope, curvou-se para o buscar, provavelmente calza-lhe para o fundo. Os manos remechiam-lhe tudo! «Estes meninos! Estes meninos!» pensava elle enquanto procurava o abrigo. Finalmente encontrou-o.

Quis pucha-lo, estava como que prêzo ás táboas. Insistiu: o gabão não vinha. Então ajoelhou-se, pegou-lhe, com ambas as mãos e puchou-o. Deu um grito, um grito órrivel! Picara-se nas rozetas de umas grandes espóras de prateleira. «Foi, provavelmente, o Antoninho que deixou ali as botas. Descuidado! Eu to direi. Já é demais, não pôde aver arranjo!» Puchou uma bota, não veio, intentou trazer a outra, o mesmo resultado! Ergueu-se, brucejou, tentou as forças, tornou a abaixar-se e puchou violentamente, erculeamente. Romperam duas pernas, depois uma cintura, dois braços, uma cabeça, e dezenvolvendo tudo do gabão, surji eu, nédio, completo perfeitamente conservado.

Encontrei-me ainda meio adormecido nos braços do Chico, que felis e satisfeito pelo seu êchido, clamava por todos, dos fundos penetras do seu imenso guarda-roupa.

Acudiu tudo á gritaria do Chico.

Decididamente, pensei eu ainda meio estremunhado, vim a êste mundo para ser alvo das multidões, mas se dias antes, Pombal, agradecido, saudava o eroe; agora, Coimbra indignada apostrofava o *enrroupado!*

— E corri eu Coimbra toda por cauza deste maldito, resmungava Augusto Machado contentissimo pela minha resurreição.

— Falta de memoria, acudi eu. Não sabias que tenho o hábito de dormir dentro dos móveis? Já te esqueceste do arcaz da Albergaria?

— Mas tu não entraste comigo? perguntou-me o Antoninho.

— Pois não te recordas que tomamos uma orxata?

Compreendi tudo! Embragados com essa terrível bebida, perdemos a consciencia dos nossos atos. Maldito seja! Se um dia for chefe de familia, não darei entrada em casa a esse refresco! Não á nada como o *cognac* para tomar sem receio que nos transorne a razão!

— E que tal passáste por dentro dêsse armário? perguntou-me o Lourenço.

— Em calças pardas, pretas e de todas as côres; afogado em sobrecasacas, cazacas e colêtes de todos os feitios.

— E agora sentes-te bem? continuou o Lourenço.

Ainda era capaz de dormir mais duas horas dentro de um *paletó* ou então ir já almoçar, para o que estou perfeitamente disposto, apezar de não ser ainda dia.

— Almoçar! sabes quanto tens dormido?

— Cinco ou seis horas, pelo menos.

— Cinco ou seis? Vinte e duas!

— E' assombroso — que esplendida cama!

Meia hora depois ceavamos alegremente. Antonio de Mendonça, bem como eu, bebeu de tudo menos dessa terrível bebida: a orchata, a cauzadora de todos os cuidados que dei a esses rapazes, tão bons, tão fraternalmente dedicados.

Quantas e quantas vês, nas mal dormidas noites desta existência que já vae longa, recordo com saudade essas horas da minha juventude, e o teu armário ó Chico!

Tomás de Melo

REZISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Editor

MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redação e administração — RUA DE FERREIRA BORGES, 89, 2.º andar

Officina tipográfica

12 — RUA DA MOEDA — 14

N.º 863

COIMBRA — Domingo, 27 de Dezembro de 1903

9.º ANO

Boas-festas . . .

Também o país inteiro tem as suas boas-festas, que coincidem com as do calendário em uso. Com a diferença que as do calendário, derivadas de tradições que os mitógrafos á muito explicáram, são usualmente gratuitas, e as que a nação recebe, vem todas por título oneroso.

E nós, na esperança lèda de vêr o país inteiro derreter-se em canticos jubilosos dum inário triunfal aos que sobre êle despejam a cornucópia das mercês, vamos pedir a três periódicos de certa cotação, que nos auxiliem na tarefa de alegrar os patriotas, entre o succulento Perú e entupidora rabanada.

Ora essas três gazetas serão: o *Diário*, o *Tempo* e o *Comércio do Porto*.

Sob o título *Situação financeira*, escreve o primeiro dos três:

Desde 1 de julho de 1902 até 31 de dezembro aumentou a dívida flutuante, ao par, de 4.275.832.068, rs., e juntado a diferença de câmbios (réis 392.961.775), e o produto da venda de títulos (1.879.422.255 réis) deduzido 250.154.109 réis adiantados ao caminho de ferro de Ambaca, chega-se ao total de **6.425.544.819 réis**, que representa o *deficit* real do semestre. Não é conhecido o saldo em cofre, mas não será superior ao de junho. O ano económico começou muito mal.

Continuando no assunto registra:

Que só ultimamente se inseriu no *Diário do Governo* a nota da dívida flutuante nos meses de abril a julho, e que as contas do tesouro só são conhecidas até ao fim de maio, por propósitos de ocultar a verdade;

Que em 30 de junho último, o débito do tesouro ao Banco de Portugal subia 63.446.156.976 réis;

Que na dívida flutuante interna o aumento foi de 12.902.085.169 réis;

Que durante os tres anos últimos, além das receitas ordinárias e extraordinárias, o governo recorreu ao crédito, por operações da tesouraria a prazo curto, pela quantia de 15.626.471.643 réis, sem incluir a venda por baixo de mão de títulos da dívida consolidada, espalhados a esmo.

E depois de apontar como as despesas publicas absorvem tudo o que a economia nacional produz conclue:

Para a dívida consolidada externa existe já ôje o *contrôle* estrangeiro, com que este governo dotou o nosso país.

O que virá a suceder para a dívida interna? O mesmo, certamente, se se persistir na idéa errada de a introduzir nos mercados estrangeiros. E com que poderemos então fazer face ás despesas dos serviços públicos? Recordando de novo a *diminuição* do vencimento dos funcionarios civis e militares, e a maiores agravamentos dos impostos, que já são pezássimos? Isto não bastará, e a crise tornar-se-á mais grave e perigosa do que foi a de 1902.

Boas-festas, leitores amigos, pois não é verdade?

Passemos agora ao *Tempo* (com quem nos falta ainda liquidar uma testilha para que não tem sobra do lugar). Diz ele:

«Fala-se em 1:600 contos que se gastarão nas festas ou a propósito das festas do rei de Espanha.

«E de toda essa enorme quantia o mais que se aproveitou foi o arranjo do Paço de Belem, que servirá, diz-se, para residencia do príncipe quando casar com a filha do duque de Connaught, sobrinha do rei Eduardo.

«Por estas e por outras se venderam mais de 6:000 contos de réis em inscrições este ano, além dos negócios sobre a dívida interna no estrangeiro, com oppões e mais anexos.

«A dívida flutuante anda em mais de **70:000 contos de réis**.

«E tudo isto se fez sem autorização parlamentar.»

E no número de ante ontem:

Temos setenta anos de constitucionalismo.

Está feita a experiencia.

Nenhum ministério que queira reduzir despêza pública se aguenta no poder.

Podem discutir-se as razões.

Mas o facto apparece em todo o seu esplendor.

Iluções já as não tem senão quem as quer ter.

Bôas-festas pois, leitor amigo.

Gaudeamus igitur . . .

Vamos de cantoria, que é o que nos resta . . .

E para o remate das consoadas, segue o que dizia o *Comércio do Porto*:

São justificadas, não á duvida, as reclamações, os queixumes contra a carestia de tudo quanto é indispensavel á vida. E' certo que, á parte os mimozos da fortuna, os outros lutam, mais ou menos, com as circunstancias, que parecem apostadas para desequilibrarem o orçamento dos particulares, assim como já conseguiram, de á muito, desequilibrar o orçamento do Estado.

Quem fizer a conta ao capital, que, a juro razoavel, rendesse a soma que produzem as contribuições, á de chegar a esta conclusão: — que Portugal é o país mais rico do mundo.

A palavra *decima*, na sua acepção natural quer dizer *dez por cento* de um rendimento colectavel; ora as contribuições geraes e locais, que o país paga, excedem a 50:000 contos; logo, para produzir essa soma, sendo a *decima*, o que a palavra significa, seria necessario um rendimento coletavel de 500:000 contos. Mas as contribuições, accumulando-se, como se accumulam sobre os mesmos rendimentos, não são de 10 p. c., são de 30, 40, 50 e mais. Basta apontar o imposto do consumo, a contribuição de rendas de casas, o selo, o imposto de rendimento, a contribuição industrial, etc., etc., é cerca de 2:000:000:000:000 contos de réis o rendimento coletavel do país.

Procuram, pois, a razão principal da carestia, procurem o seu principal factor na exaggeração tributaria.

Jubilemos em ossaas. Juntem-se os aplausos aos coraes liturgicos das lendas míticas do cristianismo, e como messianico demorem-nos á espera do Messias, que deve vir dar aos ómens pás na terra.

Sem contar que o povo não tem escolas nem instrução, que o ensino secundário é um maquinismo de fazer cretinos, o ensino técnico uma fantasmagoria e o superior um diluvio de bachareis. Sem contar que não á exercito nem marinha, e que esses 8:000 contos do orçamento constituem verba apreciavel na confusão dos dois erários.

Sem contar com a vergonha da tentativa da cotação da dívida interna na *coulisse* da Bolsa de Paris, — um expediente imbecil de financeiros *aux abois*.

Sem contar com a perversão dos costumes politicos que transformam o poder numa feira da ladra de caracteres frustes, e fálhos.

Sem contar . . . mas a lista seria tão longa, que a enumerar-se por miudo, aguará as boas-festas e perturbaria as dijestões.

E volta o estribilho que encima este artigo.

Crèches de Coimbra

A direção das crèches rezolveu na sua última sessão expôr á vizita publica a Crèche de Mont-Arroio, organizando uma pequena festa para as crianças que proteje com tão solícita caridade, numa alta manifestação de altruismo e dever civico muito para aplaudir e para louver.

Por essa occasião serão distribuidas ás crianças pequenos enxovaes, e ás mães alguma lembrança que lhes alégre o coração neste dia de festa universal.

Foi idéia gentil de uma senhora, que bem mostra a bondade da sua alma neste amor pelos pequeninos e pelos deserdados.

Iremos também, e, como queremos ser da festa, a *Rezistencia* dedicará o seu número de quinta feira unicamente á Crèche de Coimbra, querendo dar assim uma prova publica do aplauzo que lhe merece esta benemérita instituição, que, com prazer, vê desenvolver-se e prosperar dia a dia.

Partido republicano

Vae alastrando pelo país o movimento de concentração republicana, e com prazer constatamos ôje a noticia, que nos dá o *Debate*, da reunião dos nossos correligionários de Cuba.

Nos republicanos de Cuba, á nomes conhecidos de todos nós, aqui, pela afirmação constante que fizeram durante a sua vida académica dos principios republicanos, que tem conseguido salvar, mantendo a pureza das suas idéias no meio do embate violento da vida.

São ómens de carácter. Isso nos consôta, dos que desertaram do nosso campo sem uma aspiração nobre, e muitas vezes mesmo sem a desculpa de um interesse immediato que fizessem mirar a seus olhos para ós deslumbrar.

Foram por servilidade. A reunião de Cuba é uma prova brilhante da unidade que vai reinando nas fileiras do partido republicano.

Reuniu em casa do sr. dr. Augusto Barreto, o partido republicano d'esta vila, para proceder á eleição da comissão municipal republicana e tratar d'ou tros assuntos.

Prezidiu o sr. dr. Augusto Barreto, que apresentou a seguinte moção, aprovada por aclamação: «Os republicanos de Cuba, reunidos para eleição da sua comissão municipal, resolveram que se lavre na ata da sessão:

Um voto de louvor ao sr. dr. João de Menezes pela forma brilhante, intelligente e eficaz, como iniciou os trabalhos de concentração republicana e de confiança para proseguir na sua bella campanha com a mesma dedicação e energia;

Uma saude calorosa e entusiastica ao sr. dr. Bernardino Machado pela nobreza e altivez do procedimento, que constitue um bello exemplo de civismo e onestidade, felicitando o partido por adesão tão valioza pelo seu alto valor social, intelectual e moral.

E um protesto enérgico contra a forma violenta e íntima como o governo roubou indignamente o sr. dr. Manuel d'Arriaga, testemunhando a este empenhissimo correligionário a admiração, a deferência, o respeito, que a todos os ómens de bem inspira pela sua intelligencia, pela sua bondade e pelo seu carácter.»

E.m seguida, foi apreciada a gerência, nos dois anos decorridos, da camara actual, que é republicana na sua totalidade.

Foi lhe feita justiça, reconhecendo-se que tem cumprido o programa aprovado nas reuniões preparatorias para a sua eleição. Pois que ao invés das camaras monarchicas, não só d'aqui, como de quasi todo o país, limitou-se a fazer boa administração: procurando realisar, dentro dos parcos e magrissimos recursos do municipio, os melhoramentos mais urgentes, inadivels e accessíveis, tentando economizar para executar outros, não menos urgentes mas de maior monta, não exercendo represalias ou retalições miseraveis sobre adversários politicos, não se servindo do seu lugar para fazer negociações mais ou menos escuras, etc.

Mereceu, portanto, pela sua conduta passada, o aplauso dos presentes, que lhe significaram a confiança de que continuará a merecê lo, com o seu procedimento onesto e escrupuloso, não se desviando do verdadeiro criterio democratico, onrando e acreditando o seu partido, que, nos seus processos governativos, não deve afastar-se um

apice das normas da mais escrupulôza onestidade.

Em ultimo lugar, procedeu-se á eleição da comissão municipal, que ficou assim constituída:

Presidente, dr. Augusto Barreto; secretario, Manuel J. Rodrigues; tesoureiro, Joaquim Nunes Caeiro; vogais, Faustino Poças Leitão e Antonio Jezuino da Silva.

Dr. Costa Simões

Tem tido o melhor acolhimento entre a classe medica a subscrição para o monumento ao dr. Costa Simões nos estabelecimentos da Faculdade de Medicina.

A idéa surgiu na occasião do funeral, sendo mais tarde, na congregação da Faculdade de 2 do mês corrente, rezolvido que o monumento fosse composto por um pedestal de mármore suportando o busto, e que se collocasse no jardim da Faculdade que defronta com o gabinete de istologia, onde trabalhou tanto ano, com tanto amor pelo ensino e tanta dedicação pela Universidade.

Não pôde ser mais bem acertada a escolha do local.

Estão encarregados de promover a subscrição particular para o monumento os professores Costa Alemão, Filomeno da Camara, Daniel de Matos, Souza Refoios e Antonio de Pádua.

O monumento de um professor, que tanto onrou a sciencia portugueza não deve ser entregue senão a quem possa arcar com as dificuldades de levar á cabo, obra que onre a Faculdade e a medicina portugueza.

Sem outra idéia mais, que a de sugerir alytres, lembramos-nos de Teixeira Lopes, não só por ser o primeiro escultor portugueza, o que impregna de mais alta intellectualidade as obras darte a que dá toda a sua vida, como por ter sido em vida um admirador de Costa Simões, e ter privado com êle, na simplicidade de vida da sua casa da Mealhada.

Alguem quer vêr até no rosto da estatua, tão justamente apreciada de Silvério de Lã, a admiração do artista pela figura cheia de bondade do dr. Costa Simões.

Teixeira Lopes, artista delicado, trabalhando o mármore, como mais ninguém em Portugal, é o artista que se impõe, e saberá fazer uma obra que onre a Faculdade e grite bem alto toda a bondade daquella figura doce de velho, toda a doçura do seu olhar, gasto do tempo e dos trabalhos de aprender e de ensinar.

Movimento Médico

Publicou-se o número referente a este mês, sendo para lêr o artigo do sr. Serras e Silva sobre a falsificação dos vinhos pela actualidade que tem neste ano de falta de produção de vinho.

O sr. Charles Lepierre continua o seu trabalho sobre a doença de sono, feito com a competencia do illustre preparador do gabinete de microbiologia, e á volta do qual se está fazendo a conspiração do silencio muito nos ábitos da ciencia portugueza.

O sr. Santos Lucas esteve ultimamente em Lisboa procurando contratar companhia para algumas récitas logo depois das férias de Natal. Não o pôde conseguir, dizem os jornais de Lisboa; porque já agora á epoca mais frutuôza na exploração dos teatros da capital. Fechou porém contrato para mais tarde com a companhia do teatro de D. Amélia e com a de José Ricardo de

Literatura e Arte

POR MONTEMÓR-O-VELHO

Página do meu diário

I

28 de novembro de 1903 — ...
rezolvi voltar a Montemor.
A manhã estava triste, o céu cheio de nuvens, em que o sol parecia mostrar a ameaça de um aguaceiro.
Na carruagem, um velho meu amigo, disse-me como coisa, que me poderia interessar, que não tinha comprado as Novidades e por isso não sabia nada do balão. E ficou-se a olhar para mim, como se eu pudesse valer á sua curiosidade aflita.
Respondi-lhe que não sabia nada, e que nada me interessava o caso.
E disse-lho em tom tão sacudido, que elle anichou-se a um canto da carruagem, a olhar para mim, sem dar palavra.
Quando desembarquei em Alfarcos o tempo começou a aclarar.

Em quanto ia andando alegre naquella atmosphera fresca, ia se iluminando de sol, ao longe, Montemor.
A nebrina azulada, que envolvia a vila, desfazia-se pouco a pouco, as cazas branqueavam e por fim só muito baixo, junto á terra, boiava ainda azul o véo que o sol riscára, e que ficava prezo nos troncos pardos dos choupos sem folha, destacando sobre um fundo negro de eucaliptos, como a mancha triste do fio coçado dos tapetes.
Ao ouvir-me os passos, as rãs deixavam-se cair assustadas sobre os charcos que ladeam a estrada de Montemor.

Rompe o sol e eu ponho-me a olhar a sombra, que caminha adiante de mim, de guarda chuva e album no braço.
Extranho o volume pequeno da cabeça e não posso deixar de rir, ao lembrar-me o chapéo de abas pequenas e reviradas, que agora uzo para não desgostar o meu chapeleiro que me disse que era a última moda.
A' sempre gado solto pela estrada, e uma espécie de cães pequenos e desconfiados, que me morderião de boa vontade se não fossem os dónos.

A barca agora é mais abaixo e um barqueiro, que me viu no porto anigo com vontade de dezenhar a ponte que acabam de restaurar, chama-me em alto gritos para baixo.
Lá vou!

Quando cheguei, fui-me metêr na igreja de Nossa Senhora dos Anjos a estudar a capêla de Nossa Senhora da Piedade, trabalho da renascença de Coimbra que ando a estudar.
A capêla foi feita em 1542 por a muito virtuozza senhora Mor Teixeira como réza a inscrição embebida na parede do lado do evangelho, que transcrevemos a seguir:

AQUI JAZEM HOS OSSOS DO MVI NOBRE FIDALGO FERNAO DE PINA QUE PER SEV SABER E MEREÇIMETO TEVE NESTES REIGNOS DE PORTV GAL CARGVOS MVI HOMRADOS MAO DOV HOS AQVI POR AMVI VE RTVOSA SRA MOR TEIXEIRA SVA MOLHER NESTA CAPELLA Q ELLA MAODOV FAZER E ADOUTOU DE CERTOS BEES PERA NELLA SE DIZE RE CERTAS MISAS EM CADA ANO POR SVAS ALMAS E DE SEVS FILH OS NO ANO DE 1542

Era extraordinário o carinho que as boas dónas do Renascimento tinham pelos ossos do marido.
Nesta mesma igreja a capêla, que se segue á da Senhora da Piedade, no mesmo lado da nave foi mandada fazer por Izabel Lopes, que para ali mandou trazer os ossos de Mateus Roiz, seu marido, em 1591.
Na igreja do Salvador em Coimbra na capêla dos Barros está outra sepultura mandada fazer, para sepultar o marido, por D. Guiomar de Sá.
Era tia de Sá de Miranda, mulher formozza, dizem os linhagistas, abarregada com o Bispo de Coimbra D. João Galvão, de quem teve dois filhos.
Quando o Bispo foi tomar conta do arcebispado de Braga, os irmãos levaram D. Catarina de Menezes a casar-se

com Antonio de Barros. Correu o Bispo a Coimbra mal soube da traição, mas safou-lhe ao caminho João de Sá irmão de D. Guiomar convencendo-o a não levar mais longe o escandalo e a voltar a Braga.

Era muito parecida com a onradês dos maridos a vertude das boas damas da Renascença.

T. C.

« Instituto »

O número dêste mês, que temos á vista, insere o discurso proferido á beira da sepultura do dr. Costa Simões pelo nosso amigo e mestre conselheiro Bernardino Machado.
E' uma alocução impregnada da sentimentalidade requintada do illustre professor, de uma efusão comunicativa e que faz bem lêr-se.
Continúa publicando as interessantes investigações históricas de Souza Viterbo sobre as artes e indústrias metálicas em Portugal.

BOAS FESTAS

Que á semelhança pois do que já praticam outros jornais, v. permita no seu jornal uma subscrição tendente a colher alguma receita para os pobres do seu jornal e para a Escola gratuita 31 de Janeiro, que só com o auxilio popular pode contar, eis o que com empenho ouzamos pedir-lhe, pedido que na mesma data e com o mesmo intuito dirigimos a outros jornais liberais, certos de que todos acolherão de bom grado a nossa ideia.
Ficariam dêste modo trocados os cumprimentos de boas festas entre os que concorressem para a subscrição aberta com êsse fim e avultar-se iam assim as obras de benemerencia e de solidariedade que representam o auxilio prestado aos pobres da Resistencia e á instrução popular.

Luiz Derouet. Santos Franco. Marcos Leitão.

Table with subscription rates: Resistencia 2000 réis, A. M. P. 500, T. C. 500, C. M. R. 500.

Contra os impostos

Os habitantes da Mealhada acabam de realizar uma reunião de protêto contra o aumento excessivo das contribuições industrial, de renda de caza e suntuária.
Reuniram-se em numero superior a 500 pessoas nos paços do concelho e a camara da Mealhada prometeu representar advogando a justiça da petição do povo esmagado por impostos iníquos e enviar telegramas aos srs. Jozé Luciano de Castro, Emigilio Navarro, presidente do conselho, ministros da fazenda.
Aos ministros enviaram o telegrama seguinte:
«A Camara Municipal tem a onra de comunicar a v. ex.ª que á sessão de ôje compareceu a qu si totalidade dos contribuintes do concelho, protestando ordeiramente contra o excessivo aumento das contribuições suntuária, renda de cazas e industrial, elevadas quasi ao duplo, pedindo em vista do exposito a immediata transferencia do escriptivo de fazenda e suspensão do pagamento das referidas contribuições até justa revisão dos respêtivos lançamentos.
Pede a v. ex.ª a sua valioza protecção.
O presidente da Camara, Lebre.»
A manifestação é ordeira demais para ser atendida.
Depois... é de má politica entregar a cauza da Mealhada á Anadia.

E' do nosso prezado coléga A Voz Publica, o brilhante artigo que ôje publicámos, subordinado ao titulo Boas festas, na primeira pagina do nosso jornal.

Tu...

Imensa lús que me guiaste ao porto
Da salvação:
Para os meus olhos o teu corpo é morto,
Tu não tens corpo, és só clarão!

Formozza estrada que eu sigo na vida!
E os proprios passos com que a vou a andar!
Uma lús á ao cimo da subida
— São os teus olhos com o meu olhar.

E eu peço a esses olhos — linda ermida
Co'um Cristo dentro — eu p'ra te abraçar —
Na ancía dos sonhos em que tu me abrazas,
As tuas azas
Para voar.

Linguas de fogo da minha lareira
Só vós falái!
Só vós dizeis esta paixão inteira,
Fumo, p'ros mais!
Estrêlas! quem não á aí que as queira?
Mas comprehendê-las?
Linguas de fogo,
Dizei-lhes logo
Que são estrêlas!

Tuas espadas como são? Formozas?
Formozas sei, mas como é que elas são?
Colo-lhe os labios e sabem-me a rózas;
Deito-lhe os olhos, vejo o coração!
Mas que são tuas espadas lumiozadas?
Tu não tens corpo: logo o que são elas?
São as estrêlas,
O clarão!

Á no meu peito dois buracos feitos
Não sei por quem, mas, só os vi depois
De ter sonhado junto dos teus peitos
Que são dois.

O que são teus peitos? Deslumbrantes!?
Mas teu pescoço é tambem assim!...
Coizas d'amantes,
Coizas de mim!...

Não, de mim não que as não sentia dantes,
Que as não sofri;
— O dia pleno em todos os instantes! —
Coizas de ti!

E as linhas do teu corpo, do teu vulto
— Santa custodia dêssa alma amada —
Nem que êle seja nu, pela graça oculto
Não vejo nada!

Ficam-me os teus olhos e o teu sorriso,
E o teu cabêlo que eu desfraldo ao ar;
Os olhos para vêr o paraizo,
E o teu sorriso
Para lá entrar...

E em tudo a côr apenas e a harmonia
— Rubros teus labios, musicais teus passos —
Beijo-te e vejo a clara lús do dia;
E olhando em ti os astros dos espaços,
Os que lá estão, e os que não estão,
Quando te abraço encontrô nos meus braços
Um clarão!

Guedes Teixeira.

ADÉGA REGIONAL

Não ouve, quem tomasse a responsabilidade das calunias assacadas a esta instituição de tanta utilidade para a agricultura e consumidôres.

Os pasquins continuaram no anónimo cómodo das maiores calúnias, e os que se deixaram levar pela arteirice e manhas dos caluniadôres começam a dar á Adega Rejional a satisfação que lhes é devida.

Com prazer transcrevemos de O Commercialista o artigo a que nos não foi possível dar mais cêdo a publicidade que deve ter.

Os correspondentes de Coimbra para dois jornais de Lisboa deram nos a inesperada noticia de que a Adega Regional daquelle cidade, julgando se vizada num artigo e num manifesto que aqui publicámos em 24 de novembro ultimo ja requerer ou requereu querêla contra nós.

Esta noticia chamou a nossa atenção mais particular, para o assunto, estudamo-lo detidamente pela analize dos estatutos da sociedade em questão e do manifesto distribuido contra a mesma sociedade, e ficamos convencidos de que nos aviamos impressionado demaziadamente á simples vista e devido a essa circumstancia tomamos a nuvem por juno.

Eféivamente, a Adega Regional de Coimbra não é uma instituição especulativa com fins egoistas e tendencia meramente comercial; os seus fundadores tiveram em vista a manutenção dos seus creditos de viticultores e a segurança de que os seus vinhos entram no consumo puros e absolutamente exentos de macula.

Portanto, a fundação daquelle estabelecimento, longe de contrariar os interesses do publico, evita a fraude de que o mesmo publico tem sido e continuará a ser victima, se em vês de atender aos seus interesses avigorando a iniciativa dos lavradores que tentam arranca-lo ás garras de especuladores sem consciencia, se deixar seduzir pelos autores de manifestos anónimos, com aquêlo que foi inadvertidamente transcrito na supozição de que não fosse simples obra de quem não tem a coragem de assumir inteira a responsabilidade dos seus atos.

Deveriamos colher então as informações que ôje possuímos, e que nos levam a repudiar uma opinião formada sobre acusações que ôje podemos qualificar de falsas. Os que acuzavam a Adega Regional de Coimbra são os que vêem as suas fraudes por êla ameaçadas.

Não são os pequenos comerciantes os retalhistas, como supunhamos, os que saíram á estacada contra essa instituição que vigilantemente hade manter a pureza dos produtos vitícolas e oleicos da região central do paiz; mas os srs. armazenistas que a seu talento desejam dispôr do estomago dos consumidôres para deposito de drogas varjas com que desdobram e multiplicam os generos alimenticios originaes.

O comércio de retalho só tem a lucrar pela fundação dêsses grandes depositos onde os produtores agricolas resalvam a pureza dos seus generos, evitando contrafacções que os armazemistas se abituaram a preferir pelo lucro que daí lhe provém.

De modo que, o comércio que se fornece da Adega Regional não corre o risco de ver apreendidos os respêtivos generos, porque êstes alem da sua genuidade plenamente garantida pela seriedade do produtor cujo credito a todo o custo sustenta, têm a defender os seus revendôres a marca da procedencia que não pode ser recuzada nem posta em duvida por quem delá faz uzo.

E' pois, fóra de duvida que o manifesto publicado no nosso numero de 24 de novembro, e de todo o ponto contrario á verdade é obra de individuos tão pouco conscios da justiça da sua cauza, que ouvéram por bem não se expôr ás consequencias que da assinatura do mesmo manifesto lhes podiam resultar.

A nossa boa fé, foi colhida nessa armadilha. Aqui nos penitenciamos do erro e prometemos menos precipitação em dar credito a documentos, queixas e acuzações que não apresentem o menor vizo de autenticidade.

Ninguém é velho para aprender; por isso temos de confessar agora que ape-

zar da nossa longa pratica nos deixamos iludir mais que caloramente.

O que aqui fica não é uma retratação forçada, mas a espontanea confissão de quanto nos peza ser injustos, principalmente quando como na presente questão o alvo da nossa injustiça é uma instituição não só democratica como benemerita.

Sentimos que a digna direcção da Adega lhe não ocorresse a ideia da defesa da sua causa no nosso modesto semanario, porque da melhor vontade o collocariamos a sua disposição.

Do ultimo numero do *Movimento Medico*, transcrevemos parte de um artigo firmado pelo sr. dr. Serras e Silva, cujo valor, probidade scientifica, amor pelo estudo e dedicacão pelo ensino a *Resistencia* tem assinalado mais de uma vez.

Ha lavradores que se tmeram em apresentarem no mercado um vinho decente, apurando o fabrico, escolhendo as castas, mas um tal vinho, embora lançado efektivamente no mercado, não chega quasi nunca a meza do consumidor.

Por que acontece isto assim? Porque os intermediarios, os comerciantes estas pontes necessarias entre produtor e consumidor, querem, tem interesse em que assim aconteça. O vendedor a retalho o menos mal que faz ao vinho é deitar-lhe agua. E graças a Deus quando esta agua é potavel. A impotencia em que nos achamos para determinar esta adição da agua é quasi completa. O vinho tem naturalmente muita agua e esta varia nornemente de vinho para vinho, de colheita para colheita, de região para região.

Felicitando a direcção da Adega Regional, a *Resistencia* folga por ver que se começa a fazer justiça a utilidade publica desta instituição.

Natal de S. Francisco

O conto, que publicamos no nosso numero de Natal, teve do publico um acolhimento, que nos alegra, por justificar a oportunidade da sua publicação.

Agradecendo o acolhimento feito mais uma vez pelo publico aos nossos numeros especiais, temos o dever grato de declarar que o conto pertence a collecção de G. Bhatt publicada por o editor Franca Amado com o titulo de *Oo tanjer dos sinos*.

Este livro é um livro excicional, que prende as creanças pela fantasia da descripção, fala a doçura da alma feminina pelo conceito, e encanta os eruditos pelo saber historico, que revela a cada passo, e que se encobre sempre numa preocupação artistica dum requinte raro.

É livro que se vê com alegria numa casa, como se se encontrasse um amigo intimo.

A traducção de Noronha é acurada, a edição, duma simplicidade elegante e das mais belas de tão rica collecção das edições de Franca Amado, sempre de um cuidado artistico que, dia a dia se vai cuidando.

Com a invernia e a grande massa de agua que caiu antes dos ultimos dias de sol, o muro de suporte dos terrenos adjacentes á rua do museu, e sobranceiros á nova rua que liga a coureira de Lisboa com a rua de Entre Muros, dezabou.

Não ouve desgraças e pena foi que o desmoronamento não arrastasse consigo a antiga casa de autopsias do cemiterio da Conceição e o pardeiro que mais acima, com o pretexto de higiene, suja aquêle lado da rua.

A nova rua áde ser uma das mais concorridas e das que mais minuciosamente am de ser examinadas pelos estrangeiros que vizitarem Coimbra, por ser a communicacão obrigada para os carros que tiverem de ir para a alta.

Perto está um bocado de muralha, que não á de escapar á curiosidade dos visitantes, e não lhes será com certeza muito agradável fazer a descoberta daquêle monumento que, perto, atesta a solidão duma vereação antiga.

É necessario não esquecer tambem que esta rua deve ser cuidadosamente arborizada para mitigar a asperza do verão torrido de Coimbra.

A sua situacão excicional, a beleza da paisagem que dali se descobre, tudo indica a necessidade de dar a esta rua cuidado especial.

Carris de ferro

A empreza dos carris de ferro de Coimbra estabeleceu avenças anuais para anuncios no interior dos seus carros ao preço de 300000 reis pagos adeantadamente em duas prestações semestraes, ficando o selo a cargo da empreza e o anuncio por conta do anunciante.

As dimensões do anuncio nunca devem exceder 0,53 de comprimento por 0,11 de largo.

Está tambem já estabelecida definitivamente a tabela dos preços que são respetivamente:

Do largo das Ameias ou Casa do Sol á rua do Infante D. Augusto—50 réis.

Do largo de D. Carlos ou gazómetro á rua do Infante D. Augusto—40 réis.

Do largo das Ameias, Casa do Sal ou rua do Infante D. Augusto ao Mercado—30 réis.

Do largo de D. Carlos ou gazómetro ao largo de D. Luiz—30 réis.

Do largo de D. Carlos ou gazómetro ao Mercado—20 réis.

Da estação B dos caminhos de ferro ao largo das Ameias ou Mercado—50 réis.

Da estação B. dos caminhos de ferro á rua do Infante D. Augusto—80 réis.

Da estação B dos caminhos de ferro—20 réis.

Junta de paróquia de Santa Cruz

Da junta de paróquia de Santa Cruz recebemos cópia da sua ata de 13 do corrente, que agradecemos, e que não publicamos á mais tempo, por termos dedicado todo o ultimo numero á elegria do Natal.

A ata foi publicada já por muitos jornais é por isso bastante conhecida para se tornar necessario dar-se-lhe mais publicidade.

Basta apenas fazer notar, que o presidente da junta justificou todos os seus atos e depois de fazer notar a injustiça, que tinha avido no corte e redução de algumas verbas teve o aplauzo dos seus colegas pela proposta que extratamos da ata:

O vogal Mancel dos Santos Pereira David disse que, julgando intepretar os sentimentos da junta, deve declarar que não eram necessarias as explicações dadas pelo presidente, por de todos ser bem conhecida a sua reitidão em negocios de administração, e a verdade e a exatidão com que foi organizado o orçamento, e que em tudo se conforma, por ser a expressão da verdade, com as referidas explicações, pelo que propôs um voto de louvor ao reverendo presidente pelo interesse e cuidados que lhe tem marcado esta egreja e administração dos negocios da junta, e que sendo de supór que a autoridade tutelar persista na sua deliberação, embora infundada, entende não se dever interpor recurso, mas que, sendo de necessidade o guarda da egreja e não tendo avido quem se preste aquêle serviço por 300000 réis, propõe: que na ultima sessão ordinaria deste mês, se nomeie alguém interinamente com aquêla verba reduzida e que esteja nas devidas condições, sendo os restantes 130000 réis pagos pelos vogaes da junta, emquanto não ouver occasião oportuna de se organizar um orçamento supletar, para dotar aquêla e as demais verbas reduzidas, o que tudo foi aprovado.

Pelo que se vê da ata a junta de paróquia tem rendimento bastante para manter o culto, sem a necessidade de redução de verbas que lhe foi imposta, e uma das quais redunda em verdadeiro prejuizo para os abitantes.

Não é a da missa do meio dia. Respeitando as convicções de todos, sempre estranhamos a comodidade no sacrificio.

Referimo nos ao guarda, que é uma necessidade capital; porque o templo está sendo constantemente vizitado por nacionais e estrangeiros, e não se deve abuzar da boa vontade dos empregados, impondo-lhes sacrificios, que estão sempre prontos a fazer, mas que ninguém tem o direito de exigir, avendo,

de mais a mais, no orçamento de junta de paróquia, verba que lhe pôde ser aplicada.

Mais de espaço nos ocuparemos deste assunto.

Bombeiros Voluntarios

A Associação dos Bombeiros Voluntarios de Coimbra deu no dia de Natal um bôdo a 156 pobres, na sua sede na rua Fernandes Tomás.

O menu era: sôpa de massa com grão de bico, carneiro com arrós, bacalhau e batatas, pão e laranjas.

Foi cozinhado em casa do sr. Artur Pereira da Mota, que não só angariou donativos, como os outros membros da commissão cujo zelo aplaudimos, como fês de graça todo o serviço de cozinha necessario.

São estas, como outras ações de filantropia e de civismo, que enobrecem esta associação a quem os abitantes de Coimbra tanto devem e não os títulos e onrarias de real, que não devem estar no animo desta associação popular, e que de á muito estão deza-creditados, e são apenas disputados pelas filarmônicas sertanejas.

Com um bello tempo, passou a noite e o dia de Natal, notando-se este ano menor concorrência de povo nas igrejas.

Era sobretudo notavel este facto na Sé, que nos outros anos era sala de reunião alegre e do flirt para sopeiras.

Não ouve por isso este ano tambem as scenas escandalozas que tantas vezes vinham acabar em episodios de luta na Feira, quando não tinham este sensacional desfecho dentro da porta da igreja.

Almanach das Aldeias para 1904

O *Almanach das Aldeias para 1904* encerra variados e interessantes artigos inéditos sobre todos os ramos de agricultura, e muitos assuntos uteis na vida pratica. É um livro utilissimo a toda a jente, mas principalmente aos agricultores.

Colaboram neste almanach os redatores da *Gazeta das Aldeias* srs. Carlos de Souza Pimentel, Eduardo Sequeira, João Inácio T. de Meneses Pimentel, Dr. João Salema, J. V. de Paula Nogueira, José de Castro Portugal, Dr. Julio A. Enríques e M. Rodrigues de Moraes.

É este almanach um verdadeiro guia do agricultor e contem matéria que a toda a jente aproveita. Forma um volume de 176 paginas, ilustrado com 34 gravuras, na maior parte expressamente feitas para esta edição, e custa 150 réis, franco de porte. É remetido immediatamente pelo correio a quem enviar a respetiva importância á administração da *Gazeta das Aldeias*, rua do Sá da Bandeira n.º 195 1.º—Porto.

Tratado de contabilidade

pelo guarda livros Ricardo de Sá. Estám publicadas as cadernetas n.º 19 e 20. Assigna-se na Editora Largo do Conde Barão 50.

A UNICA VERDADE

Drama em 2 atos

Preço 300 réis

Editor — Moura Marques

CONTOS DAS CRIANÇAS

por

Maria Pinto Figueirinhas

Preço 300 réis — Livraria Editora de José Figueirinhas Junior — Rua das Oliveiras — Porto.

Rudimentos de agricultura

por

ANTONIO X. PEREIRA COUTINHO

Livro aprovado no ultimo concurso pela Direcção geral d'Instrução publica

Preço pelo correio, 280 réis

A venda em todas as livrarias do continente, ilhas e ultramar, e na casa editora LIVRARIA AILLAUD, rua do Ouro, 242-1.º — Lisboa.

ANUNCIOS

EDITAL

Augusto Vieira de Campos, recebedor do concelho de Coimbra, fás publico que o cofre da recebedoria do dito concelho se abre no dia 2 de janeiro proximo, encerrando-se no dia 31 do mesmo mês, para o pagamento voluntario das contribuições predial, industrial, renda de cazas e suntuaria e de decimas de juros de 1903.

Coimbra, 24 de dezembro de 1903.

O Recebedor,

Augusto Vieira de Campos.

MARIO MACHADO

Cirurgião dentista pela Universidade

Tratamento de todas as doenças de boca e dentes.

Dentaduras desde as mais simples ás mais luxozas.

Consultório — Largo da Sé Velha.

Preços módicos

Modista de Lisboa

CAROLINA VASCONCELOS

Terreiro de Santo Antonio, 21.º

Executa pelos ultimos figurinos, vestidos, capas, cazacos, fatos para creanças, etc. Prova á francêza.

LOJA ESPANHOLA

Proprietário José Teixeira

191, Rua Ferreira Borges, 193

Acaba de chegar a esta casa um grande sortido de sedas para vestidos pretos e de côres.

Mantilhas de seda, em diferentes gostos; lenços de seda, dos mais modernos; grande sortido em gravatas de seda ultima novidade de Paris; grande sortido de bordados suissos; Meias de seda, fio d'Escocia e algodão; piugas pretas e de riscas, para omem e criança; espartilhos de todas as qualidades; grande sortido de rendas valencianas, tule, de seda e de linho; suspensórios para omem e criança; cortinados e bambinêlas das mais modernas em diferentes gostos; saias e camisas; bordados para senhoras; lenços e echarpes de malha; fitas de setim e enfeites para vestidos e outros mais artigos.

O proprietario desta casa previne as ex.ªs demas e o povo coimbricense que esta casa não traz nenhuns vendedores pelas ruas.

Quem quizer comparar bom e barato veja a Loja Espanhola.

Aos automobilistas

Gazolina para automoveis.

A venda na casa

Ladeira & Filho

O amigo do povo de Coimbra

Agostinho Rodrigues da Bella, proprietario da *Padaria Popular*, Largo da Freiria, n.º 12 e 13, á rua dos Sapateiros, participa ao publico que acaba de receber farinhas escolhidas nas mais acreditadas fabricas de Lisboa com o fim de satisfazer bem as exigências de todo o consumidor muito particularmente pelo que respeita ao saboroso paladar que em geral resulta da boa qualidade e esmerado acio na manipulação.

Além disso o seu proprietario com atividade e zelo envida os melhores esforços para montar o seu estabelecimento em rigoroso confronto com os mais aperfeicoados do pais, seguindo o moderno sistema de fabricação empregando sempre a agua filtrada.

Assim espera obter a preferencia do publico que lucra duplamente em hygiene e qualidade de pão fino, relativamente barato, porquanto o anunciante compra de prouto as farinhas.

Convida, pois, o publico a visitar este esmerado estabelecimento.

Manda o pão a toda a ora aos domicilios dos freguezes.

A BON MARCHÉ

Papeis almossos de linho e algodão Papeis para cartas de todos os formatos e qualidades

Papeis para carta em bonitas caixas, Papeis fantasia para participações de casamento.

Papeis de impressão para jornaes e obras.

Papeis para capas em todas as qualidades.

Papeis em côr para embrulhos delicados.

Papeis para encadernadores.

Papeis para forrar salas, lindos gostos (arte nova.)

Livros em branco e riscados para o commercio.

Livros de estudo e literatura.

Objetos de escritorio e dezenho.

Chás preto e verde, finissimas qualidades.

Encadernações de livros em todos os jéneros.

Carimbos de metal e borracha.

Perfumarias e tabacos nacionais e estrangeiros.

Trabalhos tipograficos em todos os jéneros.

Artigos de ceramica para construcções.

CAZA EUROPA

14—Rua dos Gatos—16

COIMBRA

Topico contra Frieiras

É o unico medicamento eficaz, descoberto pelo Dr. Rousseau e muito usado com grandes exitos por todos os Parisienses que sofrem de tão orrivel mal.

Applca se em fricções durante dois minutos collocando-se depois um pacho d'algodão hydrophilo do mesmo topico por algumas horas.

Preço de cada frasco 300 réis. Vende-se na Farmacia Assis Praça do Comercio—COIMBRA.

Gabões de Aveiro



Ex.ª Sr. — Como a epoca invernoza exige um bom agasalho, venho lembrar a V. Ex.ª o Gabão Elegante d'Aveiro, o unico agasalho até oje conhecido para combater o frio, vento e chuva.

Gabão Elegante d'Aveiro

é propriedade minha á muitos anos, Porém, em Aveiro e noutras terras do pais, annunciam o Gabão Elegante, mercadores de quem não podem ser acreditados os seus reclamos por que sam uns simples vendedores retalhistas de fazendas e não conhecem a arte.

Lembro a V. Ex.ª que não se iludam com esses reclamistas, sem consciencia do que annunciam, porque esses gabões sam feitos por qualquer quidam para expor á venda no seu estabelecimento.

O meu Gabão é conhecido nas principaes cidades do pais, taes como Lisboa, Santarem, Leiria, Figueira da Foz, Coimbra, Porto, etc., etc.

Agradecendo desde já as suas apreciaveis ordens, as quaes diligenciarei dar completa execução, subscrevo me com muita estima.

Anadia — Outubro de 1903.

Joaquim José de Pinho

Unico correspondente em Coimbra, Manuel Pinho.

PASTELARIA E CONFETARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156
COIMBRA

Nesta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, em contra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza.

Dóces de ovos dos mais finos paladares e delicados gostos, denominados *dóces sortidos*, para chá e *sorvées*, em grande e bonita variedade que difícil se torna enumerar-la.

Dóces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em sêcco, como cristalizados, rivalisar com os estrangeiros.

Pastelaria em todos os generos e qualidades, o que á de mais fino e saboroso, especializando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primorosa fantasia, denominadas *Centros de mesa*, *Castelos*, *Jarrões*, *Lyras*, *Flores*, *Lampreias*, etc., etc., próprias para banquetes.

Pudings Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá café e de fructas diversas, vistosamente enfeitados.

Pão de ló pelo sistema de Margaride, já bem conhecido nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Madeira, Moscatel, Colares, Champagne, Cognacs, Licores finos, etc. das melhores marcas nacionaes e estrangeiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

Amendoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo-se a pureza dos assuacares com que sam fabricadas.

Conservas nacionaes e estrangeiras, chás verdes e pretos, passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyère, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.

Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32.

IJIÈNE

Os melhores aparelhos, retretes, lavatórios, tinas e urinoes nacionaes e inglezes.

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio — COIMBRA

Nova Havaneza

Rua de Ferreira Borges n.º 176

Papelaria, Tabacaria, Perfumaria. Carteiras, malas, caixas de charão e todos os objectos de escritório.

SILVA & FILHO

Fábrica manual de calçado e tamancos e depósito de alpargatas

EXPORTAÇÃO

Canalisações para agua

Ninguém mande fazer sem vêr os preços da casa

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio — Coimbra

Orçamentos gratis

L. M. LILLY, Engenheiro

Machinas agricolas de toda a qualidade.

Machinas para fição e tecelagem para todos os tecidos.

Machinas para fazer soda-water, gazosas, gèlo, etc.

Machinas para fazer papel continuo, cartão, etc.

Machinas para lavar, engommar e desinfectar roupa.

Machinas de vapor e de gaz, caldeiras e bombas.

Machinas de escrever, de systema YOST.

Correias de pêllo, de couro, de borracha, empanques, etc.

Materias primas de todas as qualidades.

Installações, desenhos, montagens.

Facilitam-se pagamentos.

REPRESENTANTE

JOÃO GOMES MOREIRA

COIMBRA

Agua da Curia (Mogofores — Anadia)

Sulfatada — Calcea

A unica analysada no paiz, similhante á afamada agua de CONTREXÉVILLE, nos Vosges (França)

INDICAÇÕES

Para uso interno: — *Arthritismo*, *Gotta*, *Lithiase urica*, *Lithiase biliar*, *Engorgitamentos hepaticos*, *Catarrhos vesicaes*, *Catarrho uterino*.

Para uso externo: — *Em diferentes especies de dermatoses*.

As analyses chimica e microbiologica foram feitas pelo professor da Escola Brotero, o ex.^{mo} sr. Charles Lepierre.

A' venda em garrafas de litro — Preço 200 réis

Deposito em Coimbra — PHARMACIA DONATO

4, Rua Ferreira Borges, 6

Tubos de ferro, bombas e seus pertences

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio — COIMBRA

CASA

Arrenda-se o 3.º e 4.º andares na rua da Alegria n.º 77. Tem agua, gaz e um pequeno quintal.

Tambem se arrenda a loja do mesmo predio.

Trata-se com Antonio Marques de Seabra, largo do Principe D. Carlos — Coimbra.

FONOGRAFOS

Manoel José Telles, Rua Ferreira Borges, n.º 150 a 156, tem em deposito os magnificos *Phonographs Edison* de diferentes preços e tamanhos.

Variada e grande collecção de cilindros, com lindas operas, cançonetas, monologos, etc., nacionaes e estrangeiros que vende pelos preços das principaes casas de Lisboa e Porto.

Sempre cilindros com musicas novas e muito escolhidas.

RELOJOEIRO

Manoel José Pereira Machado, empregado, da Relojoaria Paixão, faz publico, que se encarrega de todos os trabalhos concernentes á sua arte, para o que se encontra trabalhando por sua conta ao Arco d'Almedina n.º 7, responsabilizando-se pela perfeição e solidez dos seus trabalhos.

Preços modicos.

Alfaiateria Guimarães & Lobo

54 — RUA FERREIRA BORGES — 56

(Em frente ao Arco d'Almedina)

Abriu este novo estabelecimento onde se executa com a maxima perfeição e modicidade de preços, toda a qualidade de fatos para homem e creança, para os quaes tem um variado sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Ha tambem uma grande variedade em flannels e panos pretos para capas e batinas, para todos os preços.

Artigos para homem como camisaria, gravatas, luvas, etc.

Pede-se ao publico a finesa de visitar este estabelecimento.

PROBIDADE

Companhia Geral de Seguros

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua Ferreira Borges, 165, 1.º

Tomam-se seguros de prédios, mobilias e estabelecimentos contra o risco de incendio.

CASA

Arrenda-se uma, na rua dos Sapateiros, n.º 40 e 42. Constando de lojas e 4 andares, própria para estabelecimento de qualquer género.

Trata-se com David de Sousa Gonçalves, rua da Moéda, Coimbra.

Opa de seda nova

Vende-se uma propria para irmão da Misericordia. Para tratar com Augusto Nunes dos Santos, rua Direita, 16 e 18 — Coimbra.

Consultorio dentário

COIMBRA

Rua Ferreira Borges

Herculano Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

ACYTILENE

Carbureto de calcio francês, rendimento garantido de 300 litros por kilo, os 100 kilos franco — Lisboa, 10.000 réis

Apparelhos, candieiros, lustres, bicos e mais accessorios

NOVA LUZ A GAZOLINA

Poder illuminante — 100 vellas por bico

GASTO: — 5 réis por hora

Mandam-se gratis catalogos e preços correntes

A. RIVIÈRE

RUA DE S. PAULO, N.º 9, 1.º andar

FABRICA DE TELHÕES E MANILHAS

Premiada na Exposição de Ceramica Portuguesa, no Porto, em 1882, com diploma de merito; e medalha de cobre na Exposição Districital de Coimbra, de 1884

Esta fabrica a mais acreditada em Coimbra, em construcção e solidez de telhões, manilhas para encanar agua, siphões para retretes, vasos para jardins e platibandas, balaustrs, tijolo para ladrilhos de fornos, tijolos grossos para construcções e para chaminés, tachos para cosinha á imitação dos de Lisboa, etc. — Todos estes artigos são de boa construcção e por

PREÇOS ECONOMICOS

Pedro da Silva Pinho Coimbra

29, Rua de João Cabreiros, 31 — COIMBRA

COLAR DOUCHE

O melhor aparelho para banho douche que se obtem sem molhar a cabeça.

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio — Coimbra

CASA MEMORIA

DE

Santos Beirão & Henriques

Sucursal em Coimbra

99 — Rua Visconde da Luz — 103

Esta casa continúa a fornecer ao publico as suas acreditadas machinas de costura — *Memoria*. Tem todos os modelos mais recentes taes como vibrantes, oscilantes e bonine central o que á mais perfeito.

Ninguém compre sem visitar esta antiga e acreditada casa, para se certificar da qualidade e preços destas machinas que nenhuma outra as pôde egualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a *Memoria* com tantas outras que por ahi se vendem. Vendem-se a prestações e a prompto pagamento. Aceitam-se machinas usadas em troca por seu justo valor.

Pianos

Esta casa acaba de receber importantes remessas Pianos alemães e franceses que se vendem a prompto pagamento por serem importados directamente dos fabricantes; vendem-se ao publico em melhores condições do Porto ou Lisboa. Aceitam-se Pianos em troca e compram-se Pianos usados.

A' sempre quantidades de Pianos para alugar.

COLEGIO

LICEU FIGUEIRENSE

Instituto particular de educação e ensino

Figueira da Foz

DIRETOR

Dr. José Luiz Mendes Pinheiro

Professor na Universidade e ex-professor no Lyceu Central de Coimbra

Neste estabelecimento ensina-se instrução primaria e instrução secundaria (curso dos liceus e curso comercial). Aulas de ginastica e musica. Admitem-se alunos internos, semi-internos e externos. Envia-se regulamentos, programas e quaesquer informações a quem as pedir ao diretor.

LUCA

Delicioso licor extra-fino

VINHOS

Associação Vinicola da Bairrada

Grandes descontos aos revendedores

Unico deposito em Coimbra

CONFETARIA TELLES

150, R. Ferreira Borges, 156

Modista de chapéus

Com um esplendido sortimento de chapéus para senhoras e crianças, no que á de maior novidade, chegou a esta cidade e instalou-se na sua casa rua Ferreira Borges, n.º 185, 1.º, a acreditada modista de Lisboa que na estação de verão esteve em casa do sr. Augusto Palhinha.

Convida por isso as suas ex.^{mas} freguezas a visitarem o seu atelier onde encontraram bonitos modelos a preços modicos.

"RESISTENCIA"

CONDIÇÕES D'ASSINATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Ano	2700
Semestre	1350
Trimestre	680

Sem estampilha:

Ano	2400
Semestre	1200
Trimestre	600

Brazil e Africa, ano..... 3200 réis
Ilhas adjacentes, 3000

ANUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assinantes, desconto de 50%.

Comunicados, 40 réis a linha.
Réclames, 60 " "

Anunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal fór honrado.

Avulso 40 réis

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Editor

MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redação e administração — RUA DE FERREIRA BORGES, 89, 2.º andar

12 — RUA DA MOEDA — 14

N.º 864

COIMBRA — Quinta-feira, 31 de Dezembro de 1903

9.º ANO

A iniciação das Crèches

Ex.º Sr. Dr. Joaquim Martins Teixeira de Carvalho

Soubes que V. Ex.º resolveu dedicar o numero da *Resistencia* do 1.º de Janeiro proximo exclusivamente ao assumpto das creches, pela muita sympathia que lhe merece a creche de Coimbra.

Soubes tambem que V. Ex.º se lembrou da minha humilde pessoa para collaborar nesse numero, não de certo pelo meu merecimento litterario, que é nullo, mas sim pela circumstancia de ser eu o presidente da Direcção da creche.

Achando por este motivo natural a lembrança, agradeço-a todavia como prova de subida deferencia, a que eu desejaria corresponder com galhardia. Não o podendo fazer por trabalho proprio, vou desempenhar-me da incumbencia o melhor possivel, com vantagem para todos, dando em logar da minha inóltr prosa um scintillante escripto de Camillo Castello Branco.

Tinha lido ha tempo num livro intitulado «A Creche por Joaquim Ferreira Moutinho» um notavel artigo do grande escriptor, em que elle narra na sua linguagem humoristica e picante as difficuldades que houve em fundar a primeira creche de Portugal no Porto, e a inanidade das objecções apresentadas contra o piedoso instituto.

Ora tratando-se da mesma instituição fundada ha pouco nesta cidade, comprehende-se toda a oportunidade do referido artigo. Como por outro lado elle é um modelo de graça e de linguagem vernacula, como tudo o que sahio da penna do illustre romancista e notavel polemista, creio prestar um bom serviço não só aos leitores da *Resistencia* offerecendo-lhes no dia do Anno Bom um verdadeiro mimo d'arte, mas tambem aos redactores deste conceituado jornal dando-lhes a collaboração superior que merecem.

De V. Ex.º coll.º e am.º obr.º
Philomeno da Camara.

FUNDAÇÃO DA CRECHE NO PORTO

Ha trinta e dois annos, um facultativo homoceptho no Rio de Janeiro, tendo percorrido grande parte da Europa, fez escala por Lisboa, de regresso ao Brazil. Impulsionavam o dous generosos sentimentos: apostolar a homocepthia, convicto de que propagava uma verdade scientifica, e apostolar a Creche como quem apregoa a santissima, a suprema das providencias para desgraçados que o principiam a ser desde os primeiros vagidos.

Em 16 de setembro de 1852, João Vicente Martins, o propulsor da Creche, escrevia na «Revolução de Setembro»: Desde o berço até á morte necessitamos de amparo; e n'estes dous extremos da vida muito mais carecemos

de amiga mão que nos abra os olhos ou que nos os cerre. E quantas vezes falta absolutamente essa mão de amigo ao pobre velho que morre, ao debil infante vindo á luz! E como a certeza, infelizmente innegavel, d'estas desgraças deve excitar a nossa compaixão e até compungir de remorsos o nosso coração, quando igual certeza temos de as ter podido evitar! Morrem muitos infelizes sem terem na hora extrema quem lhes diga palavras de consolação e lhes cerre caridoso as palpebras; e morrem tambem á nascença ou vivem pouco e pensando muitas criancinhas, por lhes faltar a caridade intelligente e efficaz n'esses primeiros dias da existencia, tão decisivos entre o bem e o mal de toda a vida. Mas o espirito de caridade que anima todos os corações, muito principalmente os corações portuguezes que até agora, Deus louvado, ainda não protestaram contra a sua religião toda caridade e amor, esse espirito acathe e alenta sempre todos os meios praticaveis de evitar qualquer desgraça e de prestar todo o auxilio aos infelizes. Bem persuadido de que isto é assim, po' que o sinto em mim que sou portuguez, e porque o vejo todos os dias praticar com toda a sorte de infelizes, julgo-me obrigado religiosamente a dar noticia abreviada de uma das melhores instituições de caridade que hoje existe em França d'onde oriunda, na Inglaterra, onde mudou de nome sem mudar de essencia absolutamente, na Belgica, na Austria, na Italia aonde igualmente prospera.

Quero fallar da instituição das Creches (que nós poderiamos chamar precepitos, se licito fosse dar-lhes denominação nossa). Mas não fallarei pelo sin gulo prazer de dar uma noticia, senão pelo proposito firme de fazer adoptar em Portugal tão santa instituição, etc.

E n'esta linguagem chã, correntia, sem desvanecimentos de captivar attentões com louçanias de estylo, João Vicente Martins expoz as particularidades da Creche nos paizes que visitara e especialmente em Paris onde elle cooperára para a fundação de uma com os recursos proprios. Depois, invocava a caridade das senhoras portuguezas: E poderia ser que as senhoras portuguezas que em todos os tempos foram exemplares de caridade e amor materno, deixassem de acolher não só benignamente, mas até com santo entusiasmo a instituição das Creches? Pedia Vicente Martins aos jornalistas que transcrevessem as suas duas extensas cartas; porque elle de per si só nada esperava da obs curidade de seu nome. Nem os jornalistas da capital, nem as senhoras portuguezas lhe deram alguma importancia. A caridade n'aquelle tempo não se movia sem descargas electricas de rethorica firmada por nomes de mais alta notoriedade. A primeira Creche de Lisboa inaugurou-se vinte e quatro annos depois, em 1876.

Decorrido menos de um mez, João Vicente Martins sahio desanimado de Lisboa e veio ao Porto implorar o auxilio dos jornalistas. Dirigiu-se a um dos mais lidos jornaes, o «Nacional»: Rogo-lhe, sr. redactor, que tenha a bondade de transcrever no seu conceituado jornal os dous artigos que a este respeito já foram publicados, e peço com muita instancia que me auxilie com as suas luzes e boa vontade para levarmos a effeito na cidade do Porto uma creche ao menos. (12 de outubro de 1852.)

O «Nacional» publicou a carta de J. Vicente Martins, e oito dias depois admittia contra a Creche uns Embargos escriptos por J. F. Estas inicias

eram do medico João Ferreira da Silva Oliveira, lente da escola medico-cirurgica, notavel publicista, dextro argumentador em politica, redactor de varios jornaes, creador da «Gazeta Medica» e litterato de brilhantes provas na «Revista litteraria do Porto». Liam-se avidamente os seus artigos. Era de esperar que a impugnação á Creche feita por sujeito de tão notorios predicados contraminasse o apostolado do obscuro medico homoceptho que vinha preconisar a um tempo duas novidades. João Ferreira pedia ao redactor do «Nacional» que impugnasse a creção de taes estabelecimentos; posto que lhe pareceisse trabalho escusado, pois fiava dos sentimentos caritativos e religiosos dos portuezes que jamais se prestariam a auxiliar a dissolução de vinculos sagrados e respeitaveis. Afirmava que as Creches cooperavam para a relaxação dos laços de familia; que os affectos reciprocos entre mãe e filho afrouxam com o apartamento; que as mães, enviando os filhos á roda nem mais se lembravam d'elles, e que as Creches eram rodas de ausencia intermitente, sendo os effectos moraes proporcionalmente analogos.

E por isso que (acrescenta) relaxam os sagrados vinculos da familia acho contrarias á religião e á sociedade as Creches e entendo que a imprensa, em vez de fomentar a instituição d'ellas deve ao contrario impugnal-as.

Nestas hostilidades á Creche João Ferreira trasladava litteralmente Emile Girardin que foi em França o impugnador vencido de Marbeau.

Conta o embargante para melhor fundamentar os embargos a anedocta d'aquelle mãe spartana que pediu a um ilota novas dos seus cinco filhos, enviados á guerra. O escravo respondeu com pungido e a tremor que elles tinham morrido na batalha; e a mãe, com selvagem frieza, bradou ao escravo: «Quem te pergunta isso, villão?» E foi dar graças aos deuses, porque Sparta venceu. Não quer pois, em vista da anedocta, João Ferreira que as criancas em Portugal sejam creadas pelo Estado á laia da lei de Lycurgo, que abolira a familia; aliás, diz elle, ensinam-as tambem a roubar, como se fazia n'aquelle republica. Com tamanha pujança logica João Ferreira não vingou atemorisar o propugnador da Creche.

Eu concordi a um jantar que João Vicente Martins offereceu a um pequeno numero de medicos e amigos, no Hotel do Péxe, onde elle com sua esposa e dous filhos menores se hospedara. Ahi o ouvi ler e comentar o artigo de João Ferreira com uma serenidade bem diversa da atribulada de todos os iniciadores contra dictados. Como era essencialmente religioso, havia na sua replica oral a mansidão, o tom de humildade, que ás vezes parece ironia, na resposta que lhe deu escripta em um Appenso ao n.º 403 do «Braz Tizans», um largo trabalho que elle pagou, assim como pagava todos os annos que os jornaes publicaram pedindo esmolas para a Creche. A caridade nos balcões das empresas jornalisticas regulava pela temperatura da caridade dos assignantes.

João Vicente, na replica aos Embargos, acha os injustos e menos generosos; porquanto, sendo o seu alvitre um instituto caridoso, seria honesto não sahír com os embargos antes de o publico estar inteirado do que é a Creche.

Não o louva pelo mau juizo que forma da caridade dos portuezes, dando-se por seguro de que elles se negavam a coadjuvar uma empresa que dissolve

os vinculos sagrados da familia. Defende João Vicente que a Creche é uma instituição santa porque evita o infanticidio e conserva as mães pobres os filhos que os engratariam compellidas pela fome; porque em fim, dá vigor a essas criancas que, formadas na indigencia, ficariam miseravelmente intanguidas e sujeitas a muitas enfermidades. Deplora que o seu adversario não estudasse a organização da Creche — uma ignorancia de que elle João Vicente, não sendo o culpado, estava sendo a victima. Combate que os affectos reciprocos de mãe e filho se afrouxem com o apartamento temporario da Creche; e para que não esfriem e de todo relaxem em o apartamento pela roda, é que elle propugna o estabelecimento das Creches em Portugal e no Brazil; porque assim evitará a mãe pobre a dor de abandonar o filho; aceita-lh'o, alimenta-lh'o em quanto ella vai agenciá-lo á sua vida; não lhe dá lo gar á esquecel-o, durante o dia, porque ha de ir amamentá-lo, e volta ao seu trabalho sem cuidados, sabendo que a caridade agasalha, e lh'o entregará ao anoitecer, e nos dias santificados lh'o deixará levar nos braços ao templo do Senhor com o coração palpitante de reconhecimento. João Vicente impugna que se apertem muito os laços de familia onde é grande a miseria. Os filhos famintos e maltrapilhos, inseparaveis da mãe, vegetam ás vezes na mais lamentavel desumão e sem algum vinculo de amor, que tal nome mereça. Que é muitas vezes a mãe a primeira a detestar os filhos; e elles, acossados pelo des affecto e pela fome, seguem, fora d'esse infecto e decomposto abrigo da familia, caminhos que levam ao vicio e ao crime, porque entram n'elles com a alma arida e sem uma boa impressão de infancia que os faça lembrar do amor maternal. Isso não teria succedido, se a caridade os houvesse tomado por algumas horas do dia, em quanto os paes, fora do domicilio, trabalhassem desembaraçados do cuidado assiduo que uma criancinha necessita.

Que era um insulto dizer que as mães que expõem os filhos nunca mais se lembram d'elles. Não pôde tolerar que o articulista do «Nacional» equipare a roda com a Creche como yononimos na dissolução do amor de familia. A roda é uma sepultura aberta aos desgraçados que mães infelizes ah vão deixar para não lhes morremem nos braços. A Creche tem por condição essencial a mais intima convivencia da mãe com o filho, não lhes permitindo a separação de um dia só. Que não ha paridade alguma entre os effectos moraes do desamparo da roda e o desvelo com que nas Creches são tratadas as criancas, que a toda a hora as mães podem visitar, que á noite recebem livres de perigo, e mais amadas porque não constrangeram as mães á inercia e lhes deixaram livre o precioso tempo do trabalho.

Uma ou outra vez, João Vicente Martins desliza do trilho manso que lhe assegura o triumpho, e tem ditos fortes que merecem alguma indulgencia; por exemplo: João Ferreira dissera que as Creches relaxavam, e João Vicente replicou: «Relaxam-se muito, mas são as ligações do respeito e consideração entre discipulos e mestres, quando estes que devem dar constante exemplo de juizo, prudencia e generosidade, tratam com levandade questões tão graves como esta, sem por um instante as terem estudado, e ainda invocam em seu auxilio a parcialidade de um jornalista. Relaxam-se ainda mais os discipulos quando vêem o mestre a servir

de bigorna em quanto lhe querem dar aquele que elle aggrada, não levianamente, com tanta imprudencia e tão pouca generosidade. Como fervoroso catholico, João Vicente não pode consentir que João Ferreira assoime de contrarias á religião as Creches, quando Gregorio XVI concedeu indulgencias aos instituidores das primeiras, e o papa Pio IX lhe promettera pessoalmente a elle, tomase extensiva essas indulgencias a todos os instituidores. Mette um pouco a riso o adversario, porque elle dissera que não era por medo ao communismo nem á republica, que impugnava a fundação das Creches. E, na verdade, ir nos braços das criancas, abrigadas no regaço da caridade, buscar embriões de republica e communismo era um dislate incompativel com o juizo do notavel professor da escola medico-cirurgica. Outro gracejo de João Vicente, aliás inoffensivo. João Ferreira queria que aquella mãe spartana do conto eschisse desmaiada quando ouviu a noticia da morte dos cinco filhos. E pergunta: Porque não cahiu ella desmaiada? Diz então o Martins: É a pergunta mais philosophica que podia ser feita pelo illustre redactor da «Gazeta Medica do Porto». Porque não desmaiava a celebre spartana, se o sr. João Ferreira queria que ella desmaiasse? João Ferreira dissera que ella não desmaiara porque não creara os filhos; e João Vicente entende que a spartana, se tivesse creado frangos em vez de crear filhos, e elles lhe morressem, devia ter desmaiado, principalmente morrendo-lhe cinco de uma só vez. Pelos modos, o medico brasileiro não dava grande credito á anedocta, nem lhe achava succo para argumentar seriamente.

João Ferreira escrevera que o estado economico social dos paizes em que João Vicente vira as Creches não era analogo ao nosso; e, faltando identidade de circumstancias, não seria razoavel transplantar instituições estranhas. O fundador da Creche portuezes retorquiu que estudara as Creches, que concorrera para a fundação de uma em França, e alli publicara um opusculo intitulado: «Un conseil à la mere qui ne peut plus amener à la Creche son enfant malade»; que tivera intimas ligações com Marbeau, o fundador; que não queria que Portugal, sua patria, ficasse mais tempo privado d'uma instituição aceita em toda a Europa, e que iria florecer na America, logo que elle lá chegasse.

Temos dado muito pela rama o compendio da replica de João Vicente Martins, contra a qual nenhum sahio; mas tambem á volta do triumphador n'esta facil batalha não se agruparam nem os ricos de ouro nem os ricos de intelligencia. Havia uma grande indiferença pelos alvitristas da reforma da sociedade mediante instituições philanthropicas. A arvore da caridade, a bracejar sombras para cobrir criancas, não podia resistir aos repelões tempestuosos das luctas civis em que mais ou menos andavam empenhados todos os espiritos. Nesses annos de 1852 davam-se as ultimas escaramuças das nossas guerras civis. Depois d'esse cyclo funesto de trinta e dous annos é que a sombra da paz germinaram outros pensamentos sociologicos, e os fructos abençoados que hoje se colhem são os productos dos gomos que então enfolhavam.

João Vicente Martins, coadjuvado por alguns poucos individuos que então constituiram a directoria da Creche, installarem a primeira que teve o Porto na praça da Trindade n.º 17, no dia

21 de outubro de 1852. Se bem me lembro, o sr. Antonio Bernardo Ferreira cedeu gratuitamente a casa, onde hoje está reedificado o palacete em que s. ex.^a habita.

A cooperação das escolas era diminuta. Parece que as idéas propaladas por João Ferreira dominavam o animo das pessoas idoneas para impulsionearem generosamente a sympathica instituição. Demais a mais, aquelle tempo a caridade dos portuenses não se desentranhava em superabundancias extraordinarias. O dinheiro não seria pouco; mas o seu valor era enorme quando entrava na circulação economica da alimentação do pobre. Um exemplo colhido em um periodico publicado no mesmo dia em que se fundava a Creche. O «Braz Tisana» imprimia a lista dos beneficeiros do Asylo dos Lazeros e das Lazaras. Antonio Ferreira Braga, um cirurgião muito rico, dera um pinto; Affonso Botelho de Sampaio, um lavrador do Douro, deputado, opulento, dava outro pinto; uma senhora D. Rosa de Villa Nova dava uns bocados de carneiro; outra senhora D. Rosa Sampaio dez bróasinhas de pão. Isto propalava-se nas gazetas, como exemplos de bizarria, e como galardão ás almas exuberantes, d'onde irrompiam esses mananciaes de misericordia. E os jornaes, em annuncios pagos por João Vicente Martins, exclamavam todos os dias: *Roga se ás pessoas caridosas que se dignem proteger este novo estabelecimento, etc.* Ora eu na qualidade de visitador fui alli algumas vezes, e nunca lá encontrei alguém, excepto umas vinte crianças, em uns berços limpos, com uns semblantes maviosos, a olharem para a gente, como a pedirem, não o alimento que lhes sobejava, mas as caricias das mães insubstituíveis. Diziam-me os meus socios na directoria que algumas senhoras protegiam a Creche com as suas esmolas. Não seriam muitas, porque um «Periodico homeopatico» cuja sustentação devia ser penosa, applicava a beneficio da piedosa instituição os seus lucros.

Decorreram dezenas de annos, e occorreram na propagação da santissima idéa uns homens de mais pulso, de mais acrisolada energia contra as desgraças fataes da vida humana.

Camillo Castello Branco.

NOTAS D'UM PAE

Tantos individuos que procuram fazer casa, fortuna; mas de tudo tratam, menos dos filhos...

Um meu novo amigo. Familia de pobres. O homem, trabalhador d'enda, ha uns poucos de dias sem ganhar. A mulher anda a pedir. Já cançada, entrega a creança de mama que traz ao collo, á filhinha que a acompanha, de oito annos, quasi nua, envolta num velho chaile desbotado. Dirijo-lhes palavras de consolação. É a pequena, ouvindo-me, com o irmãozinho apertado ao peito, de agradecida, sympathicamente, volta o para mim, para que, como ella, me sorria também, e, eu vou a deixá-los, ainda me certifica: «Olhe elle a fazer beicinho por se ir embora!»

Uma familia de lucto, por morte do chefe, mas o pequenito com um bonné vermelho, de jockey, na cabeça. D'ali a pouco, explicava-me um parente: «Aquelle é que é o preferido, o mimalho.» Escusava de m'o dizer. Até com elle a pobre mãe esquecia as tristezas da sua viuvez.

Outro mimalho. A mãe vai para lhe ralhar, e elle levanta a palma da mão, como quem lhe diz: *Modere-se!* E a mãe não pode mais. Adeus ralhos! E voltam os sorrisos.

«É preciso aprear se, maman.» dizia para uma senhora d'idade um homem dos seus 40 annos, ao ver que não havia logar para ambos no mesmo compartimento do comboio. E eu não sei o que me impressionou mais, se a ternura do filho, que ainda lhe punha na voz as notas cristalinas, musicas, da linguagem infantil; se o sorriso cheio de mimo com que a boa velhinha, quasi receosa de pezar de mais, se apoiou para descer ao braço do seu grande bebé.

Só agora é que se descobriu a telegraphia sem fios? Não! Eu já a conhecia entre os paizes mais longinquos. Quantas vezes me aconteceu ir em via-

gem com individuos de nacionalidades diversas, e, se havia uma creança — vejam a simplicidade do aparelho — bastava-me despertar no rosto d'ella um sorriso para logo suissos, francezes, allemães, russos, etc., todos se sorrirem também. A que distancia social as almas podem communicar por meio das radiações infantis!

Em quasi todas as casas ricas dá-se uma creada a cada um dos filhos, e, em elles crescendo, entregam-se aos mestres. Que faz o pae e sobretudo a mãe? Para onde voltarão o seu coração?

Bernardino Machado.

O AMOR DAS CREENÇAS

Tudo que é fragil e debil, delicado e terno, desperta nas almas nobres sentimentos elevados de bondade e amor: — flores, mulheres e creanças sam motivos eternos das mais suaves delicadezas d'alma... Até os cruéis saltadores das lendas, de longas barbas hirsutas e aspectos ferozes, com a consciencia cravejada de crimes e o olhar tórvo de feras a monte, caíram na sympathia popular desde que a seu respeito se contou que foram ternos para as creanças, humildes e delicados para as mulheres, compassivos para a pobreza. E ainda hoje o que torna mais odiado para o povo o nome secular do João Brandão, não é o assassinio do Padre Portugal nem a morte traiçoeira do Ferreira; mas o crime hediondo, que lhe attribue a lenda, de ter cravado o seu punhal no tenro peito duma creancinha, que, a morrer, lhe ia sorrindo docemente e passando as mãos de neve pelas suas barbas de ladrão! Tanto impera na alma popular, ingénua e simples, o sentimento bom da ternura por tudo o que é delicado e terno...

Mas não é só por este aspecto, de natural affecto por essas creaturinhas debeis e de si encantadoras, que deve ser considerado o amor pelas creanças; é sob um aspecto de maior grandeza, pela sua mais alta superioridade, — o aspecto social, que os homens devem dedicar o seu empenho ao problema das creanças.

Germes rosados do Futuro, sementes aureoladas da Humanidade, as creanças devem ser o disvelo constante do educador. E aos homens, que pensam e que se devotam ao aperfeiçoamento social de povos e de instituições, incumbe a missão fecunda de fundamentarem no espirito incerto das creanças os sólidos alicerces da Patria. Fazer homens e crear cidadãos; robustecer as creanças para a Vida e educá-las para o Bem — é, certamente, a mais grandiosa das missões, a mais alta e generosa iniciativa.

Empenhemo nos todos nesta cruzada santal Arrancando ao vicio das ruas as gemmas preciosas que ali se perdem, levemo-las do peito das mães para o seio das creches; subamos á eschola infantil e á aula civica; e, formando homens e creando cidadãos, entreguemos á Sociedade homens feitos e aptos a lutar pela Vida, e offertermos á Patria cidadãos capazes de a compremender e amar.

F. Fernandes Costa.

Beneficencia livre

Quando foi da installação das Creches, em Coimbra, muita gente, cega por velhos e perigosos preconceitos, não logrou ver a importancia daquella instituição de carid. de. Estava-se convencido que, sem capella ao lado, ou nome de santo a patrocinarem a casa, a obra não vingaria. De uma pobre senhora fanatisada, sei eu, que, todas as vezes que passava pelo edificio das Creches, na rua dos Grillos, se benzia, esconjurando o pobre e caridoso estabelecimento. Hoje as coisas mudaram. De toda a parte cahem bençoens sobre a benemerita instituição. Pzeram-se de parte as questões de creença politico-religiosa; e comprehendeu-se, enfim, que a verdadeira caridade está unicamente nisto: *Fazer bem por fazer bem, e só por fazer bem.*

Oxalá que, sob este lemma, se fossem levantando mais estabelecimentos de beneficencia pública.

A Razão é a unica força capaz de junctar todos os homens.

Coimbra, 29-XII-1903.

C. F.

A Creche de Coimbra

Está na memoria de todos que a fundação da Creche actual é devida á iniciativa da Associação Liberal que, depois de um somno prolongado de alguns decennios, accordou em circunstancias anormais de paz, com um programma admiravel de bellos e generosos empreendimentos para melhorar as condições materiaes da existencia das classes pobres de Coimbra, e para impulsionearem a educação moral e scientifica de todas as classes. Foram eleitas no seio d'esse gremio commissões para estudarem e realisarem os meios de fazer cursos livres e gratuitos, de fundar um collegio modelo para educação de meninas e finalmente para crear e administrar cozinhas economicas e tres creches, uma na cidade alta, a segunda na baixa e a terceira em Santa Clara. De todo este programma apenas se pdeu realizar incompletamente esta ultima parte, pois de tres creches que se deveriam abrir apenas foi aberta a que actualmente existe. Para isso mesmo foi necessario a audacia do Sr. Conselheiro Dr. Bernardino Machado, digno presidente da Associação Liberal, que, na assembleia geral reunida nos principios de Maio para assentar no modo de solemnizar o dia 8 de maio, dia da entrada dos constitucionaes em Coimbra, annunciou, entre diversas propostas, que também seria inaugurada a 1.^a creche de Coimbra. O annuncio era um arrojado, porque não havia nada preparado para empresa tão difficil. A inauguração da creche exigia tres coisas indispensaves: uma casa devidamente mobilada e com os necessarios utensilios; pessoal para o serviço, e a população dos recolhidos. Nada d'isso existia, nem casa, nem pessoal nem creanças; mas a palavra do presidente compromettida, e por isso, a commissão, composta de tres membros, Manoel José Telles, José Falcão Ribeiro e Philomeno da Camara envidou todos os esforços para que essa inauguração não fosse apenas uma promessa vã. Os visitantes da grande casa dos Grillos, aonde o sr. Conselheiro Dr. Bernardino Machado installara a expensas suas e com os seus proprios livros uma bibliotheca para uso das classes operarias, puderam vêr ao lado do grande salão de leitura, uma sala elegantemente adornada, graças aos cuidados do sr. Telles e esposa, com berços, vasos de flores e duas mesas em que assentavam osapparehos esterilizadores do leite. Estava alli um verdadeiro germen de creche, em que só faltava a população das crianças recolhidas, pois que lá se encontrava já a futura regente, como que a superintender na faina do novo instituto.

Para que aquelle germen se desenvolvesse, e se transformasse em arvore frondosa, a cuja sombra pudessem acolher-se os filhos das classes desvalidas, bastava que algumas dezenas de pessoas caritativas e philanthropicas o regassem e alimentassem com o obulo da sua caridade e philanthropia. Nós assim o esperamos. Sem irrogar censura a ninguem, sem formular sequer uma queixa de caracter generico, a Direcção vai, pela narrativa feita a largos traços da vida acanhada do novo instituto, mostrar que nem sempre as coisas succedem como é facil e natural prever. Dois mezes depois da inauguração da Creche da Cidade Alta era esta installada numa pequena casa da Rua da Ilha, confortavelmente preparada para receber dez creanças. Constituiu-se também a Associação das Creches de Coimbra, como sociedade de beneficencia independente, com vida propria e autonoma, cujos estatutos foram impressos depois de approvados pela portaria de 12 de Julho de 1901, firmado pelo illustre Governador Civil d'este districto Dr. Luiz Pereira da Costa. A Associação das Creches de Coimbra prestou a sua homenagem de reconhecimento á Associação Liberal d'esta cidade declarando no 1.^o art.^o dos que fôra fundada por iniciativa d'esta sociedade. Ficou todavia, como sociedade de beneficencia, absolutamente independente e destinada unicamente a exercer a caridade, precisando para viver do auxilio e protecção de todas as pessoas bondosas, sem distincção de idéjas sociaes ou politicas e de creanças religiosas. No mundo civilisado, todas pessoas de intelligencia esclarecida têm protegido esta admiravel instituição, que vem preencher a lacuna que existia entre as Maternidades, donde sabem os recém-nascidos de um

mez, e os asylo para onde entram as crianças de depois dos tres annos. Firmino Marbeau, o fundador das primeiras creches em Paris, em 1844, foi efficaçamente auxiliado pela imprensa, pela autoridade religiosa e pela academia franceza, que deu o premio Monthyon ao livro de Marbeau intitulado «Das Creches». Em 1845 foram abertas cinco creches em Paris, e 8 em 1846. D'ahi estendem-se ellas a muitos paizes da Europa e a todas as provincias de França, aonde os parochos chegam a ceder os seus passos e residencias para a installação das creches. Gregorio XVI concede indulgencias aos fundadores das primeiras creches, e Pio IX promette pessoalmente ao Dr. João Vicente Martins, fundador da 1.^a creche do Porto em outubro de 1852, tornal as extensivas a todos os instituidores de novas creches. Estes instituidores de beneficencia merecem realmente desvelada protecção de todas as classes sociaes que, pela sua illustração e intelligencia, se interessam por tudo o que pode concorrer para extirpar esse terrivel cancro da humanidade — a miseria. As creches, amparando as creanças na idade em que ellas mais carecem de protecção, em que a miseria e as doenças, nas tres primeiros annos da sua existencia, mais podem comprometter a robustez do futuro operario, prepara homens validos, fonte de trabalho e de riqueza, que seriam sem esse amparo invalidos a sobrecarregar a sociedade com despesas e cuidados. Pelo mesmo motivo as creches evitam muitas doenças, particularmente a tuberculose, e favorecem a instrução permitindo a frequencia das escolas aos irmãos mais velhos das creanças recolhidas, os quaes teriam necessariamente de se inutilizar no domicilio paterno ficando ao lado d'estes como guardas e vigias.

Esperavam os promotores da Creche que em Coimbra, terra de illustração excepcional, pois que é a sede da unica Universidade do paiz, terra conhecida pela bondade e philanthropia dos seus habitantes, a instituição das creches não deixaria de bracedar as suas sombras protectoras a muitas dezenas de creanças desvalidas, como arvore frondosa carinhosamente alimentada e regada pelo obulo da caridade. No curso desse anno a movimento de sympathia da classe academica por instituição, e as esmolas d'algumas pessoas illustradas e bondosas, fizeram esperar que isto assim succederia.

Assim dizia o relatório de 1901 a 1902.

Estas esperanças foram confirmadas pelo resultado da kermesse.

A kermesse a favor das creches, foi a mais brilhante que aqui se tem realisado, pelo concurso enorme de senhoras que affluiram ao Jardim Botânico, onde o sr. dr. Julio Henriques tinha feito, para a venda e exposição das prendas, pavilhões simples, elegantemente artisticos, como são todas as decorações do illustre homem de ciencia, que tem nas paginas do Antonio Maria a sua consagração de decorador, feita por Raphael Bordallo Pinheiro

Era para ver a alegria communicativa das senhoras offerecendo flores, vendendo sortos e doces, convertendo o encanto do seu sorriso no ouro que ha de fazer florir o riso e a saude nos rostos palidos, nas boccas tristes das creanças abandonadas.

Deve ter-se orgulhado da festa a ex.^{ma} sr.^a D. Marianna Portocarrero da Camara, que com tanta solicitude a preparou, e com alegria tão carinhosa ia vendo como os seus esforços eram compensados e comprehendidos por todas as senhoras, que vieram dar-lhe o seu auxilio com tanta boa vontade e tanta dedicação.

A direcção das creches, que, em uma das sessões, immediatas nomeou a sr.^a D. Marianna Portocarrero da Camara socia protectora e honoraria da associação das creches, não fez mais do que assignalar, com um acto honroso da sua administração, os serviços que todo o publico de Coimbra sabe terem sido prestados por sua ex.^{ma} ás creches desde o seu estabelecimento.

Ao jardim accorreu naquelles dias tudo o que Coimbra tem de mais distincto pela belleza, pela raça, pela intelligencia e pela situação social.

É impossivel detalhar nomes, descrever o encanto das senhoras, a sua alegria em fazer bem.

As ex.^{mas} sr.^{as} Condessa do Ameal, D. Maria Eduarda Baccellar Quaresma, D. Maria Isabel Garrido, D. Rosa Garrido, D. Philomena Aragão, D. Ma-

thilde Pessoa, D. Clotilde Neiva e su ex.^{ma} filha, Viscondessa d'Alverca, D. Mathilde Kopke, D. Maria José Forjaz e suas ex.^{mas} filhas, D. Maria Antunes, D. Maria Joyce Diniz e suas ex.^{mas} filhas, D. Branca de Mattos, D. Ermelinda Costa Allemão, D. Anna Pereira Dias, D. Carolina Pereira Dias de Faro e Mello, D. Maria Amalia Cabral e ex.^{mas} netas, D. Antonia de Azevedo, D. Maria da Gloria Sampaio, D. Carmo de Castro, D. Amelia Fernandes Vaz e ex.^{mas} filhas, D. Emilia d'Almeida, D. Eugenia Refoios e suas ex.^{mas} filhas todas se empenhavam no successo daquelle bella festa de caridade.

Na barraca da direcção, ornamentada de grades douradas de cana, por onde trepavam flores e arbustos, professores, negociantes, senhoras sorriam a offerecer bilhetes e a vender prendas e com tal arte que até os caixeiros se deixavam enganar.

No restaurant, outra construcção do sr. dr. Julio Henriques feita de troncos numa disposição elegante, coberta de folhas de palma, ria-se e, por um prodigio novo, quanto menos vinho se deitava nos calices mais caro se pagava.

Os pregoeiros andavam de grupo para grupo, sempre chamados e sempre a responderem sem enfado, o rosto sempre a rir.

As prendas, se saiam, eram offerecidas outra vez e arrematavam-se havendo sempre quem comprasse, a rir, as coisas mais inúteis e mais difficeis de transportar.

Apezar da tristesa do tempo, aquelle canto ensombrado do jardim esteve sempre cheio da alegria e do movimento juvenil, e todos tentavam informar-se a cada momento do que tinha já rendido a kermesse, como se a associação fosse obra que todos protegessem.

Ninguem queria vêr mēsa descontente, e andavam os compradores de mēsa para mēsa á procura de labios que não sorrissem.

Assim se transformava o dinheiro na flor do sorriso feminino, milagre mais difficil do que o que conta a lenda duma santa que transformava o dinheiro em flores.

Murcha depressa e morre breve a flor do sorriso feminino, que tanto custa a abrir.

Hoje voltam-se para a instituição nascente os cuidados de todas as senhoras, e todos vêm com simpatia passar a sr.^a Marquēza de Pomares, que vem da tranquillidade da sua quinta da Portella, tão cheia de srtidades da sua vida de paz e de virtude, vizitar a humilde creche de Mont'Arroio.

Para a primavera segredam-se já entre as senhoras planos, em que andam, para nos darem este anno uma festa de flores.

E será esta a mais bella festa deste anno, porque continuará a patrociná-la a actividade boa e intelligente da sr.^a D. Mariana Portocarrero da Camara.

Faz bem ir á creche para ver a alegria das crianças.

Mal alguém abre a porta, vêem elles logo a correr, a rir e a fazer barulho, sem saber fallar ainda, as caras erguidas para cima, a pedir festas e beijos.

As mãos na áncia infantil de tudo tocar para tudo saber, abraçam-se ás pernas, agarram-se ás mãos, e eu ia lá deixando o chapéu e o meu guarda-chuva historico, quando lá fui para poder escrever d'elles, e elles me cercaram sem me deixar andar.

E comprehendí bem a delicadeza de sentimento com que uma senhora, que nunca por ali passa sem entrar, achára meio de se lembrar d'aquellas crianças tão alegres, ocupando as horas do seu serão, a fazer roupa que os aquecesse nestes dias tão asperos de frio.

E sahí satisfeito, a pensar na alegria grande que deve ter o meu amigo Cassiano Martins Ribeiro por lhe ter dado Deus tão digna companheira na sua vida de trabalho e de dedicação pelo ideal mais nobre.

OS MONSTROS

As pessoas, que me têm dito que se não lembram nada dos primeiros annos da sua infancia, têm-me surpreendido muito.

Quanto a mim, guardei lembranças vivas do tempo em que era menino pequenino.

6000
6200
6200
2440

FADAS E CRIANÇAS

São, é verdade, imagens isoladas, mas que, por isso mesmo, se destacam com mais brilho dum fundo escuro e mysterioso.

Apezar de estar ainda bastante afastado da velhice, estas recordações, que são, parecem-me vir dum passado infinitamente profundo.

Parece-me que então o mundo era magnificamente novo, e coberto de cores frescas. Se fosse um selvagem, julgaria que o mundo era tão novo, ou se quizerem, tão velho como eu.

Mas tenho a infelicidade de não ser selvagem. Li muitos livros sobre a antiguidade da terra e a origem das espécies, e comparo com melancolia a curta duração dos individuos com a longa duração das raças.

E' por isso que sei que não ha muito tempo que tinha a minha cama de galeria num quarto grande dum velho palacio muito arruinado que foi demolido depois para dar lugar aos edificios novos da Escola de Belas Artes.

Era ali que habitava meu pae, medico modesto e grande colleccionador de curiosidades naturaes.

Quem é que diz que as creanças não tem memoria?

Vejo ainda hoje aquelle quarto com o seu papel verde de ramagens e uma linda gravura a cor que representava, como soube mais tarde, Virginia atravessando nos braços de Paulo o vau da Ribeira Escura.

Aconteceram-me neste quarto aventuras extraordinarias.

Tinha lá, como já disse, uma cama pequenina de galeria que de dia ficava a um canto e que minha mãe collocava, cada noite, no meio do quarto, sem duvida para o aproximar do déla, cujas cortinas immensas me enchiam de temór e de admiração.

Para me deitarem era todos os dias um trabalho.

Eram necessarios suplicas, lagrimas, beijos.

E não bastava: fugia em camisa e saltava como um coelho. Minha mãe ia agarrar-me por cima dos moveis para me tornar a metter na cama.

Era muito divertido.

Mas, mal estava deitado, punham-se a desfilarem em volta de mim personagens estranhos a minha familia. Tinha o nariz como o bico das cegonhas, bigodes erigidos, barrigas ponteadas e as pernas como as patas dos gallos.

Mostravam-se de perfil com um olho redondo no meio da face e desfilavam, levando vassouras, e pêtos, guitarras, seringas e alguns instrumentos desconhecidos.

Feios, como eram, não deviam ter se mostrado; mas devo fazer-lhes justiça: colavam se sem barulho ao longo das paredes, e nenhum delles, nem mesmo o mais pequeno e o ultimo que tinha atrás um foleto, deu nunca um passo para a minha cama.

Havia visivelmente uma força que os segurava contra as paredes, ao longo das quaes escorregavam sem apresentar espessura apreciavel.

Isso descansava-me um pouco; além disso eu não dormia. Não é com semelhante companhia, imaginam bem, que se podem fechar os olhos. Tinha os meus olhos muito abertos. E, apezar disso (isto é outro prodigio) encontrava-me de repente no meu quarto cheio de sol, não vendo senão minha mãe de penteador cor de rosa e sem saber como se tinham ido a noite e os monstros.

— Que dorminhoco que tu és! dizia minha mãe a rir.

Era preciso, com effeito, que eu fosse um famoso dorminhoco.

Hontem, passeando pelo case, vi na loja de um negociante de gravuras um destes cadernos de grotescos em que Lorrain Callot exercitou a sua ponta fina e dura e que se tornaram raros depois da minha infancia.

Uma vendedora de estampas, a tia Mignot, nossa vizinha, tinha uma parede inteira forrada com ellas, e eu olhava para ellas todos os dias, quando ia passear, e quando voltava; alimentava meus olhos com aquelles monstros, e, quando estava deitado no meu leitozito de galeria, tornava-os a ver, sem ter o espirito de os reconhecer. Aquelle patife do Callot!

O cadernozito, que folheava, fez reviver em mim todo um mundo desaparecido, e senti levantar-se na minha alma como que uma poeira embalsamada em que passavam sombras que-ridas.

Anatole Franco.

Os contos de Fadas são uma necessidade para o desenvolvimento do cerebro, para o aperfeiçoamento das suas funções, como a alimentação excessiva, o movimento desordenado, são, no começo da vida, uma necessidade para o desenvolvimento dos musculos e dos ossos.

Os contos de Fadas não são uma velharia com que se deva acabar, são uma necessidade que tem uma consagração secular.

Os contos de Fadas são o inicio do movimento evolutivo da esthetica e da moral.

No paiz maravilhoso dos contos de Fadas, começa o cerebro da creança a viver os primeiros sonhos de artista.

Terra encantada a linda terra em que moram as Fadas.

Ha lá jardins cheios de flores, que parecem viver e rir, outras então tristes; e ninguém lhes toca sem o cuidado de uma caricia, sem lhes fallar primeiro; e ninguém se atreve a cortal-as com medo de matar, sem querer, alguma princeza, que viva nellas encantada por uma Fada má.

E tudo escutam as creanças muito attentas, quando ouvem fillar daquelles jardins, interrompendo para perguntar bem como é; e assim aprendem os seus olhos a olhar com mais amor para as pobres florinhas da terra, que todos pisam sem as ver e que as mulheres frivolas cortam para se esconderem com a graça que não têm.

Assim conseguem as creanças descobrir numa flor a graça da mulher; se a cortaram, plantam-na outra vez na terra, e correm a perguntar se alguém sabe qual a alma que anda naquella flor tão linda.

E talvez no decorrer da vida aspera da sciencia não encontre aquella creança outro momento de tanto amor e entusiasmo pela belleza, que tem as cousas em que vive a alma da natureza.

Passa-se bem a vida no paiz das Fadas.

Não que lá não haja gente má como na terra; mas porque ha mais Fadas boas do que más.

E que as Fadas nunca morrem, e ha as tão velhinhas que, mesmo ao ba-pisado das princezas de que são madrinhas, chegam muito tarde, por gos-tarem mais de vir a pé pelos atalhos da floresta e pelos caminhos do monte, do que nos seus carros puxados por borboletas, ou animaes que correm tanto que, alguns que os têm visto passar, julgam haver sonhado, e lhes custa a lembrar-se de como eram.

Chegam tarde; porque nos atalhos e carreiros se encontra mais gente desgraçada do que pelas estradas reaes, e as Fadas boas esquecem os reis e as princezas quando encontram um homem pobre a quem socorrer.

As Fadas más são novas ou então velhas, que nunca casaram e andaram sempre longe das outras.

Mas essas são poucas.

Fada velha e má é raro de encontrar, porque quem muito vive, muito soffreu e muito sabe, e só o saber e o soffrimento ensinam a muito amar.

E por isso que no paiz das Fadas os velhos são muito respeitadas, não é como no mundo em que as creanças, que os não entendem, lhes batem, porque não têm forças, e se riem delles por não comprehenderem a belleza das rugas, que levam tanto a tempo a desenharem.

Ha tambem gente grande que não comprehende a belleza das montanhas, que perderam a terra e as arvores na lucta com a neve má e ficaram escalvadas, de penedos ao sol.

Menino que tenha em pequeno gostado de contos de Fadas hade sempre achar o encanto no olhar dos paes ao envelhecerem.

Os contos de Fadas, animando os jardins mysteriosos da vida das princezas encantadas, conquistadas pela força humana aos poderes sobrenaturaes, que só vencem quando são bons, ensinam, no começo da vida, a força do amor e da coragem.

E a escola do amor e da coragem é a unica escola da vida.

E é tão fundamental humana a historia das Fadas, que em todos os paizes ellas têm quasi a mesma forma.

No Japão, contam aos meninos pequenos a historia d'um heroe que não tinha quem podesse competir com elle em valentia.

Estava elle, num dia de calor, á beira d'agua, abanando se com um leque, alheado, sem pensar em nada, quando lhe vieram dizer amigos, que lhe tinham levado roubada para a montanha a namorada.

Ergueu se de salto e poz-se a correr. Os amigos detiveram-no perguntando lhe se ia assim para a montanha, cheia de ladrões, e elle, sem comprehender, olhou á roda e viu que tinha deixado o leque caído sobre o chão.

Baixou-se e apanhou-o, agradecendo aos amigos, julgando que lhe lembravam o ar quente do valle, e seguiu sem armas.

Diz a velha historia que, só com o leque, deu cabo da quadrilha e trouxe sa e salva a namorada.

E quando vinha descendo a montanha, fallava ainda alegre dos amigos, que lhe tinham lembrado o leque, que passava uma caricia fresca pelo rosto da mulher amada, afogueado pelo ar quente daquella tarde de verão.

Só os contos de Fadas ensinam que para fazer triumphar uma vontade basta ás vezes apenas um gesto de coragem.

A descripção das festas, a dos vestidos maravilhosos das Fadas, o cenário, em que se desenrolam as historias, fazem com que as creanças abram os olhos para a natureza que os rodeia, e comecem a encontrar a belleza dos sons e das cores, a preoccupar-se com o ritmo dos movimentos e do gesto.

Os contos de Fadas ajudam poderosamente o desenvolvimento do sentimento esthetico da vida, criam no homem a necessidade de se rodear da belleza das coisas.

São a iniciação da vida na arte.

São tambem a iniciação da moral de que a Arte é a verdadeiro inspiradora.

A isso se deve a importancia que lhe estão dando todos os educadores.

Comprehendeu-se afinal a força do conto, e o mal que havia em deixar formar os cerebros pelos contos a que a ignorância da gente rude tirára tudo o que lhe havia dado a alma dos poetas.

Nas melhores revistas, nas mais luxuosas, nas mais artisticas, como nas mais scientificas, os contos de Fadas são estudados e analisados; comprehendeu-se afinal, que, ao lado da litteratura que traduz toda a vida dos grandes artistas do nosso tempo, devia ir o conto de Fadas para as creanças a quem a leitura começa a fazer pensar.

E não ha menos cuidado de illustração na ultima obra aclamada de um grande poeta, do que no conto simples de Fadas, escripto para fixar num sorriso os labios das creanças a dormir.

T. C.

RETRATOS DE CRIANÇAS

Robert de la Sizeranne.

Nunca houve menos bellos retratos de creanças que no periodo que vae da Restauração ao fim do segundo Imperio. A creança occupava um lugar tão pequeno na admiração do mundo que quasi nunca se chamava um grande artista para fixar essa admiração. Preferia-se dar se lhe a pintar a cabeça do pae e assim se viram homens muito inestheticos como M. Bruyas, poser vinte vezes em frente dos maiores pintores do seculo XIX, emquanto que passavam milhares de bellas creanças de que não se guardou lembrança. Quando as pintaram, pintaram-as só sinhas. Depois de Mme Vigée-Lebrun, até aos nossos dias encontram-se isoladas na arte como na vida.

Mas eis que chegou um era nova para elles: Longe de serem afastados da vida das pessoas grandes parecem ter-se tornado o seu centro, ser os reis d'ella. O *Baby Worship* substituiu os cultos antigos. Muita gente, que para si se não atrevera a fazer a despeza dum retrato de mestre, duvidando se seria sufficientemente bello para isso e tendo a certeza não ser bastantemente illustre, chama de boa vontade o Mestre para lhe pintar o filho, que talvez venha a tornar se illustre e que é já graciosoz. Teem razão; porque elles, os paes, não são mais que a vida realzada: a creança é a esperanza. Vale sempre mais fazer o retrato da esperanza.

Approximaram-se ao mesmo tempo a cabeça branca e a cabeça loura.

Os retratos recentes de creanças mais famosas: *Pasteur e a filha* por Bonnat, *Alfonso Daudet e a filha* por Carrière, *Mme X e os filhos*, no Luxembourg, por Carolus Durand, *Mme Sanders e os filhos no Salon* de 1901, por Courtois, *Mme Meyer e os filhos* por John Sargent e tambem os quadros de familia de Murkaeszy e de M. Besnard, mostram nos, que nestes ultimos annos os pintores tem reunido todas as edades como faziam em outro tempo Franz Hals, Van Ostade, Albert Cuyp, Jordaens e Cornelis de Vos.

Aconchegados ao pae ou á mãe, estas creanças não se parecem com as que as precederam. Os olhares são mais graves, os gestos de mais confiança, a attitude mais simples. Outra pregava-se talvez mais a vida da familia; mas, se nós não deixarmos enganar pela litteratura e se olharmos para os quadros, veremos que nunca os paes foram mais do que hoje os camaradas de seus filhos um pouco tristes, um pouco inquietos, um pouco comovidos pelo desconhecido dos dias que se preparam, sentem uns e outros que se está realizando uma evolução terrivel — e juntam-se para conjurar o perigo.

O seculo, que acabou, foi o seculo da prisão, do exame, da separação da familia para as creanças — e da rotina para os homens.

O' creanças de França, creanças que olhaes para nós do fundo dos vossos caixilhos doiro, com essa chamma nos olhos que os mestres accenderam e essa aureola em volta do rosto que a idade não apagou, as vossas imagens estão cheias de mais enygmas que as das esphinges do velho Egypto e de enygmas mais passionaes, porque da sua solução depende para o paiz o dia de amanhã!

Deixemos os sabios archeologos interrogar os outros. Interrogamos-vos a vós, nós todos, ignorantes e obscuros, que passamos deante das vossas imagens, porque sois o tribunal d'appelação d'onde sairão todas as causas que tratamos no momento actual. Para que horizontes se abrirão vossos grandes olhos? De que sementes andam cheias as vossas mãos pequeninas? Sereis acaso o que nós fomos tantas vezes, dilettantes engenhosos em se divertir com o ruido que faz o mundo a desabar? Ou então — se é verdade que os paes tem filhos que se parecem com o fundo dos seus pensamentos — sereis por acaso os homens que em segredo nós desejavamos ser, mostrando todavia pelo ideal, pelo sacrificio de si, pela belleza pura, uma indifferença que não estava nos nossos corações? Procurareis o conforto, o prazer, o quadro tranquillo das nossas existencias individualistas, isto é a mediocridade da vida, ou antes procurareis afinal o que tantos de nós desprezamos o esforço commum, a audacia, o imprevisito, o sacrificio, isto é a Esthetica da vida?

As crises sociaes e as creanças

Todas as vezes que se prepara uma mudança no estado social, nas grandes crises humanas, vê se apparecer sempre como symptoma revelador, o amor pelas creanças.

É que são ellas as que mais soffrem, e são ellas as encarregadas da realisação das ideias nobres entrevistadas e sonhadas pelos paes.

A civilização moderna tem sido o maior inimigo das creanças, chamando para a vida insalubre das cidades industrias os homens validos dos campos, substituindo ás creanças o ar embalsamado dos cheiros bons da terra, pela atmosphera suffocante que cae das chaminés das officinas sobre as ruas da cidade, sepultando no pó negro do carvão, pesado e asphyxiante, os pulmões novos aspirando á vida forte, dando aos labios das creanças, vermelhos e frescos como fructos perfumados, a tristeza das violetas sem perfume.

e as suas mãos pequeninas, polpudas como as primeiras flores da primavera, aquelles dedos, que apertam tudo com uma força tão grande, ficam, debéis, transparentes e repugnantes como os dos sapos.

No seu olhar pequenino não se vê nunca nem um reflexo azul do dia, nem a doçura avelludada da noite; porque o fumo da fabrica lhes esconde toda a vida do ceu.

Por isso hoje a piedade humana se voltou para as creanças, e espiritos generosos, crearam nas grandes capitães á beira mar, empresas que levam as mães e as creanças a respirar em navios, durante algumas horas do dia, o ar revigorante do mar, longe da atmosphera das cidades apertadas e desfazendo os corpos dos paes, que nos campos faziam parar, admirados da força e da belleza, os que os viam lutar alegremente da terra boa.

Sempre que ha crise social apparece o amor pelas creanças, nas manifestações mais altas e subis do espirito humano.

Na grande crise intellectual da Renascença, sam as familias sagradas a mais alta manifestação do espirito religioso, e, nos grandes quadros novios, apparecem, ao lado dos doadores, reis ou burguezes, as mulheres e os filhos.

Na crise economica de Flandres, os grandes pintores pintavam-se sempre com os filhos bem juntos, e a alegria ver os rostos dos guerreiros que se fizeram retratar a sorrir alegres para os filhos.

Quando se avizinhava a crise social da revolução franceza, torna a observar-se o mesmo facto, que ficou assignalado pelo grupo celebre de Marie Antoinette com os filhos.

Nas grandes crises sociaes, avoluma sempre o amor pelos pequeninos, e a creança dos caprichos artisticos transforma-se no filho.

Na grande evolução social, que vae a fazer-se, as creanças sam bem os filhos mais queridos da sociedade que lhes confiou a sorte do seu futuro.

E pagaram generosamente as creanças o amor que lhes deu a sociedade, e que é uma das caracteristicas do espirito moderno.

O amor das creanças, a analize dos seus mais insignificantes actos reformou a pedagogia, deu á physiologia, na sua parte mais obscura — a do systema nervoso, materias novas, criou uma nova litteratura e deu á pintura e á escultura uma formula nova.

É para accentuar que é ao amor das mulheres pelas creanças que o movimento moderno da arte se devem as obras mais notaveis.

É necessario toda a subtil delicadeza da sentimentalidade feminina para bem amar as creanças, para descobrir detraz d'aquelles corpos d'encantar o mundo novo que ha de vir.

Um grande critico francez nota, que de entre os melhores pintores de creanças nos ultimos annos, Mlle Baschirtseff, J. Blanche, Boulet de Monvel e Geoffroy em França, Kate Green w y e Mme Stanley na Inglaterra, John Georges Brown nos Estados Unidos, Meyer von Bremen na Alemanha e Mlle Rasponi na Italia, muitos sam mulheres.

As photographias mais reveladoras sam tambem as de Mme. Binder-Mestro.

Só uma observação quotidiana, affectuosa, dedicada pode destrinçar alguma coisa da alma extranha da creança e descobrir as suas caracteristicas.

A sr. duquesa de Palmella, na sua collecção de termos, que infelizmente ainda não teve entre os nossos criticos quem soubesse avaliar, como se deve, o espirito que a concebeu, numa expressão tão alta de intellectualidade, figurou a alma moderna numa creança erguendo um facho de luz, os musculos do pescoço contrahidos a levantar a bocca, para dar um grito alto.

Só quem se debruça bem baixo sobre os humildes é capaz de comprehender bem o grito d'aquellas boccas, que advinham uma era nova.

T. C.

FABRICA DE TELHÕES E MANILHAS

Premiada na Exposição de Ceramica Portuguesa, no Porto, em 1892, com diploma de merito; e medalha de cobre na Exposição Districtal de Coimbra, de 1894

Esta fabrica a mais acreditada em Coimbra, em construcção e solidez de telhões, manilhas para encanar agua, siphões para retretes, vasos para jardins e platibandas, balaustres, tijolo para ladrilhos de fornos, tijolos grossos para construcções e para chaminés, tachos para cosinha á imitação dos de Lisboa, etc. — Todos estes artigos são de boa construcção e por

PREÇOS ECONOMICOS

♦ ♦ ♦ Pedro da Silva Pinho Coimbra ♦ ♦ ♦

29, Rua de João Cabreiros, 31 — COIMBRA

LOJA ESPANHOLA

Proprietário José Teixeira

191, Rua Ferreira Borges, 193

Acaba de chegar a esta casa um grande sortido de sedas para vestidos pretos e de côres.

Mantilhas de seda, em diferentes gostos; lenços de seda, dos mais modernos; grande sortido em gravatas de seda ultima novidade de Paris; grande sortido de bordados suíços; Meias de seda, fio d'Escocia e algodão; piugas pretas e de riscas, para ômem e criança; espartilhos de todas as qualidades; grande sortido de rendas valencianas, tule, de seda e de linho; suspensórios para ômem e criança; cortinados e bambinêlas das mais modernas em diferentes gostos; saias e camisas; bordados para senhoras; lenços e echarpes de malha; fitas de setim e enfeites para vestidos e outros mais artigos.

O proprietário desta casa previne as ex.^{mas} damas e o povo coimbricense que esta casa não traz nenhuns vendedores pelas ruas.

Quem quizer comparar bom e barato venha á Loja Espanhola.

CASA MEMORIA

DE

Santos Beirão & Henriques

Sucursal em Coimbra

99—Rua Visconde da Luz—103

Esta casa continúa a fornecer ao publico as suas acreditadas maquinas de costura—*Memoria*. Tem todos os modelos mais recentes taes como vibrantes, oscilantes e bonine central o que á mais perfeito.

Ninguem compre sem visitar esta antiga e acreditada casa, para se certificar da qualidade e preços destas maquinas que nenhuma outra as pôde egualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a *Memoria* com tantas outras que por ahí se vendem. Vendem-se a prestações e a prompto pagamento. Aceitam-se maquinas usadas em troca por seu justo valor.

Pianos

Esta casa acaba de receber importantes remessas Pianos alemães e francezes que se vendem a prompto pagamento por serem importados directamente dos fabricantes; vendem-se ao publico em melhores condições do Porto ou Lisboa. Aceitam-se Pianos em troca e compram-se Pianos usados.

A' sempre quantidades de Pianos para alugar.

♦ ♦ ♦ ACYTIENE ♦ ♦ ♦

Carbureto de calcio francez, rendimento garantido de 300 litros por kilo, os 100 kilos franco — Lisboa, 100000 réis

Apparelhos, candieiros, lustres, bicos e mais accessorios

NOVA LUZ A GAZOLINA

Poder illuminante — 100 vellas por bico

GASTO: — 5 réis por óra

Mandam-se gratis catalogos e preços correntes

A. RIVIÉRE

RUA DE S. PAULO, N.º 9, 1.º andar

XXXXXXXXXX

FONOGRAFOS

Manoel José Telles, Rua Ferreira Borges, n.º 150 a 156, tem em deposito os magnificos Phonographs Edison de diferentes preços e tamanhos.

Variada e grande collecção de cilindros, com lindas operas, cançonetas, monologos, etc., nacionaes e estrangeiros que vende pelos preços das principaes casas de Lisboa e Porto.

Sempre cilindros com musicas novas e muito escolhidas.

CASA

Arrenda-se o 3.º e 4.º andares na rua da Alegria n.º 77. Tem agua, gaz e um pequeno quintal.

Tambem se arrenda a loja do mesmo prédio.

Trata-se com Antonio Marques de Seabra, largo do Principe D. Carlos—Coimbra.

RELOJOEIRO

Manoel José Pereira Machado, empregado, da Relojoaria Paixão, faz publico, que se encarrega de todos os trabalhos concernentes á sua arte, para o que se encontra trabalhando por sua conta ao Arco d'Almedina n.º 7, responsabilizando-se pela perfeição e solidez dos seus trabalhos. Preços modicos.

Consultorio dentário

COIMBRA

♦ Rua Ferreira Borges

Herculano Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

Tubos de ferro, bombas e seus pertences

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio — COIMBRA

CASA

Arrenda-se uma, na rua dos Sapateiros, n.º 40 e 42. Constando de lojas e 4 andares, própria para estabelecimento de qualquer género.

Trata-se com David de Sousa Gonçalves, rua da Moêda, Coimbra.

COLAR DOUCHE

O melhor aparelho para banho douche que se obtem sem molhar a cabeça.

Ladeira & Filho

Praça 8 de Maio — Coimbra

Alfaiateria Guimarães & Lobo

54 — RUA FERREIRA BORGES — 56

(Em frente ao Arco d'Almedina)

Abriu este novo estabelecimento onde se executa com a maxima perfeição e modicidade de preços, toda a qualidade de fatos para homem e creança, para os quaes tem um variado sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Ha tambem uma grande variedade em flanelas e panos pretos para camisas e batinas, para todos os preços.

Artigos para homem como camisaria, gravatas, luvas, etc.

Pede-se ao publico a finêsa de visitar este estabelecimento.

PROBIDADE

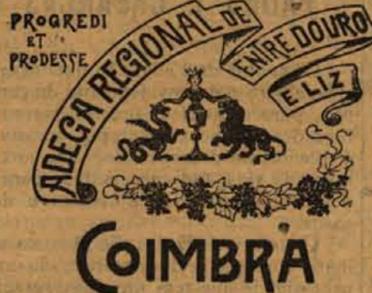
Companhia Geral de Seguros

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua Ferreira Borges, 165, 1.º

Tomam-se seguros de prédios, mobilias e estabelecimentos contra o risco de incendio.



VINHOS DE PASTO

GENUINOS

BRANCOS E TINTOS

Para consumo e exportação

Vendas por junto e a miúdo

Instalação provisoria: rua da Sota, n.º 8

Tabela de preços de venda a miúdo (1 de julho de 1903)

Marca	Garrafa de 6 litros	Garrafa de 1 litro		Garrafa bordaleza	
		1	6	1	12
Tinto GRANADA...	650	120	660	85	900
» CORAL...	600	130	720	90	950
Branco AMBAR...	650	—	—	100	1050
» TOPAZIO...	—	—	—	120	1300

Nos preços indicados não vaee incluída a importancia do garrafão (36 réis) nem a das garrafas (60 réis para a garrafa de litro, 50 réis para a bordaleza), que se recebem pelo custo.

Prevenção. — Os garrafões levam o carimbo da Adega em lacre e nas rolhas das garrafas e garrafões vaee o emblema da Adega impresso a fogo. Em todas as vendas se dá fatura ao comprador.

PASTELARIA E CONFETARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

COIMBRA

Nesta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza.

Doces de ovos dos mais finos paladares e delicados gostos, denominados *doces sortidos*, para chá e soirées, em grande e bonita variedade que difficil se torna enumerar.

Doces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em secco, como cristalizados, rivalisar com os estrangeiros.

Pastelaria em todos os generos e qualidades, o que á de mais fino e saboroso, especializando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primorosa fantasia, denominadas *Centros de mesa, Castelos, Jarrões, Lyras, Flores, Lampreias, etc.*, etc., próprias para banquetes.

Pudings Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá café e de fructas diversas, vistosamente enfeitados.

Pão de ló pelo sistema de Margaride, já bem conhecido nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Madeira, Moscatel, Colares, Champagne, Cognacs, Licores finos, etc. das melhores marcas nacionaes e estrangeiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

Amendoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo-se a pureza dos assucares com que sam fabricadas.

Conservas nacionaes e estrangeiras, chás verdes e pretos, passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyère, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.

Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e biscoitos na Courça de Lisboa, 32.

Topico contra Frieiras

É o unico medicamento eficaz, descoberto pelo Dr. Rousseau e muito usado com grandes exitos por todos os Parisienses que sofrem de tão orrivel mal.

Aplica-se em fricções durante dois miutos collocando-se depois um pacho d'algodão hydrophilo do mesmo topico por algumas óras.

Preço de cada frasco 300 réis

Vende-se na Farmacia Assis

Praça do Comercio — COIMBRA.

MARIO MACHADO

Cirurgião dentista pela Universidade

Tratamento de todas as doenças de bôca e dentes.

Dentaduras desde as mais simples ás mais luxuosas.

Consultório — Largo da Sé Velha.

Preços módicos

L. M. LILLY, Engenheiro

Machinas agricolas de toda a qualidade.

Machinas para fiação e tecelagem para todos os tecidos.

Machinas para fazer soda-water, gazosas, gelo, etc.

Machinas para fazer papel continuo, cartão, etc.

Machinas para lavar, engommar e desinfectar roupa.

Machinas de vapor e de gaz, caldeiras e bombas.

Machinas de escrever, de systema YOST.

Correias de pêllo, de couro, de borracha, empanques, etc.

Materias primas de todas as qualidades.

Instalações, desenhos, montagens.

Facilitam-se pagamentos.

REPRESENTANTE

JOÃO GOMES MOREIRA
COIMBRA